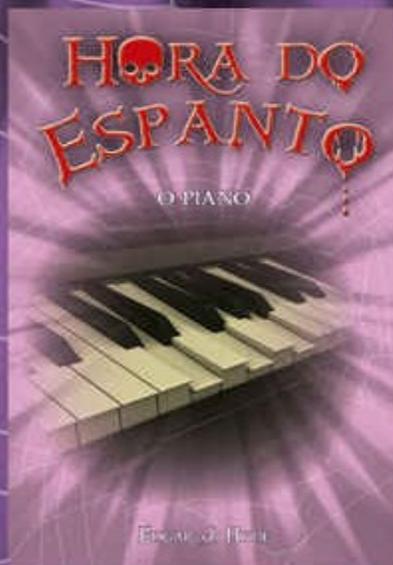
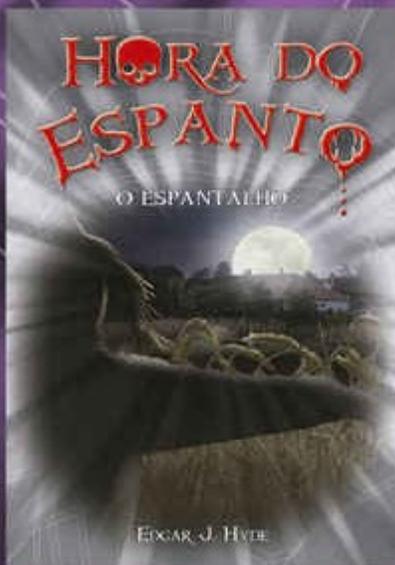
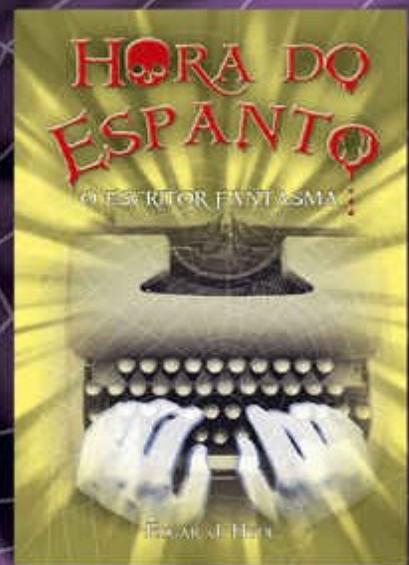
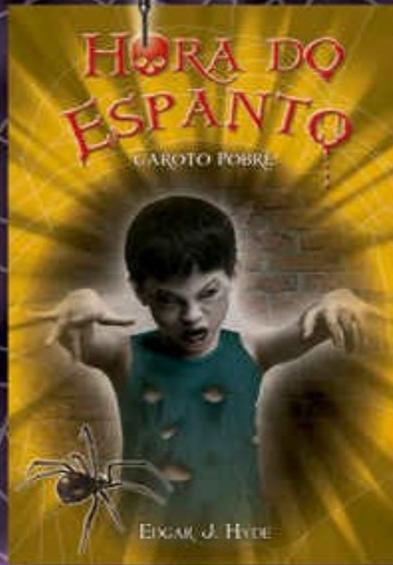
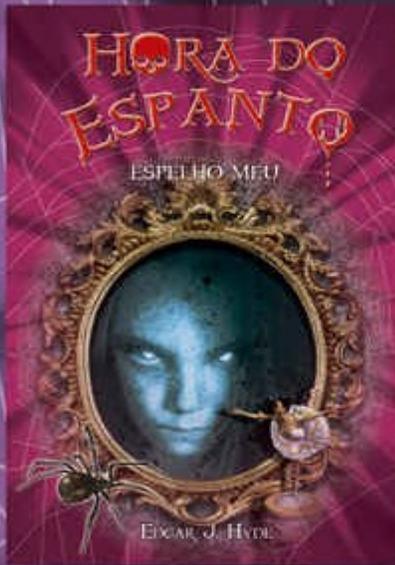


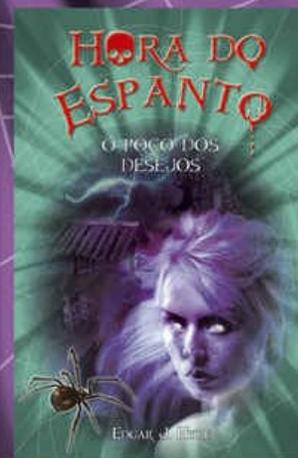
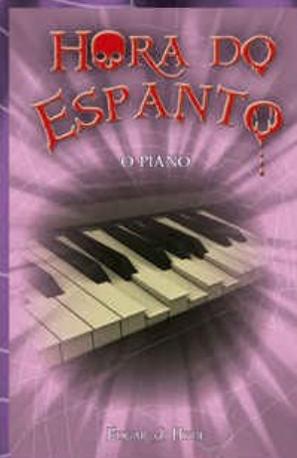
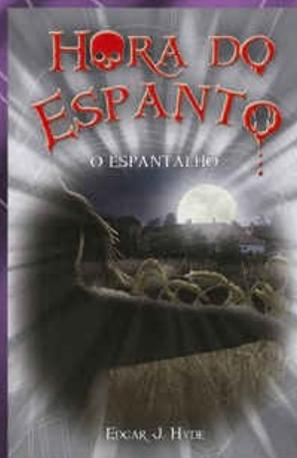
EDGAR J. HYDE

HORA DO ESPANTO



EDGAR J. HYDE

HORA DO ESPANTO





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**



HORA DO ESPANTO

ESPELHO MEU



EDGAR J. HYDE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hyde, Edgar J.

Espelho meu [recurso eletrônico] / Edgar J. Hyde ; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2021.

ePUB ; 1.2 MB. – (Hora do espanto)

Título original: Mirror, mirror.

ISBN: 978-65-5500-706-0 (Ebook)

1. Literatura juvenil. 2. Ficção. 3. Terror. I. Antunha, Silvio. II. Título. III. Série.

2021-855

CDD-028.5

CDU 82-93

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

2. Literatura juvenil 82-93

© 2009 Robin K. Smith

Esta edição de *Hora do Espanto* foi publicada
em acordo com Books Noir Ltd.

Título original: *Mirror mirror*

© 2009 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução: Silvio Antunha

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

A tradução deste livro vai para Lucas e Bia, e para a Faísca.

Livro digital: Lucas Camargo

Sumário

Espelho meu

A Loja de Antiguidades

História ou Imaginação?

A Tia Patsy

O Ataque Aéreo

Docinho Desaparece

A Dona do Espelho

O Jardineiro

A Lápide Secreta

Sara Enfrenta o Passado

Um Milhão de Cacos

ESPELHO MEU

Edgar J. Hyde



Ciranda Cultural

Capítulo 1

A Loja de Antiguidades

Sophie parou, extasiada. A boneca, que usava um cintilante vestido prateado, rodopiou graciosamente na estante. A melodia conforme a qual a pequena bailarina executava os movimentos estava agora tão fraca que Sophie precisou inclinar a cabeça em direção à caixinha de música. Dos demais espectadores, a boneca merecia apenas um rápido olhar, talvez um sorriso de alguns, ao lembrarem que tiveram um brinquedo parecido quando crianças. As delicadas sapatilhas de cetim estavam desbotadas, e muitas pequenas lantejoulas prateadas haviam caído do vestido da boneca. Conforme rodopiou em círculo e voltou a ficar de frente para Sophie, a menina notou que apenas parte do lábio superior da boneca conservava a cor vermelha colocada ali muitos anos antes.

“Apesar disso, eu posso consertar você” – pensou Sophie. “Posso deixar você novinha em folha.”

Para ela, a boneca era absolutamente mágica, e ela decidiu naquele exato momento que a bailarina teria que ser sua. Ela não sairia da loja naquele dia se não a levasse junto.

Do canto do olho, ela observou a mãe e o pai. Estavam ambos compenetrados na conversa com o dono da loja – um senhor idoso que Sophie conhecia desde que foi à loja pela primeira vez quando garotinha, levada pelos pais, junto com as duas irmãs. A mais velha, Amy-Beth, estava empoleirada no topo de um monte de caixas de laranjas no canto, olhando fixamente para fora da janela, pensativa, como se a loja de antiguidades não

fosse interessante para ela. Sophie arrepiou-se. Talvez existissem aranhas naquelas caixas, aranhas enormes do tamanho do braço – nada que assustasse Amy-Beth – ela realmente deveria ter nascido menino!

Vestindo um jeans velho e um colete horroroso, Amy-Beth era o modelo da menina travessa. Seu belo cabelo loiro comprido roçava no rosto, e só parava no lugar com uma fita vermelha – uma concessão que ela estava preparada para fazer pelo fato de ser mulher.

Os olhos de Sophie deixaram Amy-Beth e seguiram para onde Lucy estava sentada, com a cabeça debruçada, como sempre, devorando cada palavra de cada livro que caísse em suas mãos. A própria Sophie nunca entendera essa atração pelas palavras que a irmã do meio sentia. Embora lesse o bastante para alguém de 7 anos de idade, essa era uma habilidade que ela raramente usava, pois preferia em vez disso admirar as revistas brilhantes que a mãe às vezes comprava, ou que ficavam espalhadas por toda parte no salão de beleza local.

De repente, ela se deu conta de que sua (pois já a considerava sua) bailarina estava quieta. A música tinha parado e Sophie curvou-se para frente para pegar a caixinha e reiniciar a música.

O sr. e a sra. Johnson estavam, pelo menos dessa vez, de pleno acordo. Ao entrarem na loja, eles ficaram encantados com o belo espelho de ótima qualidade suspenso acima do longo balcão da loja. A sra. Johnson ficou de fato tão perplexa diante da beleza do espelho que suspirou em voz alta. O marido ficou um pouco mais reservado depois de verificar o preço na etiqueta, mas, achando ao alcance deles, concordou com a esposa que seria realmente muito agradável olhar o espelho suspenso acima da lareira no estúdio deles recentemente decorado.

– Pronto, meninas... – avisou o sr. Johnson. – Vamos embora!

Amy-Beth e Lucy juntaram-se aos pais assim que eles se despediram do velho sr. Lawson.

– Vou mandar entregar depois de amanhã – disse. – Dá tempo de vocês decidirem exatamente onde vão pendurá-lo – concluiu sorrindo.

A sra. Johnson virou-se e caminhou em direção onde Sophie continuava parada. – O que foi agora? – sorriu a mãe com delicadeza. Era bem típico de Sophie descobrir as coisas mais bonitas da loja.

– Oh! Mãe... – Sophie olhou nos olhos da mãe. – Prometo que fico para sempre sem dinheiro no bolso se puder levar só essa bailarina hoje.

A sra. Johnson ficou sem graça quando levantou a pequena caixa de música para verificar o preço. – Para sempre? Obrigado! Que audaciosas promessas as crianças fazem... Prometem o Reino dos Céus e tudo o mais por causa de uma caixinha de música barata. – Pois era realmente barato o preço rabiscado com grandes letras azuis no cartão amarrado no pé da bailarina. Ela olhou para o marido. Ele sorriu e encolheu os ombros antes de desmanchar o cabelo de Sophie.

– Vá em frente então, amor, mas acho que umas duas semanas sem dinheiro no bolso já bastam.

– Oh! Pai, mãe, obrigada, vocês fizeram de mim a garota mais feliz do mundo. Vou tomar o máximo cuidado com ela, prometo.

Sophie quase ficou sem fôlego com toda aquela agitação, e correu até o balcão para observar o sr. Lawson empacotar o seu tesouro. – Bem, agora já não acho tanta coincidência assim... – disse o sr. Lawson enquanto pegava a caixinha. – Isso veio da mesma casa do espelho que seus pais acabaram de comprar. Vocês têm bom gosto nessa família, não é?

Um pouco antes, o sr. Lawson contou ao sr. e à sra. Johnson que o espelho pertenceu ao lorde do Solar, de algum lugar em Weybridge, que

antes, era propriedade dos lordes anteriores que, como nobres, a transmitiram através dos séculos.

Os Johnsons ouviram o que o velho tinha a dizer, e se mostraram muito interessados na história do espelho. Eles tinham escutado outras histórias do lojista antes, histórias que sentiam que eram *aperfeiçoadas* com uma pitada de romance e perigo de modo a incentivar os clientes em potencial a compartilharem o dinheiro deles. Não que alguém duvidasse que não houvesse nenhum elemento de verdade no que o sr. Lawson dizia – mas é que às vezes ele mostrava certa tendência a exagerar um pouco a verdade.

– Muito bem visto, esse espelho – ele havia comentado antes, e agora dizia o mesmo da pequena bailarina. – Só gostaria de saber das histórias que ela contaria se pudesse falar! – e piscou para Sophie enquanto terminava de embrulhar a caixa em papel de seda.

Sophie sorriu em resposta. Ela havia lido em algum lugar que era muito deselegante uma garota piscar, e então decidiu que um sorriso seria mais adequado. Observou o pacote do comerciante e agradeceu afetuosamente antes de se juntar às irmãs na porta da loja.

– Só podia ter nascido uma dama, essa moça! – sorriu o sr. Lawson.

A sra. Johnson retribuiu o sorriso, pois tomava conta das três filhas. “Como” ela perguntou a si própria pela milionésima vez – “é possível ter três meninas tão absolutamente diferentes umas das outras?”

Amy-Beth tinha 13 anos de idade e estava no último ano do Ensino Fundamental. Agraciada com boa aparência, tinha o cabelo loiro comprido em perfeitas condições, apesar de não fazer nada para isso, além de prendê-lo para não cair no rosto. A pior tragédia da vida inteira dela era o fato de ter que usar uniforme escolar.

– Definitivamente deveria ter sido menino, essa minha primeira filha, sem um hormônio feminino no corpo!

Ela agora olhava em direção a Lucy. A mãe conhecia cada cacho na cabeça de sua filha de 12 anos de idade, já que essa era a parte da menina que via com mais frequência. Lucy passava cada hora que estava acordada (e algumas quando deveria estar dormindo) com a cabeça debruçada sobre o livro que estivesse lendo no momento.

Depois que os professores primários a levaram para a terra da palavra impressa, Lucy demonstrou tamanha sede de conhecimento que seus pais quase não sabiam como saciá-la. Quando saía para brincar com as adolescentes da vizinhança, ela podia ser vista sozinha lendo um livro debruçada sobre o degrau de alguma escada – às vezes até aqueles indicados para crianças bem mais novas, simplesmente por serem os únicos disponíveis no momento. Por alguma razão, ela não conseguia impedir a si mesma de pegar qualquer livro, e de se perder nas palavras ali contidas. É claro que os professores dela estavam encantados, ainda mais quando Lucy começou a mostrar o mesmo amor pelas palavras quando se expressava nas redações, normalmente recebendo a nota mais alta nas provas em sala de aula. Ela agora estava inscrita na biblioteca local, e podia levar para casa seis livros de uma vez. É claro que a maioria das pessoas procurava devolver os seis livros dentro do prazo estipulado, com pelo menos dois ou três não lidos – mas não Lucy. Ela voltava à biblioteca, normalmente na mesma semana, com cada palavra de cada livro lido, digerido e memorizado para uso futuro.

E Sophie – a pequena bela e angelical, Sophie – bem, talvez nem tão angelical assim, às vezes. A sra. Johnson contava os colares em volta do pescoço da filha de 7 anos; eram quatro ao todo. Tinha três braceletes no

braço direito, e usava longos brincos de rubi – com fecho, ela acrescentaria – pois, embora Sophie tivesse implorado e suplicado aos pais, a sra. Johnson permaneceu firme e dissera *não*. Orelhas furadas só depois que a filha estivesse com pelo menos 10 anos de idade.

A sra. Johnson soube pelo reflexo que Sophie tinha pintado as unhas com o esmalte claro que deixava na gaveta de cima em casa. Os lábios dela, também, pareciam mais rosados que o normal, e ela realmente não sabia dizer se era a cor naturalmente escura dos cílios dela que os fizeram parecer tão longos hoje, ou se a garotinha tinha melhorado a si própria com o rímel da mãe. Ela decidiu tratar desse *pequeno* problema quando chegassem em casa, pois temia que a filha algum dia prejudicasse os olhos em razão da eterna busca pela beleza. Sophie usava um vestido vermelho colado, sem dúvida para combinar com os brincos de rubi, meia-calça branca rendada, e sapatos vermelhos brilhantes para finalizar. Bela como um retrato, sem saber disso...

A família deixou a loja de antiguidades, depois das despedidas finais ao sr. Lawson, entre promessas de entrega na terça-feira.

– Estou contente pelo que fizemos esta manhã – disse o sr. Johnson para a esposa enquanto ligava o carro. – Agora, vamos para casa almoçar.

Conforme o carro subia a ladeira no último trecho da volta para casa, Oatlands surgia no horizonte.

Amy-Beth achava a casa absolutamente espetacular. Não que não gostasse de beleza, como Sophie achava, só que ela não era vaidosa e buscava beleza fora dela própria. A casa tinha sido construída há cerca de 200 anos e, embora imponente, Amy-Beth sempre a considerava amistosa e acolhedora desde a chegada. Em pleno outono, os imensos jardins dos

arredores exibiam todos os tons de vermelhos, dourados e laranjas, que ajudavam a compor a atraente aparência da casa.

Por enquanto, a família Johnson não usava todos os aposentos de Oatlands, pois haviam mudado para a casa apenas três meses antes. A mãe das meninas não tinha pressa com a decoração. – Melhor esperar e comprar exatamente o que você quer, do que se apressar e fazer tudo errado – costumava dizer.

Amy-Beth gostava de fuçar e, embora tivesse passado a maior parte do tempo livre, desde que se mudaram para lá, fazendo exatamente isso, tinha certeza de que ainda existiam locais da casa que não conhecia. Quando o carro passou pela entrada, ela já foi soltando o cinto de segurança, preparando-se para correr do carro até o porão. Ela se preparava para dar início à exploração daquela área depois do café naquela manhã quando foi chamada para ir até a loja de antiguidades. Agora, apressando-se, ela podia passar pelo menos uma hora lá embaixo antes da mãe chamá-la para o almoço.

O sr. Johnson mal parou o carro, e a menina abriu a porta e pulou para fora. Lucy também já havia soltado o cinto de segurança, e se aprontava para uma saída rápida.

– E você, exatamente, aonde pensa que vai? – indagou a mãe dirigindo-se a Lucy, já que era tarde demais para fazer a mesma pergunta para a filha mais velha, que naquele instante já estava fora do alcance da voz.

A garota hesitou, com uma perna já pela metade fora da porta do carro. – Preciso terminar o capítulo que estava lendo esta manhã, mãe, quero saber o que aconteceu com a Julie-Anne. Eu estava em um ponto realmente crucial quando você me chamou, e não consegui me concentrar direito na

loja de antiguidades. Por favor, mãe, só uma horinha, daí eu volto e ajudo você a preparar o almoço.

Ela sorriu de um jeito cativante para a mãe. Embora talvez não fosse tão bonita como as outras filhas, Lucy tinha um sorriso que podia enfeitiçar os pássaros nas árvores, e isso funcionava sempre com a sra. Johnson.

– Vá em frente, então – ela suspirou. – Por que da próxima vez que for à biblioteca você não pega uns livros de culinária? Se você se interessar por esse assunto como pelo resto, quem sabe eu até possa ter algum descanso depois de passar a minha vida na cozinha.

O sr. Johnson saiu do carro e ajudou Sophie a soltar o cinto de segurança. Ela desceu do carro com todo cuidado, segurando firmemente com as mãos o pacote com a belíssima embalagem.

– Se está indo para seu quarto, Sophie, o almoço estará pronto em uma hora, então desça quando eu chamar.

– Certo, mãe... – sorriu Sophie, que parou na ponta dos pés para beijar a mãe. – E obrigada, este foi o melhor presente da minha vida. Ela virou-se em direção ao pai, beijou-o também, e subiu a escada para o quarto.

O sr. Johnson pendurou seu paletó no pequeno cabide embaixo da escada e seguiu para a sala de estar para terminar a leitura dos jornais.

– Nada mais, tudo sob controle – pensou a sra. Johnson enquanto vestia o avental e seguia para a cozinha, onde abriu os armários.

– E agora, então, qual o cardápio de hoje?

Capítulo 2

História ou Imaginação?

“Oh céus! Onde foi parar o estojo de primeiros socorros?” – perguntou a sra. Johnson para si mesma. Deveras, se alguém sabia onde ficavam as coisas na casa, só podia ser ela, já que ninguém mais dava a menor importância para tarefas domésticas como arrumar e manter as coisas em ordem.

O pai aparentemente havia cortado o dedo em um canto do novo espelho, que tinha sido entregue, conforme prometido, na terça-feira de manhã. Ele passou grande parte da manhã tentando pendurá-lo na parede em cima da lareira. Por fim, depois de muito martelar, colocar e recolocar, depois de muito resmungar e de alguns protestos da esposa, ele conseguiu deixar o espelho pendurado no lugar certo. Mas, ao descer a escada, esbarrou o polegar em uma parte entalhada na borda dourada em torno do espelho, daí a busca pelo estojo de primeiros socorros.

A sra. Johnson saiu da cozinha carregando a caixa considerada desaparecida e seguiu para o estúdio onde o marido ferido estava sentado, sentindo muita pena de si mesmo. Ela enxugou o dedo dele, completamente transtornada, e elogiou muito o *fabuloso* trabalho que ele fizera, de pendurar o espelho. Alguns minutos depois, o enfaixado cônjuge sorria novamente. Para voltar ao normal, a esposa sabia que o ego dele só precisava ser massageado, além de um pouco de paparicação. Ele andou se pavoneando praticamente pelo cômodo inteiro, virando em cada canto para ver como o espelho parecia de um determinado ângulo.

– Sim, parece ótimo, querida, mesmo sendo eu quem diz isso – declarou para o mundo, como se fosse ele quem tivesse feito o espelho inteiro, mais do que apenas pendurado em um prego na parede. A sra. Johnson, porém, sabia quando ficar quieta, e apenas murmurou que estava de acordo.

– Já que estamos realmente usando a sala, talvez possamos comprar lâmpadas de parede. Se as colocássemos em determinados ângulos, elas mostrariam o espelho em sua melhor forma – disse sr. Johnson.

– Sim, querido – concordou a esposa, enquanto o conduzia para fora da sala. – Mas, depois que você limpar a chaminé, ligar o gás e fizer uma visita à campânula de gás para conseguir uma chama bem regulada. Receio que ainda haja muita coisa a fazer antes que possamos começar a usar a sala adequadamente.

As três meninas também admiraram o espelho. Ele, de fato, ficava mesmo imponente pendurado ali, embora Sophie fosse muito pequena para ver a si própria, a não ser que ficasse na ponta dos pés.

– Vamos, vocês duas – disse Amy-Beth, a fuçadora, – temos muito o que ver e o que fazer, e quase nenhum tempo para fazer tudo isso.

Lucy, com um livro enfiado debaixo do braço, seguiu a irmã mais velha ao sair da sala. Não que fosse fazer alguma exploração, pelo menos nada além do capítulo 9 do livro! Sophie, então, ficou sozinha na sala. Logo descobriu que se subisse na mesa de trabalho do pai forrada de couro, conseguia ver a si própria no espelho.

Nesse dia, ela usava o esmalte de unhas *Maré Vermelha*. A mãe disse que quando não fosse à escola podia usar cores brilhantes, e ela passou a maior parte da manhã aplicando a cor em suas unhas pequeninas, mas perfeitamente formadas.

De manhã cedo, no desjejum daquele dia, ela admirava as unhas de todos os ângulos, segurando a colher de modo a exibi-las em sua melhor forma. Mas, se ela queria que as irmãs demonstrassem algum interesse pelas unhas dela, logo viu que não seria possível. Amy-Beth passou a refeição inteira da manhã questionando o pai a respeito da história da casa. E Lucy? Bem, Lucy estava, quase inacreditavelmente, lendo o rótulo traseiro da caixa de flocos de milho. Sophie sacudiu a cabeça, pegou a caixinha de música que a acompanhava por toda parte, dispensou a si própria da mesa do café, e se encaminhou para o estúdio.

Ela subiu por conta própria, com alguma dificuldade, na mesa de trabalho, e pegou o batom equivalente ao esmalte *Maré Vermelha* no estojo de maquiagem. Abriu a tampa do batom e, usando um pequeno espelho de pentear, aplicou com cuidado a cor vermelha nos lábios. Sorriu para si própria no grande espelho dourado. “Bonito” – ela pensou consigo mesma, mas quem visse pediria desculpas por achar que ela parecia um tanto *satânica*, com seu pequeno rosto branco, emoldurado por cachos castanhos, rematado com brilho para os lábios vermelho demais. Para a própria Sophie, porém, ela estava bonita, e não se importava com a opinião de ninguém.

Devidamente maquiada agora, sorriu, totalmente satisfeita com o reflexo no espelho. Pegou a revista brilhante e se dedicou a ler a página de “Dicas Úteis Para o Cabelo”. Com todo cuidado, posicionou as mãos de modo que pudesse ver as pequeninas pétalas vermelhas nos dedos cintilarem de volta para ela no espelho. Decidiu ler em voz alta. Ela assistia, fascinada, às aulas da professora da escola dominical que lia todos os domingos, com as longas unhas retorcidas em volta do livro, os lábios

adornados com uma cor brilhante que jamais parecia se mexer, apesar das frequentes lambidas.

A leitura em voz alta não demorou muito, porém, logo em seguida, ela pegou a pequena caixa de música, agora com a bailarina restaurada em sua antiga glória. Sophie havia pintado os pequenos lábios da boneca com o esmalte de unhas, e também as minúsculas pontas dos dedos da mesma cor, para combinarem.

Ela deu corda na caixinha e a colocou ao lado sobre a mesa de trabalho e, quando a música começou a tocar, retornou à leitura na página que dizia “Dicas de Cores”. Ela só estava curiosa para saber o que a mãe acharia se tingisse alguns cachos de roxo, quando pensou que sentiu que alguém a observava.

Quando levantou os olhos, imaginando que veria apenas o próprio reflexo, ficou aterrorizada de ver não somente o próprio rosto mas o de uma garota mais velha, muito parecida com a Lucy. Ou melhor, talvez não porque ela fosse parecida com a Lucy, mas pelo fato de que tinha um livro aberto sobre os joelhos. Mas ela não olhava para o livro, porém, olhava fixo, diretamente para Sophie. Sophie sentou muito quieta e piscou bastante, então virou a cabeça rapidamente para olhar para trás. Não havia mais ninguém na sala. Certamente ninguém mais que pudesse criar esse reflexo que ela agora via ao lado dela. A bailarina fazia piruetas e girava graciosamente conforme a música, de algum modo emprestando um ar de irreabilidade à cena como um todo.

Sophie tratou de descer da mesa de trabalho para ir atrás dos pais, ou das irmãs, mas antes que fizesse isso, a garota do espelho tirou os olhos de Sophie para olhar outra cena que estava surgindo. Embora apavorada, Sophie não conseguia desviar os olhos do espelho, nem conseguia descer da

mesa de trabalho. Seus olhos seguiam os da garota, e a cena diante dela mudou completamente.

Eram milhares e milhares de pessoas, todas se acotovelando e se empurrando por um lugar na multidão. Sophie viu uma imensa construção de madeira, uma espécie de andaime, totalmente coberta por um pano preto, e com palha esparramada em cima. Uma dama se aproximou do andaime, uma dama jovem e bela, acompanhada de quatro ajudantes. Ela usava um vestido cinza escuro enfeitado com peles, e uma longa capa branca. Nas mãos, a mulher apertava um livro de orações, e quando se aproximou do andaime, virou e entregou o livro para uma ajudante.

As quatro mulheres choravam, e Sophie podia sentir a atmosfera de medo. Agora a multidão estava ficando agitada, as pessoas gritavam e insultavam, com punhos cerrados socavam o ar, os adolescentes eram colocados sobre os ombros. A bela dama, com o cabelo amarrado para cima, ajoelhou-se no cadafalso sobre o andaime e tirou o colar. Um homem encapuzado, vestido totalmente de preto, que Sophie depois ficou sabendo que era o carrasco, falou rapidamente com a dama e ajoelhou-se para pegar o machado escondido na palha. Quase ao mesmo tempo em que Sophie entendia o que estava para acontecer, o carrasco ergueu o machado no ar e deslizou-o para baixo rapidamente, decapitando a mulher.

Sophie gritou horrorizada. Ela espiou a moça do espelho e achou ter notado lágrimas no rosto dela também. Quando a cabeça decepada caiu sobre a palha na frente do cadafalso, o carrasco pegou-a e a exibiu para a animada multidão. Sophie gritou, mais alto dessa vez e, já não mais paralisada de medo sobre a mesa de trabalho, saltou da mesa e fugiu do estúdio o mais rapidamente que suas jovens pernas permitiram.

– Mãe, pai, alguém me ajude, me ajude! – ela correu pelo corredor, gritando ruidosamente. Ela quase saltou fora da própria pele quando deu de encontro diretamente com Amy-Beth, que acabava de sair da cozinha.

– Pelo amor de Deus, Sophie, o que aconteceu com você? – Amy-Beth agarrou a garotinha com firmeza pelos ombros. – Calma – disse para a garota agitada –, e me conte que história é essa.

– Oh! Amy-Beth foi horrível! Eles a mataram, e ficaram contentes porque ela morreu. Havia um homem com um capuz, e a mocinha estava tão triste, eu acho que ela estava gritando, também, e havia sangue em toda parte na palha.

– Agente firme, Sophie, agente firme. Você devia estar assistindo a um filme de terror, e se você estava, vou ter que contar para a mamãe, se foi esse o efeito causado em você.

– Não era filme, Amy-Beth, por favor, não brigue comigo, não fiz nada de errado, sinceramente, foi o espelho! Eu só estava olhando o espelho, e algo horrível aconteceu! Não entendo, não consigo entender.

Dessa vez, Lucy também apareceu, e parou para saber o motivo de todo aquele tumulto.

– Venha, Sophie, vamos para a cozinha e sente-se. Quem sabe você não se acalma um pouco e nos conta exatamente o que aconteceu.

Lucy pegou a irmã menor pela mão e a levou para o conforto aquecido da cozinha. As três irmãs sentaram-se em volta da mesa.

– Ok, Sophie, se você já está se sentindo um pouco melhor, conte tudo desde o começo e talvez possamos entender essa coisa toda – disse Amy-Beth. Foi o que ela fez. Começou a contar que pegou a revista, deu corda na caixa de música, até chegar à cena do espelho. As duas meninas mais velhas entreolharam-se...

– Bem, pelo que sei, eu diria que você andou lendo alguma história, Henrique VIII ou alguma coisa do gênero – disse Lucy. – Parece exatamente a cena de uma das esposas dele sendo decapitadas.

Amy-Beth cutucou Lucy nas costelas. – Não a deixe mais assustada do que já está – repreendeu a irmã. – Venha, Sophie, vamos voltar ao estúdio e ver o que descobrimos.

Sophie estava consternada. – Mas eu não posso voltar lá! Por favor, Amy-Beth, não me faça voltar ao estúdio, aquilo me assusta demais. Por favor, faço tudo o que você disser, só não me peça para voltar naquela sala!

– Sossega, Sophie – disse Amy-Beth, colocando o braço em volta dos ombros da irmã mais nova. – Não vou forçar você a fazer nada que não queira, não se preocupe. Lucy e eu iremos. Você fica aqui, e logo voltaremos.

Sophie enxugou os olhos, esquecendo por um momento o rímel nos cílios que aplicara com tanto cuidado pela manhã, e que agora borrava todo seu rostinho, manchando-o de lágrimas.

– Onde estão a mamãe e o papai, de qualquer modo? – ela queria saber.

– Foram até o supermercado há pouco (agorinha mesmo, eu acho). Nós, de fato, não queremos que eles vejam você nesse estado sem sabermos exatamente o que está acontecendo.

Lucy ofereceu um copo de leite à irmã menor, colocou dois biscoitos de chocolate em um prato e, depois de verificar se ela estava bem para ficar sozinha por uns minutos, as duas meninas deixaram a cozinha e se encaminharam ao estúdio.

Amy-Beth empurrou a porta para entrar. As duas garotas foram recebidas com a quietude, o cheiro de couro velho e ar de paz reinantes. Lucy se abaixou para pegar a caixinha de música da irmã, caída no chão.

– Veja, ela deve ter derrubado quando correu da sala – disse.

Amy-Beth acenou com a cabeça confirmando. – Ela deve ter ficado realmente amedrontada para largar a bailarina de qualquer jeito, com certeza.

Amy-Beth caminhou em direção ao espelho, procurando alguma pista daquilo que teria ocorrido no estúdio poucos minutos antes. Bem, o espelho parecia mesmo um espelho! Ela parou na ponta dos pés e tocou as beiradas por toda parte, tentando sentir se possivelmente existiria algo atrás. Afastou-se do espelho, depois virou rapidamente para olhar o próprio reflexo: nada, exceto o próprio rosto.

“Eu me senti meio doida fazendo isso” – pensou, sacudindo a cabeça. Ela não queria deslocar o espelho do lugar na parede depois de toda a encrenca que o pai causou para pendurá-lo, no *lugar certo*, e virou para Lucy para ver se esta não tinha encontrado nada, quando percebeu algo caído no tapete bem na frente de onde parou. Abaixou-se mais perto e viu que era um fragmento de palha – ou melhor eram *fragmentos* de palha, fragmentos grudados com sangue!

– Não acredito nisso, não pode ser! – disse a si mesma, ao pegar a palha e enfiar rapidamente no bolso da calça jeans.

Lucy virou: – O que foi que você disse?

Amy-Beth não percebeu que falou em voz alta. – Nada, não, Lucy, eu só acho que estamos perdendo tempo aqui, não há nada a ser encontrado, vamos voltar para a cozinha com a Sophie.

Amy-Beth, por enquanto, não queria que a irmã mais nova visse o que ela havia encontrado, não até que ela tivesse mais tempo pelo menos para examinar aquilo. – Venha – e pegou o rumo para fora da sala – vamos.

Amy-Beth esperou Lucy deixar a sala, então virou para fechar a porta. Empurrou a palha mais fundo no bolso e então virou para a irmã mais jovem.

– E, Lucy, não quero chamar sua atenção nem nada disso, só quero dizer que eu sei que você é culta e tudo mais, mas eu realmente não acho uma boa ideia plantar coisas na cabecinha da Sophie.

– Eu sei, sinto muito, isto é, não queria fazer isso, mesmo. Sinceramente, Amy-Beth, ela pode ter visto a descrição da cena direto nos livros de história. Quero dizer que Ana Bolena morreu exatamente desse jeito. Quatro senhoras esperaram por ela, o carrasco segurou a cabeça no alto para mostrar para a multidão o que acontecia com quem cometia traição em relação ao rei, e o cabelo dela foi amarrado para cima para não ficar no caminho do machado do carrasco.

Amy-Beth ficou arrepiada sem querer. – Ok, Lucy, eu ouvi o que você disse, mas francamente, agora você está me deixando de cabelo em pé na nuca! Por favor não diga mais nada disso para a Sophie. Sem querer duvidar dela, acho que ela deve ter imaginado tudo isso. Talvez ela tenha sonhado acordada quando a caixinha de música tocou, quem sabe?

Carregando a revista e a pequena bailarina, as duas meninas caminharam de volta pelo corredor em direção à cozinha. Lucy tocou no braço de Amy-Beth. – Quero apenas lembrar mais uma coisa.

– O que foi agora? – perguntou a irmã, um pouco impaciente.

– Bem, quando Ana Bolena estava sendo mantida prisioneira na Torre, ela mandou embora uma de suas ajudantes e pediu que a sobrinha de 7 anos de idade ficasse no lugar dela. Veja que no passado não se considerava adequado expor uma garotinha desprotegida à realidade do sofrimento e da morte. Talvez a garotinha do espelho...

Amy-Beth ouviu o suficiente. – Lucy, se alguma vez você repetir uma palavra disso, uma só palavra, de novo, eu vou colocar fogo em cada livro seu. Você não viu como a Sophie está assustada, e ainda vai acrescentar histórias de horror?

– Não estou tentando assustá-la, Amy-Beth, só que realmente existia uma garotinha de 7 anos de idade...

As palavras de Lucy minguaram quando viu o jeito como Amy-Beth olhava para ela. – Tá bom, sinto muito, nunca mais vou mencionar isso. – E, pegando a revista da irmã, empurrou a porta da cozinha para entrar, e foi confortar a irmã mais jovem da melhor maneira possível.

Amy-Beth empurrou ainda mais fundo no bolso do jeans o pedaço de palha molhado de sangue. Queria impedir qualquer um de ver o que havia encontrado no chão do estúdio antes que pudesse passar a limpo por inteiro toda aquela história!

Capítulo 3

A Tia Patsy

Sophie acordou na manhã seguinte e encontrou Amy-Beth ao lado dela na cama, então tocou com delicadeza no rosto macio da irmã.

– Amy-Beth – ela disse baixinho.

Amy-Beth respirou fundo e tentou abrir os olhos. – Oi, maninha – disse, e virou para o lado dela. – Que horas são?

Sophie olhou para o despertador cor-de-rosa em forma de coração e respondeu: – São 7h39.

– Vinte para as oito? – disse Amy-Beth. – Parece que estamos no meio da noite!

– Sinto muito, Amy-Beth, não queria acordar você, mas estava curiosa. O que você está fazendo na minha cama?

– Não lembra? Você estava tendo um pesadelo. Eu só estava voltando para o meu quarto ontem à noite quando ouvi você chamar. Você estava mesmo totalmente perturbada, não sei como não consegue lembrar.

Sophie ergueu-se sobre um cotovelo. – Lembro que estava assustada antes de deitar, Amy-Beth, mas não lembro de você vindo para o meu quarto.

– Bem, acho que está tudo bem – sorriu Amy-Beth. – Não vale a pena perder tempo com essas coisas, não é? Provavelmente você estava sonhando com a *experiência* que teve no estúdio, embora eu realmente ache que foi algum truque da sua imaginação.

Sophie começou a protestar, mas a irmã mais velha colocou o dedo indicador sobre os lábios da garotinha. – Sossega agora, vamos esquecer tudo a respeito dessas coisas. O que acha de fazermos uma surpresa para a mamãe e o papai? Vamos levantar mais cedo e levar um café pronto para eles. O que diz?

Sophie sorriu. – Ok, então! – e saltou da cama, atordoada, vestida com uma camisola. – O que vamos fazer, panquecas?

As duas foram para a cozinha no andar de baixo. Amy-Beth ficou arrepiada. – Está frio aqui – disse. – Quero que o aquecimento funcione logo. – As palavras dela mal escaparam da boca quando ouviram os familiares rangidos e estrondos do velho sistema de aquecimento central começando a dar sinais de vida.

– E lá vamos nós – disse para a irmã mais jovem –, agora logo vai esquentar...

Quando os pais das meninas chegaram no andar de baixo algum tempo depois, foram recebidos pela convidativa visão de panquecas recentemente feitas, ovos com bacon quentes na panela, e o delicioso aroma de café fresco.

– Bem, essa foi uma bela surpresa – disse a mãe ao beijar o topo da cabeça da filha mais jovem, e ao encontrar Amy-Beth no fogão. – Ao que devemos a honra, então? – concluiu.

– Nada, mãe – respondeu Amy-Beth. – A gente só decidiu que era tempo de você ter um descanso da cozinha, especialmente porque hoje é domingo. E como acordamos muito cedo, achamos que fazer o café seria um bom começo.

– Bem, nós adoramos, não é mesmo, querido? – e a sra. Johnson virou para o marido.

– Hein? O que foi? – murmurou o pai, já com a cabeça enfiada nas páginas de esportes dos jornais de domingo que pegou na caixa de correio quando passou pelo corredor.

– Ele gostaria de saber se a Lucy já tomou o dela! Eu disse que adoramos as meninas fazendo café assim, para nós... – disse a mulher puxando os jornais da frente do rosto do marido, e esperando pela resposta dele.

– Ora, sim, sim! Sinto muito, meninas, só queria saber o resultado da grande luta de ontem à noite. Sim, o cheiro é mesmo delicioso, vou repetir tudo – disse à esposa, e imediatamente voltou aos muito apreciados jornais.

– Então, vou ver se a Lucy ainda está dormindo, mãe – disse Amy-Beth, entre pedacinhos de torradas.

– Não, ela não está dormindo – replicou a sra. Johnson –, está deitada na cama, *lendo*, para variar!

Amy-Beth sorriu. – O que faria essa garota sem livros?

Sophie evitou o estúdio pelo resto daquela semana. Não que tivesse algum motivo para ir até lá, mas porque ela gostava da sala, do ar tranquilo, do cheiro de couro velho, que de algum modo lembravam-lhe o pai. Ela passava a maior parte do tempo ou em seu próprio quarto, ou com uma das irmãs nos quartos delas. Lucy ajudou-a a tingir o par de sapatos favoritos dela. Eles estavam tão desbotados que seriam jogados fora, mas as duas fizeram um trabalho tão bom que a mãe disse que Sophie podia ficar com eles. E, assim, ela passava os dias, brincando quieta com a caixinha de música, e fazendo os pais sorrirem quando subia a escada com os sapatos amarelos brilhantes enfeitados com adesivos de margaridas em cada correia.

– A tia Patsy vai chegar na sexta à noite – disse a mãe nesse dia.

– Oh, ótimo! – disse Amy-Beth.

– Ela vai ficar?

– Provavelmente sim. Seu pai e eu vamos sair e pode ficar tarde demais para ela voltar para casa. De qualquer maneira, temos muitos quartos para ela por aqui – concluiu.

A tia Patsy era irmã da sra. Johnson, e as três meninas gostavam quando ela vinha para ficar. Era o tipo de tia que qualquer menina gostaria de ter. Ela nunca brigava, dava balas quando pediam, assistia a DVDs bobos com as garotas, geralmente até elas se cansarem. Toda vez que ia à casa delas, chegava carregando uma enorme maleta de viagem, dentro da qual as meninas sabiam que havia presentes para todas. Uma revista para a pequena Sophie, normalmente com um batom de brinde na frente, o novo livro de sucesso que a tia Patsy sabia que a Lucy ainda não tinha lido, e, por fim, para Amy-Beth ela trazia cordões brilhantemente coloridos para suas enormes e deselegantes botas de caminhada. E assim, a visita da tia Patsy era sempre ansiosamente aguardada.

– Oh, mãe! – exclamou sem fôlego Sophie à noite – Você está linda.

– Ora, muito obrigada, querida! – sorriu a sra. Johnson após a olhada final no espelho. – Estou realmente emocionada, porque este vestido ainda serve. Fazia tanto tempo que não o usava que cheguei a duvidar se conseguiria fechar o zíper!

Sophie entregou à mãe as luvas vermelhas que estavam na mesa de cabeceira e sorriu admirada. A mãe estava embrulhada da cabeça aos pés em seda vermelha, com o cabelo escuro puxado para trás formando um coque. Ela e o pai estavam saindo para uma festa que o escritório dele estava oferecendo, e decidiram no último minuto passar a noite no hotel.

– Vocês, meninas, se comportem bem com a tia Patsy e, em hipótese alguma, peguem de repente sarampo ou peste negra. Vou deixar o número

do telefone do hotel para que ela entre em contato comigo.

Lucy acabava de entrar no quarto dos pais. – Peste negra? Mãe, você não está recuando um pouco demais no tempo? Isso já acabou há muitos anos.

A sra. Johnson sorriu. – Coisas estranhas, minha querida, coisas estranhas. Agora, onde coloquei os meus brincos?

Ela nem precisava ter perguntado. Sophie estava segurando-os contra as orelhas dela enquanto se admirava no espelho.

– Mãe, eu não posso...

– Não comece com a ladainha da orelha furada novamente, Sophie, já avisei antes, só quando for mais velha. Você tem apenas 7 anos de idade. Agora venha me dar um beijo antes de eu passar o batom, e não vamos nos aborrecer por causa de velhos brincos bobos antes de eu sair à noite.

– Sinto muito, mãe – disse Sophie, e abraçou e beijou a mãe. Lucy também beijou a mãe, então, as três retiraram-se para o andar de baixo. Assim que chegaram ao corredor, elas ouviram a campainha tocar.

– Deve ser a tia Patsy – observou a sra. Johnson –, mais cedo que o de costume. – A mãe conhecia há muito tempo os problemas de pontualidade da irmã, e descobriu que se ela quisesse que a Patsy chegasse às 7h, devia pedir para que ela viesse às 6h, depois de perceber que ela nunca, jamais, chegava no horário em lugar nenhum! Amy-Beth e o pai abriram a porta.

– Oi – sorriu radiante a tia Patsy, com uma sacola ainda maior que a de costume enfiada debaixo do braço. – Deixem-me entrar, rápido, aqui fora está *um gelo*.

Amy-Beth sorriu. A tia Patsy sempre chegava *congelando, morrendo de fome ou de sede*. Tudo em extremos, sempre.

Harry Johnson acompanhou a cunhada até a cozinha, para onde todo mundo seguia quando entrava na casa. – Deixe-me pegar o seu casaco, Patsy. Posso lhe trazer café ou qualquer outra coisa?

– Oh, isso seria adorável, Harry – disse ao entregar o sobretudo a ele. – Meu Deus, como você está elegante – ela disse então, virando quando a irmã entrou na sala, também admirada. – Posso imaginar que assim você será a mais bela da festa, invejada por todas. Agora, onde está esse café antes que eu congele até morrer?

Amy-Beth sorriu. Tudo em extremos! Essa era a tia Patsy. Tudo bem...

Capítulo 4

O Ataque Aéreo

A tia Patsy guardou com cuidado a sacola atrás da porta da cozinha.

– Tia Patsy – disse Lucy – eu odeio dizer isso, mas acho que você trocou de sacola!

A tia Patsy sorriu. – Meu Deus! Ninguém consegue manter segredo nesta casa por muito tempo. – Ela caminhou para onde a sacola estava e a abriu. Uma diminuta caixa se apresentou dentro da sacola, era uma caixa de papelão grosso com furos, e da caixa veio o som de uma respiração ofegante, seguida de um amedrontado latido. As meninas se ajuntaram em volta da tia Patsy enquanto ela removia a tampa. Então, o mais bonito, mais fofo e dourado filhotinho de cachorro levantou os olhos para todos. Os maiores e mais castanhos olhos jamais vistos. Foi uma tremenda balbúrdia. Todo mundo falava ao mesmo tempo, as meninas pediam para segurar o cachorrinho.

– Oh! Tia Patsy, é tão lindo! É ele ou ela? É para nós? Podemos ficar com ele? Qual o nome dele? Que idade ele tem? Ele pode dormir no meu quarto?

A tia Patsy não sabia qual menina fez qual pergunta, mas tentou responder da melhor maneira possível.

– É para toda a família, o presente de inauguração da casa nova, tem 8 semanas, ainda não tem nome, e a mãe de vocês decide onde ela vai dormir.

Jill Johnson olhou consternada para a irmã. Patsy havia comprado um *cachorro* como presente de estreia da casa nova! Ela queria trucidá-la...

Três meninas, a casa decorada pela metade, e agora um cachorrinho! Tentou sorrir, disfarçando a careta para o lado.

– Puxa, que surpresa, Patsy! Mas como foi uma surpresa *assim*, é óbvio que não temos um cesto para ela dormir conosco ainda, então você vai pensar em algum lugar para colocá-la hoje à noite até fazermos compras amanhã. Na sua cama, com você, quem sabe? – concluiu, sarcástica.

Patsy não se importou. – Claro, ela pode dormir comigo hoje à noite. O problema é que ela *ainda* não foi treinada para ficar dentro de casa! Mas isso é o de menos.

Ela voltou a olhar para as meninas, que estavam totalmente extasiadas com a nova aquisição da família, particularmente Sophie. Amy-Beth estava satisfeita também, pois sentia que era exatamente o tipo de coisa que Sophie precisava para tirar o pensamento da *experiência* no estúdio. A cachorrinha se aconchegou feliz nos braços de Sophie, com as patas esticadas direto para o ar, enquanto Lucy coçava a barriguinha. Ela quase ronronava com toda aquela alegria, as longas orelhas caídas para o mesmo lado.

– Oh, ela é um docinho, tia Patsy, obrigada, obrigada mesmo! – agradeceu Sophie efusiva enquanto abraçava a cachorrinha com tanta força que a tia Patsy temia que a comida que havia dado ao filhote algumas horas antes logo seria atirada no chão da irmã!

– Docinho! Que nome brilhante – disse a tia Patsy. – Isso mesmo, Sophie, você acabou de batizar o seu novo filhote, Docinho. Eu mesma não poderia pensar em nada melhor.

– Docinho? – pensaram Lucy e Amy-Beth ao mesmo tempo. Imaginem levá-la para uma caminhada quando estivesse totalmente crescida! Acima de tudo, ela era uma retriever dourada, uma raça de cães de caça que leva a caça para o caçador e se tornam razoavelmente grandes, e teriam que

chamá-la de Docinho! Amy-Beth olhou para Lucy de um jeito que significava *sem comentários*, pois ambas sabiam que o nome do filhote havia encantado Sophie, e nenhuma delas queria perturbá-la.

A sra. Johnson suspirou resignada. Não havia o que fazer a respeito no momento. O melhor mesmo seria aproveitar ao máximo e deixar a família para Patsy naquela noite.

Ela pegou o casaco no cabide. O sr. Johnson já havia colocado a sacola, com as coisas de passar a noite fora, no porta-malas do carro. Depois, beijou cada uma delas com firmeza nas bochechas, anunciou as instruções de última hora e saiu.

– Bem, meninas, o que vamos fazer hoje à noite, então? – perguntou a tia Patsy quando levava todas para a sala de estar.

– Amy-Beth e eu estávamos jogando *Palavras Cruzadas*, mas se quiser participar, podemos descartar essa partida e começar outra vez. Estávamos jogando na mesa de trabalho do papai, no estúdio. Lá é mais fácil do que ficar tentando jogar no chão – disse Lucy.

– Ora, não, não, não descartem a partida só por minha causa. Vou ficar aqui, com Sophie e Docinho por enquanto, mas você e Amy-Beth devem continuar e terminar a partida. Sei onde encontrar vocês, se precisar – tia Patsy tomou um golinho de café e atirou um chocolate na boca. – Ei, sirvam-se de alguns chocolates – ela disse, indicando a porção que trouxe com ela e colocou sobre o armário. As meninas pegaram alguns chocolates, acariciaram Docinho, saíram da sala e foram continuar a partida.

– Não está muito quente aqui, não é? – queixou-se Lucy quando arrepiou até os ossos.

– É só porque a lareira está vazia, e isso dá a impressão de que ali deveria existir um fogo aceso – respondeu Amy-Beth, olhando atentamente

para as letras na frente dela.

– Vamos! – provocou Lucy. – Se você se apressar e jogar logo, vou parar de pensar no frio... – Distraída, ela brincou com a caixinha de música, levantando-a e colocando-a de volta no lugar, desarrumando as beiradas do saio da boneca. – A caixa de música. Você trouxe isso com você, Amy-Beth?

– Hum, não! Por que a traria comigo? – respondeu Amy-Beth.

– Sophie deve ter deixado aqui.

– Mas Sophie não vem aqui há séculos, como você sabe, desde que... – Lucy engasgou, deixando a frase incompleta. – É, bem, pouco importa, eu acho. Quer se apressar, por favor?

Amy-Beth colocou três letras no tabuleiro na frente dela.

– Zoo? É isso, na sua vez você vai formar zoo? – perguntou Lucy.

Amy-Beth sorriu. – Sim, mas veja só quantos pontos eu fiz – ela respondeu.

Lucy respirou fundo, depois pegou as peças para conferir a contagem de pontos. Amy-Beth estava certa. Lucy suspirou, antes de olhar as próprias letras para ver como podia se recuperar. Estava ganhando, de qualquer modo, mas queria ganhar pela maior margem possível.

Amy-Beth pegou a caixa de música e também começou a examinar a pequena bailarina. – Não entendo que ela esteja tão ligada a essa coisa – resmungou, assoprando a caixinha enquanto falava. – Suponho que ela foi bem bonita algum dia, mas deve ter sido há muito tempo atrás! – Ela colocou a bonequinha de volta sobre a mesa de trabalho de couro e esperou pacientemente Lucy jogar. A pequena bailarina rodopiou conforme a música e, ao fazer isso, as meninas notaram um torvelinho de névoa girando

no espelho. Lucy derrubou as letras que segurava na mão e virou--se de olhos arregalados.

Uma garota olhava para elas de dentro do espelho. Amy-Beth ficou sem respiração e tratou de segurar na mão de Lucy. Conforme arregalaram os olhos, as meninas se deram conta de outras pessoas no espelho. Podiam ver uma mulher na cozinha com duas crianças ao lado dela. Ali parecia haver pânico no ar, pois a mulher rapidamente juntava um monte de coisas. Ela recolheu um farolete, alguns cobertores e pegou alguma comida na geladeira. – Vamos, Carly – e pegou a filha pela mão. – Temos que nos apressar.

O menino também segurou na mão da mãe e os três deixaram a casa. Amy-Beth e Lucy quase precisaram cobrir as orelhas, pois o som da sirene de ataque aéreo proveniente do espelho se tornava ensurdecedor conforme ia e vinha. O pequeno grupo agora tinha alcançado a parte de trás do jardim, rapidamente seguindo o caminho em direção ao abrigo antiaéreo, quando a garota parou de repente.

– Trish! Mãe, esqueci a Trish, e vou ter que voltar por causa dela. – A mulher parou, afastando os cabelos dos olhos, impaciente. – Carly, *não podemos* voltar para casa agora, e especialmente não por causa de uma boneca! Depressa, vamos já.

Ela retomou a mão da menina, e a puxou rumo ao abrigo. A menina tropeçava nos calcanhares, de tanta pressa. – Não posso mãe, eu não posso deixá-la sozinha, ela vai ficar apavorada, por favor, não podemos voltar? – O irmão caçoou: – *Apavorada?* É uma boneca, tonta, não sente nada! Agora, depressa, faça o que a mãe está dizendo e entre no abrigo.

Carly começou a gritar. As palavras duras do irmão, embora verdadeiras, a inundaram de lágrimas. Ela tentou se controlar, e passou as

costas da mão nas bochechas molhadas. O coração da mulher derreteu. Ela jamais aguentaria ver um dos filhos chorar. – Está bem! – ela ajoelhou-se ao lado da garota. – Ok, Carly! Seque os olhos, você e seu irmão vão para o abrigo e eu vou encontrar vocês assim que pegar a Trish. Vão em frente, depressa, vocês dois. – E deu um leve empurrão nas crianças. – Não fique tão preocupado, Tim, estarei de volta antes mesmo de você fechar a porta, vão.

O barulho da sirene de ataque aéreo era ensurdecedor quando a mãe voltava para casa. Amy-Beth sentiu que estava ficando sem respiração, e desejou que a mulher se apressasse e voltasse para a relativa segurança do abrigo. As meninas assistiram-na entrar na casa e, depois do que pareceu uma eternidade, desceu as escadas de volta, trazendo a boneca apertada na mão.

Ela estava na metade do caminho pelo jardim quando a bomba caiu. Não diretamente sobre a casa, ela caiu mesmo um pouco adiante, mas suficientemente perto para danificar até o teto, expulsando algumas janelas e arrancando a porta das dobradiças. A mulher caiu, batendo a cabeça no muro do jardim. O grito dela quase não foi ouvido, havia barulho demais por toda parte. A porta que tinha sido arrancada das dobradiças caiu direto em cima dela, com a vidraça espatifando ao entrar em contato com a cabeça. Ciente de que algo estava errado, mas sem saber o que, as crianças correram do abrigo, seguidas por alguns adultos que tentavam segurá-las e prendê-las até que os aviões tivessem sumido.

Carly foi a primeira a ver a mãe, ensanguentada, os olhos arregalados, o corpo contorcido sob o local onde ela havia caído. – Mãe! – a menina gritou, seguida pelo irmão. Ambos correram em direção ao vulto, gritando e chorando, e atiraram-se ao chão, tentando freneticamente limpar os

escombros de cima dela. A sra. Winters, que havia seguido as crianças lá fora, tentou acalmar a ambos. Só pôde dizer a eles, meramente pelo que viu, que a mãe estava morta, e que retirar os escombros não adiantaria nada naquela hora. Ela carregou Carly nos braços, outro vizinho segurou Tim, e falando palavras que pediam calma, levaram ambos de volta para o abrigo.

– Não podemos deixá-la ali – soluçava Tim –, não podemos deixá-la por conta própria, ela vai ficar apavorada.

Lucy e Amy-Beth assistiram aos vultos sumirem, e olharam novamente para a mulher morta. Ela ainda apertava na mão a bonequinha.

Quando o retrato começou a enfraquecer, a primeira garota que elas tinham visto reapareceu no espelho. Sorriu para as irmãs, que perceberam que agora ela estava com a bonequinha nos joelhos, afagando os cabelos. Lentamente, o rosto desapareceu do espelho, quase exatamente na mesma hora que a pequena bailarina parou de girar ao som da melodia tocada pela caixa de música.

Amy-Beth soltou a respiração até o fim. – Você está bem? – indagou virando-se para Lucy.

– Acho que sim! – respondeu a irmã mais jovem. – Eu simplesmente não acredito no que vimos. Quero dizer que se você não estivesse comigo eu talvez duvidasse da minha própria sanidade. Pobre Sophie, é só o que eu posso dizer, não é de admirar que ela tenha corrido da sala gritando quando teve a visão. Amy-Beth acenou com a cabeça confirmando que concordava.

– Afinal, não entendo o que está acontecendo por aqui. – Ela se levantou e caminhou em direção ao espelho.

Com o rosto quase colado nele, tentou ver se não existiria a possibilidade de alguém ter feito alguma armação para, de algum jeito, mostrar as cenas que tinham acabado de assistir. Ela também o afastou

levemente da parede, tentando ver atrás, mas nada viu além do papel de parede mais desbotado que cobria.

– Não há mesmo nada estranho aqui – disse para Lucy. Ela virou-se para olhar a irmã e viu que a garota mais jovem estava ainda mais mortalmente pálida. – Tudo bem com você? – perguntou.

– Na verdade, não – respondeu Lucy. – Senti muito enjoo. Choque, acredito. Posso lhe garantir que Palavras Cruzadas é a última coisa que eu quero fazer de novo... Acho que vou sair e preparar alguma coisa quente para tomar. Venha comigo, Amy-Beth, por favor, não fique aqui sozinha.

– Não há o que temer – respondeu Amy-Beth. – Estou com você. – Vamos contar alguma coisa para a tia Patsy?

– Não sei, Amy-Beth. Quer dizer, é difícil acreditar nisso, não é mesmo? E, além do mais, se contarmos para Sophie que tivemos a nossa experiência do “espelho” vamos apavorar a vida dela novamente, logo quando ela parece ter esquecido que isso aconteceu.

– Sim, acho que você tem razão – respondeu Amy-Beth. – Não vamos dizer nada por enquanto, mas amanhã vou voltar ao estúdio para ver se nada mais acontece. Gostaria de saber se existe alguma coisa que liga as imagens das visões, uma palavra especial ou algo assim. Pense, Lucy, o que fizemos que a Sophie também pode ter feito quando teve a experiência dela?

Lucy espiou a caixinha de música, agora quieta e em silêncio. Ela apontou a bailarina: – Tocar a caixa de música, será que é isso? – Amy-Beth também olhou.

– É claro, acho que você tem razão, tem que ser isso! Lembre-se que no dia que a mamãe e o papai compraram a caixa para a Sophie, o velho sr. Lawson disse que veio da mesma casa que o espelho. Você não acha que, de algum modo, o espelho reteve todas as horríveis memórias de tudo aquilo

que presenciou um dia, e elas estão sendo recontadas para nós toda vez que a música toca?

Lucy olhou em dúvida.

– Parece muito forçado, devo admitir Amy-Beth, quero dizer, quem no mundo acreditaria em nós? E quem é essa garota, algum tipo de “dona do espelho” ou algo parecido? Não faz o menor sentido.

Involuntariamente, ela se arrepiou: – Eu preciso mesmo dar o fora daqui. Vamos voltar à normalidade e comer alguns chocolates da tia Patsy.

Capítulo 5

Docinho Desaparece

Na manhã seguinte Amy-Beth acordou ao som de latidos. Latidos fracos, curtos, quase grunhidos, vindos do quarto de Sophie. Ela levantou, pegou o penhoar e foi pelo corredor até o quarto da irmã.

– Oi, você já está de pé! – ela disse, surpresa de ver Sophie acordada e vestida, correndo atrás de Docinho em volta do quarto com um brinquedo meio peludo.

– Estou de pé há horas – sorriu Sophie. – Logo cedo, Docinho saltou no meu travesseiro e me lambeu até me acordar. Ela é tão linda, gosto muito dela. Estou muito contente porque a tia Patsy veio para ficar e a trouxe com ela.

Amy-Beth sorriu. Estava contente porque o filhote ocupava tanto tempo da irmã. Só esperava não ter que levantar durante a noite para alimentar a cachorrinha. Ela caminhou em direção à janela e sentou-se na cadeira de vime, dobrando as pernas junto do corpo. Quando sentou, percebeu uma bonequinha colocada no alto da cama de Sophie, uma boneca que era bem mais do que apenas um pouco familiar. Da última vez que a tinha visto, lembrou, ela estava sendo apertada pela mão de uma mulher morta. Um calafrio percorreu-lhe a espinha. O que estava acontecendo? Interiormente agitada, mas tentando manter a calma, perguntou a Sophie onde havia encontrado a boneca.

– Ela estava no meu quarto de manhã, nessa cadeira onde você está sentada. Eu achei que você ou a Lucy a deixaram para mim. Não foi você?

– Sophie retraiu-se.

Amy-Beth sabia que a boneca era definitivamente a mesma do espelho, ela só não queria acreditar nisso. A boneca que pertencia à garota cuja mãe tinha morrido estava agora no quarto da irmã caçula! Quem a colocou ali? Aquela coisa toda era impossível. Ela procurou ficar calma, e se recompor da melhor maneira.

– Não, eu não a coloquei ali, mas pode ter sido a Lucy, talvez. Mas, de qualquer modo, não importa, não é? Ela é muito bonita, como você vai chamá-la?

Sophie não se importou. Ela nem parecia muito interessada na boneca, pois, em vez disso, tomava conta da Docinho, que queria comer o conteúdo da casa da boneca.

– Engraçado como tentam comer de tudo, não é mesmo?

Amy-Beth concordou e se levantou para sair. Pegou a boneca, sem Sophie notar, e saiu do quarto para ver Lucy. – Café da manhã logo mais, Sophie, desça quando estiver pronta.

Quase correndo pelo corredor, Amy-Beth irrompeu no quarto de Lucy. Ela dormia tranquila, mas não por muito tempo.

– Lucy, Lucy, vamos, acorde. Você não vai acreditar no que vou lhe mostrar.

Lucy se esforçou para ficar em posição sentada quando Amy-Beth puxou as cortinas, permitindo a entrada de um pouco de luz do sol no quarto.

– O que houve? Que horas são, Amy-Beth? A casa está pegando fogo? Por que o pânico?

Amy-Beth enfiou a boneca na cara da irmã. – Veja! – ela disse, quase triunfante. – O que me diz disto?

– É uma boneca – resmungou Lucy, enrolando a roupa de cama em volta dos ombros para se proteger do ar gelado da manhã. Em seguida, sentando de repente, acrescentou: – Mas não é apenas uma boneca qualquer – disse. Enquanto trocava a roupa de dormir, reconheceu o vestidinho familiar, a cor do cabelo e o pequenino rosto brilhante da boneca no espelho. – Mas que coisa! Onde você conseguiu isso? – perguntou a Amy-Beth, começando a entrar em pânico.

– No quarto da Sophie – respondeu a irmã.

– Como assim, *no quarto da Sophie*? E quem a colocou ali? Tem certeza de que é a mesma? Não pode ser, isto é, as coisas nos espelhos não adquirem vida, quer dizer, não pulam fora dos espelhos e saem por aí...

– Lucy, *reflexos* é o que supostamente você deveria ver em espelhos, não histórias de horror. Olha, estou tentando ser racional a respeito disso também, mas fica bem mais difícil quando a gente não consegue entender nada. Acho que agora devemos contar para a tia Patsy. Será que ela acreditaria em nós?

– Ora, não sei! Tenho medo até de tocar na boneca... O que vamos fazer com ela? Acho que não devemos deixá-la no quarto de Sophie, e sinceramente não gosto de tê-la aqui comigo.

Amy-Beth suspirou. – Vamos supor que ela fique no meu quarto por enquanto, então. Se a Sophie perguntar, embora não acredite nisso, já que ela está totalmente encantada com a Docinho, vamos dizer que achamos melhor fazer um vestido novo para ela, pois este está um pouco surrado.

Lucy olhou incrédula. – Um vestido novo! Quando você ou eu fomos boas em costura, ou estivemos interessadas em fazer roupas novas para bonecas? Acho que você deve tentar algo melhor que isso, ela nunca vai cair nessa.

Amy-Beth foi obrigada a sorrir. – Sim, acho que você tem razão, é um pouco forçado. Mas, só Deus sabe, pelo que vem acontecendo recentemente não é de admirar que eu esteja perdendo o contato com a realidade. Tudo bem, vou colocar a boneca no meu quarto e vamos descer para o café. Vamos esperar que a Sophie pergunte, antes de darmos qualquer explicação sobre o paradeiro da boneca. Quem sabe ela até esquece! E da próxima vez que ela sair para passear com a Docinho, vamos trocar discretamente uma palavra com a tia Patsy a respeito dessas coisas estranhas que estão ocorrendo.

Foi o que fizeram. Sophie mal terminou de comer panquecas em calda (um dos pratos prediletos da tia Patsy), e sumiu, com a Docinho correndo atrás, de rabo abanando, prevendo a diversão que sabia que ambas teriam lá fora.

– Tia Patsy – começou Amy-Beth –, como anda a sua imaginação nesses dias?

A tia Patsy enxugou a calda no canto da boca e olhou para as sobrinhas, curiosa. – Imaginação? Que coisa engraçada de perguntar. Pois bem, vocês jovens acham que basta alguém passar dos 14 anos de idade que perde a imaginação. Bem, deixem contar a vocês, a minha agora está melhor do que nunca! Então, vão em frente, não se acanhem, por favor.

Inclinando ambos os cotovelos sobre a mesa do café, olhando de uma garota para a outra, esperou uma delas falar.

Dez minutos depois, e com partes da história sendo contadas por ambas ao mesmo tempo, de modo que quase nada podia ser entendido, os cotovelos da tia Patsy permaneciam sobre a mesa. – Bem, garotas, certamente é uma história de alguém com a imaginação fértil – ela disse afinal. – Acho até que vocês não teriam motivos para inventá-la...

– Está dizendo que acredita em nós? – perguntou Lucy. – Nem nós temos certeza se acreditamos nisso, e realmente não queremos assustar Sophie mais do que ela já está assustada. Só não sabemos o que fazer.

Exatamente nesse momento, Sophie escancarou a porta da cozinha, e quase caiu lá dentro. – Docinho, eu perdi a Docinho, deixei-a sem a correia por um minuto para corrermos à vontade e depois percebi que ela havia sumido. Acho que ela saiu correndo atrás de alguma coisa, um coelho ou algo assim. Eu chamei e chamei mas ela não voltou e... Oh, tia Patsy, por favor me ajude, preciso encontrá-la. – A jovem garota desatou a soluçar nos braços da tia Patsy.

– Agora, então, acalme-se, meu amor, que nós vamos encontrá-la. Espere apenas um instante enquanto pego a minha jaqueta, e eu vou com você. E se não a encontrarmos de manhã, ela estará de volta no almoço quando sentir fome, você verá, ela não ficará longe por muito tempo. – A tia Patsy foi até o armário e pegou a grossa jaqueta do cabide.

– É melhor vocês duas fiquem. Está fazendo frio lá fora, e, além disso, a mãe de vocês deve telefonar.

Empurrando Sophie na frente, a tia Patsy virou para Amy-Beth e disse: – Não mencionem nada disso para a sua mãe se ela telefonar. Teremos tempo suficiente para explicar tudo quando ela voltar.

Lucy e Amy-Beth começaram a lavar a louça do café.

– Amy-Beth – começou Lucy –, onde será que você colocou a caixa de música ontem à noite quando saímos do estúdio?

– Para falar a verdade, não sei se a peguei, e se peguei, com certeza não sei onde a guardei. Antes, vamos terminar a limpeza dessa bagunça, e depois damos uma olhada. Talvez seja o tempo delas voltarem com a Docinho.

Do outro lado da janela, as meninas podiam ouvir vozes alternadas chamando a cadelinha. Primeiro, a tia Patsy gritava alto e agudo, depois era a vez da pequena Sophie, que parecia sufocada pelas lágrimas. A sra. Johnson telefonou no final da manhã, para dizer que o passeio estava tão bom que eles decidiram continuar pelo resto do fim de semana, se a tia Patsy pudesse ficar com as crianças. Amy-Beth explicou sobre a cadelinha desaparecida, e que a tia Patsy tinha saído para procurá-la, mas que realmente ninguém achava que seria um problema se eles se demorassem mais um pouco. A mãe desligou o telefone, dizendo que ligaria para falar com a tia Patsy mais tarde no mesmo dia.

Na hora do almoço, a cachorrinha ainda não tinha sido encontrada. A tia Patsy obrigou Sophie a voltar para casa, depois que ambas procuraram várias vezes em grandes áreas, e fez a garota tomar um pouco de caldo quente.

– Ela vai voltar, Sophie, eu sei que vai, basta você esperar para ver. – Sophie, porém, precisava ser consolada, pois estava bem difícil parar de chorar por conta própria.

Amy-Beth e Lucy tentaram confortá-la da melhor maneira possível.

– A tia Patsy tem razão – disse Amy-Beth. – Ela vai voltar. Os cachorros não gostam de ficar fora no frio, ela estará de volta antes da hora do jantar, você verá.

Lucy abraçou a irmã caçula nos ombros. – Vamos brincar de outra coisa até a Docinho voltar. O que você acha de pegar a caixa de música? Você sempre gostou de ver a bailarina rodopiar.

Sophie tentou enxugar os olhos no lenço já encharcado.

– Ok – respondeu relutante –, mas também não sei onde está. Você vai ter que me ajudar a encontrar.

A tia Patsy sorriu agradecida para Lucy. – Vão até lá então, meninas, vão e procurem a bailarina. Vou ficar olhando pela janela da cozinha se a Docinho reaparece para almoçar. E lembrem, vou ficar com vocês o resto do fim de semana, então comecem a pensar no que vamos fazer... Talvez eu possa enrolar o seu cabelo, Sophie, o que acha?

Capítulo 6

A Dona do Espelho

– Acho que a caixa de música está no estúdio – disse Amy-Beth. E, conforme dizia essas palavras, de repente descobriu onde elas encontrariam a Docinho.

– Lucy, por que não leva Sophie no quarto de cima agora, enquanto vou buscar a bailarina?

– Mas... – Lucy ameaçou protestar, então, vendo o olhar de advertência no rosto de Amy-Beth, decidiu não falar nada e levar a garota para cima.

Amy-Beth empurrou devagar a porta do estúdio para abrir, com receio do que poderia ver. Nada! A sala estava em silêncio, o espelho calmo, e a caixa de música estava sobre a mesa onde havia sido deixada. Ela pegou a caixinha e olhou-a com cuidado.

“Eu acho que...” – pensou, e então decidiu seguir seus instintos. Deu corda na caixa de música. Conforme a melodia começou a tocar, ela recolocou a caixa sobre a mesa e voltou a olhar no espelho.

Mais uma vez, a névoa apareceu para embaçar o lado externo do espelho, e ao clarear, revelou a garota que havia aparecido antes. Nos joelhos da garota, Amy-Beth viu aquilo que sabia que veria: a garotinha estava com Docinho!

– Mas você não pode ficar com ela – Amy-Beth começou, sem ter certeza se a garota podia ouvi-la ou não, mas incapaz de controlar a si própria. – É a mascote da minha irmã caçula, que está inconsolável porque ela se perdeu. Você precisa devolvê-la.

A garota do espelho lentamente levantou o olhar até encontrar-se com o de Amy-Beth.

– E porque eu deveria devolvê-la? Ela pegou a minha boneca!

Amy-Beth deu um passo atrás, assombrada. Então a garota também podia vê-la, e se comunicar!

– Ela não roubou a sua boneca – disse Amy-Beth indignada. – Alguém a colocou no quarto dela. De qualquer modo, ela não poderia roubar algo que vive em um espelho. Isso não faz o menor sentido.

– E exatamente o que faz sentido para você, Amy-Beth? Você está falando com um espelho, não é mesmo?

– Como sabe o meu nome? Quem é você? O que está acontecendo? Por que está fazendo isso com a minha família?

A garota sorriu novamente.

– Oh! Querida, estamos confusas, não estamos? Se tiver tempo para escutar, vou responder da melhor maneira possível. Eu sei o seu nome porque você já esteve aqui várias vezes antes e suas irmãs a chamaram pelo nome, como você sabe.

– Para responder à segunda pergunta, meu nome é Sara e você já adivinhou quem eu realmente sou, a Dona do Espelho, ou a Dona das Almas Perdidas.

– Não estou fazendo nada para a sua família. Vocês meninas começaram com tudo isso quando tocaram a caixa de música. Tem acontecido sempre isso através dos séculos: se alguém toca a melodia, o espelho começa a funcionar, mostrando todas as mortes horríveis que presenciou no decorrer dos anos. Quantas você viu até agora, duas? Isso significa que você ainda tem outras duas mil para ver. Oh! Querida, você vai ficar amedrontada no final disso tudo, não é mesmo?

Amy-Beth estava lutando para manter a compostura, mas sabia que se quisesse ter o filhote de volta e retornar para a família com alguma aparência de normalidade, deveria obter o máximo de informações possíveis da garota.

– Você disse Almas Perdidas, o que quer dizer com isso? – resolveu perguntar.

A garota procurou acariciar a cabeça do cachorro. – Ora, você sabe, as almas que nunca encontraram descanso completo por causa do jeito como morreram, pessoas que tiveram mortes violentas e desnecessárias, e cujas famílias às vezes carregam uma enorme culpa, esse tipo de coisa. Eu mesma fui trazida para essa casa por volta de 1800. A minha mãe era a governanta da casa, embora fosse tratada, como eu também, mais como uma pessoa da família.

– Éramos felizes aqui, você sabe, nós duas. O meu pai havia morrido de tuberculose um ano depois que eu nasci, então a minha mãe teve muita sorte de conseguir esse emprego, nessa bela família. De qualquer forma, ia tudo realmente bem até que ela se envolveu com o novo jardineiro.

– Eu nunca tinha gostado do homem, mas suponho que mamãe sentia-se um pouco solitária, então ela começou a passear com ele, e às vezes eles passavam o dia fora. Ele sabia que eu não gostava dele. O sentimento era realmente mútuo. Às vezes, ele contava mentiras para a mamãe sobre o meu comportamento, para ela ficar zangada.

– Isso terminou um dia, quando eu fui à cozinha e o encontrei sacudindo a minha mãe violentamente, gritando para ela que ela fizesse a “escolha”. É claro que eu não tinha ideia do assunto da discussão, apenas sabia que eu devia fazer aquele homem diabólico parar de agredir a minha mãe.

– Gritei para que a deixasse em paz, mas ele me ignorou. Então, corri até ele e o soquei nas costas com os meus punhos. Ele era um homem enorme, e os meus socos não fizeram efeito. Ele continuou a sacudir a minha mãe, cada vez mais bravo.

– E, assim, fui até a mesa da cozinha, e peguei a maior faca que podia encontrar. Corri até ele, gritando o tempo todo para que deixasse a minha mãe em paz, mas quando o ataquei, ele saltou fora do caminho tão rapidamente que a faca não penetrou nele, mas na minha mãe.

– Você matou sua mãe, você matou Hannah – ele berrou para mim, e ainda posso ouvir essa voz até hoje, e recuei horrorizada, ainda segurando a faca ensanguentada. Mamãe estava deitada no chão de pedra da cozinha, com o sangue se esvaindo pela ferida.

– Ela está morta – ele continuou com a gritaria. – Você matou a sua própria mãe!

– Então eu peguei a faca novamente, e a enterrei profundamente no meu coração, o mais que pude.

Amy-Beth respirou fundo e deu um passo em direção à garota. – Mas, Sara, foi um acidente, você não queria de fato matá-la... Então foi assim que você morreu? Você se matou?

– Sim – respondeu Sara – e a melodia tocada na caixa de música era uma das favoritas da mamãe e estava tocando na cozinha naquele dia. O espelho que você vê na sua frente, que data de muito antes da minha época, pelas cenas que eu assisti, estava pendurado no grande saguão exatamente do outro lado da cozinha.

– Por alguma razão, o espelho sugou a minha alma torturada para ele, e fiquei presa aqui dentro, obrigada a testemunhar as mesmas cenas pavorosas de novo, infinitamente, toda vez que alguém toca a melodia. É

provável que jamais haja descanso para mim, nunca, e de qualquer modo, eu não mereço isso.

Sara olhou tão triste que Amy-Beth quase sentiu pena dela. – Deve existir algo que eu possa fazer para ajudar você – ela disse com delicadeza. – Você não pode passar o resto da eternidade assim, revivendo esse horror cada dia de sua existência. Deve existir algo, Sara, só não sei o que é.

Quando Amy-Beth terminou de falar, o rosto de Sara começou a sumir, a névoa retornou uma vez mais antes de finalmente desaparecer e deixar o espelho normal.

– Eu voltarei, Sara, não perca a esperança! – Amy- -Beth disse, desejando que a garota ainda estivesse ouvindo.

E estava. Ela jurou para si própria, embora sem saber o que poderia ser feito para ajudar, que não desistiria até pensar em alguma coisa.

Capítulo 7

O Jardineiro

As três irmãs passaram a tarde no andar de cima distraíndo-se umas com as outras. Lucy levou um dos livros favoritos delas, de quando eram realmente pequenas, que foi lido pelas irmãs, cada uma assumindo um personagem diferente. A tia Patsy, conforme prometeu, enrolou o cabelo de Sophie. Amy-Beth e Lucy pintaram todas as unhas de Sophie de cores diferentes, tudo na tentativa de manter a mente dela longe da cadelinha desaparecida. Quase na hora do chá alguém bateu à porta, e a tia Patsy atendeu. Sophie ficou esperançosa, querendo notícias de Docinho. Um moço, alto e imponente, parou na entrada.

A tia Patsy sorriu: – Sim, posso ajudar?

– É a sra. Johnson? – o homem perguntou.

– Não, sou a irmã da sra. Johnson. O que posso fazer por você?

– Ah, entendo. Bem você não me conhece, mas o sr. Johnson me pediu para dar uma olhada geral durante este fim de semana. É que sou o novo jardineiro.

– Ora, entre, entre – disse a tia Patsy. – Não, Harry não comentou nada comigo. Mas, como ele *deveria* estar por aqui pessoalmente neste fim de semana, talvez seja por isso. Não importa, de qualquer modo, nós estamos aqui, e você pode olhar o que quiser, sem problema. Agora, não gostaria de tomar um chá? Estou certa que uma das meninas...

A tia Patsy olhou para onde Amy-Beth havia acabado de sentar-se na mesa da cozinha. A garota estava de olhos tão arregalados como dois pires.

Com certeza, os *olhos esbugalhados* eram para o recém-chegado, e ela ficou com as bochechas absolutamente sem cor.

– Mas que diabos! O que há de errado com você, Amy-Beth? – perguntou a tia. – Você ficou pálida feito um cadáver, parece que acabou de ver um fantasma ou algo parecido!

Amy-Beth tratou de manter os olhos afastados do homem. – O que foi que você disse, tia Patsy? Sinto muito, eu estava longe, pensando em outra coisa justamente agora.

– Estou oferecendo ao nosso visitante alguma coisa quente para beber, só isso. Está fazendo frio hoje, e achei que uma de vocês, meninas, poderia fazer o favor de colocar a chaleira no fogo.

Lucy, percebendo algo de errado com a irmã, atendeu a tia Patsy: pegou e encheu a chaleira para ela. Precisava tirar Amy-Beth dali para descobrir o que estava errado.

Amy-Beth, entretanto, tentava se recompor. “Um novo *jardineiro*” – dizia para si própria. O pai jamais havia mencionado a contratação de um jardineiro, isto é, ela sabia que os jardins estavam malcuidados e tudo o mais, porém não sabia que ele tinha pensado em contratar alguém.

Agradeceu quando Lucy perguntou se não poderia ajudar em uma passagem de difícil compreensão do novo livro. Sabia que Lucy jamais precisava de ajuda com nada relacionado à interpretações de textos, mas a desculpa permitiu que escapassem da cozinha.

As duas foram para o estúdio, pois sabiam que era um lugar onde Sophie não as seguiria.

– Ok! O que houve? – começou Lucy. – Você ficou pálida lá. Quase morri de susto quando olhei você.

Amy-Beth cobriu o rosto com as mãos. – Ora, eu não sei mais nada Lucy, não sei mesmo. Não sei se estou perdendo o juízo, ou o controle da minha imaginação, ou se estou perdendo totalmente a minha sanidade. Não sei mais nada...

– Então conte para mim. Talvez eu possa ajudar – respondeu a irmã.

A irmã mais velha recontou tudo o que aconteceu, disse para a Lucy que foi por culpa do jardineiro que a jovem Sara matou a própria mãe, e depois se matou, e que Sara ficou com o filhote de Sophie o tempo todo.

– Não é de se admirar que você tenha mudado de cor quando o jardineiro entrou na cozinha, eu quero dizer, eu não acho isso estranho mesmo, mas é óbvio que você está preocupada pelo que Sara contou. Vou dizer uma coisa, porém, Amy-Beth, se não tivesse presenciado aquela visão com você, eu seria incrivelmente cética a respeito de tudo isso.

– Sim, eu sei, às vezes eu não consigo acreditar no que estou dizendo. É só que não parece real. Mas o fato é que isso está acontecendo. A Sara pegou o filhote e temos um jardineiro estranho em nossa cozinha. O que vamos fazer? Prometi ajudar a Sara do jeito que puder, e preciso que você me ajude a descobrir o que vamos fazer em seguida. Vamos voltar para a cozinha e ver o que está acontecendo. Agora que conversei com você, me sinto mais calma.

As meninas então retornaram para a cozinha, mas a encontraram vazia. Pegaram as jaquetas e saíram para procurar a tia Patsy. Elas a encontraram, com Sophie e o novo jardineiro, olhando uma determinada área do jardim totalmente coberta de mato.

– Já faz muito tempo que ninguém mexe aqui – disse o homem. – Tudo está muito crescido. Vou ter um bocado de trabalho, isto é, se o sr. Johnson resolver me contratar.

A tia Patsy sorriu e empurrou o cabelo para trás da orelha. – Ora, estou certa de que você vai conseguir o serviço, Jim. Vou dizer uma coisa, já que está aqui, porque não começa por essa área? Com certeza o Harry vai ficar impressionado quando voltar. Está um horror.

“*Jim*” – Amy-Beth estranhou. “Então eles já estão se tratando pelo primeiro nome...” – ela pensou. E ainda por cima, perguntar se ele queria começar “já que está aqui”! A tia Patsy não sabia o que estava fazendo, aquele homem podia ser perigoso, mas como Amy-Beth poderia contar a ela a continuação da aparentemente ridícula história do espelho se ela sequer tinha ficado exatamente impressionada com a primeira parte que as meninas haviam contado. A garota decidiu ficar quieta, de boca fechada, por enquanto, pois afinal os pais estariam em casa no dia seguinte, e ela e Lucy simplesmente teriam de contar tudo a eles, parecendo ridículo ou não!

– Ótima ideia, Patsy, você me mostra onde estão as ferramentas de jardinagem, que eu vou começar a limpar esta parte do terreno. Melhor aproveitar enquanto o tempo está seco.

A tia Patsy, Sophie e Jim caminharam em direção a uma antiga construção de pedra que o sr. Johnson usava para guardar as ferramentas de jardinagem e outros equipamentos.

– Bem – disse Lucy –, o que fazer nesse caso?

Amy-Beth não se importou. – Acho que não há o que fazer até a mamãe e o papai voltarem amanhã à noite. Não existe nada suspeito aqui. Provavelmente reagimos de forma exagerada a toda a situação. Venha, vamos fazer uma caminhada, sinto que passei tempo demais presa em casa.

Elas gritaram para a tia Patsy avisando aonde iam. Ela respondeu acenando com a mão enluvada antes de entrar na construção de pedra para pegar as ferramentas.

Amy-Beth e Lucy caminharam mais do que pretendiam, tão ocupadas estavam com os próprios pensamentos. Sem notar, chegaram aos limites da vila mais próxima e, antes de voltarem, foram até uma lojinha para comprar salgadinhos, revistas e balas de leite. – As balas de leite vão nos sustentar no caminho de casa – elas riram juntas e começaram a voltar.

Quando elas viraram a esquina para começar o longo trecho da estrada, viram que Jim ainda trabalhava no jardim. Ele estava de mangas arregaçadas, sem a jaqueta, e fazia os trabalhos mais simples, como recolher os galhos mortos, limpar as folhas, e colocar o entulho em sacos grandes que a tia Patsy devia ter dado a ele.

– Olá, meninas – ele sorriu ao avistar as irmãs. Elas retribuíram o sorriso, sentindo-se ridículas por terem pensado tão mau dele mais cedo naquele dia.

– Olá – respondeu Lucy, andando na direção de onde ele trabalhava. – Você está fazendo um bom trabalho aí – ela disse. – Parece que essa parte do jardim está abandonada há muitos anos.

Jim parou e se apoiou na enxada, enxugando o suor da testa. – Tem razão, Lucy, se não me engano? – Ela acenou com a cabeça, confirmando. – Começo a cavar logo. Preciso revolver a terra antes de escurecer. Melhor não desperdiçar a claridade do sol, não é mesmo?

– Não gostaria de balas de leite? – perguntou Amy-Beth, tentando se redimir por ter sido tão rude antes.

– Obrigado, mas não vou querer. Uma bebida gelada seria ótimo, se não se incomodam.

– É claro que não nos incomodamos – respondeu Amy-Beth. – Volto em um minuto. Você fique aqui, Lucy.

Lucy concordou acenando com a cabeça, já que não podia falar por causa da grande quantidade de balas de leite que colocou na boca. – Traga um pouco para mim também – ela mal conseguiu dizer. Amy-Beth riu da irmã de boca cheia, fez um sinal positivo com o polegar para cima, e virou em direção à casa. Encheu um grande jarro com suco de frutas frio da geladeira, e colocou em uma bandeja com alguns copos antes de retornar. Jim estava explicando para Lucy a respeito das coisas que retirou do jardim, e também tentava fazê-la compreender a diferença entre as plantas e o mato, ou ervas-daninhas. Amy-Beth sentou-se em um pequeno banco de jardim e convidou os dois para tomarem o suco. Sedento, Jim tomou um copo, e então disse que precisava voltar ao trabalho, e que as meninas eram bem-vindas e podiam ficar e observar o que quisessem.

Amy-Beth e Lucy se acomodaram no banco, curtindo o sol da tarde, escutando o baque da enxada conforme Jim trabalhava a terra, revirando o solo.

– Bati em algo aqui. Não sei o que é, acho que foi uma pedra. Não vai dar para continuar usando a enxada – ele se queixou.

Mais uma vez ele fincou a enxada no chão, jogando todo o peso do corpo em cima, mas de nada adiantou. As garotas também ouviram o som da enxada de metal batendo na pedra, e levantaram para ver o que Jim faria ao se curvar mais perto do chão. Ele começou a raspar todo o cascalho e o solo em volta, tentando limpar a área para, quem sabe, remover a grande pedra para fora.

A área que a pedra cobria, porém, era maior do que ele havia imaginado a princípio e por fim ele teve de se agachar e ficar de joelhos para ver o que precisava ser feito.

– O que é isso? – as meninas ouviram-no dizer.

– O que está errado? – perguntou Lucy, tentando se aproximar para ver o que estava acontecendo. Amy-Beth juntou-se à irmã no gramado perto de Jim.

– O que foi? – ela também queria saber.

O novo jardineiro levantou-se. – Não sei se vocês, meninas, deviam ver isto; talvez seja melhor chamar a tia Patsy primeiro...

Amy-Beth ajoelhou-se e olhou onde Jim tinha escavado o cascalho. Ali, jazia rasa e coberta de lama e limo, a lápide de um túmulo!

Capítulo 8

A Lápide Secreta

– Uma lápide! Veja, Lucy, ele desenterrou a lápide de um túmulo. O nome... Quero ver de quem é! – Amy-Beth ficou agitada com o achado. Desde o princípio ela tinha ficado desesperada para saber a história da casa, e agora estava certa de que a descoberta inesperada que tinham feito revelaria algo que desconheciam.

– Passe esse jarro de suco para mim – ela orientou a irmã, e começou a molhar o material em cima da pedra, esfregando a lama e o limo o máximo que podia.

– Hannah Fotheringham – leu em voz alta assim que limpou o nome no topo da pedra. Depois, removendo a lama um pouco mais embaixo da pedra, conseguiu ler: Sara Fotheringham, filha amada de Hannah; em seguida vinham algumas datas que ela quase não notou.

– Hannah? Sara? A garota do espelho! – disse excitada para Lucy. – Encontramos a sepultura da garota do espelho e da mãe! – gritou quando Lucy, incrédula, ajoelhou-se ao lado para também examinar a pedra. Jim coçava a cabeça.

– A garota do espelho? – indagou a ambas. – Mas, afinal, do que vocês estão falando?

Com um solavanco, Amy-Beth levantou os olhos para Jim. Percebendo que não devia dizer nada que impedisse que ela e Lucy olhassem a pedra (e a tia Patsy com certeza as deteria de algum modo!), ela se levantou e tentou parecer calma e impassível.

– Ora, é apenas uma brincadeira que fazemos às vezes. Nós nos arrumamos e nos olhamos no espelho, fingindo que somos pessoas que viveram na casa séculos atrás. Hannah e Sara são apenas personagens desse jogo, só isso. Não é estranho termos descoberto uma lápide com os nomes delas?

– Sim, acho que é mesmo... – respondeu Jim, totalmente desconfiado. – Olha, vocês duas não façam mais nada. Vou chamar a sua tia Patsy antes de cobrir a pedra novamente. Depois, esperamos o pai de vocês voltar para ver o que deve ser feito. Nem sabemos se aqui era um cemitério particular ou não, não é mesmo?

Quando ele se dirigiu para a casa, Amy-Beth pegou uma forquilha de jardinagem que Jim havia trazido para usar no jardim, e começou a raspar o limo que restara na pedra, tentando freneticamente desvendar um pouco mais da inscrição feita nela.

– Hannah Fotheringham – foi o que leu novamente. – Nasceu em 1801, e morreu em 1851. Em seguida, veja mais embaixo: Sara Fotheringham, filha amada de Hannah, nasceu em 1820, e morreu em 1829...

– Sabe o que isso significa? – ela virou-se para Lucy, agitada. – Sara não matou a mãe, que só foi morrer 22 anos depois!

– Sara se matou por nada! Precisamos avisá-la disso, pois só assim a alma dela poderá descansar. Afinal de contas, ela não matou a própria mãe. Vamos.

Lucy levantou-se e sacudiu o limo da roupa. – Temos que pegar a caixa de música e ir ao estúdio. Precisamos entrar em contato com Sara para colocá-la a par do que descobrimos.

Quando as duas faziam o caminho de volta para casa, toparam com a tia Patsy, Jim e a jovem Sophie. Sophie ainda parecia magoada e chorosa pela

perda do filhote.

Amy-Beth curvou-se para confortá-la.

– Vamos encontrar Docinho, não se preocupe, vamos achá-la. Sophie pareceu esperançosa por um instante.

– Mas onde vão procurá-la? Já olhamos em toda parte. – O rosto da menina entristeceu novamente. – A tia Patsy disse que ela voltaria na hora do almoço, depois na hora do jantar, e ela não foi vista em lugar nenhum.

Amy-Beth deu-lhe um abraço tranquilizador.

– Vamos trazê-la de volta para você, querida, eu prometo.

As duas continuaram a caminho. A tia Patsy chamou-as: – Não vão conosco, meninas? Jim acabou de me contar o que vocês encontraram lá.

– Bem, sim, estaremos de volta em um segundo, tia Patsy, mas precisamos resolver algo em casa antes – respondeu Lucy.

Rapidamente as meninas seguiram até o estúdio, escancarando a porta quando chegaram.

– Onde está a bailarina, Amy-Beth? – perguntou Lucy.

– Deveria estar ali sobre a mesa onde a deixei. Ah! Lá está ela. Pegue-a para mim, Lucy, temos que dar corda rapidamente. Precisamos chegar até a Sara.

Assim que elas deram corda, a caixa de música começou a tocar, e as meninas recolocaram-na sobre a mesa de trabalho. Elas olharam no espelho, ansiosas.

– Por favor, apareça, por favor, Sara, apareça! Dessa vez precisamos realmente falar com você. Por favor!

E, conforme esperavam, as meninas viram a névoa, que antes achavam tão assustadora, aparecer de repente diante delas, girando em torvelinho no espelho, e depois sumir para revelar o rosto jovem de Sara.

– Amy-Beth! Olha! Ela está com a Docinho.

Lucy apontou o espelho.

– Sim, eu sei, eu sei disso, Lucy. Ouça, isso não importa agora. Sara, você pode nos ouvir?

Sara olhou vagamente para as irmãs. – Sim, eu posso ouvir vocês. O que vocês querem? O que é tão urgente?

– Sara – começou Amy-Beth. – Você tem que me escutar com muito cuidado. Vou tentar falar bem devagar e com a maior clareza que eu puder. Há poucos momentos nós estávamos lá fora, na parte do jardim que fica bem na frente da casa, sob o velho carvalho. Sabe onde é, Sara?

A garota acenou com a cabeça confirmando.

– Temos um novo jardineiro, que começou hoje a limpar essa área, que estava quase totalmente coberta de mato. Ele está arrancando os galhos mortos e o matagal para o meu pai. O chão parece intocado há anos. De qualquer forma, você não vai acreditar no que encontramos: a lápide de um túmulo! Sara, uma lápide com o seu próprio nome e o de sua mãe...

Sara não se importou. – E daí? Porque vocês se incomodaram de contar isso para mim? Já sei que estou morta, e sei que minha mãe está morta. Eu a matei, lembram?

– Sim, mas essa é a questão. Escute bem, Sara, você não a matou, não matou sua mãe. Não pode ter feito isso! Ela só morreu em 1851 e você morreu 22 anos antes, em 1829... Conseguir perceber? Ela não morreu aquele dia na cozinha. Ela continuou viva!

– Mas isso é impossível! – a garota protestou. – Eu estava lá, cravei a faca no coração dela, fui eu quem a matou, ele disse que fiz isso. Porque estão fazendo isso comigo, Amy-Beth, porque não deixam as coisas como estão?

– Olha, Sara, talvez você apenas não tenha esperado tempo suficiente para ver se a sua mãe estava realmente morta. Eu acho, Sara, que você deve ter ferido a sua mãe, e talvez o ferimento tenha sido muito grave, mas ela sobreviveu, Sara, ela não morreu. Ouça, eu vi as datas na lápide do túmulo. Ela não morreu!

Sara balançou a cabeça e cobriu as orelhas com as mãos, como se tentasse apagar as palavras de Amy-Beth. – Isso não é verdade, não pode ser.

Então, Lucy também se aproximou do espelho. – Sara, eu também vi a pedra. Você tem que acreditar em nós, estamos falando a verdade. Porque razão mentiríamos?

– Ora, eu queria que você pudesse nos acompanhar lá fora para ver a pedra, Sara. Talvez fosse o único jeito de você acreditar em nós. Mas, espere um minuto. O espelho nunca reproduziu a cena onde você supostamente matou a sua mãe?

– Sim, claro que sim – respondeu Sara. – Várias vezes no decorrer dos anos a cena foi reproduzida para mim, mas só vai até o ponto em que levanto a faca de cozinha e percebo que começa a gritaria.

– Tive que cobrir os meus olhos, então não posso ver nem ouvir nada. Não percebe, Amy-Beth, eu tive que apagar isso. Tentei apagar a voz *dela*, minha mãe chorando. Jamais poderei lidar com o que aconteceu. Como você se sentiria, tendo de observar a si mesma *matando* a sua própria mãe repetidas vezes, infinitamente? É horrível, totalmente insuportável.

– Eu sei – concordou Amy-Beth acenando com a cabeça. – Mas o que estou tentando dizer é que, se você pudesse fazer o esforço, só uma vez, de observar a cena diretamente, você notaria que sua mãe não morreu. Quer

dizer, você não pode trazer essa lembrança? Não podemos fazer isso, ou melhor, não podemos fazer o espelho nos mostrar esta cena em particular?

– Não sei... – Sara balançou a cabeça. – Não acho que seja uma boa ideia, eu não sei mesmo se quero fazer isso!

– Acho que Amy-Beth está certa, Sara. É melhor tentar – disse Lucy. – Sei que deve ser difícil para você, mas olhe quantos anos você passou torturada, sem nunca ter qualquer descanso, e esta pode ser a sua chance. Podemos ajudar você. Por favor, deixe-nos tentar!

– Preciso ir agora – Sara olhou triste e confusa.

– Não vá, não vá, Sara! – suplicou Amy-Beth.

– Fique, por favor, fique, precisamos conversar a respeito disso.

– Não quero mais falar sobre isso – afirmou Sara. – Preciso ir e pensar. Vejo vocês amanhã, vão e venham me ver amanhã. Então conversaremos a respeito novamente.

Assim que a voz de Sara desapareceu, então também o reflexo dela sumiu do espelho. Amy-Beth e Lucy se entreolharam entristecidas.

– Não havia muito mais que pudesse ser dito, Amy-Beth – comentou Lucy.

– Tudo bem, tudo bem. Eu nem mesmo sei se a reprodução da cena vai mostrar o que achamos que vai mostrar, mas temos de tentar o melhor de nós para fazer algo. Vamos encontrar os outros no jardim. Venha, preciso de ar fresco.

Capítulo 9

Sara Enfrenta o Passado

Jim, a tia Patsy e Sophie estavam agachados, os três, com as mãos e joelhos no meio do pequeno jardim. A quantidade de galhos mortos que Jim havia retirado fez uma enorme diferença e, ao escurecer naquela noite, o pequeno grupo na verdade havia escavado outras três lápides de túmulos.

O sr. e a sra. Deloitte estavam enterrados ali, e também Edward, o filho deles.

– Acho que era a família que vivia aqui, e as Fotheringhams trabalhavam para eles – disse Amy-Beth.

A tia Patsy espiou a sobrinha. – Como sabe disso? Como sabe se não vieram de outro lugar?

– Ora, é apenas um palpite – Amy-Beth respondeu. – Talvez você tenha razão, quem sabe se os Deloittes não eram os empregados, não faço a menor ideia. De qualquer forma, vamos entrar para jantar, estou morrendo de fome.

A tia Patsy levantou-se e esfregou o limo das roupas. – Também estou faminta. Acho que tive uma ideia, meninas, porque não pedimos alguma comida pronta? Alguém quer pizza? E você, Jim, não gostaria de ficar para jantar conosco?

Jim olhou para a tia Patsy, e depois reparou a expectativa no rosto das três garotas.

– O que acham, meninas?

Amy-Beth e Lucy tinham então decidido que agora tudo realmente estava certo com o novo jardineiro, então elas concordaram com a tia Patsy que seria agradável ter um convidado extra para o jantar.

Os cinco sentaram em volta da mesa na cozinha aquecida para comer grandes pedaços de pizza, consumir enormes quantidades de suco de frutas, e discutir os acontecimentos do dia.

– Acho que devemos levantar bem cedo amanhã e limpar o resto do entulho – disse a tia Patsy. – Não é justo que as pessoas passem o descanso eterno abandonadas ao léu, com tudo coberto de mato. Talvez possamos plantar novas flores para fazer o jardim de fato parecer agradável novamente.

– Mas que boa ideia! – disse Lucy. – De qualquer modo, gostaria de saber porque os últimos donos deixaram as coisas chegarem a esse ponto.

– Bem, provavelmente os últimos donos nem souberam do tal cemitério, que deve ter existido muito tempo antes, a julgar pelo estado. De qualquer forma, vamos dar o melhor de nós amanhã, para que o local esteja arrumado e com boa aparência quando seus pais voltarem.

No café da manhã do dia seguinte, Sophie estava tristonha.

– Algo errado, queridinha? – perguntou a tia Patsy.

– É a Docinho. – Ela balançou a cabeça, abatida. – Pensei que ela estaria de volta hoje. Acho que ela não gostou de mim. Talvez a culpa seja minha.

– Não seja boba – tranquilizou a tia Patsy. – É claro que ela gostou de você, como alguém poderia não gostar de você? Ela vai voltar para casa, eu prometo que ela vai voltar para casa... – apesar de que agora até a tia Patsy estava começando a duvidar se a cadelinha voltaria mesmo algum dia.

Assim que terminaram o café, as meninas saíram e começaram a lavagem das lápides dos túmulos e a retirada do limo. Jim estava demorando a chegar naquela manhã. Ele prometeu que ajudaria a terminar de revolver o solo, de modo que tudo estivesse pronto para o plantio e para que os túmulos ficassem parecendo exatamente como deviam ter sido antes.

Por volta das 11h, Amy-Beth e Lucy avisaram a tia Patsy que iam buscar alguma bebida quente em casa e voltariam logo. Na verdade, as meninas foram para o estúdio, onde tentariam falar de novo com a Sara. Elas entraram no estúdio e rapidamente deram corda na caixa de música, mais uma vez olhando fixamente para o espelho.

– Sara, por favor venha! Somos nós, estamos de volta, prometemos que voltaríamos hoje de manhã e aqui estamos.

Primeiro veio a névoa, e depois Sara apareceu no espelho.

– Bom-dia – ela disse para as duas irmãs.

– Bom-dia – elas responderam. – Como você está hoje? – perguntou Amy-Beth.

– Como pensam que estou? Perturbada, confusa, amedrontada.

– Eu sei – disse Amy-Beth. – Você deve sentir tudo isso ao mesmo tempo, mas por favor, por favor, eu realmente acho que essa é a sua única chance. Por que não tenta fazer o espelho mostrar a cena? Tente! Por favor...

– Bem, pensei muito e foi difícil, mas decidi que sim, vocês provavelmente estão certas, eu devo mesmo fazer isso. Então, lá vai...

Sara sentou-se e colocou as mãos calmamente no colo, fechou os olhos e debruçou a cabeça em concentração profunda. Ela pensou na mãe, no jardineiro horrível, na agradável sra. Deloitte e no marido, e em Edward, que costumava brincar com ela e a deixava passear no cavalo dele. Pensou

muito, muito mesmo em todas as coisas que deliberadamente bloqueara da mente há séculos.

– Por favor – ela murmurou. – Por favor, por favor, deixe-me ver o que aconteceu naquele dia, por favor.

E não mais que de repente, lá estava ela! Do outro lado do espelho, a mesma garotinha parou, apertando um buquê de flores de verão. Ela estava fora da casa, curtindo o que parecia ser um belo dia ensolarado e, embora tivesse passado a maior parte da manhã na cozinha ajudando a mãe, agora estava decidida a aproveitar a claridade do sol. Havia colhido as flores para a mãe e as estava levando para ela na cozinha.

Ao seguir para lá, Sara parou no saguão, ao ouvir vozes exaltadas que vinham do local onde ela sabia que a mãe estava. Começou a caminhar mais depressa, alarmada pela possibilidade de ela estar correndo perigo ou de estar metida em alguma encrenca.

Quando se aproximou, notou a voz *dele*, o jardineiro, de quem jamais gostou, aquele que insistia em tirar a mãe do sério, e que reclamava da filha mimada e malcriada. Ela não era mesmo nem mimada e nem malcriada, adorava a mãe, sabia que aquele homem era malvado, e não suportava ficar perto dele. O tom de voz dele foi subindo, o que estaria dizendo? Esforçou-se para compreender o que ele falava.

– Você tem que escolher, Hannah – ela o ouviu gritar alto.– Você tem que decidir: ou eu ou ela. Ela é muito mimada, não consegue ver isso? Não me peça para tolerar essa menina. De qualquer forma, o meu salário não é suficiente para sustentar três pessoas da maneira como você foi acostumada.

Sara congelou. Ele estava tentando afastar a mãe dela, tentando separá-las! Não! Não... A voz dele ecoava na cabeça dela. Precisava falar com a mãe e pedir para que não o escutasse!

A voz da mãe foi a próxima a ser ouvida, zangada, também. – Olha, Dick, eu já lhe disse centenas de vezes: acabou. Não quero mais nada com você. Escolhi a Sara e não você, aliás nunca houve escolha nenhuma, verdade seja dita. Eu nunca amei você, eu odeio você, quero você fora da minha vida, e fora da vida da minha filha. Por favor, deixe-me em paz, ou serei obrigada a contar para a sra. Deloitte que você me persegue.

– Ora, então é assim, não é mesmo? – berrou Dick com toda força.

– Não deixo você um minuto em paz? Essa é boa! É você quem está vindo atrás de mim... Isso é óbvio para todo mundo! E o dia que você pediu carona para fazer compras na vila, hein? O que diz, então?

– Dick, eu precisei fazer compras, e não conseguia carregar tudo sozinha. Se soubesse que você não tinha entendido nada, não pediria, acredite em mim. Aliás, você não me deixa esquecer isso! Jamais vou pedir outro favor a você enquanto eu viver. Agora, por favor, vá embora da minha cozinha, preciso fazer o meu trabalho.

– Mas não é a sua cozinha, não é mesmo? É dela, da madame do andar de cima.

– Dick, por favor, não fale assim a respeito da sra. Deloitte. Ela tem sido muito boa para nós.

– Qual é! Ela pode ter sido boa para você, e para essa sua filha chata e mal-educada, mas não dá a mínima para gente como eu.

Em seguida, num tom de voz macio, ele começou a implorar. – Hannah, por favor, por favor, mude de ideia. Não vou suportar viver sem você. Eu amo você, adoro você, por favor case comigo, venha embora comigo, vamos ser muito felizes juntos.

Nessa hora, Sara empurrou a porta apenas o suficiente para reparar a mãe e Dick em pé no final da cozinha. Ele agarrava firmemente a mãe

agitada pelos braços, o tempo todo, como se quisesse obrigá-la a compreender que a opinião dele era sensata.

– Solte-me, Dick. Solte meus braços, agora. Você está me machucando. Não vê que está me machucando?

Foi nesse ponto que Sara invadiu o local, gritando e batendo com os punhos. – Solte a minha mãe, deixe-a em paz, você a está machucando. Não ouviu o que ela disse?

– Sim, eu a estou machucando, não é mesmo, porque ela me machucou, e eu vou machucá-la ainda mais se ela não fizer o que eu quero. Então, deixe-nos em paz, criança chata e mal-educada, isso não tem nada a ver com você. Eu resolvo isso.

Sara voou para cima dele, então. – Não vou falar de novo, deixe a minha mãe em paz. – E começou a esmurrar as costas do homem com seus pequenos punhos o mais forte que podia, sempre com mais força. Mas ela era insignificante e ele era um homenzarrão, então os socos da menina não faziam efeito nenhum sobre ele, que continuou segurando Hannah, com as mãos presas atrás das costas.

– Diga para essa criança chata e mal-educada ir embora, fale para ela sair da cozinha antes que eu faça algo de que vamos todos nos arrepender!

Hannah, sem conseguir soltar os pulsos do aperto, em vez disso soltou a perna e aplicou o chute mais forte que podia na panturrilha de Dick.

– Ai – ele berrou e, mais zangado que nunca, soltou os pulsos da mulher e a esbofeteou com força no rosto. Quando Hannah levantou a cabeça depois do golpe, Sara pôde ver um filete de sangue escorrendo ao lado da boca da mãe. Isso era mais que ela podia suportar.

Ela começou a bater nele, e chutá-lo e socá-lo, gritando o tempo todo para ele sair e deixar a mãe em paz. A mãe tentou tranquilizá-la dizendo

que estava tudo bem, mas dessa vez Sara estava em completo furor e arremeteu contra a mesa da cozinha em busca de algo para atacar aquele monstro.

A primeira coisa que lhe caiu nas mãos foi, é claro, uma faca, a maior faca que havia na cozinha.

Ela correu para cima de Dick, quase cega de pânico e medo e, assim que ficou dentro da distância de ataque, parece que ele sentiu tanto ela como o perigo atrás dele e saltou fora do caminho. A faca foi cravada diretamente na mãe.

Dick, quase triunfante, berrou: – Você a matou! Olha o que você fez. Eu sempre soube que você era má, você matou sua própria mãe... Eu sabia que você era muito má! Olha o que você fez. Olha o sangue escorrendo dela... Como você se sente sendo uma assassina?

Sara quase desfaleceu com o choque daquilo que acabara de acontecer, e começou a recuar, tentando se afastar do corpo o quanto pôde, até não poder mais quando sentiu as costas pressionadas com firmeza contra a parede. Dick, zombando agora, tripudiou novamente.

– Você a matou! Está feliz agora, mocinha? Você matou a única pessoa que um dia gostou de você... E ainda dizia que a amava! Por que fez isso?

Sara não aguentava mais. Ainda segurando a faca, virou o cabo contra si e cravou a lâmina diretamente no próprio coração, morrendo imediatamente.

Assim que a garota caiu no chão, outras duas pessoas chegaram na cozinha. O jovem sr. Edward e seu cavaliariço pararam na entrada, tendo ouvido o tumulto do lado de fora.

Edward correu para onde a pequena Sara jazia e amparou o corpo desvanecido. Ele nem percebeu que suas próprias roupas ficaram

encharcadas com o sangue da garota quando a abraçou fortemente.

– Sara! Oh, Sara... O que será de você? – lamentou. Tentou sentir o pulso no pescoço dela, mas nada encontrou. Relutando recolocá-la no chão, embalou-a contra si algum tempo, e depois a carregou com delicadeza da cozinha para a sala de estar onde a colocou delicadamente sobre um sofá.

Ao voltar à cozinha, e percebendo que Hannah ainda vivia, embora respirasse muito fracamente, mandou seu jovem cavaleiro buscar o médico da vila.

O terrível jardineiro permanecia de pé num canto, observando a cena, quase satisfeito consigo mesmo! Era difícil acreditar que supostamente amasse a mulher deitada sobre as placas de pedra diante dele.

– Cai fora – disse Edward cerrando os dentes. – Caia fora daqui, e nunca mais me deixe pôr os olhos em você novamente, se sabe o que é melhor para você.

Dick se retirou, depois de experimentar da ira do sr. Edward, e decidir que provavelmente o melhor a fazer seria dar o fora antes que a lei fosse envolvida no caso. Ele preferia que a polícia não tomasse conhecimento do passado dele!

Edward carregou Hannah para o quarto da própria mãe e aguardou o médico chegar. Quando este chegou, pouco tempo depois, deu uma rápida olhada em Sara, mas só para confirmar o que Edward já sabia.

– Receio que ela esteja morta, meu rapaz, não podemos fazer nada.

Edward se dirigiu ao quarto da mãe, e rapidamente enxugou uma lágrima antes que o médico reparasse.

– Só não entendo o que aconteceu. Ela era uma coisinha linda, doce, gentil, delicada. Não sei o que houve na cozinha antes de chegar lá. – Os

dois continuaram a subir a escada e Edward seguiu rumo ao quarto, para que o médico pudesse atender Hannah.

Embora a mulher tivesse perdido muito sangue, o médico conseguiu cuidar dela. O ferimento era bem superficial e não entrou suficientemente fundo para causar qualquer dano real.

Uma semana depois, Hannah Fotheringham ainda se recuperava na cama, e a sra. Deloitte e Edward conversaram com ela enquanto ela tentava tomar o café da manhã. Embora ferida na hora, e à beira de perder a consciência, ela viu o que aconteceu, e sabia que a filha havia cravado a faca no próprio corpo. Seus olhos se encheram de lágrimas.

– Não posso acreditar que Sara tenha feito uma coisa dessas porque me feriu! Não posso acreditar que tirou a própria vida... Ela era a minha vida. Eu a adorava completamente. O que será de mim sem ela? – e, enterrou a cabeça nas mãos e soluçou.

A sra. Deloitte deu um abraço consolador na mãe em prantos.

– Eu sei, minha querida, e eu sei que você jamais esquecerá de Sara, ou da horrível maneira como ela morreu. Vamos enterrá-la no pequeno cemitério da família no jardim, para que ela esteja sempre por perto. Você pode plantar as flores que quiser, vamos mantê-las sempre lindas para você, e pela memória de Sara, pois ela era uma bela criança. Sei que é um pequeno consolo, mas pelo menos você a sentirá sempre por perto.

Capítulo 10

Um Milhão de Cacos

Ao voltar lentamente ao presente, Amy-Beth notou que seus olhos estavam úmidos. Ela os esfregou rapidamente antes que Sara pudesse ver, e se aproximou do espelho. A cena agora havia desaparecido totalmente e Sara continuava sentada, confusa no canto, com a cadelinha lambendo seus dedos, quase como se também sentisse que algo estava errado.

– Sara – disse Amy-Beth com delicadeza –, está tudo bem com você?

Sara tirou os olhos das mãos e virou-se para olhar Amy-Beth. – Não posso acreditar no que vi! Ela não morreu... No final das contas, eu não matei minha mãe, e olhe o que tive que padecer durante todos esses anos, por nada! Ora, eu não sei como devo me sentir: aliviada porque não a matei, triste porque ela me perdeu e teve que passar o resto da vida sem a única filha, zangada porque fui obrigada a passar tanto tempo presa dentro desse espelho, nem viva, nem morta... – Ela mal terminou esta última frase e explodiu em lágrimas, em fortes soluços cortantes que estremeciam seu corpo inteiro.

Assim como fizera antes, Lucy também deu um passo em direção ao espelho, como se tentasse alcançar a garota para confortá-la de algum jeito.

– Pobre Sara, pobrezinha! – ela murmurou. – Você deve ter sofrido tanto...

Amy-Beth sentou-se na grande poltrona defronte ao espelho. Ela segurava a caixinha de música na mão, e brincava distraidamente enquanto esperava Sara se acalmar. Por fim, ela decidiu que era tempo de falar.

– Sara, eu sei que está desesperadamente perturbada a respeito de tudo isso, mas é preciso olhar o lado positivo das coisas. Tudo isso significa que você está livre. Não sei se percebeu, mas você não tem mais que passar nenhum instante presa dentro dessa, dessa trama do tempo. Você pode ir embora já, hoje, para ficar com a sua mãe, tomar o seu lugar ao lado ela, onde você deveria estar há anos.

Sara olhou para ambas as irmãs e engoliu em seco. – Vocês têm razão, eu sei disso, só não sei se tenho coragem, até já me acostumei a ficar aqui. E afinal, como posso escapar do espelho? Sei que a minha mente está livre, já que agora eu sei a verdade, mas a minha alma ainda está presa nessa horrível teia, e não sei como me desvencilhar dela!

– Acho que sei como – disse Amy-Beth olhando primeiro para Lucy e depois para o espelho. – Mas eu vou ficar em maus lençóis com a mamãe e o papai por causa do que acho que tenho que fazer. Só Deus sabe se eles vão acreditar em uma só palavra dessa história!

Continuando em pé e voltando um pouco para trás do espelho, agarrou a mão de Lucy, puxando-a para trás com ela.

– Adeus, Sara – ela cochichou, acenando para Lucy fazer o mesmo, e ambas se despediram da amiga.

Erguendo a caixa de música no ar, Amy-Beth atirou-a com tudo direto no centro do espelho. Atingiu-o com tanta força que conseguiu exatamente o efeito desejado. Ela o estilhaçou em um milhão de cacos, em incontáveis pedaços de vidro que se espalharam pelo estúdio em todas as direções. As meninas cobriram os olhos e tentaram se proteger dos minúsculos e afiados cacos que agora entulhavam a sala.

Quando destaparam os olhos, não havia sobrado nada do espelho, exceto a borda dourada. Lucy ouviu um latido fraco e, curvando-se atrás da

mesa de trabalho, encontrou Docinho!

– Ora, vamos querida, está tudo bem com você? Oh! Veja, Amy-Beth, ela cortou a patinha no meio de todo esse vidro. Lucy pegou um pano do bolso e enrolou-o firmemente na pata da cadelinha. – Está tudo bem, não é profundo, acho que ela vai sobreviver!

– Bem – suspirou Amy-Beth –, acho que funcionou. Não acha que a libertamos?

– Acho sim! – respondeu Lucy. – Tenho certeza absoluta de que agora ela foi para o lugar do descanso final, você finalmente lhe deu a paz.

– Não somente eu – disse Amy-Beth. – Você também ajudou, como você sabe. De qualquer forma, vamos lá fora encontrar Sophie. Ela vai voltar a ser uma garota feliz quando perceber o que você está carregando.

Quando as meninas surgiram de volta no portão da casa, elas viram o carro dos pais estacionado na entrada, depois de regressarem do fim de semana fora. Eles estavam falando com a tia Patsy, Sophie e Jim, sem dúvida conversando sobre a parte do jardim recentemente limpa. Amy-Beth e Lucy caminharam em direção a eles, vendo como os olhos de Sophie ficaram arregalados de emoção quando ela notou Docinho. Ela correu em direção à cadelinha, quase trombando com o pai no meio do caminho, de tanta pressa.

– Oi, mãe! Oi, pai! – disseram as meninas – aproveitaram o passeio?

– Sim, querida, fizemos um passeio adorável – respondeu a mãe, e o pai sorriu ao lado dela.

Quando Sophie pegou a cadelinha dos braços de Lucy, a mãe percebeu a pata enfaixada. – E então, o que houve com ela? – perguntou.

Amy-Beth e Lucy seguraram um braço de cada lado da mãe e assim começaram a caminhada de volta para casa.

– Bem, mãe – disse Amy-Beth –, receio que seja uma longa história...

HORA DO
ESPANTO

HORA DO ESPANTO

GAROTO POBRE



EDGAR J. HYDE

GAROTO POBRE

Edgar J. Hyde



Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

H993g

Hyde, Edgar J.

O garoto pobre[recurso eletrônico] / Edgar J. Hyde; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.

ePUB; 1.3 MB.-(Hora do espanto)

ISBN: 978-65-5500-705-3(Ebook)

1. Literatura juvenil. 2. Ficção. 3. Terror. I. Antunha, Silvio. II. Título. III. Série.

2021-856

CDD 028.5

CDU82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

2. Literatura juvenil 82-93

© 2009 Robin K. Smith

Esta edição de *Hora do Espanto* foi publicada
em acordo com Books Noir Ltd.

Título original: *Beggar boy*

© 2012 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução: Silvio Antunha

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Livro digital: Lucas Camargo e Gabriela Fazoli

Súmario

O garoto pobre

Um Garoto Novo na Cidade

Os Dixons

O Major Jackson

Um Menino Pobre de Verdade

Uma Descoberta

Uma Oferta de Ajuda

Doce Vingança

Um Segredo

O Chamado do Garoto Pobre

Tommy Trama a Vingança

Uma Briga na Venda

A Venda Fechada

Escapei por Pouco

Quem Seria Ele?

Uma Revelação

Capítulo 1

Um Garoto Novo na Cidade

Lancei no tabuleiro os dados que estavam na minha mão. Essa não, um quatro e um seis! contei dez espaços em volta do tabuleiro. Fui parar na rua mais cara, e nela havia um hotel! contei os espaços novamente, mas continuava parado lá.

– Pode contar quantas vezes quiser, Tommy, mas você está na minha propriedade. Vamos ver agora, com um hotel, vai ficar uma fortuna! – ela comemorou com prazer.

Um rápido olhar em volta do tabuleiro do Banco Imobiliário e para a pilha de dinheiro da minha mãe confirmou o que eu temia: eu havia perdido para ela novamente.

Olhei para a minha magra pilha de dinheiro e disse: – Esse aí sou eu, estou zerado.

– Ganhei! – gritou a mamãe, enquanto batia palmas acima da cabeça para comemorar a vitória.

Eu podia ser um mau perdedor, mas ela era uma ganhadora pior ainda.

– O que vai fazer agora, Tommy? – ela perguntou. – Está um lindo dia lá fora. Por que não sai para brincar? – ela acrescentou.

– É que estou bem aqui – expliquei com um sorriso tímido.

Mamãe franziu a testa e disse: – Olhe, Tommy, garotos com 13 anos de idade não devem ficar dentro de casa fazendo companhia para a mãe num belo dia como o de hoje.

– Eu sei – repliquei. – É que... – não consegui encontrar as palavras para concluir a resposta.

Ela colocou o braço em volta do meu ombro e disse calmamente: – Você ainda continua com dificuldade para fazer amigos por aqui?

Acenei com a cabeça, constrangido pelo meu fracasso em fazer novos amigos. Eu tentava, mas por aqui não era nada fácil. As crianças (e até os pais) me chamavam de “pobretão”.

Tínhamos nos mudado para a parte mais rica da cidade alguns meses antes, logo depois que minha irmã, Emma, nasceu.

Nosso pai nos deixou antes do nascimento dela, e não entrara em contato desde então. Eu sempre me perguntava como ele podia ter sido tão cruel para nos tratar desse jeito. Minha mãe explicava que estávamos “melhor sem ele”.

Meu pai deixou a mamãe com muitos problemas financeiros. Ela não conseguia continuar pagando o aluguel e nem trabalhar, porque precisava cuidar de Emma. Por fim, tivemos que nos mudar e fomos parar em um albergue, o que foi horrível. A acomodação do albergue era minúscula e fedorenta. Minha mãe não conseguia dormir à noite com medo de ser roubada, e os outros ocupantes do albergue nos assustavam.

Mas nossa sorte mudou e terminamos aqui na parte próspera da cidade. Fomos morar no apartamento do porão da imensa casa da senhora Benson, na Rua Montague. Meu avô era o caseiro da senhora Benson e eles se davam muito bem. Ele faleceu há alguns anos, mas, por acaso, a senhora Benson ficou sabendo da nossa situação e nos ofereceu o apartamento.

A mamãe não podia recusar uma chance dessas. Em troca de ficar no apartamento, ela limpava a casa da senhora Benson. A casa tem três andares, mais o apartamento. Isso significa muita coisa para limpar, mas é

bom para a minha mãe, pois ela pode levar a Emma junto com ela conforme cumpre suas obrigações. Então, embora tenhamos um lugar para ficar, ainda assim temos muito pouco dinheiro. A senhora Benson paga bem pouco, já que desconta o aluguel do salário da mamãe. É aí que os meus problemas começam.

O lugar onde agora estamos é muito rico. Todos têm casas imensas e carrões luxuosos. As crianças só andam com sapatos e roupas da última moda. Seus pais as levam ao clube de tênis ou à academia de ginástica. Só andam de bicicleta nas mais modernas *mountain bikes* e todas parecem ter os mais caros patins que o dinheiro pode comprar. Aposto que todas elas também têm computadores e videogames. Francamente, elas me fazem sentir mal. Mas devo admitir que sinto inveja.

Tentei ser amigável assim que cheguei, mas eles simplesmente me ignoraram. A minha mãe me explicou que isso era absolutamente normal e que com o tempo as coisas melhorariam. Semanas, e depois meses se passaram e a minha situação só foi piorando, não melhorava nunca. O que havia de errado comigo? Eu andava limpo, não cheirava mal e não procurava encrenca.

Então, um dia descobri o que estava errado. Era tudo por causa do dinheiro. Eles tinham, e eu não. Aos olhos deles isso me tornava inferior. O que eu podia fazer?

Como eu só tinha sapatos e calças jeans velhas e puídas, eles riam de mim. Então, um dia, James Dixon, que morava do outro lado da rua, disse que a mãe dele reclamava que eu me vestia como um mendigo. Por isso eles riam de mim, e passaram a caçoar: pobretão, pobretão! Agora, toda vez que me viam, eu os escutava caçoando: pobretão.

Isso me deixava louco!

– Tommy – minha mãe chamou da cozinha. – Você pode ir até a venda buscar leite para mim, por favor?

– Sim – eu respondi resmungando.

A última coisa que eu queria fazer era sair na rua e me arriscar a ser ridicularizado por aqueles ricos idiotas novamente. Eles pareciam estar sempre rondando sem nada melhor para fazer do que zombar de mim. Os pais deles eram tão maus quanto eles. Apesar de não dizerem nada diretamente na minha cara, eu podia notar pelo jeito como me olhavam que eles achavam detestável a minha presença na rua deles.

– Tome esse dinheiro para comprar algo para você – disse minha mãe.

Isso me deixou um pouco mais animado enquanto saía do apartamento rumo à venda. Pelo menos não éramos tão pobres a ponto de não podermos nos presentear de vez em quando.

Capítulo 2

Os Dixons

– Não vou demorar! – avisei minha mãe. Fechei a porta e segui meu caminho, subindo os degraus até chegar à rua.

O apartamento fica abaixo do nível do jardim. Em volta, há uma passagem larga, e lá dentro não é tão ruim quanto se poderia imaginar. Uma série de degraus leva à rua. Assim que me aproximei do topo dos degraus, parei e dei uma olhada para ver se havia alguém na rua. Fiquei aliviado quando percebi que a barra estava limpa.

Caminhando rapidamente, virei a esquina da rua onde ficava o comércio. Era um dia ensolarado e eu estava quase gostando do passeio. Os jardins estavam floridos e os pássaros cantavam nas árvores. Talvez aqui não fosse tão ruim, afinal de contas. Com certeza era muito melhor que o lugar de onde viemos, embora às vezes eu imaginasse se não teria sido mais feliz por lá. Pelo menos lá as pessoas tinham pouca coisa para ostentar em termos da própria riqueza.

Tudo parecia correr bem até então, sem nenhum dos meus inimigos à vista. A venda onde normalmente eu comprava leite, alimentos e jornais foi surgindo bem à frente. Do lado de fora havia caixas de frutas e legumes que ficavam à mostra, algo de que o comerciante se orgulhava muito.

Entrei na venda para pegar o leite e um chocolate. O robusto comerciante de óculos me observava atentamente conforme eu andava pela venda. Era outra pessoa da região que não tinha tempo para mim.

– Diga, o que você quer, garoto? – ele disse em um tom de voz autoritário.

Era como se ele tivesse me julgado pela minha aparência desde a primeira vez em que entrei na venda. Naquele dia ele deve ter decidido que eu tinha o aspecto de um ladrão e desde então ele me classificava assim, sem nenhum motivo. Embora eu soubesse que não parecia tão elegante quanto as outras crianças daquele lugar, isso não dava a ele o direito de automaticamente me classificar como um marginal!

O comerciante continuou: – Se veio aqui apenas para xeretar, então vá embora. Só quero no meu comércio pessoas que pretendam comprar mercadorias!

Mas que atrevido!

– Na verdade, eu quero leite – afirmei.

– Está bem ali, no canto – ele respondeu.

Andei até lá, peguei o leite e depois fui para onde as barras de chocolate ficavam. Como de costume, diante de uma escolha difícil, eu não conseguia decidir qual compraria. Porém, agradava-me o fato de que quanto mais tempo eu demorava ali, mais ele se incomodava.

– Venha cá, você já pegou o leite – disse o comerciante tentando me mandar embora. Eu peguei a barra de chocolate mais próxima e fui pagar a conta. O comerciante não disse sequer “obrigado”.

Quando saía da venda, achei que devia incomodá-lo um pouco mais. Se ele continuasse a ser rude comigo, então eu seria obrigado a incomodá-lo com minhas pequenas observações.

– Agradeço muito pela cortesia e pelo serviço amigável. Voltarei em breve! – eu disse com um grande sorriso no rosto. Ele fez uma careta e eu rapidamente caí fora da venda.

Foi um desastre! Dei de cara com Rob Dixon e seu irmão Paul. Eles eram quase da mesma idade que eu, mas Rob era mais alto e Paul era mais forte. Eu sabia por experiências passadas que se uma briga estourasse, eles seriam os vencedores. Os irmãos eram o que as pessoas chamariam de “gente fina”. Eu achava que eles eram apenas chatos. Ambos vestiam roupas modernas e sapatos brancos brilhantes.

O cabelo era penteado para trás, com gel, o que os fazia parecerem mais velhos, e James tinha um brinco de diamante. Por um tempo, eles me olharam de cima a baixo como se eu não tivesse o direito de respirar o mesmo ar que eles.

Rob me empurrou com força no peito com ambas as mãos. Depois, esfregou as mãos nas calças, para mostrar que ao me tocar, sujava-se.

– Tem roubado muito, pobretão? – disse Rob.

– É o que se espera de gente da sua laia – acrescentou o irmão dele.

Não respondi à provocação.

– Qual é a sua? Burro demais até para falar? – continuou Rob.

Paul então partiu para cima de mim: – Olha só o estado dele! Esse tipo não devia ter autorização para viver aqui!

– Costumávamos nos vestir como você até o nosso pai conseguir um emprego! – ridicularizou Paul.

– Ah, é claro, você não tem pai, não é mesmo, pobretão? – acrescentou Rob, enquanto ambos riam.

Em pânico, tentei passar correndo por eles. Quando fiz isso, Rob bateu na mão em que eu levava o leite. A caixa voou no ar e estourou no meio da rua. Os Dixons riram da maldade que fizeram.

– Era para a minha mãe! – eu gritei.

Paul zombou e disse: – Vão passar fome de novo, pobretão?

Então, o comerciante apareceu na soleira da porta.

– O que estão aprontando, garotos? – ele perguntou.

– Ele deixou cair o leite. É um cara muito desastrado – disse Paul.

– Ele pagou por isso, não é? – observou Rob em tom de falsa preocupação ao comerciante.

O comerciante concordou e me perguntou: – Vai querer a reposição?

– Não! – repliquei balançando a cabeça. – Tenho que pegar mais dinheiro com a minha mãe.

Um sorriso maroto surgiu na face do comerciante quando ele disse: – Isso é muito justo. Não dou crédito a gente como você!

Corri pela rua, furioso com esse comentário. Por que todos eles eram tão maldosos comigo?

Capítulo 3

O Major Jackson

Quando alcancei a Rua Montague, diminuí a marcha e voltei a caminhar. Ao me acalmar depois da humilhação nas mãos dos Dixons, tentei me convencer de que as coisas não estavam tão ruins quanto pareciam. O meu pensamento positivo foi cortado por uma parada brusca.

Pulei de susto quando uma voz gritou: – O que tem feito de bom?

Era o major Jackson, que vivia nas redondezas. Ele era um oficial aposentado do exército e sua fama na região era de ser muito respeitável, mas também muito bravo. Como não podia deixar de ser, em se tratando de um ex-militar, ele tinha o tipo de voz que faz você pular de susto quando fala.

Ele permanecia em pé, 1,80 metro de altura, com postura bem correta, olhando de cima para mim. Era como se eu estivesse de prontidão e ele me inspecionasse. Imaginei que seus subordinados deviam morrer de medo dele.

– Eu? – perguntei surpreso.

– Não seja insolente garoto! Por que estava correndo? – ele me questionou.

Para mim bastava e eu berrei:

– Eu só estava correndo e agora estou andando! Isso é crime por aqui?

Eu olhava diretamente nos olhos do major quando disse isso, mas ele me encarou de volta com um olhar muito ameaçador. Desviei os meus olhos

dos dele e, em vez disso, coloquei o foco em seus sapatos extremamente engraxados e polidos.

O major parecia muito zangado com a minha atitude e gritou:

– Não levante a voz para mim, garoto!

– Sinto muito – repliquei imediatamente tentando acalmar a situação. Talvez aquele velho major achasse que ainda era certo dar sopapos na cabeça de garotos como eu sem razão nenhuma.

O major continuou: – Não sei o que este lugar vai se tornar com gente como você correndo desembestado por aí. Não admira que a taxa de criminalidade esteja alta!

Permaneci ali assustado demais para me mexer por algum tempo.

– Dê o fora e não se meta em confusão! – ordenou o major. Com a cabeça abaixada, caminhei lentamente para o apartamento. Aquilo simplesmente não estava certo: por que ele foi me provocar?

A porta rangeu quando a empurrei para abrir. Minha mãe surgiu diante de mim.

– Onde está o leite? – ela perguntou.

Engoli em seco e disse: – É que eu... deixei cair...

Minha mãe soltou um suspiro e disse: – Mas que ótimo!

Depois, ela olhou para as minhas mãos e exclamou: – Mas você não deixou de pegar o seu chocolate!

Acenei com a cabeça, embaraçado, e ofereci: – Vou voltar para buscar outro.

– Sim, realmente precisamos do leite, Tommy. Aqui está o dinheiro. Vá buscá-lo – ela disse.

Meu coração sabia que eu tinha desapontado minha mãe, mas minha cabeça dizia que eu realmente não queria enfrentar aquelas pessoas que

tinham sido tão terríveis comigo. Ela parecia sentir que alguma coisa não ia bem.

– Você tem algum problema em ir até essa venda? – ela perguntou.

– Mais ou menos... – repliquei encabulado.

– É o comerciante. Na verdade ele não me olha nos olhos, se entende o que eu quero dizer.

Minha mãe olhou preocupada e disse: – Você não andou criando confusão por lá, não é mesmo?

Deixei escapar um suspiro profundo. Como de costume, devia ser culpa minha! Ela entendeu o recado de que me aborreci com a observação dela e se lamentou:

– Desculpe.

– O comerciante acha que só vou à venda dele para roubar coisas – eu disse.

A minha mãe retrucou: – Ora, não seja bobo, Tommy! Por que você tem essa impressão?

– É a maneira como ele olha para mim e como fala comigo – expliquei.

Ela tentou me consolar e disse: – Bem, se ele fizer isso novamente, é melhor você me contar, pois ele vai se ver comigo.

Colocando o braço em volta do meu ombro e me dando um abraço, ela acrescentou: – E você trate de ser o mais educado possível.

Capítulo 4

Um Menino Pobre de Verdade

Mais uma vez, antes de me aventurar pelas ruas verifiquei se a barra estava limpa. Ótimo! Nenhum sinal dos Dixon e nem do velho major bravo. Talvez agora eu conseguisse executar a tarefa simples de ir até a venda buscar leite sem voltar para casa de mãos vazias, e sem deflagrar a III Guerra Mundial durante o trajeto.

Assim que coloquei o pé na rua, um repentino calafrio me percorreu a espinha. Estremeci por um momento e depois olhei pela rua afora.

Havia um garoto da minha idade. Na verdade, havia um garoto realmente maltrapilho. Por um momento, o fato de eu pensar que existia um garoto pobre de verdade me distraiu.

“Se os outros pudessem olhar para ele, talvez não fossem tão duros comigo” – pensei comigo mesmo. Sabia que estava errado, mas o pensamento passou rapidamente pela minha cabeça:

“Mas o que gente desse tipo faz por aqui?”

O garoto parecia imundo. O cabelo ruivo dele estava muito curto e o corte era tão mal feito que ele próprio devia tê-lo cortado.

Seria um sem-teto?

Vestido com um velho colete esfarrapado e calças jeans surradas e rasgadas, ele compunha uma figura patética. Nos pés, calçava grandes botas desgastadas, que há muito tinham visto seus melhores dias. E exibia aquela expressão ferida de alguém que tinha passado por maus bocados na vida.

Estava encostado no muro olhando diretamente para mim. Caminhei pela rua evitando encará-lo. Quando estava quase virando a esquina, olhei para trás pela segunda vez.

Ele tinha sumido!

Para onde havia ido?

Não havia sinal dele na rua, então, ele devia ter saído por um jardim ou algo parecido. Dei de ombros e segui meu caminho, intrigado com a aparência daquele estranho e pela maneira como ele se comportara.

Então, com o canto do olho, eu o vi atravessar a rua na minha frente. Foi de arrepiar!

Como ele tinha conseguido chegar lá sem passar por mim?

Outro calafrio me percorreu a espinha quando nossos olhares se encontraram na rua.

Por que ele estava me encarando?

Será que pretendia me roubar ou me atacar?

Nessa hora eu fiquei assustado e, bem depressa, segui o caminho para a venda.

– Ah, voltou novamente! – disse o comerciante. – Espero que você seja mais cuidadoso dessa vez.

– Mas foram os outros garotos que bateram na minha mão – afirmei.

O comerciante balançou a cabeça e disse:

– Não há necessidade de colocar a culpa por ser desastrado em outras pessoas.

– Não é mentira, foi culpa deles! – contestei.

O comerciante olhou para mim com cara feia e disse: – Conheço os Dixons há anos, e eles são bons garotos. Acha que vou acreditar na sua versão dos fatos? – ele perguntou, incrédulo.

Percebi que estava perdendo tempo com aquele cara. Ele jamais aceitaria a minha palavra contra a deles. Com a cabeça baixa, paguei o leite e saí da venda.

Ainda olhando para baixo, para os meus pés, senti a repentina presença de alguém na minha frente. Olhei para cima, pisquei, e recebi o maior susto da minha vida. O garoto pobre estava bem na minha frente!

Olhamos fixamente um para o outro por um tempo. Aquilo era muito desagradável para mim, então, tive que quebrar o silêncio entre nós.

– O que você quer? Não tenho dinheiro – eu disse.

O garoto olhou firme para mim e respondeu: – Não tenha medo, Tommy.

Aquilo foi realmente assustador. Como ele poderia saber o meu nome?

Eu nunca tinha visto aquele garoto antes. De perto, o rosto dele estava imundo e os dentes eram amarelados e podres. As mãos estavam encardidas e tinham grossas linhas pretas de sujeira embaixo das unhas. As roupas pareciam que não eram lavadas há meses, e se fossem lavadas, provavelmente rasgariam.

Perguntei ao garoto: – Como você sabe o meu nome?

– Isso não importa, Tommy – ele replicou. – As pessoas daqui estão fazendo você passar maus bocados, não é mesmo?

Isso me colocou na defensiva e eu disse: – Não! Estou muito bem por aqui.

O garoto olhou para mim com simpatia e disse: – Sei como você se sente. Já estive nessa situação antes.

– O que você sabe dos meus problemas? – perguntei.

O garoto respondeu: – Eu sei da mágoa, Tommy. Entendo a humilhação. Nossa conversa foi interrompida abruptamente pelo comerciante.

– Com quem você está falando aí? – ele gritou.

Virei-me para responder:

– É apenas um garoto.

– Que garoto? – disse o comerciante.

Ele havia sumido!

Olhei pela rua de cima a baixo para encontrá-lo. Com certeza ele não poderia ter desaparecido tão rapidamente!

– O garoto que estava aqui comigo há um segundo – repliquei. O comerciante começou a se zangar e berrou:

– Filho, não desperdice o meu tempo. Volte já para casa e fale sozinho à vontade!

– Mas eu estava falando com outro garoto agorinha mesmo! – exclamei.

Apontando para a rua, o comerciante bradou: – Fora daqui!

Não era hora para discutir, e eu segui o meu rumo.

Parei e me virei quando ouvi caixas se espatifando no chão. Algumas frutas e legumes do comerciante à mostra na frente da venda tinham caído.

Um sorriso maroto surgiu no meu rosto quando vi laranjas e alfaces espalhadas pela calçada. O comerciante coçava a cabeça imaginando como aquilo havia acontecido.

Será que o garoto teria feito uma travessura e derrubado as caixas? Não dava para acreditar!

Lá estava o garoto pobre novamente. Desta vez ele passava pelo caminho perto da minha casa.

Eu estava quase atravessando a rua para me encontrar com ele, quando escutei uma batida em uma janela. A senhora Benson acenava para me cumprimentar. Depois de acenar de volta e sorrir por um segundo, eu me virei para encontrar e falar com o garoto.

Ele tinha sumido!

Não havia sinal dele na rua. Verifiquei nos jardins, mas também não havia nada. Como ele conseguia ficar invisível tão rapidamente?

Talvez isso fosse apenas evidência de como o moleque conhecia as ruas. Imaginei que a dura vida que ele levava deveria ter aguçado a esperteza dele.

Eu estava contente de voltar para o sossego do meu lar novamente. Pelo menos a minha missão tinha sido cumprida desta vez. O leite havia sido comprado e entregue em casa com segurança.

Minha mãe falou, brincando: – Parabéns, você merece uma medalha de ouro.

– Ora, nada disso – retruquei. – Quero devorar o chocolate que comprei antes.

Carinhosamente, ela afagou minha cabeça e me deu o chocolate.

– Quer um pedaço? – ofereci.

Capítulo 5

Uma Descoberta

Na manhã seguinte, depois do café, mamãe decidiu o que faríamos durante o dia. Ela limparia a grande casa da senhora Benson nos andares de cima até a hora do almoço, e eu recebi a tarefa de limpar um gaveteiro que ficava em nosso corredor. Isso me pareceu justo, pois eu não queria me aventurar na rua naquele dia, com o garoto misterioso rondando à espreita.

– Mãe, você tem visto garotos estranhos rondando por aí ultimamente?
– perguntei reservadamente.

Ela respondeu: – Só um.

– É mesmo? – falei esperançoso.

– Você! – a mamãe riu.

Fiz uma careta e disse: – Não, é sério. Você não viu nenhum estranho por aqui nos últimos dias?

– O que está acontecendo com você, Tommy? – perguntou minha mãe.
– Tem alguém incomodando você?

– Bem, não, não mesmo – repliquei. – Eu apenas vi esse estranho garoto pobre ontem. Ele estava rondando por aqui e sabia o meu nome.

Mamãe franziu a testa e disse: – O que um garoto pobre estaria fazendo rondando por aqui?

– Foi o que eu pensei! – respondi.

– Bem, apenas fique longe dele. Não quero você se relacionando com nenhum mendigo – ela disse. – O que as pessoas vão pensar!

Na posição em que eu estava, acho que não fazia muita diferença com quem eu me relacionava. Os vizinhos podiam até pensar que eu estava trazendo mais gente pobre para o local só para incomodá-los. Conhecer a minha sina com certeza já bastava para saber o que eles pensavam.

Mas como o garoto sabia o meu nome? Ele não podia ter ouvido dos abusados que me agrediam, pois todos me chamavam de “pobretão”.

Será que ele havia escutado minha mãe ou a senhora Benson me chamando? Os pensamentos de que ele sabia o meu nome e de que podia estar me espionando me preocupavam e me incomodavam.

Mamãe pegou a Emma e disse: – Se precisar de alguma coisa, estou fazendo a limpeza lá em cima.

– Está bem – respondi. – Vou limpar estas gavetas.

O gaveteiro era realmente alto, com cinco gavetas no total, com acabamento em mogno escuro. Logo notei que estava cheio de lixo deixado pelo ocupante anterior do apartamento.

Puxei para abrir a gaveta de cima e retirei pedaços de fios, velhas tomadas elétricas, graxa de sapato, canetas e um monte de coisas assim. Ao trabalhar nas gavetas em ordem descendente, eu juntei uma boa pilha de entulho. Havia objetos úteis e, como eu era de certa forma um colecionador de tesouros, precisava encontrar um lugar para guardar as coisas interessantes. Como de costume, isso provavelmente envolveria uma caixa de sapatos que ficava embaixo da minha cama, um dos meus objetos de estimação que a minha mãe odiava.

Finalmente, abri a gaveta de baixo. Para minha surpresa, estava vazia, fora uma página de um jornal velho. Eu já estava bem perto da porta novamente quando de repente o corredor ficou gelado.

Então, uma explosão de vento gelado soprou a página do velho jornal para fora da gaveta. A página flutuou no ar por um momento e depois aterrissou na minha frente.

Permaneci ali imobilizado pela surpresa, pois não entendia de onde o vento tinha vindo. A porta da frente estava fechada e as outras janelas raramente eram abertas. Voltando aos sentidos novamente, olhei cuidadosamente para a página aos meus pés. Engasguei de espanto.

A manchete dizia:

“GAROTO POBRE MORRE NA RUA MONTAGUE”

Olhei a data. Era de 20 anos atrás. Li a história e descobri que o garoto tinha sido atropelado por um carro desconhecido. Ele tinha cerca de 13 anos de idade, como eu, e mendigava no local. A polícia também achava que ele podia ser um sem-teto que vivia na região. Parece que ele atravessou na frente do carro em circunstâncias suspeitas.

Na época, a polícia achou que o garoto estava sendo perseguido, mas nenhuma testemunha confirmou isso.

Agora, a situação estava ficando realmente espantosa. Primeiro, era o garoto pobre que desaparecia, e agora a história do jornal surgia diante dos meus olhos. O que tudo isso significava?

Peguei a página e subi correndo para o andar onde a minha mãe fazia limpeza.

– Olhe, mãe! – gritei.

Em seguida, balbuciando, contei para ela a história do garoto e do jornal. Talvez eu estivesse falando rápido demais e nada fazia sentido para ela, pois ela parecia não escutar o que eu estava dizendo.

– Calma, Tommy! – ela pediu. – Você está se sentindo bem?

– Sim, mãe, estou ótimo – respondi.

– É só uma coincidência fantasmagórica, não é mesmo?

A minha mãe colocou a mão na minha testa para verificar minha temperatura e disse: – Ou é isso, ou você tem imaginação muito fértil!

– Estou bem, mãe, é verdade! – gritei.

– Você tem agido de maneira um pouco estranha ultimamente, Tommy. Tem certeza de que nada está aborrecendo você? – ela perguntou novamente.

Então, a senhora Benson apareceu na sala.

– O que está acontecendo? – ela perguntou.

A minha mãe olhou envergonhada e respondeu: – Oh, é só alguma coisa que o Tommy tem na cabeça a respeito de um garoto pobre.

– Um garoto pobre? – a senhora Benson indagou.

– Sim, aqui está a história no jornal que descobri nas gavetas lá embaixo – eu disse.

A senhora Benson pegou a página e colocou seus óculos de leitura. Ela fez um aceno de recordação quando leu a história.

– Uma tragédia terrível. Aconteceu há uns 20 anos bem aí na rua – ela declarou.

– Mas exatamente o que aconteceu? – perguntou minha mãe.

A senhora Benson suspirou e disse: – Parece que um garoto pobre estava sendo perseguido e atravessou na frente de um carro. Morreu na hora.

– Isso é terrível! – disse minha mãe.

– Sim, foi – replicou a senhora Benson. Ela continuou:

– A polícia suspeitou que alguns garotos locais estavam envolvidos no incidente, mas não apareceu ninguém para trazer nenhuma evidência.

– Então, ninguém nunca respondeu na justiça por causa da morte do garoto – afirmei.

– Parece que é isso – disse a senhora Benson. – De qualquer forma, preciso sair. Vou encontrar algumas amigas para tomar um café às onze horas.

– Você não conhecia o garoto? – perguntei à senhora Benson enquanto ela deixava a sala.

– Oh, não! – ela replicou. – Não queremos incentivar esse tipo de gente por aqui.

Por um momento fiquei chocado com a observação da senhora Benson. Ela era igual a todos os outros. Por que eles não podiam ser um pouco mais tolerantes?

A minha mãe olhou para mim e disse: – Tenho muito trabalho para fazer e você também, Tommy.

Peguei a minha página de jornal e voltei para baixo, ao apartamento.

Conforme eu limpava o lixo das gavetas, não conseguia parar de pensar no que tinha acontecido com o garoto pobre 20 anos antes.

Será que ele tinha sofrido o mesmo tormento que eu, e será que isso resultou na morte dele?

Eu tremia só de pensar que poderia facilmente terminar sendo atropelado por um carro, ao ser perseguido pelos meus horríveis vizinhos. Será que o meu encontro com o garoto pobre na véspera tinha sido apenas coincidência?

Capítulo 6

Uma Oferta de Ajuda

Ao meio-dia, mamãe desceu com Emma para preparar o almoço para todos nós. Ela pegou um macarrão no armário e mostrou-o para mim.

– Vou fazer espaguete – ela disse com um sorriso. – É a sua recompensa por limpar essas gavetas.

– Que bom – repliquei calmamente.

Em poucos minutos estávamos sentados diante da mesa da cozinha com o almoço pronto. O macarrão cheirava bem, mas o meu apetite não estava ali. Eu tinha muita coisa na cabeça com os misteriosos eventos de ontem e de hoje.

– Algo errado com a comida? – mamãe perguntou.

– Não, está ótima – repliquei. – Só não estou com muita fome.

Levantei da mesa e fui dar uma olhada pela janela da cozinha.

Essa janela dava para os degraus que levavam ao jardim. A minha atenção se voltou para Emma por um segundo, quando ela tossiu. Ao girar a cabeça de volta para observar pela janela, fiquei branco de susto: lá estava ele!

– Olhe! – gritei.

O garoto pobre estava no topo dos degraus olhando para mim lá embaixo.

– Mãe, depressa! – pedi virando para ela.

Mamãe pulou da cadeira e correu para a janela. Olhou para fora e suspirou.

– Tommy, já basta dessa coisa sem sentido! – ela disse.

Olhei novamente para o topo da escada e o garoto tinha sumido.

– Ele deve ter ido embora quando chamei você – expliquei.

– Muito conveniente – mamãe reagiu.

– Estou lhe dizendo, ele estava ali um segundo atrás! – gritei.

Minha mãe voltou para a cadeira e sentou deixando escapar um suspiro.

Pude sentir que ela não estava contente comigo.

Não sei o que ela pensava – talvez que eu estivesse fazendo alguma brincadeira cruel com ela ou que provavelmente eu não me encontrasse bem da cabeça. Para ser sincero, eu estava agindo de maneira um pouco estranha nos últimos tempos, mas tinha uma boa razão para isso (embora ela não soubesse, é claro).

– Venha aqui, Tommy – ordenou a mamãe. – Talvez você tenha visto um garoto, mas isso não pode atrapalhar o que está fazendo. Se você continuar se comportando assim, vou ter que levá-lo ao médico.

Fiquei tão confuso a respeito do que estava acontecendo. Era certo que eu tinha visto o garoto pobre, mas fiquei envergonhado e preocupado, pois a estranha maneira como eu agia estava começando a aborrecer minha mãe. E se ela estivesse certa e eu estivesse imaginando tudo aquilo?

O único jeito que eu via de manter a mim e a minha mãe contentes era afastar de mim mesmo quaisquer futuros pensamentos sobre o assunto.

– Vou sair para respirar um pouco de ar fresco – eu disse.

Um olhar intrigado apareceu no rosto da mamãe.

– Há séculos você não se interessa em sair para respirar – ela me lembrou. – Por que resolveu sair agora, de repente?

Dei de ombros e respondi: – Deu vontade, é só isso.

– Você me preocupa – disse a mamãe, enquanto eu me dirigia para a porta.

– Não demoro! – gritei, conforme subia pelos degraus para chegar ao térreo.

Em vez de verificar se os meus inimigos estavam por perto, como normalmente fazia, caminhei ousadamente para a calçada. Eu só tinha uma coisa em mente: enfrentar aquele garoto pobre de uma vez por todas.

Eu tinha certeza!

E lá estava ele andando na rua um pouco distante de mim.

Juntei toda a minha coragem e gritei: – Ei, você! Quero falar com você!

O garoto continuou a caminhar sem me ouvir. Ele virou a esquina para a rua onde ficava a venda. Decidi que dessa vez eu precisava enfrentá-lo e comecei a correr atrás dele.

Quando virei a esquina, fui obrigado a parar. Ele tinha sumido!

Como ele conseguia fugir de mim tão facilmente?

Olhei ao longe, procurando algum sinal dele rua abaixo. Depois de um minuto, desisti e me senti desanimado. Afinal de contas, será que eu estava vendo coisas?

Virei para voltar para casa e, ao fazer isso, toda minha pele ficou arrepiada! Ali, bem na minha frente estava o garoto pobre...

– Você quase me fez ter um ataque do coração! – gritei. – O que acha que está fazendo, esgueirando-se atrás de mim assim?

– Não se assuste, Tommy – disse o garoto. – Estou aqui para ajudar você.

Capítulo 7

Doce Vingança

Enquanto tentava saber o que o garoto pobre queria dizer com “ajuda”, ouvi de repente uma algazarra. Era a gangue dos Andrews!

Antes que eu percebesse, eles tinham me rodeado e repetiam rindo:

– Pobretão! Pobretão!

A família Andrews morava algumas casas adiante, na rua de cima. Os pais eram diretores de alguma firma na cidade e mimavam completamente os filhos. Tudo o que os três irmãos e a irmã queriam, eles davam.

Era difícil julgar qual família era a mais horrível: os Andrews ou os Dixons.

Por fim, vi que estavam empatados.

Thomas, o mais velho da família Andrews, que tinha 15 anos de idade, me empurrou contra o muro. Os dois irmãos mais jovens e a irmã queriam fazer o mesmo. Todos estavam ali, zombando de mim e me ofendendo:

– Quando é que você vai entender o recado e vai dar o fora daqui? – Thomas gritou na minha cara.

– Deixem-me em paz – gritei. – Não fiz nada para vocês!

Alex Andrews, que tinha apenas 9 anos, prendeu o nariz e me ofendeu: – Nós podemos sentir seu fedor de longe.

– É, o seu lugar é num chiqueiro, e não aqui – acrescentou a irmã, Charlotte, também prendendo o nariz.

De certa maneira senti pena dos membros mais jovens da família Andrews. Com um irmão mais velho como Thomas, e com Nigel seguindo

o exemplo, que chance teriam Alex e Charlotte?

Para eles, era natural copiarem o irmão mais velho e crescerem como pequenos seres humanos terríveis.

Foi então que percebi que o garoto pobre tinha desaparecido novamente. Mas que bela ajuda ele tinha me dado...

Ele se ofereceu para me ajudar e quando a confusão começou ele caiu fora como um raio.

– Corre pra debaixo da saia da mamãe – gritou Nigel, o outro irmão.

Eles me deixaram passar, mas quando eu estava quase para sair correndo, senti a bota do Thomas no meu traseiro. Gritei de dor e continuei a correr o mais rápido que podia.

Eu ainda os ouvia gritar: – Garoto pobre fedorento! Garoto pobre fedorento!

Quando voltei para a Rua Montague, lá estava o garoto pobre na minha frente de novo. A raiva me subiu à cabeça e eu estava pronto para desafogar em cima desse garoto pobre “de verdade”.

– Onde você foi? – perguntei abruptamente com as minhas narinas trêmulas.

– Dei uma volta por aí – era sempre a mesma resposta.

Ele não parecia nem um pouco incomodado com a minha óbvia fúria dirigida contra ele.

Será que ele estava apenas agindo com “frieza”, ou realmente ele não se importava?

– Você disse que podia me ajudar – continuei.

– Tudo o que você precisa fazer é pedir – ele respondeu calmamente.

– Sim, eu quero ajuda – gritei. – As pessoas daqui são horríveis comigo.

O garoto em seguida observou: – Também eram assim comigo.

O que ele queria dizer com isso?

Talvez ele mendigasse por ali antes de eu chegar e tivesse sofrido nas mãos daquelas crianças terríveis.

– Quer dizer que você também já passou maus bocados com os Andrews e os Dixons? – perguntei em um tom de voz mais razoável.

– Não eles, mas outros já tornaram a minha vida difícil – ele respondeu.

Fiquei intrigado com a resposta e indaguei: – Que outros?

– Você não os conheceu. As pessoas mudaram daqui, mas as atitudes delas, não – ele respondeu.

Curioso para saber mais a respeito do garoto, perguntei:

– Então você passou pela mesma confusão de agora há pouco?

– É, posso dizer que sim – disse o garoto em um tom de voz quase divertido.

Como ele poderia achar quase engraçada a situação de ser provocado e intimidado?

Comecei a me perguntar se ele não sabia nada a respeito do acidente de 20 anos antes. Depois de limpar a garganta eu decidi indagar o garoto a respeito dos eventos do passado.

– Sabe alguma coisa sobre o garoto que foi atropelado e que morreu aqui 20 anos atrás? – perguntei.

O garoto disfarçou e não me respondeu. A recusa em responder me intrigou e me fez querer pressioná-lo mais.

Eu continuei:

– Foi um garoto como você que morreu aqui nesta rua. Você sabe alguma coisa sobre o que aconteceu?

– Ambos sabemos o que aconteceu – respondeu o garoto indicando claramente que não queria mais discutir o assunto.

Por que ele ficaria tão arredio a respeito para discutir algo que poderia ter acontecido 20 anos antes?

Será que esse garoto pobre era irmão, parente ou amigo do garoto morto?

De qualquer forma, achei melhor não pressioná-lo demais sobre o assunto por enquanto. Afinal de contas, ele era meu novo aliado em minhas batalhas contra as pessoas ignorantes da área.

Mudei o assunto para os dias e para os meus problemas atuais.

– Então, como pode me ajudar? – perguntei ao garoto.

Seus olhos se iluminaram com a minha pergunta e ele replicou: – Eu tenho meus métodos.

A resposta mais uma vez era bastante enigmática para o meu gosto. Eu teria que descobrir o que aquilo realmente significava.

– O que quer dizer com “métodos”? – perguntei.

O garoto sorriu e retrucou: – Você verá, não se preocupe. Tenho certeza de que os resultados vão deixá-lo satisfeito.

– Ótimo, quem vamos visitar primeiro? – perguntei.

Ele coçou o queixo enquanto pensava profundamente.

– Vamos começar com os Andrews.

Esfreguei as mãos animado com a perspectiva de uma pequena vingança e disse: – Quando começamos?

– Acho que hoje à noite está ótimo! – foi a resposta imediata dele. – Chamo você assim que chegar e estiver pronto. Não deixe a sua mãe saber nada sobre isso!

– Certo, nenhuma palavra do que você disse – repliquei.

– Agora volte para casa e aja normalmente até eu vir encontrá-lo hoje à noite – ordenou o garoto.

Acenei com a cabeça concordando. Voltei para o apartamento, vibrando por antecipação. Conforme eu caminhava, percebi que sequer sabia o nome do garoto ou onde ele morava. Teria que descobrir isso da próxima vez que o visse.

– Oi, mãe! – gritei quando cruzei a porta ainda em estado de animação.

– Esse passeio parece ter deixado você animado. Acho que o ar fresco lhe fez bem! Você encontrou o misterioso garoto pobre? – ela sorriu.

Pensei por um instante e depois respondi. – Não, não mesmo.

Embora detestasse mentir para a minha mãe daquele jeito, aquela parecia a única maneira de agir no momento.

Até ter certeza do que estava acontecendo, não havia motivo para preocupá-la. Além disso, ela achava que toda aquela história do garoto pobre era apenas fruto da minha brilhante imaginação.

Capítulo 8

Um Segredo

Mais uma vez estava sem apetite na hora do jantar. A ansiedade por causa da aventura iminente superava qualquer fome que eu sentia. Isso provocou grande descontentamento na mamãe. Ela detestava comida desperdiçada, especialmente pelo nosso orçamento apertado.

– Mas que graça tem eu preparar boa comida se é só para desperdiçá-la? – ela perguntou.

– É que agora não estou com fome – eu disse.

A mamãe, obviamente, estava ficando preocupada com a minha saúde e prosseguiu: – Se o seu apetite não voltar ao normal logo, vou levar você ao médico.

Às vezes eu imaginava o que aconteceria se a minha mãe soubesse da extensão do tormento que eu enfrentava com os vizinhos. Muitas vezes ela parecia realmente preocupada comigo, mas em outras parecia colocar a culpa no fato de eu ser muito sensível. Como Emma era apenas um bebê, porém, acho que ela devia ter coisas mais importantes para se preocupar.

Depois de assistir um pouco à TV, fingi um enorme bocejo e disse: – Acho que vou para a cama agora.

Ela me olhou com um ar bem desconfiado e disse: – Sim, durma bem.

Fui para a cama e me escondi embaixo das cobertas com roupa e tudo. Desse jeito, se a minha mãe fosse verificar ela acharia que eu estava de pijama.

Olhei embaixo da cama e puxei a caixa de sapatos. Dentro da caixa estavam as coisas que eu tinha salvo da limpeza das gavetas. Cuidadosamente dobrada por cima estava a página amarelada do jornal que continha a manchete a respeito do garoto pobre. Li e reli várias vezes, tentando obter alguma indicação de como seria a aparência do garoto.

Era uma pena que a descrição dele fosse tão vaga, e que não trouxesse nem o nome e nem uma foto. Por alguma razão incompreensível, eu pensava que ele só poderia ser exatamente como o garoto que eu tinha conhecido.

Enquanto estava na minha cama eu imaginava que planos o garoto pobre teria para hoje à noite. Será que ele apareceria mesmo?

Relembrei com alegria do incidente das frutas na porta da venda. Não podia saber com certeza se aquela confusão fora feita por ele, mas tinha um vago pressentimento que sim. Será que travessuras daquele tipo era o estilo dele? E se ele tivesse planejado algo mais pesado?

Como eu era um pouco medroso, isso me deixou um pouco tenso. Podia até ser que as coisas ficassem ainda piores para mim. Se a mamãe descobrisse que eu tinha participado de alguma coisa, eu estaria em sérios apuros. O tempo demorava a passar e a ansiedade estava me matando. Quando o garoto pobre viria me chamar?

Capítulo 9

O Chamado do Garoto Pobre

Alguém bateu na janela: toc-toc-toc. Acordei de repente e pulei da cama. Eu devia ter adormecido. O relógio marcava dez para a meia-noite. Ali na janela estava o rosto pálido e triste do garoto pobre. Ele acenava para que eu fosse com ele. Abri a janela e calmamente escorreguei no ar da noite.

– Espere atrás da cerca e veja o que vai acontecer – ele ordenou.

– O que você vai fazer? – perguntei.

O garoto virou para mim com um largo sorriso maroto e disse: – Vou dar um pequeno susto neles, só isso.

Vi o garoto atravessar a rua e desaparecer atrás da casa dos Andrews. A casa estava em completa escuridão, obviamente todos dormiam.

O que o garoto ia fazer?

Esforçando-me para enxergar na escuridão, calculei que ele tinha saído há pelo menos cinco minutos. Será que ele tinha se assustado com alguém ou simplesmente tinha desaparecido novamente, como ele costumava fazer?

Ou pior ainda: será que ele estaria se preparando para fazer uma brincadeira comigo?

Então, eu vi uma luz acender em uma sala. Depois de um minuto ela apagou novamente. Imediatamente outra luz acendeu em outra sala. Isso continuou e luzes acendiam e apagavam em todos os quartos e salas, de forma aleatória.

De repente escutei um grito assustador vindo da casa dos Andrews. Eu podia ver sombras terríveis e ameaçadoras nos quartos e salas onde as luzes estavam acesas. Escutei mais gritaria da casa.

Mas que diabos o garoto estava aprontando por lá?

Fiquei com medo quando uma janela foi escancarada e as cortinas voaram como se fossem levadas por um vento que soprou forte, embora o ar da noite estivesse em total calma.

Como isso aconteceu?

As luzes ainda continuaram a piscar e a gritaria continuava. Fiquei chocado com o que o garoto estava fazendo, mas também fiquei muitíssimo impressionado!

Isso ensinaria aos Andrews uma lição que eles jamais esqueceriam.

Em seguida, a porta da frente da casa foi escancarada e quase arrancada das dobradiças. O som de uma gargalhada demoníaca ecoava pela casa na calma da noite. Apressadamente, os membros da família Andrews correram para fora, tropeçando uns nos outros numa escalada maluca para escapar de algum poder sobrenatural que tomava conta da casa deles. Eles estavam total e completamente apavorados, e choravam uns nos ombros dos outros conforme corriam pela rua de pijamas. Eu sufoquei o riso quando os vi desaparecerem no meio da noite ao virarem a esquina correndo.

Depois olhei de volta para a casa dos Andrews. Agora tudo estava em silêncio e em total escuridão. Onde havia ocorrido um tumulto um segundo antes, agora existia um cenário da mais completa tranquilidade.

No entanto, não havia nem sinal do garoto. Eu não podia esperar para agradecer a ele pelo grande trabalho realizado. Eu não fazia ideia do que ele planejava fazer, mas os eventos que eu acabara de testemunhar superavam os meus sonhos selvagens.

O ar da noite começou a esfriar incrivelmente e eu procurava imaginar aonde o garoto tinha ido. Fiquei ainda alguns minutos atrás da cerca e depois resolvi ir até a casa dos Andrews para tentar encontrá-lo.

Cheguei perto da porta da frente aberta e disse calmamente: – Você está aí?

Nenhum som.

– Venha cá, pare a brincadeira – continuei. – Essa foi demais! Como fez isso?

Nem sinal do garoto. Ele devia ter saído dali e ido para a casa dele, onde quer que fosse. Foi uma pena, porque eu estava desesperado para agradecer os esforços dele e descobrir mais a respeito de seus truques.

Verifiquei se ninguém estava por perto e rapidamente atravessei a rua e desci os degraus até a janela do meu quarto. Saltei pela janela e num instante estava no chão.

Mamãe deve ter me ouvido, pois ouvi os passos dela.

Sem perder tempo, rapidamente troquei o pijama e saltei para a cama. A porta se abriu e a mãe apareceu.

– Tommy, o que está acontecendo? – ela murmurou zangada.

Tive que pensar rápido e disse: – Só fui abrir a janela. Estava muito abafado aqui.

Desconfiada, mamãe olhou para mim e depois olhou para a janela aberta. Ela deve ter se convencido com a minha explicação.

– Da próxima vez, abra sem fazer barulho, senão você vai acordar a Emma. Boa-noite! – ela disse ao voltar para seu quarto.

Respirei aliviado novamente. Fui para a minha cama e dormi com um sentimento de satisfação. Era o que a família Andrews merecia há tempos.

Capítulo 10

Tommy Trama a Vingança

A manhã seguinte foi normal comparada com a bizarra noite anterior. Eu estava louco para contar a alguém a respeito do que tinha acontecido com os Andrews, mas a única pessoa com quem podia conversar sem medo agora era o garoto pobre.

Mas onde ele estava?

Por fim, mamãe voltou do andar de cima depois de falar com a senhora Benson por um longo tempo. Ela parecia agitada quando entrou na cozinha e estava ansiosa para me contar alguma coisa.

– O que houve? – perguntei como se não soubesse de nada.

Ela respirou fundo e respondeu: – Você não vai acreditar no que aconteceu na noite passada.

– O que foi? – perguntei, esforçando-me para abafar um cruel sorriso. Ela continuou:

– Bem, parece que os Andrews foram assombrados na casa deles na última noite.

– Assombrados? – estranhei, aguardando por mais detalhes.

– Sim, eles ficaram assustados a ponto de perderem o juízo. Eles correram para a catedral algumas ruas adiante e se recusam a sair de lá desde então – ela respondeu. Nessa hora não consegui esconder o imenso sorriso maroto estampado em meu rosto.

Mamãe reagiu vivamente a essa atitude e repreendeu: – Tommy, isso não é motivo para rir!

Limpei a garganta e disfarcei seriedade.

– Não tem mais detalhes? – eu disse.

Mamãe sentou-se e disse: – Aparentemente todas as luzes começaram a piscar e depois ouviram-se gritos horríveis, como se fossem *banshees*, fadas que anunciam a morte.

– Continue – instiguei.

– Os Andrews disseram que figuras fantasmagóricas apavorantes apareceram e expulsaram todo mundo da casa – disse minha mãe com ar de preocupação no rosto.

Arrisquei minha sorte e perguntei ainda: – Nada mais?

Desaprovando meu interesse mórbido, ela fez uma pausa por um momento e continuou.

– Eles disseram que nas paredes apareceram palavras que pareciam ter sido escritas com sangue.

Um calafrio me percorreu a espinha com esse detalhe e me contorci de repulsa.

O garoto pobre realmente agiu. Claro, eu queria vingança para os Andrews, mas talvez ele tivesse ido um pouco longe demais.

– O que as palavras diziam? – perguntei.

Mamãe pensou um pouco, tentando relembrar a história que a senhora Benson tinha contado para ela.

– Deixem-nos em paz! – disse ela com um ar intrigado no rosto. – O que acha que isso significa, Tommy?

Dei de ombros e respondi: – Não sei.

É claro que essa frase fazia total sentido para mim. Era só uma brincadeira e um aviso do garoto pobre. Ele realmente tinha pregado uma bela peça neles.

Em seguida, a mamãe disse algo que me deixou imediatamente tenso.

– Será que isso não tem nada a ver com o misterioso garoto pobre que você conheceu? – ela indagou.

Não consegui saber se ela estava brincando ou não, mas dei um leve sorriso breve, que pareceu colocá-la fora da jogada...

Depois, ela fez outro pedido.

– Você pode ir à venda, Tommy? – ela perguntou.

Eu suspirei e respondi: – Tudo bem, mãe.

Pelo menos agora os Andrews estavam fora do caminho, então, havia menos chance de ser incomodado no trajeto para a venda.

Com algum dinheiro no bolso, subi as escadas até a rua. Em vão procurei ao redor por um sinal do garoto.

Como sempre, quando eu queria vê-lo ele não aparecia. Eu caminhava pela rua onde ficava a venda, quando uma voz familiar, atrás de mim, me assustou.

– Tommy – disse a voz. Instantaneamente reconheci a voz do garoto pobre.

Sorri admirado e perguntei: – Onde você foi ontem à noite?

– Fiz o meu trabalho – respondeu o garoto calmamente.

– É, foi um ótimo trabalho... Muito bem feito! – exclamei. – Como consegui fazer tudo aquilo ontem à noite?

– Como expliquei, tenho meus métodos – ele retrucou.

Impaciente, interroguei-o novamente: – Certo, mas que truques foram aqueles?

O garoto balançou a cabeça e disse: – Jamais poderei revelar.

Essa resposta me incomodou e eu contestei: – Ora, deixe disso. Estamos juntos nessa jogada. Pelo menos me conte como faz essas coisas.

– Não – disse o garoto em um tom de voz que deixava claro que não discutiria mais o assunto.

Caminhamos até a venda e perguntei a ele: – Ainda vai me ajudar na vingança contra os outros?

Sorrindo, o garoto replicou: – Mas é claro que sim. Eles têm sido péssimos com você, não é mesmo? Vamos ver o que é possível fazer com o major e o comerciante.

– Isso parece bom! – repliquei satisfeito.

Ao chegar à venda, entrei na frente. Pretendia provar para o comerciante que eu não estava falando sozinho fora da venda no outro dia, como ele havia afirmado.

– Viu? Este é o garoto com quem eu estava conversando – eu disse, acenando atrás de mim para chamar a atenção do comerciante.

O comerciante riu e disse: – Você realmente está com algum problema, garoto!

Olhei atrás de mim e o garoto já tinha desaparecido novamente.

Qual era o problema dele?

O tom de voz do comerciante se tornou mais sinistro quando ele disse: – Não desperdice o meu tempo. Compre o que precisa e dê o fora da minha venda!

Sentindo-me muito ridículo, rapidamente peguei o que minha mãe havia pedido para comprar. O comerciante cobrou, devolveu o troco no caixa e apontou para a porta com um olhar muito zangado no rosto.

Quando cheguei perto da porta, eu disse: – Você vai ver. Não estou brincando!

– Fora daqui! – berrou o comerciante.

Quando procurei pelo garoto lá fora não consegui encontrá-lo em lugar algum. Ele certamente era um especialista em sumiço. Por que ele continuava desaparecendo quando havia outras pessoas em volta?

Caminhando lentamente, voltei para o apartamento. Tinha esperança de que o garoto pobre aparecesse. E não deu outra: mais uma vez ele tornou a aparecer de repente, do nada.

– Ele tratou você mal novamente? – disse a voz do garoto atrás de mim.

Dei meia-volta para enfrentá-lo e gritei: – Pare de se esgueirar atrás de mim! É de arrepiar o jeito como você faz isso...

O garoto pobre me ignorou e disse: – Bem, sim ou não?

– Sim, ele me tratou mal – repliquei.

– Teremos de acertar nossas contas com ele depois, certo? – combinou o garoto.

– Sim! – eu disse, e fiz uma pergunta ao garoto: – Mas você não pode me contar por que fica se esquivando das outras pessoas?

– É só o meu jeito de ser – foi a resposta dele.

Insatisfeito, continuei: – Por causa disso, estão achando que estou ficando louco.

O garoto olhou intrigado e disse: – Como assim?

– Toda vez que tento mostrá-lo para alguém, você cai fora – respondi.

Não houve nenhuma explicação do garoto enquanto caminhávamos rua abaixo. Ele só não parecia querer conversar a respeito do motivo pelo qual aparecia e desaparecia com tanta frequência.

Ao longe, eu podia ver o major polindo o carro. Brilhando à luz do sol, o carro do major era só orgulho e alegria. Eu apostava que ele estava esperando para me dar uma dura também.

– Olhe, lá está o major, limpando o carro – mostrei para o garoto.

O garoto observou-o a distância e disse: – Acha que ele também vai tratar você mal?

– Provavelmente – repliquei.

O garoto pareceu perdido em seus pensamentos por um tempo e depois anunciou: – Já sei... Vamos matar dois coelhos com uma cajadada só!

Não entendi nada e disse timidamente: – O que vai fazer?

Ele sorriu, olhou para mim e disse: – Tenho certeza de que sei de um jeito de fazer eles se esganarem um ao outro.

– Como assim, quem? – eu disse.

– O major e o comerciante, seu tonto – ele respondeu, impaciente. Por fim, uma luz iluminou minhas ideias: aparentemente, o garoto pobre tinha planos de vingança que envolviam o major e o comerciante ao mesmo tempo. “Agora isso deve ficar interessante” – pensei comigo mesmo.

– Preciso ir agora – disse o garoto. – Volto para encontrá-lo antes da brincadeira começar.

Então, a minha atenção se voltou para o major, cujo contorno estava ficando cada vez mais nítido. Eu queria poder me tornar invisível quando me aproximasse dele.

Ele parecia me ignorar. Mas, bem no momento em que eu passava por ele, veio a observação:

– Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece! Sabe de alguma coisa da baderna que aconteceu na noite passada, garoto? – ele indagou.

Procurando me safar, respondi rapidamente: – Não senhor, não sei de nada.

– Tem certeza? – ele me questionou de novo.

Entrei em pânico e disse: – Não. Estou com pressa. A minha mãe vai ficar preocupada comigo.

Conforme apertei o passo, logo em seguida escutei o major dizer: – Ótimo! Fico feliz em saber que a sua mãe sabe por onde você anda. Você não devia ter autorização para perambular pelas ruas, causando confusão e incomodando pessoas decentes como nós.

Não me incomodei por muito tempo, na medida em que a minha mente se ocupava em pensar no que o garoto pobre tinha reservado para ele. Eu não via a hora daquilo acontecer.

Capítulo 11

Uma Briga na Venda

Foi bem cedinho, logo na manhã seguinte. Escutei uma batida na janela do meu quarto. Esfreguei os olhos e pulei da cama para ver o que era. Quando abri as cortinas, a luz brilhante do sol me cegou, mas ainda assim consegui ver que o garoto pobre estava do outro lado da janela.

Abri a janela com todo o cuidado, pois não queria acordar nem a Emma e nem a minha mãe.

– O que foi? São sete e meia da manhã, sabia? – eu disse calmamente.

– O major está indo para a venda, essa é a nossa chance! – ele replicou.

– Silêncio! Fale baixo ou você vai acordar minha mãe – implorei a ele.

O garoto acenou para que eu fosse com ele. Troquei de roupa o mais rápido que pude, e logo saltei pela janela no ar do começo da manhã.

– O major vai buscar o jornal da manhã, como sempre. Eu vou segui-lo e provocar um tumulto entre eles – explicou o garoto.

– Posso assistir? – perguntei.

– É claro. Eles estarão ocupados demais brigando um com o outro para reparar em você – ele disse.

Avistamos o major caminhando pela rua e o seguimos a uma distância segura. Não havia nem uma alma na rua além de nós. Todos os dias de manhã bem cedo ele ia buscar o jornal e algumas coisas como pão ou leite. Como ele era um cliente muito respeitado, eu não conseguia imaginar como o garoto iria provocar uma confusão entre os dois.

Quando o major entrou na venda, corremos para lá. Ficamos à espreita na beirada da janela.

Lá estavam o major e o comerciante tendo uma conversa educada.

– Certo, vou me infiltrar lá dentro e vamos nos divertir um pouco! – disse o garoto pobre.

– Tome cuidado – recomendei.

Observei o garoto se infiltrar na venda sem ser percebido. Ele se escondeu atrás de uma prateleira de revistas. O major então foi pegar alguma coisa que queria. Enquanto ele procurava, vi o garoto se aproximar por detrás e delicadamente colocar uma imensa barra de chocolate no bolso de fora do casaco dele. O chocolate ficou ali, com a embalagem prateada brilhando como um farol. Para meu espanto, o major não percebeu nada.

O comerciante estava no caixa somando os preços das compras do major. A princípio, ele não parecia ter notado nada. Foi só quando o major estava quase saindo da venda que ele reparou na barra de chocolate.

Então, ele gritou: – Espere aí um minuto.

O major virou-se para olhar o comerciante e disse: – Algum problema?

Olhando arregalado para o bolso do major, ele apontou para a barra de chocolate e disse: – O que é isso?

O major olhou confuso e disse: – Do que você está falando?

– Desse chocolate no seu bolso – acusou o comerciante.

O major olhou para o conteúdo do bolso incrédulo, e exclamou: – Como isso foi parar aí?

– Obviamente você deve ter colocado... – disse o comerciante furioso.

O major ficou muito ofendido com a observação e replicou: – Bem, eu jamais faria isso! Mas que audácia da sua parte!

Subindo o tom de voz, o comerciante disse: – Você estava tentando roubar esse chocolate, não é mesmo?

– Não se atreva! Não sei como isso foi parar aí – gritou o major em resposta.

– Tenho perdido muita mercadoria ultimamente, mas jamais poderia imaginar que fosse você! – gritou o comerciante.

Sem conseguir acreditar na acusação, o major gritou: – Está me acusando de roubo? Não vou ficar aqui ouvindo isso.

Quando o major tentou sair, o comerciante pulou por cima do balcão e o agarrou.

– Não vai, não! – bradou o comerciante.

O major se atracou com o agressor e gritou: – Tire as mãos de cima de mim!

Enquanto os dois lutavam na venda, o garoto pobre agravou a situação derrubando mercadorias das prateleiras e atirando outras coisas no ar.

Também houve muita gritaria e insultos, que não vinham nem da boca do major e nem do comerciante, mas do garoto pobre.

– Seu velho ladrão. Sabia que era você o tempo todo! – dizia uma voz igual à do comerciante, mas que não parecia vir dele.

Da mesma forma, uma voz igual à do major ameaçava: – Você vai pagar por isso.

Reparei que tanto o major como o comerciante deviam estar tão ocupados lutando que nem perceberam que havia outra pessoa na venda imitando a voz deles para piorar as coisas.

De repente, notei outro homem na rua. Ele veio perto de mim e olhou para a venda.

– Por acaso toda essa baderna é um assalto? – ele perguntou.

– Não sei – respondi.

Enquanto isso, lá dentro os dois rolavam pelo chão no meio de uma confusão de leite, açúcar, farinha, ovos e jornais picados. Parecia que um furacão havia passado pela venda, soprando tudo em volta e criando uma cena de briga como em um desenho animado. Eu ria vendo-os fazendo aquelas tolices com eles mesmos.

O homem olhou feio para mim e disse: – Acho melhor acabar com isso.

Ele entrou e separou os combatentes, que ainda trocavam insultos.

Apartando-os, ele disse: – Recuperem o bom senso, cavalheiros.

Parecia, porém, que tanto o major como o comerciante sabiam quem era o homem que os tinha separado.

– Graças a Deus é você, senhor Jones – disse o major.

Limpando o rosto de uma mistura de leite e açúcar (entre outras coisas), o comerciante disse:

– Prenda este homem. Ele estava roubando!

– Ele me agrediu, senhor Jones – queixou-se o major.

Tentando acalmar a situação, o senhor Jones observou: – Olhem para vocês mesmos...

Então, os dois devem ter percebido como estavam sendo ridículos. Um major, aposentado e respeitado, pego roubando em flagrante, e um comerciante que o tinha atacado. Ambos humilhados pelos eventos daquela manhã. A reputação de ambos agora estava arruinada. Maravilha!

Mas aonde o garoto pobre tinha ido? Ele já não estava mais na venda, e não tinha saído pela porta da frente. Enquanto o senhor Jones acalmava o incidente, o garoto deve ter aproveitado a chance e escapulado pela porta dos fundos.

Eu me retirei da cena tranquilo, satisfeito e com um sorriso maroto no rosto. Imaginava como o garoto pobre tinha conseguido passar despercebido na venda e depois escapar. Com certeza o garoto tinha um belo truque para se tornar invisível.

Não conseguia pensar em outro jeito para explicar como ele havia escapado da venda sem ser percebido.

Enquanto escalava a janela de volta, escutei passos. A porta se abriu e vi a mãe com Emma nos braços.

Ela não acreditou no que viu e disse: – O que você está fazendo aí em cima e, dessa vez, arrumado?

– Pensei em buscar um jornal para você ler no café da manhã – repliquei com a maior cara de pau.

A minha mãe olhou de um jeito estranho para mim e depois disse: – O que você anda aprontando?

– Só estou tentando consertar o jeito como tenho agido ultimamente – respondi rapidamente, esperando que com essa resposta escaparia da bronca.

Minha mãe virou e disse: – Muito bem. Pode ir.

Capítulo 12

A Venda Fechada

Quando cheguei na venda novamente, havia um cartaz na porta que dizia:

“FECHADO ATÉ SEGUNDA ORDEM”

Uma pequena multidão de clientes reunia-se na rua. Além do incômodo pela inconveniência da venda estar fechada, todos fofocavam a respeito do bate-boca entre o major e o comerciante.

As opiniões pareciam divididas quanto à culpa: se era do major, do comerciante ou de ambos igualmente. Enquanto algumas pessoas defendiam o major, que era aposentado e poderia estar distraído, outros aproveitavam a oportunidade para denegrir o nome dele, pois ele passava a maior parte do tempo mal-humorado. O comerciante também não escapou das críticas. Sua personalidade ranzinza e rude foi culpada de causar a encrenca. Fiquei feliz de ouvir que a reputação de ambos havia sido manchada.

Quando voltei ao apartamento sem o jornal para a minha mãe, ela falou:
– O que aconteceu agora?

– A venda estava fechada – repliquei inocentemente.

Eu poderia ter explicado para a mamãe as circunstâncias do fechamento, mas achei melhor apenas agir como se não soubesse de nada. Desse jeito, eu não levantaria nenhuma suspeita sobre mim mesmo. Se ela tivesse a menor suspeita do meu envolvimento com o garoto pobre, ela ficaria maluca.

Mamãe ficou com a Emma no andar de cima a manhã inteira fazendo limpeza para a senhora Benson. Para passar a manhã, eu pretendia ler revistas em quadrinhos, mas na verdade fiquei revivendo cada momento do caos na venda. Qualquer pessoa que me visse acharia que eu estava louco, pois eu morria de rir de tempos em tempos.

Na hora do almoço escutei os passos da mamãe descendo os degraus da escada. Ela parecia agitada quando entrou na sala, e eu sabia bem o porquê. Porém, eu não queria revelar o meu segredo, então, não disse uma palavra e esperei que ela acomodasse a Emma.

– Mais novidades! – exclamou a mamãe.

Disfarçando para parecer desinteressado quando desviei o olhar do gibi, eu murmurei:

– Como assim?

Mamãe continuou: – Sabe por que a venda estava fechada essa manhã?

Neguei com a cabeça, tentando evitar que um sorriso surgisse no meu rosto.

– A senhora Benson estava no telefone com uma amiga, e parece que o velho major e o comerciante brigaram na venda. Dá para acreditar nisso? – estranhou a mamãe.

Senti que era seguro esboçar um pequeno sorriso, e indaguei: – Por que a briga?

A mamãe respondeu prontamente: – Parece um pouco confuso, mas algumas pessoas dizem que o major estava roubando, outras dizem que o comerciante o agrediu sem motivo algum.

– Não dá para acreditar! – acrescentei fingindo surpresa.

– Eles foram separados por alguém que passava pela rua e a venda ficou numa bagunça total – explicou a mamãe.

– Bem, mãe, isso mostra que as pessoas daqui talvez não sejam tão respeitáveis quanto gostam de pensar que são – observei.

– Acho que, neste caso, você está certo, Tommy! – disse a mamãe. – A senhora Benson e os outros vizinhos vão falar disso por muitos anos.

Ambos rimos por um tempo, mas paramos quando a campainha tocou. Mamãe foi ver o que era e eu escutei da cozinha.

Uma voz grossa disse: – Desculpe incomodar, senhora. Sou detetive da polícia local.

– Em que posso ajudar? – disse a mamãe.

O detetive continuou: – Você deve ter ouvido falar de um incidente na venda hoje de manhã.

Meu coração acelerou quando imaginei a razão do detetive ter ido ao apartamento.

Mamãe respondeu: – Sim, ouvi alguma coisa da senhora Benson, que mora no andar de cima.

– Bem, parece que um garoto pode ter testemunhado o que aconteceu na venda entre o major e o comerciante – explicou o detetive.

Essa não! O homem que separou a briga na venda devia ter contado para a polícia que tinha falado com um garoto. A polícia agora estava investigando todos os garotos da região.

– Tommy estava na cama – disse a mamãe. – Normalmente ele levanta um pouco mais tarde.

O detetive pareceu satisfeito e disse: – Bem, agradeço a atenção, senhora, só estamos verificando.

Achei que tinha escapado da bronca, quando de repente minha mãe me chamou de lado: – Tommy, venha cá!

Tremendo de medo, eu me aproximei da porta onde o detetive estava.

– Você ficou na cama até às nove, não é mesmo, Tommy? – mamãe perguntou.

– Sim – repliquei em um tom de voz fraco.

Sorrindo, o detetive disse: – Você com certeza se encaixa na descrição, Tommy, mas não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Senti um grande peso sendo retirado dos meus ombros quando ele disse isso. Que alívio!

– Tenham um ótimo dia – disse o detetive quando se virou para subir a escada.

A mamãe fechou a porta e ambos voltamos para a cozinha.

– Deve ter sido o tal garoto pobre que você vê por aí que estava na venda... – ela disse.

– É possível – respondi, procurando ocultar a minha culpa.

Embora o garoto pobre estivesse ajudando a me vingar de quem tinha me humilhado no passado, percebi que eu estava mentindo para a minha mãe. Era uma situação que não me agradava. A vida toda ela me ensinou a dizer sempre a verdade.

Capítulo 13

Escapei por Pouco

Alguns dias se passaram depois do incidente na venda entre o major e o comerciante. A mamãe disse algumas vezes que era só sobre esse assunto que todos os vizinhos comentavam. O major não era visto há dias e circulavam boatos de que ele tinha ficado tão abatido com o que aconteceu que estava para se mudar de bairro. Eu decidi ir até a venda para ver como estava a situação por lá.

Era outro belo dia e eu caminhava pela rua. Agora, eu me sentia muito mais feliz quando saía, pois a maioria das pessoas que costumavam me atormentar tinham deixado o local graças ao garoto pobre. Embora eu o procurasse diariamente, não o via desde que tinha escapado pelos fundos da venda. Será que ele havia se afastado da área para dar um tempo?

Ao me dirigir para a venda, notei um grande cartaz vermelho “À VENDA” na janela. O comerciante ficou tão constrangido com sua atitude naquele dia que não teve alternativa senão vender o negócio.

Os rumores eram de que muitos clientes nunca mais fizeram compra na venda dele depois da confusão com o major. Eles acreditavam que mesmo se o major tivesse errado e tentado sair sem pagar alguma coisa, o comerciante poderia ter resolvido a situação sem recorrer à violência.

Quando me aproximei da janela da venda, senti a presença de alguém atrás de mim. Imediatamente eu soube quem era.

– Nada mal para uma manhã de trabalho – disse o garoto pobre.

– Maravilha – respondi. – Por onde tem andado?

O garoto sorriu e disse: – Ora, por aqui e por ali.

– Como conseguiu ficar na venda sem ser percebido? E como conseguiu escapar? – perguntei.

Ele deu de ombros e respondeu: – Já disse... Tenho os meus métodos.

– Mais alguém para acertar contas? – ele me perguntou.

Cocei o queixo e disse: – Acho que só os Dixons.

– Vou ver o que podemos fazer com eles – disse o garoto.

Ele começou a caminhar pela rua e foi se afastando de mim.

Fiquei curioso e perguntei:

– Aonde vai agora?

– Siga-me – ordenou o garoto.

Fui atrás dele e reparei que estávamos bem próximos da casa dos Dixons.

O garoto parou e ficamos por ali algum tempo.

Uma figura apareceu na janela por um segundo. Será que a pessoa nos viu? Não achei uma boa ideia ficarmos parados por ali sem nada para fazer.

– Vamos embora antes que eles saiam – eu disse.

– Fique aí – ordenou o garoto.

Ele se dirigiu para a porta da frente dos Dixons.

– O que vai fazer? – gritei.

Sem responder, o garoto andou até a porta da frente e apertou a campainha. Depois, apertou de novo, mais uma vez e ainda outra vez. Os Dixons ficariam loucos se nos vissem. Numa fração de segundo, eu tratei de me enfiar atrás de um muro, e depois espiei para ver o que estava acontecendo. O garoto tinha sumido, ele devia ter se escondido. De repente, a porta se abriu. Era Paul Dixon. Ele olhou em volta por um tempo e depois bateu a porta com força.

Alguns segundos depois, o garoto voltou novamente para tocar a campainha. “Eles vão pegá-lo desta vez” – eu pensei. Pisquei os olhos e o garoto desapareceu de novo. Paul Dixon atendeu à porta mais uma vez e olhou em volta. Ele saiu no jardim em busca do misterioso visitante.

– Nenhum sinal de ninguém – bradou Paul para o irmão, que agora estava na soleira da porta.

Os dois voltaram para dentro da casa e o garoto apareceu novamente na porta. Tocou a campainha de novo. “Desta vez ele foi longe demais” – eu pensei. “Os irmãos Dixons devem estar esperando por ele.”

A porta foi aberta rapidamente e os Dixons saíram correndo.

– Onde você está? – bradou Paul. Mas o garoto tinha desaparecido novamente.

O irmão ameaçou: – Não tente brincar conosco. Vamos pegar você.

Eu estava quase me retirando para a segurança do meu apartamento quando a voz do garoto pobre gritou atrás de mim: – Estou aqui, seus idiotas.

Paralisado de medo, olhei para o garoto pobre. Por que ele tinha nos metido nessa encrenca justamente com os Dixons?

Eles vieram correndo rapidamente em nossa direção, quando o garoto disse: – Siga-me.

Eu corri como nunca na minha vida quando os ouvi gritando: – Vamos pegar você, garoto pobre.

Corremos pela calçada até o final da rua, com os Dixons nos perseguindo. O garoto pobre, então, desviou o caminho.

– Venha, aqui! – ele me encorajou.

Não parei para olhar ou pensar e o segui. De repente, vi um carro muito perto pelo canto do olho.

O tempo parecia passar em câmera lenta. Achei que o carro não conseguiria parar e que, então, eu morreria. Escutei uma brecada horrível. Então, senti um forte empurrão nas costas. Deve ter sido o garoto pobre que me atirou para fora da trajetória do carro. Fui cair do outro lado da calçada e virei para ver se o carro tinha atingido o garoto pobre. Incrédulo, fechei os meus olhos e queria que tudo não passasse de um sonho.

Quando abri os olhos um segundo depois, reparei que, na verdade, o carro era da polícia. Os dois policiais desceram do carro imediatamente. Um foi ver como eu estava e o outro foi prender os irmãos Dixons.

– Tudo bem com você, filho? – disse o policial. – Essa foi por pouco. Os outros garotos estavam perseguindo você na rua?

Profundamente abalado, apontei para o carro da polícia e disse: – O que houve com o garoto?

O policial ficou intrigado e replicou: – Que garoto?

– O garoto que me empurrou a tempo de evitar o acidente. Vocês devem tê-lo atropelado.

– Você era o único garoto na rua – disse o policial.

Descontrolado, eu gritei: – Mas vocês devem tê-lo atingido. Ele não teve chance.

O policial olhou em volta do carro para verificar pessoalmente e disse: – Olhe você mesmo. Não há mais ninguém envolvido.

– Mas havia... Ele salvou a minha vida! – expliquei.

O policial olhou para mim com simpatia e disse: – Acho que você bateu a cabeça. Acalme-se para termos certeza de que está tudo bem com você.

Depois de alguns momentos, eu me sentei e olhei para o local onde quase encontrei a morte. No meio da rua havia longas marcas de derrapada do carro de polícia, que terminavam onde o carro estava agora.

– Estou bem – eu disse enquanto levantava.

O garoto não podia ser visto em parte alguma.

Alguns metros adiante, o outro policial continuava advertindo os Dixons. O rosto de ambos mostrava que eles estavam em estado de choque e Paul tremia muito. O episódio tinha revirado a vida deles de cabeça para baixo, e estar em apuros com a polícia com certeza desencadearia um severo castigo da parte de seus constrangidos pais.

Eu gritei para eles: – Para onde foi o garoto?

Eles olharam para mim com estranheza, e replicaram em uníssono: – Que garoto? Estávamos perseguindo você.

A confusão foi interrompida pela gritaria da minha mãe: – Tommy! Tommy!

Ela me envolveu com um forte abraço e explicou que a senhora Benson tinha visto tudo e correu para avisá-la.

A senhora Benson apareceu alguns momentos depois e disse: – Tudo bem com você, Tommy?

Respirei fundo e respondi: – Sim, mas você não viu o que aconteceu com o outro garoto?

– Outro garoto? – indagou a senhora Benson. – Eu só vi você ser perseguido pelos Dixons. Acho que eles tiveram o que mereciam.

Olhando a rua pela última vez antes de ser levado embora pela mamãe, eu só pensava no que poderia ter acontecido com o garoto. Eu sequer sabia o nome dele.

– Entraremos em contato em breve – disse um dos policiais.

Capítulo 14

Quem Seria Ele?

Naquela noite, caí na cama, mas não consegui dormir. Aonde o garoto tinha ido e por que ninguém o tinha visto na cena do acidente? Para mim parecia que ele tinha encenado a coisa toda. Afinal de contas, foi ele quem provocou os Dixons para que nos perseguissem. Ao correr pela rua daquele jeito, ele deveria saber que eu estava obrigado a segui-lo sem pensar na minha própria segurança.

Era inconcebível pensar que ele pudesse ter planejado a perseguição dos Dixons pela rua exatamente na hora em que um carro da polícia estava passando por lá. Tudo isso para colocar os Dixons em apuros com a polícia? Desta vez ele tinha realmente ido longe demais. Ou será que os fatos realmente se somavam? Eu não poderia estar imaginando o garoto pobre, poderia?

Impossibilitado de dormir, levei um susto com uma batida na janela. Devia ser ele. Espiei e lá estava ele do outro lado da janela. Um misto de alívio e alegria encheu meu coração. Ele não estava morto e não podia ser invencioneiro da minha imaginação.

Ansiosamente, abri a janela para conversar com o garoto que tinha salvado a minha vida.

- Ainda bem que você está a salvo – gritei.
- Sim, eu estou bem – replicou o garoto com toda a calma do mundo.
- Para onde você foi? – perguntei.

O garoto pensou por um momento e depois respondeu: – Quando vi que a polícia estava envolvida, achei melhor cair fora.

A explicação dele me pareceu bem plausível, então, fiquei feliz de vê-lo novamente. Ele tinha me empurrado para fora da trajetória de um carro que representava grande perigo para si próprio. Ele era meu herói.

– Você precisa conhecer minha mãe, ela gostaria de lhe agradecer – eu disse.

– Não, acho melhor não – ele replicou seriamente.

Tentei argumentar com ele: – Deixa disso, é só a minha mãe.

– Estou partindo agora, Tommy – ele disse.

Surpreso com essa atitude, eu protestei: – Mas você não pode fazer isso comigo!

– O meu trabalho aqui está feito – anunciou o garoto.

Ele virou, subiu os degraus e sumiu. Como ele podia sair tão de repente sem me dar a mínima chance de agradecê-lo adequadamente? Eu nem sequer sabia o nome dele!

Escutei passos e então a porta do meu quarto se abriu. Era a mamãe. Ela devia ter me escutado abrir a janela para falar com o garoto.

Preocupada, ela olhou e disse: – O que você anda aprontando?

– Era o garoto pobre. Ele estava aqui há um segundo – gritei.

Correndo para a janela, ela olhou na escuridão. Eu podia perceber no rosto dela que não acreditava em mim.

– Não tem ninguém ali – ela disse.

Concordei e acrescentei: – Eu sei. Ele disse que iria embora.

– Você afirma que ele salvou a sua vida, e agora ele não aparece nem para receber os agradecimentos? – disse a mamãe.

– Ele disse que o trabalho dele aqui estava feito – respondi.

Ela colocou a palma de sua mão na minha testa para sentir como estava a minha temperatura. Fechou a janela novamente e me colocou de volta na cama, dizendo:

– Acho melhor levá-lo ao médico amanhã. O estado de choque ainda não deve ter passado.

Sabendo que era inútil tentar convencê-la da existência do garoto pobre, virei de lado e tentei dormir um pouco.

Amanheceu e eu levantei da cama com um sentimento de tristeza. Eu provavelmente tinha visto o garoto pobre pela última vez e para sempre. Lembrando da velha página de jornal que apareceu misteriosamente no gaveteiro, peguei a caixa de sapatos embaixo da cama e li a manchete novamente.

“GAROTO POBRE MORRE NA RUA MONTAGUE”

Com mais força do que antes, senti que o garoto que tinha morrido 20 anos antes e o garoto que eu conhecera agora e me ajudara estavam conectados. Eu precisava descobrir mais a respeito.

Capítulo 15

Uma Revelação

De manhã, minha mãe telefonou para o médico e ele chegou logo depois do almoço. Depois de fazer um monte de perguntas, inclusive algumas a respeito do garoto pobre, ele pegou o termômetro e verificou a minha temperatura. Colocando uma luz forte nos meus olhos, ele procurou alguma coisa errada. Depois, foi a vez dos meus ouvidos serem verificados, seguidos pelo exame de crânio e do pescoço. – O seu garoto parece ótimo – ele anunciou. A minha mãe perguntou a ele: – Mas e a respeito desse garoto que ele afirma conhecer?

– Não posso negar a existência do garoto, e certamente Tommy parece convencido de tê-lo visto – ele disse. – Mas por outro lado, você sabe como a imaginação dos garotos é ativa. Se tiver mais algum problema, não deixe de me chamar novamente.

Nem bem o médico havia saído, quando a campainha tocou novamente. Ali na porta estava um dos policiais que quase tinham me atropelado com o carro na véspera. Ele entrou para conversar com a minha mãe e comigo.

Dirigindo-se à mamãe, ele disse: – Gostaríamos que o seu garoto nos acompanhasse até a delegacia.

– Algum problema? – indagou a mamãe.

– Não senhora – disse o policial. – Só queremos ver se existe base para apresentarmos uma queixa formal contra os garotos que perseguiram Tommy na rua.

– Então, acho melhor a gente ir, Tommy – disse a mamãe.

Fomos escoltados até o carro da polícia e seguimos para a delegacia no banco traseiro. A minha curiosidade a respeito da morte do garoto 20 anos atrás intrigava minha mente.

– Sabe de alguma coisa a respeito do garoto pobre que morreu atropelado por um carro na Rua Montague 20 anos atrás? – perguntei ao policial.

O policial balançou a cabeça e disse: – Não, isso aconteceu bem antes do meu tempo. Mas é provável que o sargento Wilson se lembre. É melhor você conversar com ele.

– Ótimo! – repliquei. Talvez estivesse fazendo algum progresso para descobrir a identidade do garoto.

Assim que chegamos na delegacia de polícia, fomos levados para uma pequena sala. Depois de me entrevistar por alguns minutos, o policial entendeu que não havia necessidade de apresentar queixa formal contra os Dixons.

Eles acharam que provavelmente era minha culpa ter corrido para a rua, mas os Dixons também foram parcialmente considerados culpados.

– Os Dixons foram avisados de como devem se comportar no futuro e eles prometeram que nunca mais incomodarão você – afirmou o policial.

A mãe me cutucou. – E eu também prometo não incomodá-los – disse.

– Ótimo – falou o policial. – Um assunto, porém, ainda nos intriga.

– O que é? – eu disse.

– O paradeiro desse garoto pobre que você mencionou... – disse o policial.

– Até agora não tivemos informações de nenhum mendigo na sua região.

Eu engoli em seco e respondi: – Ele disse que estava partindo, pois o trabalho dele estava feito.

O policial olhou para mim com um jeito desconfiado e disse: – Muito bem. Suponho que isso esclarece esse ponto obscuro.

A mãe se levantou: – Podemos ir agora? – ela perguntou.

– Sim, é claro! – disse o policial. – Mas fique longe de confusão, Tommy.

No caminho de saída da delegacia, de repente me lembrei do sargento Wilson. Eu precisava descobrir se ele sabia alguma coisa a respeito do garoto.

– O sargento Wilson está de serviço? – perguntei na recepção.

O policial sorriu e disse: – Está olhando para ele.

– Você se lembra de um garoto pobre que morreu na Rua Montague há uns 20 anos? – perguntei.

O policial coçou a cabeça e depois disse: – Na verdade, eu lembro. Por que pergunta?

– Preciso saber o nome ou a aparência dele.

– Espere um minuto, vou ver se tenho alguma coisa nos arquivos – disse o sargento, e saiu em busca da informação.

Alguns minutos depois ele voltou trazendo um enorme envelope de papel marrom.

Ele explicou para mim: – Jamais descobrimos o nome do garoto. Pedimos para um desenhista fazer um retrato do rosto dele, numa tentativa de ajudar em nossas investigações, mas isso não teve nenhuma utilidade.

– Posso ver o desenho? – perguntei agitado.

– Sim, é este aqui – disse o sargento, abrindo o envelope e colocando a folha de papel na minha frente.

Um calafrio percorreu minha espinha quando olhei o desenho. Não conseguia acreditar no que via.

A semelhança entre o desenho e o garoto pobre que tinha me ajudado a me vingar pela humilhação sofrida nas mãos dos meus vizinhos era exata...

Era o mesmo garoto que salvou a minha vida!

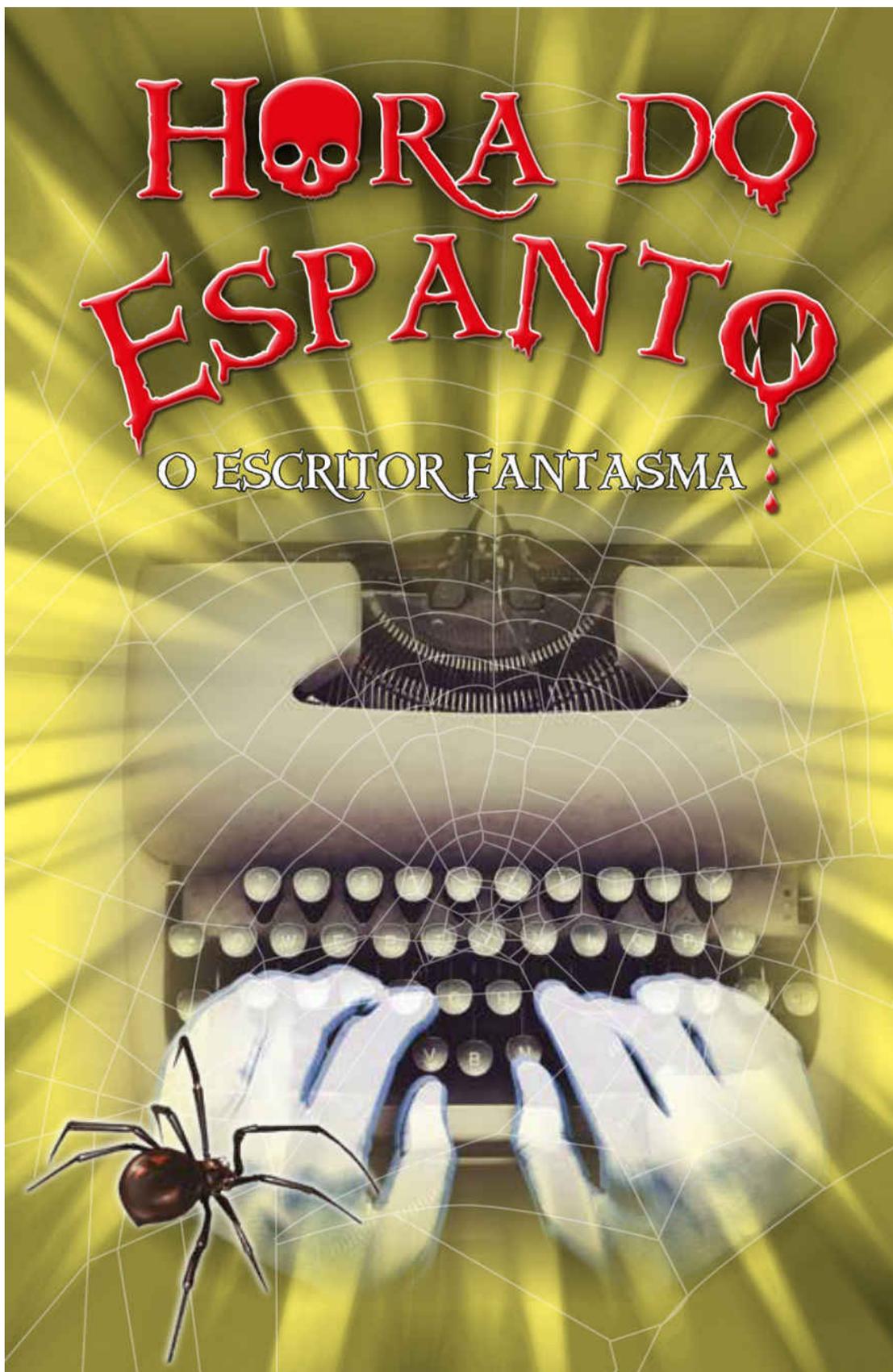
De repente, percebi a razão pela qual ninguém mais além de mim havia visto o garoto.

O GAROTO POBRE COM CERTEZA ERA UM FANTASMA!

HORA DO
ESPANTO

HORA DO ESPANTO

O ESCRITOR FANTASMA



O ESCRITOR FANTASMA

Edgar J. Hyde



Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

H993g

Hyde, Edgar J.

O escritor fantasma [recurso eletrônico] / Edgar J. Hyde; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.

ePUB; 1.4 MB.-(Hora do espanto)

ISBN: 978-65-5500-710-7 (Ebook)

1. Literatura juvenil. 2. Ficção. 3. Terror. I. Antunha, Silvio. II. Título. III. Série.

2021-857

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

2. Literatura juvenil 82-93

© 2009 Robin K. Smith

Esta edição de *Hora do Espanto* foi publicada em acordo com Books Noir Ltd.

Título original: *Beggar boy*

© 2012 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução: Silvio Antunha

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Livro digital: [Lucas Camargo](#) e [Gabriela Fazoli](#)

Sumário

O escritor fantasma

Hora de Mudar

O Embrião de Escritor

Uma Noite Perturbadora

Pesadelo Recorrente

A Trama se Complica

Um Aviso

Em Busca de Pistas

A Busca Continua

Um Ritual Chocante

A Sala de Aula

O Pesadelo Volta

Uma Descoberta Aterradora

Visitantes Noturnos

Uma Visita à Escola

O Sonho Final

Capítulo 1

Hora de Mudar

Era sábado à tarde, quase ao anoitecer. Charlie, Neil e Kate faziam as malas e preparavam-se para mudar de casa. Eles ficaram ocupados recolhendo as poucas bugigangas e os objetos que restaram nas gavetas e nos armários antes que o caminhão de mudança fizesse a última viagem levando as coisas deles para a casa “nova”.

Charlie era o mais velho de todos e tinha 15 anos de idade. Usava o cabelo loiro repartido no meio e tinha uma aparência descuidada. Neil tinha 13 anos, altura mediana, olhos castanhos escuros e o cabelo castanho aparado. Kate, a irmã deles, era quase da mesma altura com cabelo loiro de comprimento médio e misteriosos olhos escuros. Tinha 14 anos de idade.

Os jovens estavam se mudando para uma casa maior, mais antiga, com um jardim imenso, do outro lado da cidade.

– Essa não! Não! – gritou Neil, de seu quarto.

Charlie e Kate correram para lá.

– O que houve? – perguntou Charlie.

– Não consigo achar os meus jogos de computador – respondeu Neil.

– Já foram encaixotados, lembra? – disse Kate. – Você os colocou na caixa que estava na porta do quarto.

– É mesmo... – lembrou Neil aliviado.

– Seu tonto! – disse Charlie. – Eu seria capaz de matar você se tivesse perdido meus jogos. Eles custam os olhos da cara.

– Você devia ter encaixotado o seu material, Neil. Papai espera a gente lá embaixo, pronto para ir embora, em 5 minutos – disse Kate.

– Vamos! – chamou o pai, de repente, lá de baixo. – Tragam junto as suas coisas, vamos embora!

– Vamos! – disse Neil.

– Certo, vamos! – concordaram Charlie e Kate.

Charlie deu mais uma olhada em seu quarto agora vazio antes de pegar a última caixa com suas coisas e descer.

– Vamos lá, Charlie! – chamou Neil, que já estava no carro com Kate. – Vamos embora!

– Podemos ir – replicou Charlie, atirando sua caixa de qualquer jeito no interior do caminhão. Em seguida ele se jogou na parte de trás do veículo.

Assim que Charlie se ajeitou, o pai acionou o motor e eles partiram. Às oito e meia chegaram à casa nova e, como era final do mês de outubro, outono no Hemisfério Norte, a escuridão era total.

A casa ficava do outro lado da cidade e era muito maior do que aquela que eles acabavam de deixar. Também era bem mais antiga. As paredes, em estado crítico, exigiam reparos. As janelas eram altas, com arcos pontiagudos, e refletiram o brilho dos faróis quando o carro virou na entrada. Nos últimos dois meses, o pai fez os consertos mais urgentes, mas a casa ainda precisava de uma reforma completa.

Os jovens pularam da parte de trás do veículo e acompanharam seus pais pela trilha até a porta da frente. O pai demorou algum tempo girando a chave na fechadura.

– Ainda não tive tempo de lubrificar essa coisa – foi a explicação. Todos caminharam até o saguão e Charlie fechou a porta atrás de si. Ele precisou empurrá-la com força, já que ela não fechava.

Atrapalhado, o pai procurou o interruptor. Ao localizá-lo, ligou a luz. As lâmpadas ficaram acesas por alguns segundos, depois piscaram e, finalmente, apagaram.

– Droga! – exclamou o pai. – Vou ter de olhar a caixa de fusíveis. Charlie, vá buscar a lanterna no carro.

– Tudo bem, pai – obedeceu Charlie.

Charlie pegou as chaves com o pai e de novo abriu a porta da frente. Seguiu pela trilha até chegar ao carro. Colocou a chave na fechadura e girou. Depois de escutar o ruído do motorzinho da trava central zunir, ele abriu a porta traseira do lado esquerdo e pegou a lanterna na bolsa que ficava nas costas do assento dianteiro.

Testou o equipamento ligando e desligando. Depois, trancou o carro e voltou apressado.

Quando fechou a porta da casa, encontrou apenas o pai esperando.

– Onde estão os outros? – perguntou Charlie enquanto devolvia as chaves para o pai.

– Foram para a cozinha – replicou o pai. – Junte-se também a eles e ajude a fazer alguma comida. Vou sozinho verificar a caixa de fusíveis.

– Tudo bem, pai – respondeu o menino.

Na cozinha, ele encontrou o fogão a gás aceso, o que iluminava um pouco o ambiente. Neil tentava acender a velha lareira. Kate e a mãe estavam sentadas, uma de frente para a outra, conversando baixinho, na antiga mesa da cozinha, que já estava na casa. Charlie sentou-se perto delas e ficou observando a tentativa de Neil acender o fogo.

– Você não vai conseguir fazer isso – zombou Charlie.

– Quer apostar quanto? – retrucou Neil, arrogante.

– Acho que uma semana de mesada está bem. Aposto que você não consegue acender o fogo antes da eletricidade voltar – respondeu Charlie.

– Então vamos ver! – respondeu Neil.

Nos dez minutos seguintes, o menino observou o irmão tentando acender a lareira. De repente, sem aviso, uma luz piscou no corredor, vinda da direção do saguão. A luz diminuiu, depois firmou e permaneceu constante.

– Dinheiro na mão, por favor, Neil – falou Charlie, vitorioso.

– Certo. Nunca mais aposto nada com você – retrucou Neil, entregando o dinheiro para o irmão mais velho.

– Agora estamos quites. Não lembra que ontem eu perdi aquela aposta para você? – disse Charlie.

– Vocês dois precisam parar de apostar – interrompeu Kate. – Assim vão acabar perdendo todo o dinheiro que têm.

– Ou ganhando – ironizou Charlie. Neil riu.

– Talvez ela tenha marcado um ponto, Charlie, pois eu sempre perco...

– Então não aposte mais – concluiu Charlie, quando o pai entrou.

– Tudo bem, pessoal. Vocês querem comer, ou vão direto para a cama? – perguntou.

– Queremos comida! – replicaram os jovens.

Depois de uma rápida refeição, foram para os quartos escolhidos e caíram nas camas que haviam arrumado no dia anterior. Todos dormiram assim que encostaram a cabeça nos travesseiros.

Capítulo 2

O Embrião de Escritor

Na manhã seguinte, Charlie foi o primeiro a acordar. Ele se lavou, se vestiu e depois olhou para o relógio.

Eram oito e meia e não havia nada para fazer, então ele resolveu começar a trabalhar em seu mais recente conto para a revista semanal do clube de jovens da região. Gostava de fazer isso e escrevia uma história nova para cada edição. As histórias ocupavam apenas uma página da revista, mas Charlie esperava algum dia escrever um romance completo. No momento, estava fazendo uma série, por isso escrevia agora para várias das próximas edições.

Ele sentou-se com a caneta e o bloco de papel e pensou por um instante. Depois começou a escrever.

Às nove e meia, Neil apareceu na sala e disse:

– Bom-dia, Charlie. Hora do café da manhã. Papai acabou de preparar ovos com bacon.

– Eu vou em um segundo – respondeu Charlie.

Charlie olhou para seu bloco de notas e terminou a frase na qual trabalhava. Colocou a caneta cuidadosamente ao lado do papel e levantou-se.

Na cozinha, o pai acabava de servir ovos, bacon e torradas nos pratos que estavam sobre a velha mesa deteriorada da cozinha.

Ele olhou quando Neil entrou seguido pelo irmão.

– Bom-dia, Charlie – cumprimentou-o alegremente. – Dormiu bem?

– Sim – respondeu Charlie. – E você?

– Bem, obrigado – replicou o pai e sentou-se em seu lugar perto da mãe.

– Onde está a Kate?

– Ela vem em um minuto – disse Neil, enquanto também se sentava. –

O que vamos fazer hoje?

– Bem, como é o primeiro dia da sua semana de férias, você poderia nos dar uma boa mão para desencaixotar as coisas – falou o pai.

– Grande ideia – acrescentou Kate sem entusiasmo ao entrar na cozinha.

– Você parece contente, Kate – comentou Charlie.

– Grande ideia – repetiu Kate com um pouco mais de entusiasmo quando reparou no conteúdo da mesa da cozinha. – Bacon e ovos é tudo de que eu preciso.

– Acho que isso vai animar você – afirmou o pai, sorrindo. – Estou feliz porque você finalmente decidiu se juntar a nós – continuou com certa ironia.

Kate riu e sentou-se no espaço vazio reservado para ela na mesa. Durante alguns minutos o silêncio foi completo, com exceção dos sons de cinco pessoas famintas que devoravam o café da manhã. Finalmente, o pai reclinou-se na cadeira, limpou o rosto com papel toalha e suspirou.

– Era exatamente disso que eu precisava! – revelou com um sorriso de satisfação.

– Até parece que você gostou mesmo disso – falou sua esposa.

– Pode ter certeza que sim – ele respondeu.

Os adolescentes limparam a mesa e lavaram a louça, enquanto seus pais tomavam banho e trocavam de roupa. Logo, todos estavam prontos para começar a desencaixotar todas as coisas que haviam trazido da outra casa.

Os móveis haviam sido trazidos alguns dias antes e já estavam colocados em seus devidos lugares. Tudo o que a família precisava fazer era desempacotar objetos pessoais como roupas e acessórios.

Os adolescentes começaram a desembalar seus próprios pertences e a arrumá-los nos armários e nas gavetas. Por volta das seis, eles quase já haviam terminado de ordenar seus quartos. Decidiram encerrar o dia de trabalho e deixaram o restante para guardar no dia seguinte.

Depois do jantar, Kate e Neil jogaram videogame, enquanto Charlie tentava terminar seu conto. Às nove horas, os adolescentes decidiram dormir e foram para a cama.

Charlie colocou a caneta e o bloco de notas perto da cama e leu para si mesmo as últimas palavras que havia escrito:

James ajoelhou-se e tentou levantar a tampa da caixa que estava emperrada.

Ao se ajeitar na cama, Charlie imaginava como poderia continuar a trama. Ele ainda meditava nisso quando adormeceu profundamente.

Capítulo 3

Uma Noite Perturbadora

– Acorda, Charlie.

Charlie sentou e esfregou os olhos.

– Como? – perguntou, ainda sonolento.

– Eu disse, acorda, Charlie – insistiu Neil, de pé no vão da porta – são nove horas.

– Tudo bem – respondeu Charlie sacudindo a cabeça e perguntando-se por que não havia acordado antes. Não costumava dormir por 12 horas. Espiou o relógio ao lado da cama, para conferir se eram mesmo nove horas. Conforme seu olhar varreu sua mesa de cabeceira, deparou-se com seu bloco de notas. Quase sem saber a razão, ele o pegou e leu as últimas palavras anotadas:

De repente, a tampa voou longe e a mão de James escorregou. Sua mão resvalou em um prego cravado na lateral da caixa. Ele apertou a mão conforme o sangue começou a jorrar por um talho em seu dedo indicador.

Charlie permaneceu ali por alguns segundos, perplexo com aquelas palavras que ele não conseguia lembrar de ter acrescentado no final da história na noite anterior. Mas não deu maior importância ao fato, achando que ele devia ter acordado e escrito durante a noite. Talvez por isso ele havia acordado tão tarde naquela manhã...

Recolocou o bloco de notas sobre a mesa e saiu. O que ele deixou de perceber era que embora tivesse escrito a história à caneta no dia anterior, a

nova frase, apesar de escrita com sua própria caligrafia, havia sido escrita com caneta-tinteiro. O café daquela manhã não foi tão elaborado. Charlie comeu cereais com um copo de suco de laranja e, depois, desencaixotou e arrumou suas coisas, antes de ajudar seus pais a guardar todos os itens da cozinha em seus devidos lugares.

Lá pelas quatro e meia, Charlie e seus pais terminaram de organizar a cozinha e estavam prontos para arrumar o resto da casa. Kate e Neil ajudaram e, por volta das oito horas, já haviam realizado metade da tarefa. Depois de um dia de trabalho conjunto muito proveitoso, a família decidiu encerrar o serviço do dia e os pais começaram a preparar o jantar. Charlie, Kate e Neil jogavam cartas na grande sala de jantar. Essa sala estava pouco iluminada e tinha uma grande mesa redonda no centro.

Os adolescentes estavam sentados ao redor da mesa.

– Ganhei! – exclamou Neil. – De novo!

– Droga, como você consegue fazer isso? – perguntou Charlie, atirando algumas moedas para Neil.

– Provavelmente ele trapaceou – disse Kate, também arremessando umas moedas na direção de Neil.

– Que tal outra partida? – perguntou Neil, ignorando o comentário de Kate. – Vamos aumentar um pouco as apostas? Vou acabar com vocês.

– Oh, que dinheirão! Tudo bem – disse Charlie arremessando mais moedas no centro da mesa.

– Acompanho você – disse Kate fazendo o mesmo. Os jovens continuaram o jogo até perto das nove horas. Nessa hora, Charlie decidiu que tinha perdido um bocado de dinheiro para Neil e queria prosseguir seu conto. Deixou Kate e Neil jogando cartas e foi para o quarto. Mas sentiu-se

um pouco solitário no andar de cima e resolveu voltar para a sala de jantar e escrever na poltrona perto da janela.

Na sala de jantar as mesas estavam viradas e Kate tinha acabado de recuperar o dinheiro que havia perdido para Neil. Os jovens não apostavam grandes quantias de dinheiro, pois jogavam cartas apenas por diversão.

Charlie sentou-se na poltrona perto da janela, tendo a escuridão da noite lá fora como pano de fundo, e pensou um pouco, enquanto mordida a caneta. Depois, começou a escrever.

Escreveu durante uma hora e, às dez horas, já estava com meio caminho andado para a segunda parte da série.

Kate e Neil estavam guardando o baralho e Charlie virou a última página de seu bloco de notas em busca de uma folha de papel em branco. Levou o bloco de notas para o andar de cima e novamente deixou-o ao lado de sua mesa de cabeceira antes de tomar um banho e cair na cama.

Por meia hora ele leu um livro, até que, faltando 15 minutos para as 11 da noite, jogou o livro sobre o bloco de notas e apagou a luz ao lado da cama. Adormeceu em poucos minutos.

* * *

De repente, Charlie despertou sobressaltado. Estava num outro quarto e sentiu que havia caído em uma armadilha. A porta estava quase fechada com tijolos. Um rosto espiou dentro do quarto e gargalhou antes de colocar outro tijolo na parede que bloqueava a porta. Logo veio o último tijolo e o último feixe de luz tremulante, talvez de luz de vela, desapareceu e ele ficou sozinho no escuro. Começou a pedir socorro, mas sua voz era abafada pelas paredes. Chamou várias vezes. Começou a entrar em pânico conforme seu coração batia mais rápido. Levantou-se e cambaleou para frente. Bateu na parede e recuou. Perambulou desorientado pelo quarto e havia perdido o

sentido. Bateu em um canto e cambaleou para trás. Foi de encontro à outra parede e começou a bater contra os tijolos, depois passou a arranhá-los, na tentativa de escavar o caminho com as unhas, enquanto gritava para que o deixassem sair. Charlie passou a cambalear com o ar viciado e o oxigênio rarefeito do quarto. Lentamente começou a sufocar. Charlie recuou um passo e parou de gritar antes de desmaiar repentinamente. Quase não sentiu quando bateu no chão de pedra. Antes de perder completamente a consciência, ouviu uma gargalhada demoníaca ecoar a distância. Então, seu corpo debateu-se no chão e Charlie sufocou lentamente até a morte.

Charlie sentou sobressaltado. O fraco sol de outono brilhava pela janela e ele estava na cama, completamente encharcado em suor frio, com os lençóis firmemente enrolados em volta de seu corpo. Relaxou e suspirou, tinha sido apenas um pesadelo. Lembrou-se daquilo e tremeu só de pensar, pois tudo pareceu muito real e assustador. A sensação de claustrofobia que ele havia sentido voltou por um instante. Charlie logo se acalmou e passou a se perguntar o que teria para fazer naquele dia.

Com o sonho temporariamente esquecido, Charlie se levantou e tomou banho. Ele se vestiu e pegou o relógio na mesa de cabeceira, perto do bloco de notas, com meia página de seu texto nela. Em seguida, desceu até a cozinha e preparou, ele mesmo, um rápido café da manhã antes de ir para a sala de estar, onde encontrou Neil assistindo à televisão, sentado no chão.

– Bom-dia, Neil! – cumprimentou Charlie.

– Bom-dia! – respondeu Neil, roendo a unha do polegar.

– O que está passando na TV? – perguntou Charlie.

– O de sempre – respondeu Neil. Ele se levantou e se acomodou no sofá antes de cravar o polegar de volta na boca.

Eles assistiram à programação matinal da televisão por meia hora antes de a mãe descer e pedir que eles fossem buscar alguns mantimentos no mercadinho próximo. Eles seguiram pela estrada esburacada, caminhando em um ritmo vagaroso.

– Como vai a história? – perguntou Neil enquanto andavam despreocupados lado a lado na rua.

– Bem – respondeu Charlie vagamente, conforme subiam no gramado à beira da calçada para deixar um carro passar. Neil olhou para o rosto de Charlie e viu que ele não estava mesmo interessado no que ele dizia e, em vez disso, estava pensando.

– No que você está pensando? – perguntou Neil.

– Em nada, apenas em um sonho – respondeu Charlie, sacudindo a cabeça para se livrar daquelas lembranças.

Cinco minutos depois, eles chegaram no mercado e entraram. O local era desconhecido para eles que antes viviam do outro lado da cidade e, assim, raramente iam até aquela área.

O mercado era bastante antiquado. Em vez das brilhantes luzes fluorescentes mais comuns, havia uma única lâmpada incandescente que pendia do teto. As prateleiras estavam abarrotadas com mantimentos, feitos por fabricantes pouco conhecidos. Todas as prateleiras tinham uma grossa camada de pó, indicando não apenas que ninguém limpava o local com frequência, como também parecia que as vendas não faziam muito sucesso por ali. No caixa, que ficava perto da porta, havia uma máquina registradora e um par de cofrinhos de caridade. Não havia ninguém na registradora, mas atrás da cortina de tiras ouvia-se o som de um assobio. Charlie pegou um repulsivo cesto enferrujado e os garotos começaram a colocar nele os itens

da lista. Eles tinham quase terminado quando, de repente, escutaram um grito triunfal vindo do caixa.

– Ah! Bem que eu disse a eles! Bem que eu disse a eles! Mas por acaso eles me ouviram? Jamais! Peguei vocês no ato, roubando-me, desta vez eu peguei vocês! – dizia um homem velho que saiu de trás da cortina apontando e sacudindo o dedo em riste para os garotos.

– Na verdade, estamos comprando essas coisas – disse Charlie, acenando com a carteira. – Por incrível que pareça – murmurou, olhando desconfiado para uma lata enferrujada de carne, muito suspeita.

– Certo, tudo bem – disse o velho homem acomodando-se de volta na cadeira atrás do caixa. Apressados, os irmãos terminaram de encontrar os últimos itens da lista e em seguida foram para o caixa. O velhote calculou a despesa e cobrou de Charlie. O homem bateu na alavanca da antiquada registradora e passou com dificuldade o troco para os garotos.

– Nunca vi vocês antes – disse o velho. – São novos por aqui?

– Viemos de mudança do outro lado da cidade – respondeu Neil.

– Vou considerar isso como um *sim* – rosnou o velhote. – Mudaram para algum lugar próximo?

– Para a casa que fica na Estrada dos Dois Carvalhos – disse Neil antes que Charlie conseguisse interrompê-lo.

– Há, Háá, Hááá! – gargalhou o velho de repente. – Vocês se mudaram para a *asa mal ajambrada*!

– *Asa mal ajambrada*? – perguntou Charlie. – O que o senhor quer dizer?

– Eu quero dizer o que eu digo – sorriu o homem arreganhando os dentes. – Essa *asa é mal ajambrada*.

– Ah, casa mal-assombrada... – disse Charlie sorrindo. – O senhor quer dizer: casa mal-assombrada!

– Certo, isso mesmo, *asa mal ajambrada*.

– Está tudo bem, eu não acredito em fantasmas – disse Charlie.

– Isso é o que todos dizem – afirmou o velhote com um sorriso sinistro – antes de acontecer.

– Antes de acontecer o quê? O que acontece? – indagou Neil.

– Vocês vão ver, crianças – respondeu o velho. – Vocês vão ver.

Com isso, o velhote virou abruptamente e retornou pelo cortinado, rindo.

– Antes do que acontecer? – perguntou Neil novamente, agora mais para si mesmo.

– Nada, ele está apenas tentando nos assustar, só isso – respondeu Charlie, conforme saía da loja. – O cara devia ser despedido por assustar as crianças da localidade.

– Velho pilantra, isso sim! – cuspiu Neil.

– Provavelmente ele fica entediado de trabalhar nessa loja repugnante – disse Charlie, tentando ser justo.

– É verdade, realmente fedia um bocado – respondeu Neil conforme eles começaram a subir a ladeira para a casa.

Os garotos entraram em casa às nove e meia. Nesse horário, todos estavam de pé e ocupados. Kate tinha acabado de tomar o café da manhã e assistia à televisão. Ela levantou os olhos assim que os meninos entraram na sala depois que deixaram as compras na cozinha.

– Oi – cumprimentou.

– Oi, Kate – respondeu Charlie.

– Olá – disse Neil.

– O que vamos fazer hoje? – perguntou Kate.

– Que tal procurarmos no sótão alguma coisa velha deixada pelas pessoas que moraram aqui antes de nós? – sugeriu Charlie.

– Tudo bem – concordou Kate.

– Certo – disse Neil.

No mesmo instante os jovens subiram para o sótão, que estava basicamente vazio, exceto por três velhas caixas em um canto. Charlie abriu a primeira caixa. Era de madeira e, depois de removida a tampa, nada mais revelou além de um pequeno monte de serragem velha. Passou para a seguinte e levantou a tampa. O resultado foi o mesmo, apenas um pequeno monte de serragem.

Desanimado, começou a levantar a tampa da última caixa, que era a menor. A tampa se deslocou e em seguida emperrou. Ele forçou novamente a tampa, mas nem assim a tampa se moveu. O menino mudou o jeito de puxar e tentou de novo. De repente, a tampa soltou, para longe, e ele cambaleou para trás.

– Ai! – gritou conforme o sangue começou a jorrar de um talho profundo na mão esquerda. Olhou para a caixa no chão e viu que devia ter esbarrado a mão em um prego saliente na lateral. Colocou a mão na boca e sugou com força.

– Você está bem? – perguntou Kate.

– Estou ótimo, o que tem na caixa?

– Nada, quer dizer, tem uma coisa, um livro – acrescentou, curvando-se para pegar o livro que estava meio encoberto pela serragem.

– O que tem nele? – perguntou Neil.

– Nada, é só um diário, mas sem anotações. Espera, tem uma sim, aqui no dia 15 de novembro.

– É hoje! – interrompeu Neil.

– Ele diz assim: “Charles, me ajude, eu preciso de ajuda!” – continuou Kate, olhando de relance para Neil.

– Diz isso aí? – perguntou Charlie tomando o livro de Kate.

– Sim – respondeu Kate. – Mas que coincidência ter acontecido na data de hoje!

– E menciona *Charles* – disse Neil.

– Gostaria de saber por que ele precisou de ajuda... – disse Charlie vagamente.

– Por que *ele*? – indagou ela.

– Ou talvez ela – continuou o menino como se não tivesse ouvido Kate.

– Se isso é tudo o que temos por aqui, podemos descer agora? – perguntou Neil.

– Tudo bem, então – respondeu Charlie. – Não há mais nada interessante por aqui.

Os jovens desceram a escada um a um, antes de levarem a escada de volta para a garagem.

Em seguida Charlie, Kate e Neil não fizeram mais nada pelo resto do dia, apenas ficaram à toa, jogaram cartas e videogame. Ao anoitecer, Charlie não queria se dar ao trabalho de escrever, então apenas leu a história desde o começo atrás de erros. Estava sentado na sala de jantar com Kate e Neil. Leu um trecho da história pouco convincente. Ele se levantou da poltrona perto da janela e foi até Kate perguntar o que ela achava. Depois de a irmã dar sua opinião, ele sentou-se perto dela, em vez de voltar a seu lugar no banco embutido sob a janela. Continuou a leitura, virando uma página de vez em quando. Parou a leitura por um momento para pensar um pouco.

Ele quase não escutava Kate e Neil jogando cartas e olhou ao redor da sala de jantar, para a velha e antiquada estante de livros, que estava na casa quando eles chegaram, para o antigo guarda-louça que tinham trazido da casa anterior e para o banco embutido sob a janela com um afundamento no meio do estofado, que tinha ocorrido em razão dos muitos anos de uso. Retomou a leitura de sua história de novo e virou a página rapidamente.

Franziu as sobrancelhas e virou rapidamente a página de volta outra vez.

Esfregou a página entre os dedos para ver se não tinha virado duas páginas.

Charlie não deu maior importância e continuou a ler a página:

Ele sentou de volta e observou o ambiente, a estante de livros, o guarda-louça, o banco embutido sob a janela. As duas outras figuras estavam curvadas sobre a mesa, jogando cartas. Uma delas gritou a vitória e puxou o prêmio para si.

Em seguida ele espiou de volta para o banco embutido sob a janela. Uma figura fantasmagórica estava sentada ali, tranquilamente sorrindo para si mesma. A pessoa estava ali havia mais tempo do que qualquer um poderia lembrar e ela sempre sentava na janela sorrindo para si mesma.

De repente Charlie ficou de olhos vidrados e revirou o bloco de notas. Ele não havia escrito aquilo, era a letra dele, sim, mas não estava escrita com caneta esferográfica.

Charlie lentamente espiou para a janela. A figura fantasmagórica acenou com a mão em reconhecimento. Charlie só pôde perceber um sorriso sob a sombra escura da boina que a figura usava.

– Neil, Kate! – começou Charlie, com a voz tremulante.

– O que foi, Charlie? – perguntou Kate. Ela olhou na direção do olhar amedrontado de Charlie e franziu as sobrancelhas. – O que foi, você viu alguma coisa lá fora?

Charlie piscou e viu apenas a janela e a poltrona:

– Fo-fa-fã-fan – gaguejou Charlie.

– Foi aonde? – perguntou Kate nervosa, olhando de volta para a janela novamente. – O que foi? O que quer que tenha sido, não está mais lá agora.

Charlie balançou a cabeça como se tentasse limpar os pensamentos.

– O que aconteceu, Charlie? Até parece que você viu um fantasma – disse Neil.

– Acho que foi isso mesmo que eu vi – disse Charlie com uma voz repentinamente calma.

Capítulo 4

Pesadelo Recorrente

– Eu terminei no final da última página – disse Charlie. – Mas olhe, de repente apareceu esse texto extra que dizia exatamente o que eu estava fazendo na sala de jantar. Pensando bem, eu notei esse texto extra de manhã, mas não tinha pensado a respeito até agora.

– Tudo bem, Charlie, eu acredito mesmo em você – zombou Neil.

– Mas é verdade! – confirmou Charlie.

– Você deve ter escrito isso na sala de jantar, Charlie – disse a menina em dúvida. – Essa coisa de fantasmas não existe, você assustou a gente, mas está levando essa brincadeira um pouco longe demais.

– Não é brincadeira – insistiu Charlie.

– Tudo bem, Charlie – disse Neil em um tom de voz complacente, reservado ao início de uma disputa fraterna.

– Por que você não acredita em mim? – suplicou o menino desesperado.

– Porque tudo isso soa um pouco improvável – disse Kate, cordial. – Agora eu acho melhor a gente esquecer isso. Provavelmente você estava apenas imaginando coisas. – E lançou um olhar de aviso para a mesa, onde Neil só estava esperando uma oportunidade para dizer algo mais. Ele percebeu o toque e resolveu ficar de bico calado.

– O que me diz dessa história, então? – indagou Charlie.

– Você provavelmente escreveu isso antes e depois esqueceu – respondeu Kate sensibilizada.

Charlie cedeu. – Certo, foi provavelmente isso o que aconteceu – suspirou.

– Olá, crianças! – gritou o pai surgindo de repente dentro da sala, fazendo os três adolescentes saltarem. O pai atirou três barras de chocolate na mesa.

– Chocolates para assistir à TV. Nós alugamos um filme – explicou.

Quando eles saíam da sala de jantar para a sala de estar, Charlie, que foi o último a sair, olhou de volta para a janela. A figura fantasmagórica acenou para ele e piscou. Charlie se apressou em sair e bateu a porta atrás de si. Assim que trancou a porta, ele ficou arrepiado e rapidamente seguiu o resto da família até a sala de estar para assistir ao filme. Era uma história de fantasmas. Charlie não ficou nem um pouco surpreso.

Depois do que tinha acontecido há poucos minutos, Charlie não achou o filme nada assustador. Depois do filme ele pensou a respeito da figura fantasmagórica que havia visto sob a janela e decidiu que ele mesmo devia ter imaginado aquilo. Em seguida, ele perguntou a si mesmo como o texto a mais apareceu em seu bloco de notas.

Depois de reacender o medo que tinha sentido antes, ele relutou em ir para a cama. Como as aulas tinham terminado por causa do verão e os pais não se incomodavam com o horário de dormir, ele perguntou a Kate e Neil se eles não queriam jogar cartas ou algum jogo de tabuleiro, Banco Imobiliário, talvez.

Kate e Neil adivinharam a razão pela qual ele queria ficar acordado, mas não disseram nada, em parte porque o irmão e o filme os tinham aborrecido o suficiente para que eles quisessem que as coisas voltassem à normalidade.

Neil era o melhor em Banco Imobiliário e sempre ganhava. Ninguém conseguia vencê-lo nisso desde que ele tinha começado a jogar. Os irmãos sempre tentavam se unir contra ele quando jogavam, mas de nada adiantava. Charlie se alegrava por não jogarem com dinheiro de verdade. Neil, por outro lado, nem tanto.

– Eu quero ser um navio – disse Neil, pegando o barco em miniatura com o qual sempre jogava.

– Tudo bem, eu serei o carro – disse Charlie.

– E eu a bota – disse Kate.

– Gostaria de saber por que tem um barco aí... – especulou Neil despreocupado.

– E um cachorro – continuou Charlie.

– Suponho que seja a minha vez de dizer: por que tem um chapéu? – disse Kate entediada.

– Isso mesmo – disse Neil sorrindo.

– Vamos começar a jogar? – perguntou Charlie. – Lembre-se de quem você deve perseguir, Kate, se quiser ter uma chance de vencer.

– Neil? – ela respondeu com um sorriso inocente.

– Isso mesmo – disse Charlie atirando os dados.

Depois de uma hora de uma partida disputada de Banco Imobiliário, Neil surgiu vitorioso. Charlie e Kate não ficaram nem um pouco surpresos. Agora os jovens estavam com o moral bem mais elevado e foram felizes para a cama, tendo esquecido o que havia acontecido antes. Cansado, Charlie largou o bloco de notas na mesa de cabeceira e deslizou debaixo das cobertas geladas.

* * *

Charlie despertou. Estava novamente no quarto, só que desta vez o vão da porta estava apenas fechado pela metade com tijolos. O mesmo rosto olhou sobre os tijolos e gargalhou para Charlie largado no chão. Dessa vez, o rosto ficou mais fácil de distinguir, Charlie podia agora perceber uma barba nas feições escurecidas. Charlie tentou se levantar e escapar, mas não conseguiu mover o corpo. Sentia-se como se estivesse drogado. O rosto olhou para Charlie novamente e sorriu mostrando os dentes:

– Então, agora você está acordado, seu monte de lama imundo – disse o dono do rosto de repente, olhando para Charlie. – Isso vai lhe ensinar uma coisa.

Charlie tentou se levantar novamente, dessa vez controlando alguns movimentos. Ele começou a se debater no chão, mas era o máximo que conseguia fazer. Acidentalmente, ele bateu a cabeça no chão duro de pedra e ficou inconsciente.

De novo, Charlie despertou sobressaltado. Ainda estava no quarto. A porta do quarto estava quase totalmente fechada com tijolos, ele podia ver o cimento escorrendo entre eles. O rosto espiou dentro do quarto novamente e gargalhou satânico, antes de colocar outro tijolo na parede que bloqueava o vão da porta. Logo veio o último tijolo e o último feixe de luz tremulante, provavelmente de vela ou de uma lanterna, desapareceu, e ele ficou sozinho no escuro. Passou a pedir socorro, mas sua voz era abafada pelas paredes. Ele chamou novamente e novamente. Começou a entrar em pânico, conforme seu coração batia cada vez mais rápido. Ele se levantou e cambaleou para frente. Bateu na parede e resvalou nela. Ficou desorientado, depois cambaleou em volta do quarto e sentiu que ia cair. Bateu em um canto e cambaleou para trás. Encontrou outra parede e começou a bater nos tijolos, gritando por ajuda. Depois, passou a arranhá-los, tentando escavar o

caminho com as unhas, enquanto gritava para que o deixassem sair. Charlie passou a cambalear conforme o ar no quarto se tornava viciado e o oxigênio rareava.

Lentamente começou a sufocar. Charlie recuou um passo e parou de gritar antes de repentinamente desmaiar no chão de pedra. Quase não sentiu o chão duro. Antes de perder completamente a consciência, Charlie ouviu uma gargalhada demoníaca ecoar a distância. Então seu corpo se debateu no chão conforme sufocava lentamente até a morte.

* * *

Capítulo 5

A Trama se Complica

A luz brilhante da manhã reluziu pela janela de Charlie, quando ele virou tentando proteger os olhos. Tão logo despertou, lembrou do sonho. Desta vez tinha durado mais, apenas um pouco mais, mas ainda assim mais. Naquela manhã, os lençóis estavam novamente desarrumados, como se ele tivesse se movimentado durante o sono, e molhados com o suor de Charlie.

Charlie sentiu um frio percorrer sua espinha e desejou não ter novamente o sonho naquela noite. Com um esforço consciente para não olhar o texto em seu bloco de notas, Charlie se levantou e se vestiu. Ele lembrou da noite passada e tremeu só de pensar. “O cara da loja no dia anterior estava certo” – pensou –, “a casa é mal-assombrada”.

Charlie entrou no banheiro aborrecido e se lavou. Esfregou os olhos e olhou para si mesmo no espelho ofuscado. Seus olhos inchados indicavam sono. Decidiu deitar cedo aquela noite.

Charlie se vestiu lentamente e foi para a cozinha no andar de baixo, onde Kate acabava de consumir cereal.

– Meu Deus, Charlie, você está com uma aparência horrível – ela notou.

– Estou sentindo isso, mas por que você não ficou cansada? – perguntou Charlie.

– Porque não fomos para a cama tarde na noite passada – respondeu Kate.

Charlie repensou um pouco por alguns segundos e franziu as sobrancelhas.

– Você tem razão, eu não fui para a cama tarde, então por que estou cansado?

– Depois você me conta – respondeu Kate dando de ombros. – Talvez você devesse voltar a dormir...

– Não, agora eu estou bem acordado – disse Charlie, bocejando.

– Não é o que parece – comentou Kate.

– Oi, pessoas! – cumprimentou Neil animado, antes de olhar no rosto do irmão e dizer: – Você está com uma aparência terrível.

– Oi – disse Charlie em um tom de voz sumido. – Bom-dia para você.

– O que estavam dizendo da última noite? – perguntou Neil.

– Nada – disse Charlie.

– Tem certeza? – Neil voltou a perguntar.

– Bem – começou Charlie –, foi uma coisa que aconteceu.

– O que foi? – Neil quis saber.

– Bem, eu tive nesta última noite aquele mesmo sonho da madrugada de ontem. O engraçado é que o último sonho demorou um pouco mais, havia mais coisas no começo.

– O que aconteceu no sonho? – interrogou Neil.

– Espere alguns minutos e eu conto a você – disse Charlie, dirigindo-se à mesa da cozinha e descansando as mãos na superfície sarapintada.

Então, contou aos irmãos a respeito do sonho, do quarto escuro, do vão da porta fechado com tijolos, do rosto barbudo, da sensação de claustrofobia, do desmaio e do despertar com os lençóis da cama desarrumados em volta do corpo e encharcados de seu suor.

– Já havia sonhado assim antes? – perguntou Kate.

– Não, jamais – respondeu Charlie. – Só depois de mudar para cá.

De repente um olhar revelador escorreu no rosto de Neil.

– O cara barbudo parecia com o homem fantasmagórico da noite passada no banco embutido sob a janela? – perguntou rapidamente a Charlie.

Ele pensou a respeito disso por um segundo e em seguida balançou a cabeça.

– Não, pelo que eu vi, o homem fantasmagórico no banco embutido sob a janela não tinha barba – respondeu.

– Por que será que você só começou a sonhar assim quando chegamos aqui? – perguntou Kate.

– Não sei – disse Charlie. – Mas como eu sonhei isso esta noite, então sonhar a mesma coisa duas vezes não é coincidência.

Os jovens ficaram quietos por um instante até que Charlie disse:

– Sabe da última noite quando eu vi a figura de um homem no banco embutido sob a janela?

– Sim – respondeu Neil.

– Bem, quando fomos para a sala de estar eu fui o último a sair e vi a figura novamente, ele acenou para mim.

– De repente eu realmente sinto que não vou acreditar em você novamente – disse Neil.

– Tem mais – disse Charlie. – Todas as manhãs desde que chegamos aqui, encontro texto extra que não escrevi em meu texto do bloco de notas. Agora, a menos que você esteja de brincadeira comigo, não sei como isso pode ter acontecido.

– Posso ver o seu bloco de notas? – perguntou Kate.

– Claro – disse Charlie levantando-se. – Vou pegá-lo.

Quando voltou, Charlie colocou o bloco de notas sobre a mesa na página mais recente.

– Veja, mais texto – apontou. – E está com tinta diferente, alguma coisa à base de água, não é esferográfica.

– O que diz aí? – perguntou Neil olhando no bloco de notas – É mesmo, eu vi, você tem razão, a tinta é diferente, é bem aqui que começa.

Charlie leu em voz alta as novas palavras:

O homem despertou e espreguiçou-se. Novamente ele tinha caído no sono no banco embutido sob a janela enquanto escrevia seu livro mais recente. De repente, o homem recordou o que tinha para fazer e suspirou. Durante muitos anos ele teve boas relações com a pessoa que teria de entregar à polícia local. Eles tinham sido colegas de escola. Mas o que seu amigo tinha feito era terrível demais para ignorar, terrível demais.

– Você tem certeza de que não escreveu nada disso? – perguntou Kate.

– Olhe, eu saberia se escrevi ou não alguma coisa, certo? – disse Charlie na defensiva. – Não sei quem está fazendo isso, mas quero que pare, tudo bem?

– Tudo bem – respondeu Kate. – Então o que devemos fazer?

– Ir para a sala de jantar e observar o homem do livro acordar – suspirou.

Apreensivos, os adolescentes foram para a sala de jantar, para ver se o texto se tornaria realidade. Kate e Neil ainda não acreditavam muito em Charlie, mas, por alguma razão, o jeito como ele agia a respeito de todo o caso os incomodava e eles começavam a se sentir sugados por uma situação da qual não tinham certeza se seriam capazes de sair.

Charlie se precipitou pela porta aberta quando entrou no quarto para lutar contra seu medo. A porta bateu na parede, saltou de volta e resvalou no sapato de Charlie.

Ele quase não percebeu a porta atingir seu sapato, quando olhou através da sala em direção à grande janela da sacada. No banco embutido sob a janela, diante dela, à sombra de um carvalho enorme, que arranhava o céu

como se estivesse tentando puxar a si mesmo mais alto, estava a figura fantasmagórica que Charlie tinha visto na noite anterior. A figura usava boina e os jovens apenas puderam reparar no padrão quadriculado da jaqueta de lã que vestia. A figura era um homem sentado na poltrona com as costas descansando contra o lado da janela da sacada. Sua cabeça pendia para frente, contra os joelhos curvados contra o corpo. Evidentemente, o homem tirava uma soneca.

Os jovens não puderam reparar no rosto do homem, que ficava metade oculto pela boina e metade pelos joelhos. De repente o homem começou a se movimentar. Ele grunhiu levemente e sentou de volta, ao mesmo tempo em que olhava para longe da janela, protegendo assim o rosto.

Os jovens puderam reparar no cabelo castanho, grisalho, ensebado, espetado em ângulos malucos debaixo do chapéu do homem. Os jovens ainda conseguiram sentir um fraco odor de repolho fervido.

Charlie se controlou e deu um passo à frente.

– Quem é você? O que você quer? – indagou num acesso de raiva.

O homem o ignorou.

– Charlie! – berrou a mãe, do andar de cima de repente – Mas que gritaria é essa?

Kate e Neil viraram brevemente e olharam na direção da voz da mãe.

– Nada, mãe! – Charlie berrou de volta também virando de lado levemente.

– Eu já desço, tudo bem?

– Tudo bem, mãe! – respondeu Charlie.

Ele virou de volta no mesmo momento que Kate e Neil e cambaleou para trás em estado de choque. O homem tinha sumido. Espantado, Charlie

correu até o banco embutido sob a janela e lá permaneceu por alguns segundos atônito, procurando ao redor pelo homem, mas ele tinha sumido.

E tudo o que restou foi um fraco odor de repolho fervido.

– Onde ele está? – indagou quase em prantos.

Ele estava sentado com o irmão e a irmã na mesa da sala de jantar, embora ainda olhasse na direção do banco embutido sob a janela.

– Ele não pode simplesmente ter evaporado – disse Neil em vão.

– Bem, ele evaporou! – disse Kate, com a voz levemente trêmula. – Mas o que eu quero saber é como ele foi parar ali?

– Bem, pelo menos o fato de ele ter estado ali provou que eu não sou mentiroso – comemorou Charlie, recuperando-se do transe em que se encontrava.

– Você pode ter razão sobre o fato de que um homem esteve ali, mas é possível que esse cara tenha forçado a entrada, mexido no seu bloco de notas e depois esperado que a gente lesse e voltasse para a sala de jantar – disse Kate em um tom de voz prático.

– Kate, você realmente não acredita nisso, não é mesmo? Você acha que ele abriu tranquilamente a janela da sacada (que na verdade não estava aberta) se esgueirou até o andar de cima, escreveu algumas coisas no meu bloco de notas (com uma caneta tinteiro que ele trouxe por acaso), exatamente com a minha própria letra e depois se esgueirou até o andar de baixo, para ficar na sala de jantar até de manhã (sabendo que ninguém iria até ali antes que o meu bloco de notas fosse lido), para em seguida esperar uma chance de escapar pela janela (que ainda não estava aberta), e ainda fechá-la novamente com toda tranquilidade quando nós apenas desviamos o olhar? Estou contente que você tenha tantas ideias brilhantes, Kate!

Por um segundo ou dois, Kate não conseguiu dizer nada depois da súbita irritação de Charlie, mas ela tentou se defender perguntando:

– Bem, então o que você acha que aconteceu?

Ela imediatamente lamentou o que disse, pois Charlie ficou ainda mais furioso.

– Eu não sei, mas vou descobrir! – ele respondeu, enfatizando cada palavra que pronunciou. Kate ficou quieta em seguida, já que sabia que não podia dizer nada mais para melhorar a situação. Ela estava chocada com a irritação de Charlie, que normalmente era uma pessoa bem equilibrada. Ele era calmo o tempo todo e raramente se aborrecia. Nas ocasiões em que isso acontecia, jamais ficava tão mal e sempre terminava rindo mais tarde por causa de sua natureza conciliadora, que não o deixava dizer algo muito sério ou ficar ressentido por muito tempo.

“Alguma coisa deve mesmo estar mexendo com ele” – ela pensou. “Mas o que será? Deve ser essa casa, vou passar a detestá-la cada vez mais se essas coisas estranhas continuarem acontecendo”.

Capítulo 6

Um Aviso

Os jovens passaram o dia fazendo suas coisas. Eles sequer tiveram vontade de conversar uns com os outros depois dos acontecimentos recentes. Charlie ficou na escrivaninha de seu quarto, rabiscando coisas de vez em quando em um pedaço de papel. Kate leu um livro no quarto dela e Neil leu uma revista na sala de estar. Os pais tinham saído atrás de uma feira de antiguidades na cidade próxima e só voltariam depois do anoitecer.

Por volta das cinco horas, Charlie fez uma pausa, empurrou no bolso o pedaço de papel que estava escrevendo e se dirigiu para a cozinha no andar de baixo. Cerca de cinco minutos depois, Neil fechou a revista e se levantou do sofá. Então, ele também foi para a cozinha. Encontrou Kate do outro lado da porta. Eles espiaram um ao outro, mas não disseram nada e, em seguida, ambos entraram na cozinha. Charlie estava sentado na mesa da cozinha lendo um folheto de propaganda que divulgava o serviço *delivery* de uma pizzaria. Ele levantou os olhos e sorriu sem graça.

– Alguém quer pizza? – perguntou embaraçado. Depois de passar o dia em silêncio, foi estranho ouvir alguém falando e a voz de Charlie soou vazia e pareceu ecoar nas paredes sem mobília da velha cozinha.

– Certo, eu não desprezaria uma – respondeu Neil em um tom de voz ligeiramente rouco porque ele não tinha falado com ninguém durante o dia todo. Ele limpou a garganta.

– Estou morto de fome.

– Eu também – acrescentou Kate. De repente pareceu que uma barreira tinha sido quebrada. Os jovens relaxaram e sentiram-se capazes de conversar à vontade novamente e falar a respeito de coisas triviais mais uma vez.

– Não gostariam de saber o que vai passar na TV? – ponderou Neil.

– Aquela comédia deve ser nesta noite, você sabe, a primeira da segunda série.

– Ah, eu sei qual você quer dizer, como se chama mesmo?

– Se vocês dois quiserem assistir alguma comédia boba na TV novamente, suponho que eu não tenho escolha a não ser assistir com vocês – suspirou Kate.

– Peço a pizza agora? – perguntou Charlie.

– O que você vai pedir? – perguntou Neil indignado. – Nós não temos escolha?

– Não – respondeu Charlie pegando o telefone e fingindo discar o número. Riu a valer quando Neil avançou e ele manteve o aparelho fora do alcance dele. Neil subiu sobre Charlie e apoderou-se do telefone.

– Tudo bem! Tudo bem! – gargalhou Charlie, afastando o irmão do caminho. – Ainda não pedi nada. O que você vai querer?

– *Pepperoni* com queijo extra! – gritou Neil.

– O mesmo – disse Kate.

– Tudo bem, eu não vou morrer por causa disso – disse Charlie, enquanto discava para o número da pizzaria. De repente seu rosto ficou branco e ele deixou o telefone cair e ficou parado estarrecido, perplexo diante do nada.

– O que foi, Charlie? – perguntou Kate preocupada.

– Ele não parece nada bem – disse Neil. E pegou o telefone, que rachou quando bateu no chão, e o colocou no ouvido. Franziu as sobrancelhas.

– Não tem ninguém aqui, apenas o som que a gente escuta quando a outra pessoa desliga o telefone do outro lado.

– Quem era, Charlie? O que a pessoa disse? – perguntava Kate ao mesmo tempo em que o sacudia freneticamente. Ele apenas balançou levemente. Kate o empurrou com delicadeza para uma cadeira e disse a Neil:

– Meu Deus! Eu nunca o vi assim tão mal antes. O que foi que a pessoa disse, Charlie?

Charlie piscou os olhos uma ou duas vezes e balançou a cabeça. Lentamente o sangue voltou ao seu rosto e ele disse:

– Alguém quer me ver morto – em um tom de voz soturno e monótono.

– Como assim?... – indagou Neil.

– Alguém, um homem eu acho, disse para mim: “Charlie, você mete o bedelho em coisas que não lhe dizem respeito, por isso não vai viver para ver o dia seguinte e, se você contar para mais alguém, o mesmo vai acontecer”.

– O que ele quis dizer? – perguntou Kate.

– Eu acho que eu sei – começou Neil.

– A voz – interrompeu Charlie – essa voz pareceu familiar, como se já tivesse ouvido antes em algum lugar.

– Pense, Charlie, quem era? – perguntou Kate.

– Não sei! – lamentou. – Mas sei o que o cara quis dizer!

– Eu também – disse Neil.

– O que ele quis dizer? – indagou Kate.

– Quer dizer que você não sabe? – perguntou Charlie surpreso. – Você não sabe mesmo?

– Não sei, não – respondeu Kate. – Oh, a menos que você queira dizer que... – e ela olhou nos olhos de Charlie e ele acenou com a cabeça confirmando.

– Isso mesmo.

– Neil? – ela perguntou, olhando para Neil.

– Concordo – ele disse.

– Mas isso é loucura! – ela gritou – Essas coisas não existem... – ameaçou falar.

– Prossiga, pode dizer – provocou Charlie. – Fantasmas.

– Sem essa, Kate, acorda e se liga! Você viu as evidências e se recusa a aceitá-las! Esse sujeito na sala de jantar não era uma pessoa real, ele desapareceu!

– Também havia o diário no sótão, alguém precisa de ajuda – disse Neil.

– Suponho – disse Charlie – e é só um palpite, mas eu suponho que uma pessoa foi morta aqui e alguém não quer ser desmascarado por nós.

Kate olhou nos olhos de Charlie e o que viu foi pura convicção.

– Concordo – disse Neil – Eu acho que devemos descobrir quem foi.

– Mas o que fazer a respeito da ameaça contra Charlie? – perguntou Kate, envolvendo-se na discussão.

– Eu cuido disso – disse Charlie –, não se preocupem.

Kate e Neil sabiam que Charlie temia por sua vida, mas isso não iria detê-lo. Tudo o que eles podiam fazer era segui-lo e ajudá-lo.

Capítulo 7

Em Busca de Pistas

Charlie estava sentado no banco embutido sob a janela, olhando para o carvalho, do lado de fora. A árvore era bem nova e apenas alcançava a altura do segundo andar da casa. Uma sombra caiu sobre ele por trás. Charlie começou a virar quando de repente alguém o agrediu com um soco esmagador na cabeça e Charlie perdeu a consciência.

Charlie despertou. Estava novamente no quarto escurecido, só que desta vez o vão da porta estava fechado com tijolos apenas pelo meio. Charlie pôde reparar um escuro objeto quadrado atrás da figura barbuda que o emparedava. O rosto barbudo olhou sobre os tijolos e gargalhou para Charlie deitado no chão. Charlie tentou se levantar e escapar, mas seu corpo não se movia. Sentia-se como se o tivessem drogado. O rosto olhou para Charlie novamente e sorriu mostrando os dentes:

– Então, agora você está acordado, seu monte de lama imundo – disse o dono do rosto de repente, olhando para Charlie. – Isso vai lhe ensinar uma coisa.

O rosto sorriu arreganhando os dentes horrorosamente. Charlie tentou se levantar novamente, mas ele apenas se contorcia desamparado.

Ele começou a se debater no chão, mas isso era o máximo que conseguia fazer. Impotente, bateu a cabeça no chão duro de pedra e ficou inconsciente.

De repente, Charlie despertou sobressaltado. Ainda estava no quarto. A porta do quarto estava quase totalmente fechada com tijolos. As pedras

eram de um vermelho escuro. O rosto espiou arrogante dentro do quarto novamente e gargalhou antes de colocar outro tijolo dentro da parede que bloqueava a porta. Logo, veio o último tijolo e o último feixe de luz tremulante, de vela ou lanterna, desapareceu e ele ficou sozinho no escuro. Passou a pedir socorro, mas sua voz era abafada pelas grossas paredes. Ele chamou novamente e novamente. Começou a entrar em pânico, conforme seu coração acelerava. Ele se levantou e cambaleou para frente. Bateu em uma parede dura, fria, e resvalou nela. Ficou desorientado, depois cambaleou em volta do quarto, abanando os braços como um louco. Bateu em um canto e cambaleou para trás, descontrolado. Encontrou outra parede e começou a bater nela e depois passou a arranhá-la, tentando escavar o caminho com as unhas, enquanto gritava para que o deixassem sair. Charlie passou a ziguezaguear conforme o ar do quarto se tornava viciado e o oxigênio rareava. Lentamente começou a sufocar. Ele recuou e parou de gritar antes de repentinamente desmaiar no chão.

Quase não sentiu o chão duro. Antes de perder completamente a consciência, ouviu uma gargalhada demoníaca ecoar a distância. Então seu corpo se debateu no chão conforme Charlie sufocava lentamente até a morte.

* * *

Toc-toc-toc, toc-toc-toc, toc-toc-toc. Charlie abriu os olhos e vasculhou o quarto atrás da fonte do barulho. Seria a porta? Não. O guarda-roupa? Não. A janela? Toc-toc-toc. Eram os galhos da árvore, batendo na janela conforme o carvalho era sacudido pelo vento. Quando o vento soprava pelas beiradas do telhado, fazia um som agudo de assobio, como se mil fantasmas estivessem gritando atormentados. Charlie ficou arrepiado,

apesar do calor da cama, quando lembrou do sonho e da parte que não havia sonhado antes.

O mais estranho, ponderou, é que quando sonhava, tudo era tão real que ele nem percebia que era apenas um sonho.

“E agora, qual a novidade?” – murmurou para si mesmo. “A poltrona sob a janela, eu estava sentado ali olhando o carvalho” – ele espiou os galhos da árvore que ainda tocavam na janela – “e de repente alguém me bateu na cabeça”.

Exasperado, Charlie balançou a cabeça e pulou da cama. A casa estava confortavelmente aquecida quando Charlie pisou no tapete macio do banheiro.

Depois de tomar um banho de chuveiro quente e um rápido café da manhã com Kate e Neil, Charlie trouxe à tona o assunto do fantasma. Ele também mencionou a nova parte de seu sonho.

– O que vai acontecer em seguida? – indagou Kate.

– Não sei, mas com certeza vou saber da próxima vez que dormir – respondeu Charlie, entediado.

– Por onde vamos começar a investigação da sua teoria a respeito de um assassinato na casa, Charlie? – perguntou Neil.

– Pela biblioteca, é claro – respondeu Charlie.

– Vamos sair agora? – perguntou Kate.

– Sim, vou rapidamente avisar o papai e a mamãe – disse Charlie.

Os jovens chegaram na biblioteca por volta das dez horas e foram direto para a seção de jornais. Ficaram admirados com a quantidade de fichários e arquivos da seção. Uma bibliotecária empertigada foi atrás deles e perguntou se precisavam de ajuda.

– Estamos tentando descobrir relatos de uma pessoa assassinada ou desaparecida para um projeto escolar – inventou Charlie, usando a desculpa da falta de segurança como disfarce para os reais motivos dos jovens estarem ali.

– Mas que tema de projeto horroroso – murmurou a bibliotecária. – As manchetes estão ali na estante de jornais, mas provavelmente vocês vão achar mais fácil descobrir o que estão procurando no novo sistema do computador.

Ela mostrou o caminho para um computador sobre uma mesa de leitura no canto e abriu o banco de dados dos jornais.

– Basta digitar a palavra que interessa e o computador apresenta todos os artigos que contenham essa palavra. Vocês ainda podem especificar entre quais datas querem fazer a pesquisa. Entenderam o que fazer?

– Tudo bem – respondeu Charlie. – Obrigado!

– Se precisarem de ajuda estarei por aqui – disse a bibliotecária sorrindo levemente e se retirando da sala.

Charlie digitou *assassinato* e esperou o computador pesquisar os artigos. O resultado indicou quatro artigos, mas nenhum relacionado com a casa deles.

– Tente *desaparecido* – sugeriu Kate.

– Certo – disse Charlie, digitando a palavra.

Foram encontrados 160 artigos com referências ao termo *desaparecido*.

– É desanimador – disse Neil. – Será que não podemos restringir isso um pouco?

– Poderíamos, se soubéssemos as datas – disse Charlie. – Espere, já sei! Consegui!

– O quê? – perguntou Kate.

– O carvalho no meu sonho nem chegava perto da janela do quarto, mas hoje de manhã acordei com o som dos galhos batendo na minha janela!

– Então podemos recuar uns 80 anos – disse Neil.

– Ótimo! – exclamou Charlie.

Ele digitou um intervalo de datas em torno desse período e sentou para esperar os resultados aparecerem na tela.

– Existem 30 artigos contendo a palavra *desaparecido* – disse Charlie.

– Quais tratam de pessoas que desapareceram nesta localidade? – perguntou Kate.

– Existem cinco – respondeu Charlie – Três são a respeito de adolescentes desaparecidos que fugiram de casa, outro é de uma mulher desaparecida e o último, de um homem desaparecido.

– O homem da nossa casa! – gritou Kate de repente, depois de ler na tela por sobre os ombros de Charlie. – Quase não acredito, mas é verdade!

Até Charlie ficou chocado. Rapidamente ele imprimiu o artigo, dobrou-o e o enfiou no bolso para ver com mais detalhes depois. Na saída, os jovens agradeceram a bibliotecária e foram embora. Discutiram o artigo no caminho de casa. Charlie retirou-o do bolso para uma nova leitura. Em seguida repetiu para Kate e Neil as informações que tinha lido no artigo:

– Aqui diz que o cara que desapareceu tinha 49 anos e era professor – disse. – Certo dia ele não apareceu na escola e jamais retornou. As pessoas procuraram na casa, mas não encontraram sinal dele, que foi considerado como desaparecido.

– Será que ele foi emparedado com tijolos em algum quarto da casa como no seu sonho? – sugeriu Kate.

– Mas alguém perceberia um quarto fechado com tijolos... – questionou Neil.

– O artigo afirma que ele levava o estilo de vida de um solitário – respondeu Charlie. – Ninguém que procurasse a casa depois que ele desapareceu perceberia um quarto a menos.

– Mas e sobre os tijolos novos e o concreto recente? – continuou Neil.

– O assassino pode ter pintado em cima dos tijolos ou colocado um painel de madeira para disfarçar a obra de alvenaria – Charlie respondeu.

– Devemos procurar quartos velhos na casa – determinou Kate.

– Mas o que será que vamos descobrir quando acharmos o quarto? – perguntou Neil, deixando um ponto de interrogação suspenso no ar.

– Vamos saltar esse obstáculo quando chegarmos lá – disse Charlie. – Por ora, acho que devemos pesquisar a casa.

– Como faremos isso? – perguntou Kate.

– Acho que só devemos pesquisar no andar de baixo – disse Charlie.

– Por quê? – perguntou Neil.

– É que o tal professor – respondeu Charlie – era emparedado em um quarto com chão de pedra.

– É mesmo – disse Neil, dando um tapa com a mão na testa.

– De qualquer forma, devemos andar em volta da casa batendo nas paredes de madeira, escutando por um som surdo em vez de um som oco, o que vai indicar uma parede de tijolos por trás. Então, talvez... Não sei o que faremos. Simplesmente não podemos derrubar um painel de uma parede para ver se existem tijolos por trás disso.

– Podemos retirar o painel com cuidado – sugeriu Neil.

– É verdade – respondeu Charlie.

– Mas se o professor foi emparedado e a parede foi pintada, teremos tantas paredes de tijolo no andar de baixo como paredes sem tijolo – disse Kate, de repente.

– Bem, se não acharmos nada suspeito depois de bater em todos os painéis da casa, em seguida devemos procurar por alvenaria irregular, talvez na forma de um vão de porta.

– Realmente, acho que devemos fazer isso antes – disse Neil.

– Você está certo, Neil – disse Charlie. – Isso vai facilitar a nossa busca.

– E se não aparecer nada? – perguntou Neil.

– Então teremos de olhar novamente – respondeu Charlie. – À noite, tentarei lembrar de alguma coisa sobre o vão da porta no meu sonho.

– Boa ideia – disse Kate. – Então quando começamos a nossa busca?

– Hoje – Charlie respondeu, num tom de voz que de repente soou frio. – Resolvi passar essa história a limpo, mesmo que tenha que morrer por causa disso.

Os adolescentes se calaram, pois lembraram da voz ao telefone na noite anterior. Tinham o horripilante pensamento de que as palavras de Charlie poderiam voltar a assombrá-lo.

Capítulo 8

A Busca Continua

Os adolescentes já não se sentiam mais sozinhos em casa, então decidiram que em conjunto testariam todas as paredes do andar de baixo. A começar pela cozinha, passaram a examinar as paredes atentamente. Isso demorou cerca de dez minutos e não encontraram nada. Procuraram na sala de jantar e na sala de estar, mas eles não encontraram nenhuma alvenaria irregular.

– É desanimador – disse Neil desapontado –, não encontramos nada.

– Só começamos a pesquisar – disse Charlie tentando levantar o ânimo.

– Ainda temos de pesquisar as paredes de madeira.

– Estou começando a pensar que estivemos agindo estupidamente o tempo todo e que não existe fantasma nenhum – suspirou Kate.

– Veja – começou Charlie –, eu falei para você, isto aqui não será fácil.

– Você acha mesmo que não? – perguntou Neil.

– Sim! – respondeu Charlie. – Mas não vamos desistir!

Os jovens levaram quase uma hora examinando cada reboco e cada parede de madeira na casa, sem sucesso. Perto do final da busca, parecia que eles não conseguiriam encontrar nada depois de tudo o que fizeram.

Estavam no estúdio do pai procurando a última parede.

– Esperem! – gritou Charlie. – Acho que consegui! – mas seu sorriso triunfal desabou quando percebeu que não era mesmo a parede correta e sim outra parede externa.

Ele sentou-se em uma cadeira e descansou o queixo no punho.

– Não entendo isso – suspirou. – Olhamos por toda parte e ainda não encontramos nada!

Kate sentou-se defronte a ele e também suspirou.

– Eu realmente pensei que tínhamos alguma coisa – ela disse –, mas acontece que não há nada!

– Ei, eu consegui! – gritou Neil. – Consegui!

– O que, Neil? – perguntou Charlie entediado.

– Deve ser só mais uma parede normal – disse Kate com um sorriso sem graça.

– Não seja tonta, Kate. Descobri o que nós esquecemos! – berrou Neil.

– O que foi? – ela perguntou a ele.

– Esquecemos de olhar atrás dos móveis!

Charlie e Kate olharam um para o outro, incrédulos.

– Não acredito que fomos tão tontos! – disse Charlie. – Parabéns, Neil!

– Então vamos procurar – disse Kate.

– Antes de começarmos a procurar de novo – disse Neil lentamente –, acho que devemos resolver uma coisa: por que estamos procurando um quarto?

Charlie pensou alguns segundos antes de dizer:

– Bem, temos evidências de que o tal professor foi mesmo emparedado. Além disso, temos que arranjar um jeito de fazer esse fantasma descansar antes que ele me enlouqueça com essas drogas de sonhos!

– Tudo bem, agora que sabemos por que estamos fazendo isso, podemos acabar fazendo alguma coisa a respeito disso – disse Neil em um tom de voz satisfeito.

Não demorou muito. Depois de empurrarem uma estante com prateleiras em desuso, afastando-a para longe da parede com cuidado para

que as coisas sobre ela não caíssem, os jovens encontraram aquilo que procuravam.

– Deve ter sido a antiga despensa – afirmou Charlie.

– Não gostaria de saber quem colocou o tal professor aí? – perguntou Kate.

– Pelo que me lembro, o assassino era barbudo, com o rosto esguio e pálido.

– Que tipo de barba? – perguntou Neil.

– Sabe aquele presidente americano, qual o nome dele mesmo?

– Abraham Lincoln? – sugeriu Neil.

– Esse aí, pois é, o cara tinha uma barba como a de Abraham Lincoln.

– Poderia ser qualquer um – suspirou Kate.

– Talvez o meu próximo sonho me diga quem ele era – disse Charlie.

– Quem sabe... – disse Neil em dúvida.

– Mas tem uma coisa engraçada – disse Charlie enquanto ajudava Neil a recolocar a estante com prateleiras no lugar.

– O quê? – perguntou Neil.

– A voz no telefone era tão familiar, mas eu não posso explicar porque, não posso mesmo.

Naquela noite, os jovens assistiram à televisão até 11 horas da noite, antes de irem para a cama. Charlie sentiu-se apreensivo quando escorregou nos cobertores e demorou um bom tempo para dormir.

Capítulo 9

Um Ritual Chocante

Charlie despertou. Estava rastejando em uma sala pouco iluminada, olhando para o que parecia ser a mesa do professor. Ele podia ouvir algo como um cântico. Com as mãos e os joelhos no chão, Charlie engatinhou até a beira da mesa do professor e examinou em volta: nada, apenas uma luminosidade tremulante. Charlie podia sentir o cheiro de algum tipo de incenso, que se tornava denso e sufocante e flutuava no ar até suas narinas. Charlie começou a sentir tonturas e sacudiu a cabeça para se livrar da sensação. Em seguida, ele se arrastou para perto do canto da mesa do professor e observou ao redor: cinco figuras fantasmagóricas, paramentadas e encapuzadas estavam de pé em cada ponta de um pentagrama, uma estrela de cinco pontas. Cada figura segurava uma vela e cantava algo em uma língua que Charlie não conseguia entender. Seria latim? Ele gostaria de saber.

As figuras enfocavam o centro do pentagrama atentamente. De repente, uma sexta figura entrou na sala, carregando o que parecia ser uma galinha. A galinha não se mostrava assustada e Charlie achou que ela estaria dopada. A figura segurava a galinha pelo pescoço com uma das mãos e um punhal longo e ligeiramente curvo na outra mão. A figura largou a galinha sobre um bloco de madeira, perto de um livro grosso em cima de um aparador. A figura ficou de pé diante do aparador e recitou as palavras de vários parágrafos antes de erguer o punhal com ambas as mãos acima da cabeça. O capuz caiu para trás conforme as mãos subiram, revelando o rosto de um

homem com uma barba no estilo de Lincoln. O homem exibia lábios finos, retorcidos, por trás dos dentes à mostra, firmemente cerrados, antes que o punhal caísse em um arco onipotente.

Charlie esquivou-se atrás da mesa do professor e fez caretas quando ouviu o som de um golpe, *zap*, e o minguado cacarejo que escapou da galinha. Novamente Charlie remexeu a cabeça em volta da mesa do professor e assistiu aterrorizado e estupefato conforme uma rajada vermelha de sangue jorrou do ferimento no pescoço da galinha. A rajada parecia ser sugada pelo pentagrama, no qual se transformava em uma coluna retorcida que girava feito um tornado em miniatura. A cor vermelha iluminava as faces dos cantores, mas não o homem barbudo que tinha colocado o capuz de volta sobre a cabeça, mas Charlie pôde ver distintamente duas formas ovais amarelas sob o capuz, onde deveriam estar os olhos do homem. O homem começou a recitar algo diferente dos outros. Seu tom de voz se tornou cavernoso e sobrenatural, como o de um demônio. A voz do homem se tornou cada vez mais alta e cada vez mais distorcida, até que Charlie não pudesse mais acreditar que fosse um homem falando. De repente o homem olhou para uma das figuras em um canto do pentagrama e acusou em um tom de voz profundo, poderoso:

– Você não acreeediiiiita rreeeeaaalmente...

O cantor paramentado gaguejou em resposta:

– Accrreediito sim, senhor.

– FORA! – berrou o homem que Charlie deduziu ser o líder.

Dois fochos de luz de cor laranja, flamejantes, vindos dos olhos amarelos ardentes do líder, rasgaram o quarto e atingiram os pés do incrédulo. Lentamente, os fochos varreram o corpo dessa pessoa, vaporizando-a até que restasse apenas a cabeça, flutuando no ar com uma

expressão contorcida no rosto. Charlie desejou que o capuz não tivesse caído e o rosto continuasse oculto.

A cabeça sem corpo gritava por clemência e uivava de dor antes dos fachos de luz pararem de repente e a figura principal dizer para outro cantor:

– Espete isso em uma estaca e coloque no meu museu.

Quando o cantor pegou a cabeça, esta ainda berrava por clemência, mas seu clamor caía em ouvidos surdos conforme o cantor a levava embora.

A figura principal riu dos gritos e disse:

– Deixem-no sofrer pela eternidade em tormento! Deixem seus gritos sem resposta! Que a dor e o sofrimento eternos dele sirvam de lição para todos vocês! Agora saiam! E lembrem-se de não deixarem nada para trás ou vocês sofrerão imensamente.

A figura de repente interrompeu o processo de saída ao se virar para dizer:

– Também devo lembrar-lhes para não contarem nada a ninguém do que aconteceu aqui hoje à noite, a menos que vocês queiram que seus espíritos vivam em tormento para sempre!

Charlie sentiu como se a pessoa estivesse falando diretamente para ele e tremeu só de pensar.

Dez minutos depois, todas as figuras fantasmagóricas tinham saído e a última apagou as velas.

Durante quase dez minutos Charlie sentou na escuridão até sentir que era seguro levantar e sair. Ele se questionava onde estaria, quando rapidamente abriu uma janela e saltou. De tanto medo, esqueceu de verificar em que andar estava, mas felizmente era o térreo. Depois de pular, Charlie virou-se para fechar a janela. Em seguida, ele procurou uma saída.

A área parecia familiar e de repente ele percebeu que era a escola! O prédio novo não estava lá, mas o velho era o mesmo que sempre tinha sido. O professor devia ter descoberto que magia estava sendo praticada por aquelas pessoas e ele denunciaria esse fato, concluiu Charlie, mas uma das pessoas o matou antes que ele tivesse a chance de fazer isso. Então, Charlie entendeu que o barbudo devia estar se referindo a ele. O homem tinha a mesma voz do telefone e também o mesmo olhar do assassino.

Charlie suspirou quando pegou o caminho de volta para casa sob a lua cheia, triste de saber o que aconteceria em seguida. Ao chegar, foi direto para a sala de jantar, onde sentou para pensar. A sala de jantar estava escura, então ele acendeu uma vela com a caixa de fósforos próxima, antes de sentar no banco embutido sob a janela. Logo ele cochilava um sono sem sonhos.

Charlie despertou. Ainda estava sentado no banco embutido sob a janela. Pela janela, olhou o carvalho. A árvore era bastante nova e quase não chegava à altura do segundo andar da casa. Uma sombra caiu sobre ele por trás. Charlie sabia quem era, mas ainda assim começou a virar para ver a pessoa. De repente, a pessoa o atacou com um soco esmagador na cabeça e Charlie perdeu a consciência.

Charlie despertou. Estava novamente no quarto escurecido. O vão da porta estava meio fechado com tijolos. Charlie tentou reparar no objeto escuro quadrado atrás da figura barbuda que o emparedava e percebeu que era a estante. O rosto barbudo olhou sobre os tijolos e gargalhou ao ver Charlie deitado no chão. Charlie tentou levantar e escapar, mas não conseguiu fazer seu corpo se mover. Sentia-se como se o tivessem drogado. O rosto olhou para Charlie novamente e sorriu mostrando os dentes:

– Então, agora você está acordado, seu monte de lama imundo – disse o dono do rosto de repente, olhando para Charlie. – Isso vai lhe ensinar uma coisa.

O dono do rosto era a mesma pessoa de antes na escola.

Charlie tentou levantar novamente, dessa vez controlando alguns movimentos. Ele começou a se debater no chão, mas era o máximo que conseguia fazer.

Acidentalmente, ele bateu a cabeça no chão duro de pedra e ficou inconsciente.

De repente, Charlie despertou sobressaltado. Ainda estava no quarto. Agora ele sabia exatamente o que esperar. Charlie suspirou relutante ao pensar que teria que passar por tudo aquilo novamente.

Capítulo 10

A Sala de Aula

Charlie sentou, de repente, completamente acordado. Olhou em volta de si mesmo e viu que estava em seu quarto. Relaxou e em seguida voltou a ficar tenso novamente quando lembrou do sonho, ou melhor, do pesadelo.

Charlie ficou arrepiado e pulou da cama. Foi direto ao banheiro e se lavou rapidamente, antes de tomar o café da manhã na cozinha no andar de baixo.

– Bom-dia, Charlie! – cumprimentou Kate, entrando na cozinha. Ela viu o olhar pálido no rosto de Charlie e franziu as sobrancelhas. – O que foi? – perguntou.

Charlie olhou para ela e Kate imediatamente percebeu o que estava errado.

– O sonho? – ela perguntou a Charlie.

– Isso – ele respondeu mal-humorado.

– O que aconteceu? – Kate perguntou curiosa.

– Não quero falar sobre isso agora – respondeu Charlie.

Kate decidiu não fazer mais perguntas e foi preparar alguma coisa para o café da manhã. Sentou defronte a Charlie e juntos comeram em silêncio. Ambos tinham terminado quando Neil chegou.

– Bom-dia, pessoas! – disse animado. Olhou para Charlie e suspirou: – Você teve aquele sonho novamente?

– Sim – suspirou Charlie.

– O que aconteceu?

– Depois eu conto, Neil – disse Charlie, elevando levemente o tom de voz.

– Tudo bem, tudo bem – disse Neil. – Apenas perguntei por perguntar.

– Tudo bem, não basta? – rosnou Charlie.

– Céus! O que acontece com ele? – zombou Neil.

– Pare com isso, Neil – disse Kate. – Não o aborreça.

– Que bom! – retrucou Neil, saindo fora da cozinha.

– Droga! Droga! Droga! – praguejou Charlie. – O que foi que eu fiz?

– Não esquenta, Charlie – consolou Kate –, vocês vão superar isso, ele ficou magoado porque você foi muito hostil com ele, só isso.

– Eu devia ter contado para ele – disse Charlie. – Bem, quem sabe depois?

– Tudo bem – disse Kate. – Isso é com você.

Charlie passou o resto da manhã e parte da tarde lendo, assistindo à televisão e escrevendo. Por volta das três e meia, foi encontrar Kate e Neil. Encontrou- -os jogando no computador do quarto de Neil.

– Oi – cumprimentou Kate, olhando para Charlie quando ele entrou. – Droga! – gritou de repente ao olhar de volta na tela. – Você me fez cair!

– Que desculpa esfarrapada, Kate – comentou Neil.

– Oi – disse Charlie. – Olha, sinto muito, Neil, eu estava apenas de mal-humor.

– Sente muito a respeito de quê? – perguntou Neil, olhando para ele. – Droga! Agora eu me espatifei.

– Veja, eu disse que vocês superariam isso – sorriu Kate.

– Opa! – disse Neil sorrindo de repente. – Eu tinha sumido e por acaso pressionei a tecla REINICIAR!

– Você trapaceou – protestou Kate.

– Eu não trapaceei, foi um acidente.
– Você fez isso porque estava perdendo.
– Mas afinal, o que foi que eu fiz? – perguntou Neil, com cara de anjo.
– Tudo bem. De qualquer maneira, acho que já perdemos muito tempo com isso – disse Kate.

– E por falar nisso – começou Charlie –, estive pensando no sonho da última noite a manhã inteira. Agora que organizei tudo na minha cabeça, já posso contar a vocês o que aconteceu.

– Aconteceu algo de novo para esclarecer a nossa investigação? – perguntou Kate, de repente séria.

– Muitas coisas – respondeu Charlie. – Mas de uma coisa eu sei.

– O que foi? – perguntou Neil.

– Deve ter sido a pior droga de sonho da minha vida e se foi isso mesmo o que aconteceu com aquele professor, então estamos em apuros com algo bem mais grave que a nossa pobre, e sem a menor importância, casa mal-assombrada.

Kate sorriu sem graça, antes de perguntar:

– Muito ruim?

– Sim – respondeu Charlie –, eu vou contar a vocês cada mínimo detalhe disso.

Charlie continuou contando aos irmãos a respeito do sonho. E, à medida que Charlie avançava, eles ficavam cada vez mais horrorizados.

– Você deve estar brincando! – disse Neil incrédulo.

– Estou falando sério – respondeu Charlie.

– Mas era apenas um sonho – começou Kate.

– Que por acaso continha coisas que aconteceram de verdade há tempos – retrucou Charlie. – Então, por que não pode ser verdade?

– Bem, é que parece tão *inventado* – disse Kate procurando acertar nas palavras.

– Então você consegue acreditar em fantasmas, mas não nessas outras coisas, como magia, que parecem *invenção* – respondeu Charlie irritado, imitando Kate na escolha das palavras.

– Bem, por mais que eu deteste acreditar nele – disse Neil –, parece que não temos escolha, todo o resto era verdade, então por que não isso?

– Tudo bem, eu concordo com você – suspirou Kate, cedendo. – Mas não digam que não avisei se vocês estiverem errados.

Charlie olhou para ela, com os olhos inflamados:

– Eu estou certo!

– Então, o que vamos fazer? – perguntou Neil.

– Vamos para a escola dar uma olhada ao redor – respondeu Charlie.

– Em que sala aconteceu o ritual? – perguntou Kate.

– Bem, eu acho que foi na sala 84, a sala de Matemática – respondeu Charlie. – Acho que é a sala do professor mais antigo.

– Você já teve aulas lá? – perguntou Neil.

– Não e você?

– Não – respondeu Neil.

– Nem eu – disse Kate indiferente quando os garotos olharam para ela pedindo uma resposta.

– Assim, não sabemos nada a respeito da sala. Nenhum de nós sabe de nada estranho a respeito disso – resumiu Charlie.

– Não, então vamos descobrir tudo a respeito disso já... – Neil disse.

– Agora? – perguntou Kate.

– Sim! – respondeu Neil.

– Tudo bem, então – concordou Kate, não dando muita importância. – Vamos.

De repente, o pai surgiu dentro do quarto.

– O que vocês andam tramando? – brincou e depois, antes deles responderem, acrescentou:

– Tenho ótimas novidades: acabei de reservar alguns dias em Aqualand.

– Quando vamos? – perguntou Kate.

– Amanhã de manhã.

– Por quanto tempo?

– Até o final do trimestre.

– Por que tão de repente, pai? – perguntou Charlie.

– Precisamos descansar depois da mudança. Por acaso você não quer ir a Aqualand para um período de descanso? – respondeu o pai.

– Não é isso, pai, eu quero ir, só fui pego de surpresa, só isso.

– Bem, por que você não vai fazer as malas então? – perguntou o pai.

– Certo – respondeu Charlie. – Venham, vocês dois – disse, acenando para os irmãos.

No andar de cima os jovens se encontraram no quarto de Charlie.

– O que vamos fazer, Charlie? – perguntou Neil. – Vamos voltar às aulas na época que retornarmos e não teremos tempo de investigar.

– Vocês estão esquecendo algo – disse Charlie.

– O quê? – perguntou Neil.

– Vamos ficar na escola o dia inteiro e seremos capazes de continuar nossa investigação ali.

– Mas e o que precisarmos investigar fora da escola?

– Damos um jeito – respondeu Charlie. – Mas acho que não vamos precisar investigar muito mais fora da escola.

- Por quê? – perguntou Kate.
- Apenas acho que não precisaremos.

Capítulo 11

O Pesadelo Volta

Os jovens aproveitaram bastante a viagem e tiveram tempo de esquecer as preocupações da vida de casa por uns dias. Charlie parou de ter o sonho estranho e teve sua primeira noite de sono bom da semana. A família retornou para casa no domingo à noite. Todos estavam felizes, recuperados depois da divertida pausa e preparados para enfrentarem a semana. No carro, no caminho de volta para casa, Charlie pensou a respeito do fantasma pela primeira vez desde que eles tinham saído. Neil estava com sono, descansando a cabeça na janela atrás da poltrona do motorista. Kate estava sentada no meio e lia uma revista.

– Kate – disse Charlie tranquilamente.

– O que foi? – ela perguntou, olhando para ele zombeteira.

– Quando chegarmos de volta, vou começar a ter aqueles sonhos novamente.

Kate pensou por uns momentos antes de dizer: – E daí? Nós já tínhamos quase resolvido a questão, por isso agora seremos capazes de encontrar um jeito de resolver o problema de vez.

– Certo, mas depois das últimas noites, acho que não posso enfrentar os sonhos novamente.

Kate olhou direto para Charlie e disse:

– Vai ter de enfrentar! – Charlie suspirou e olhou novamente para fora da janela, observando as fileiras de cercas vivas passarem zunindo e as ruas

da cidade que momentaneamente brilhavam antes de desaparecerem dentro da noite.

Charlie fechou os olhos. Em poucos minutos, estaria num sono profundo. Charlie sentiu alguém sacudi-lo com delicadeza e também ouviu alguém dizer algo. Escutou novamente e forçou os ouvidos para captar o que a pessoa queria dizer.

– Acorda, Charlie.

Ele abriu os olhos e viu Kate, sacudindo-o enquanto falava para ele acordar.

– Finalmente! – ela exclamou. – Eu já estava pensando que você nunca mais acordaria, vamos, estamos chegando.

Charlie pulou do carro lentamente e olhou o relógio. Eram 23h10 min.

Ele pegou sua mochila que estava no chão do carro e entrou, seguido pelo pai, que trancava o carro.

Em casa, o menino subiu lentamente para o andar de cima, com os pés mal transpondo cada degrau.

– Você gostaria de beber alguma coisa, Charlie? – chamou sua mãe do andar de baixo.

– Não, obrigado, mãe! – respondeu em um tom de voz incompreensível.

Estava surpreso com o cansaço que sentia e chegou à conclusão que deviam ter sido todas as atividades que tinha feito nos últimos dias.

Deitou na cama e em segundos mergulhou num sono profundo.

* * *

Então, despertou. Estava de pé no portão da escola, segurando uma enorme e pesada chave de ferro na mão. Introduziu-a na porta e a virou. A fechadura estava bem lubrificada e virou silenciosamente. Charlie empurrou a pesada porta de carvalho aberta e entrou. Em seguida, caminhou,

rapidamente, ao longo do corredor que levava à sala de aula onde com certeza o ritual de magia havia acontecido. O corredor era frio e escuro. Ao longo de uma parede, ficavam as antigas fotografias em branco e preto de todos os diretores que a escola teve no decorrer dos anos. Charlie olhou superficialmente para cada uma delas conforme passava. Reconheceu muitas das fotografias, pois elas continuavam por lá até os dias atuais. De repente, Charlie parou diante da última fotografia e ficou quase sem fôlego. Não podia acreditar naquilo. A fotografia na parede era do homem barbudo que poucas noites antes havia realizado o ritual e que voltaria a fazê-lo novamente hoje à noite. Charlie olhou para o nome na placa de metal sob a fotografia: *Edward P. Oates, 1924-...*

Rapidamente, Charlie memorizou aquilo antes de continuar pelo corredor. Ele entrou na sala um minuto depois e foi para a mesa do professor. Na mesa, havia uma pasta intitulada LIÇÃO DE CASA. Charlie chegou à conclusão de que era aquilo o que ele procurava. Obviamente, o professor tinha deixado a pasta para trás, voltou para pegá-la e acabou descobrindo o ritual acontecendo. Apressado, Charlie pegou a pasta, mas acidentalmente deixou-a abrir, espalhando as páginas pelo chão.

Charlie se ajoelhou e tinha começado a recolher as folhas, quando uma pessoa atravessou o vão da porta, vestindo um manto encapuzado. A figura foi seguida por outra, que carregava algo. Então, quatro outras entraram, cada uma carregando uma coisa, e começaram a montar o que tinham trazido com eles.

Velas, colocadas em castiçais altos, foram acesas. Uma figura desenhou um pentagrama exato com giz no chão e em seguida desenhou, em volta, um círculo perfeito que tocava em todas as cinco pontas. Então, a primeira figura saiu e as outras cinco se posicionaram em cada ponta do pentagrama

e começaram a entoar um cântico. Não tinham falado nada até então e Charlie saltou ligeiramente quando eles começaram a cantoria. Ele colocou a pasta no chão e sentou com as costas apoiadas na mesa do professor. Ele sabia o que iria acontecer ali e não gostou de pensar nisso nem um pouco.

* * *

Charlie foi acordado pelo som do alarme de seu relógio tocando. Ele respirou fundo e saiu da cama lentamente. Alguma coisa o importunava na beira da consciência, mas não conseguia compreender bem o que era. Isso tinha algo a ver com o sonho. Era isso, ele precisava lembrar-se de alguma coisa. Mas o quê?

Um nome: *Ed* de Edward. Edward P. Oates, lembrou. Mas então, o que a respeito de Edward P. Oates? O diretor com a barba! Era isso, ele precisava lembrar do nome de Edward P. Oates no sonho. Edward P. Oates, diretor em 1924. Quando ele deixou de ser diretor? Charlie estava curioso por saber e supôs que descobriria isso naquele mesmo dia. Rapidamente, Charlie se lavou e se vestiu, antes de tomar o café da manhã. Logo, se juntaria a Kate e Neil.

- Bom-dia, Charlie – cumprimentou Neil.
- Bom-dia – cumprimentou Kate.
- Dormiram bem? – perguntou Charlie.
- Sim – respondeu o irmão.
- Muito bem e você? – perguntou a menina.
- Sonhei de novo – respondeu Charlie.
- Qual a notícia ruim? – indagou Kate, despejando leite nos cereais.
- Nenhuma novidade, pois repeti o sonho que tive noites atrás – respondeu.

– Ai! – exclamou Neil. – Deve ser horrível sonhar várias vezes a mesma coisa terrível.

– É sim – respondeu Charlie. – Mas encontrei algo novo que não é nada bom.

– O que foi? – perguntou Kate.

– Ouçam o que vou contar a vocês – ele disse.

Em seguida, contou aos irmãos a respeito do sonho que teve, especialmente a parte referente à foto e ao nome.

– Sabem o que é mesmo muito estranho? – perguntou. – Eu disse a vocês que o cara barbudo, Oates, parecia familiar.

– Sim – disse Neil.

– Bem, ele ainda parece familiar, mas ainda não posso explicar o motivo – continuou Charlie.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou Kate. – Ele pareceu familiar por causa da foto na parede, que foi onde você o viu antes.

– Essa é a questão, ele não parece familiar por causa do retrato, eu já vi esse rosto em algum outro lugar antes, mas não consigo lembrar onde.

Kate e Neil refletiram sobre isso por um tempo antes que Neil dissesse:

– Espero que você se lembre, Charlie, para o seu próprio bem!

Capítulo 12

Uma Descoberta Aterradora

Os jovens saíram para a escola às oito e meia e chegaram cinco para as nove, cinco minutos antes da chamada. As salas de Kate e Neil ficavam de um lado do corredor, mas a de Charlie não, então ele os deixou assim que entraram no prédio.

Quando a aula começou, ele foi até seu grupo de amigos e começou a conversar com eles. Falaram por alguns minutos a respeito do fim do trimestre e o que tinham feito, antes de o sinal tocar e eles sentarem-se prontos para a chamada. Dez minutos depois, Charlie foi para a primeira aula, que era a de Matemática. Depois ele teria Inglês, Geografia e Artes.

Depois do almoço, houve uma assembleia na escola. Charlie estava bem na frente do saguão com alguns amigos. Normalmente, ele sentava no fundo, mas naquela semana a arrumação das cadeiras tinha mudado. Um professor apareceu na frente do saguão e tentou atrair a atenção de todos. Por fim, depois de encerradas as últimas conversas, o diretor entrou e ficou de pé, na frente de todos, com as mãos firmemente apertando a beirada do púlpito. O diretor falou em um tom grave e pronunciou cada sílaba com precisão.

O diretor parecia nunca sorrir ou se alegrar quando estava na escola, embora Charlie tivesse ouvido rumores a respeito dele ter sorrido uma vez. Mas ele não acreditou nos boatos.

Desde que havia entrado na escola, Charlie de fato nunca o tinha visto de perto. O diretor parecia manter-se distante dos alunos e, na verdade, ele

nunca era visto circulando pela escola, a não ser quando se dirigia a todos os alunos. Charlie nunca tinha, realmente, reparado no rosto do diretor muito bem, pelo fato de normalmente sentar-se no fundo. Agora, Charlie podia ver o diretor bem de perto.

O homem tinha traços estreitos, esqueléticos, o cabelo castanho e o queixo barbeado. Seus lábios eram muito finos, quase a ponto de não existirem.

Conforme o diretor enveredou no assunto da semana, a falta de disciplina nas escolas nos dias de hoje, Charlie teve uma sensação assombrada. O rosto do diretor, a voz dele, ambas as coisas o incomodavam, atingiam algo que Charlie não compreendia bem o que era.

De repente, ele entendeu. A revelação veio, como se um interruptor fosse ligado em seu cérebro. Ele não acreditaria naquilo antes porque pareceria muito ridículo, mas agora estava à vontade para fazer a ligação.

O diretor era Edward P. Oates, o antigo diretor.

Charlie franziu as sobrancelhas. O diretor não usava mais a barba, mas parecia ter a mesma idade que a pessoa do sonho. Não poderia ser.

Será que aquilo fazia parte do ritual de magia? Será que o diretor desejava a vida eterna?

Charlie sabia que Edward Oates era um bruxo. Será que isso não teria nada a ver com o diabo? Contavam-se histórias a respeito de gente que vendia a alma em troca dessas coisas. Será que Edward não tinha feito isso?

De repente, um amigo cutucou Charlie:

– Vamos, Charlie – disse o amigo. – Já podemos ir, é hora da aula de Ciências.

– Tudo bem – respondeu Charlie, lançando um último olhar para o diretor antes de deixar o saguão. – Estou indo.

Depois da escola, ele encontrou-se com os irmãos.

– Fala que eu sou louco – disse.

– Você é louco – disse Neil.

– Há, há, Neil, de qualquer modo, pode me chamar de louco – disse ele, percebendo o olhar do irmão. – Mas acho que sei quem o Oates me lembra.

– Quem? – perguntou Kate.

Charlie contou a Kate e Neil a respeito do diretor e como não tinha dúvidas de que estava certo. Quando terminou, Kate disse:

– Charlie, essa é a coisa mais estúpida que já ouvi nos últimos tempos.

– Tem certeza, Kate? – perguntou Charlie. – Você está se esquecendo de que está na caça de um fantasma.

Kate suspirou e disse:

– Então, o que vamos fazer agora?

– Vamos voltar rapidinho e dar uma espiada no corredor de fotos.

– Ótimo! – respondeu Kate.

De volta na escola, eles seguiram para o saguão com as fotos de todos os diretores da escola. Ainda havia alunos andando pelo *campus*, então eles foram direto à galeria de fotos. Chegaram à fotografia de Edward e Kate e Neil deram uma boa olhada nela. Depois dessa fotografia, existiam mais outras oito.

– Oh, meu Deus! – exclamou Charlie sem fôlego, quando observou as outras fotografias. – Olhem para eles!

Kate e Neil rapidamente foram olhar de perto as oito fotografias e as observaram com cuidado por instantes, mas não encontraram nada de particularmente fora do comum para eles.

Então, primeiro Neil, e depois Kate, entenderam.

– Não acredito! – gritou Kate, com as palavras escorrendo da boca num ritmo rápido.

– Isso é muito estranho! – disse Neil com a voz trêmula.

– Vocês também conseguem perceber, não é? – perguntou Charlie.

– Claro que sim – respondeu Neil. – Os diretores são todos a mesma pessoa!

– Existem ligeiras diferenças, é óbvio – conjecturou Charlie. – Mas os olhos, ossos da face e os lábios finos desmascaram.

– Estou surpreso que ninguém tenha notado – disse Neil.

– Eu também – disse Charlie. – Mas suponho que foi porque nós examinamos as fotos com cuidado.

– Então isso significa que esses diretores são na verdade apenas o velho Ed.

– As outras fotos antes do Edward são do mesmo homem? – perguntou Kate.

– Não – respondeu Neil. – Edward Oates é o primeiro.

– Quem são as outras pessoas? – perguntou Charlie. – Tenho a impressão de que eles podem apenas ser professores antigos ou algo parecido.

– Nem quero pensar nisso – disse Kate arrepiada.

– Calma – disse Neil com falsa alegria. – Pelo menos isso explica porque todo pessoal antigo é tão estranho. Todos eles são bruxos!

– Há, há, Neil, você é mesmo muito engraçado – disse Charlie, sarcástico.

– Gostaria que a gente frequentasse uma escola normal – suspirou Kate.
– Nem todas as escolas devem ser como esta.

- E não são mesmo. Nós é que somos uns azarados – respondeu Charlie.
- De qualquer forma, vamos voltar para casa agora, estou morrendo de fome!

Capítulo 13

Visitantes Noturnos

De volta à casa, os pais ainda não tinham voltado do trabalho, então eles próprios fizeram um chocolate quente cremoso e espesso, com creme por cima. Para completar, cada um deles pegou uns biscoitos de uma lata e foram para a sala de estar. Colocaram as xícaras na mesa e ligaram a televisão.

Não passava nada de interessante para jovens, então eles sentaram e conversaram por um tempo. Assim, Charlie decidiu trabalhar um pouco mais na história que havia abandonado. O texto extra, que aparecia quando o menino estava com sono, tinha parado desde que os jovens começaram a investigar, então ele ficou surpreso de encontrar uma nova anotação.

Imediatamente, ele a mostrou aos irmãos.

O garoto e seus ajudantes corriam perigo, pois o bruxo sabia de tudo e tinha saído para silenciá-los, de modo que eles não contassem para os outros a respeito das ações do bruxo e seus acólitos.

- O que é um *acólito*? – perguntou Kate.
- Uma espécie de assistente – Charlie disse a ela.
- Isso é um aviso – afirmou Charlie.
- Um aviso? – perguntou Neil, surpreso.
- Sim, é óbvio – respondeu Charlie.
- Ah, eu entendi – Neil disse, dando-se conta de repente. – Não sei como deixei passar essa.

- Bem, o que vamos fazer? – perguntou Kate.
- Ficar em casa e tomar cuidado.
- Estou com medo, Charlie – queixou-se a irmã, sem rodeios.
- Calma, nós vamos superar isso – Charlie respondeu.
- É o que espero, é o que espero – disse Kate. – Vamos falar sobre outra coisa.

Mais tarde, às seis horas, os pais dos jovens telefonaram para dizer que demorariam à noite e disseram para os próprios jovens prepararem alguma coisa para jantar. Eles comeram lasanha de micro-ondas, que a mãe sempre deixava no congelador para essas ocasiões. Depois assistiram uma comédia na televisão, antes de irem para a cama cedo, mais uma vez. Logo, todos pegaram no sono, cada qual confortavelmente em sua cama. Desta vez, Charlie não sonhou, mas dormiu de modo intermitente.

De súbito, ele despertou sobressaltado e sentou. Tinha ouvido seu nome sendo chamado. Olhou ao redor, mas nada viu, então lentamente descansou a cabeça no travesseiro de novo e fechou os olhos. De repente, ouviu a mesma coisa novamente. Sentou outra vez e olhou em volta buscando a origem da voz. O vento soprava nos beirais do lado de fora e o menino escutou com cuidado. Alguém parecia sussurrar o nome dele: – Charlie, Charlie – muitas vezes.

Charlie sorriu largamente para si mesmo e enxugou o suor frio da testa antes de repousar a cabeça no travesseiro novamente.

Charlie franziu as sobrancelhas. Se o vento estivesse soprando, ele ouviria o carvalho batendo na janela. Também conseguiria ver a árvore sacudindo ao luar. Ele sentou novamente e olhou para fora da janela a árvore sossegada. Lentamente seu corpo começou a ferver em horror e

um arrepio gelado percorreu sua espinha. As palavras em seu bloco de notas voltaram a assustá-lo.

Kate despertou. Sentiu a mão de alguém no rosto. Abriu os olhos, mas não havia ninguém. Chegou à conclusão de que tinha imaginado aquilo e tentou voltar a dormir. De repente, ela sentiu a mesma coisa novamente. Abriu os olhos, nada. Então viu a sombra de uma forma humana no canto e abriu a boca para berrar.

Neil abriu os olhos vagarosamente. Ouviu uma tábua do assoalho ranger. Olhou nessa direção, pois achou que os irmãos talvez estivessem por ali. Ninguém. Fechou os olhos novamente e chegou à conclusão de que deviam ter sido tábuas do assoalho ajeitando-se. De repente, ouviu um som de pés se arrastando do outro lado da cama. Abriu os olhos de novo e olhou na direção do som, mas nada...

No momento de fechar os olhos novamente, ele viu uma sombra na frente da janela e em seguida ouviu um berro forte, vindo do quarto de Kate.

Charlie ia ligar o interruptor de luz ao lado da cama quando ouviu Kate berrar. Ele pulou da cama e correu para fora do quarto.

No corredor, os dois irmãos se encontraram, olharam um para o outro brevemente e foram em direção à porta de Kate, na hora em que esta corria para fora.

Os meninos pararam e arrastaram Kate pelos braços, do corredor ao andar de baixo.

– O que houve de errado, Kate? – perguntou Charlie. – Por que berrou?

– Tinha alguém no meu quarto – respondeu Kate.

– No seu também? – perguntou Neil. – Tinha alguém no meu também!

– E no meu... – disse Charlie.

– Uma pessoa em cada um de nossos quartos! – Neil gritou.

– De onde eles vieram?

– Acho que tem alguma coisa a ver com o aviso – explicou Charlie. –
Acho que era bruxaria.

– Você quer dizer que na realidade eles não estavam mesmo ali? –
perguntou Kate.

– Acho que não vamos encontrar ninguém se voltarmos lá. Suponho que
o Oates esteja de brincadeira conosco.

– Então, o que vamos fazer? – perguntou Kate.

– Impedi-lo.

– Como? – perguntou Neil.

– Vamos para a escola.

– Como, agora? – perguntou Kate.

– Sim, agora.

– Todos nós?

– Sim, é arriscado ficar aqui se o cara está usando magia negra.
Precisamos reunir todas as pessoas que pudermos para detê-lo.

– Estou com você – disse Neil.

– Eu também – disse Kate.

– Então, vamos! – exclamou Charlie.

Capítulo 14

Uma Visita à Escola

– Charlie? – perguntou Kate.

– O que foi? – respondeu Charlie.

– Precisamos de roupas para vestir na escola.

– Bem lembrado – disse Charlie pensativo. – Se você quiser, vou no andar de cima, pego nossas roupas e volto direto, rapidinho.

– Também vou – disse Neil.

– Não – respondeu Charlie –, você fica aqui com a Kate.

– Se você prefere – Neil disse, em dúvida.

– Olhe, vou ficar bem! – Charlie disse a ele. – Enquanto eu estiver no andar de cima, vocês dois encontrem coisas que vamos precisar e que podem nos ajudar, como lanternas.

– Tudo bem, Charlie – disse a menina. – Tome cuidado.

– Só estou indo ao andar de cima – disse Charlie sobre os ombros quando pisou no primeiro degrau. A escada rangeu agourenta.

– Isso não é nada, nada vai acontecer.

Charlie continuou a subir a escada cauteloso até chegar ao topo. Pressionou o interruptor de luz. Clic! Nada. Clic! Clic!

Ele não deu muita importância e prosseguiu lentamente pelo corredor. Tentava convencer a si mesmo que a lâmpada provavelmente estava queimada e que ali não havia nada fantasmagórico, mas nem mesmo ele se achou muito convincente.

Ele entrou em seu quarto e pressionou o interruptor de luz. De novo, nada. Houve um clarão azul brilhante na janela e em seguida um estrondo medonho, que pareceu sacudir a casa até as próprias fundações. Charlie deu um pulo com o susto e em seguida forçou a si mesmo a relaxar.

“Relâmpagos e trovões, é só isso” – ele disse a si mesmo conforme apanhava as roupas e corria para o quarto de Kate. Pegou as roupas na cadeira onde ela as deixara quando outro raio relampejou lá fora, seguido de outro forte estrondo de trovão. Ele foi ao quarto de Neil e pegou a calça jeans, o pulôver e a camiseta dele. Ao pegar a camiseta, olhou para a janela. Cortinas finas estavam puxadas sobre a janela, mas ainda assim Charlie podia ver o clarão azul do relâmpago por entre elas. Dois relâmpagos brilharam, seguidos quase imediatamente por estrondos de trovões. Então um terceiro brilhou, iluminando uma figura na sombra. A janela ficou no escuro de novo quase imediatamente, antes de ser iluminada mais uma vez pelo clarão. Não havia nada ali.

Charlie virou e correu em direção à porta, segurando as roupas. A figura estava no vão da porta, com as mãos estendidas. Charlie investiu contra ela e deu-lhe uma cabeçada ao mesmo tempo. Conforme a figura caiu para trás, Charlie chutou suas pernas e desceu a escada correndo. A figura praguejou quando rolou pelo chão. Os relâmpagos piscaram, uma vez, duas vezes, três vezes e a figura sumiu.

No andar térreo, Kate e Neil esperavam na cozinha.

– O que será que está acontecendo com Charlie? – pensou Neil em voz alta.

– Eu não sei – respondeu Kate.

De repente, houve uma pancada no andar de cima; depois, passos rápidos ecoaram nos degraus da escada. Charlie surgiu e caiu sobre a mesa

ofegante.

– Aqui – disse ele, respirando com dificuldade – estão suas roupas, coloquem-nas depressa e vamos embora.

– O que aconteceu? – perguntou Kate preocupada. – O que foi todo esse barulho?

– Eu vi um homem na janela e na porta, ele tentou me pegar – respondeu Charlie, recuperando-se um pouco.

– Devemos sair o mais rápido possível – disse Neil conforme vestiu a calça jeans.

– Bem, estou pronta – disse Kate.

– E eu também – disse Charlie conforme colocou o suéter pela cabeça. – Vamos, Neil.

– Estou pronto – ele respondeu.

Os jovens se agacharam em direção à porta da frente.

Conforme passaram pelo guarda-louça do saguão a caminho da porta, Neil parou e o abriu. Ele revistou o que havia dentro até retirar para fora um bastão de beisebol.

– Vou ver se eu consigo descobrir outro – cochichou para Charlie.

– Sem sorte? – perguntou Charlie em um tom de voz apagado.

– Espere – respondeu Neil. E mais uma vez começou a revistar o guarda-louça até encontrar outro bastão.

– Acho que ainda tem mais um – disse Neil conforme passava o bastão para Charlie. – Ah, aqui está!

Passou o bastão para Kate que o pegou e procurou sentir seu peso com as mãos.

– Obrigada, Neil – ela respondeu. – Era exatamente o que eu precisava para combater os poderes das trevas.

– Pelo menos já é alguma coisa – disse Neil. – É melhor que nada.

– Vamos, vocês dois – Charlie disse, empurrando- -os para frente.

Os jovens alcançaram a porta da frente, colocaram os sapatos e lentamente saíram. Caminharam, na chuva, pela trilha do jardim, e abriram o portão, que rangeu ruidosamente quando abriu. Os jovens estremeceram.

– Vamos – cochichou Charlie conforme eles saíam em fila pela entrada.

– Mãos à obra!

Os jovens rapidamente correram pela rua em direção à escola, sondando furtivamente à direita e à esquerda, em alerta máximo para qualquer coisa fora do comum.

Em pouco tempo, chegaram à escola e subiram por uma brecha na cerca situada no meio do campo do colégio. O campo estava lamacento com a chuva e, em alguns lugares, a lama tinha virado poças líquidas. Os jovens escorregaram e deslizaram sobre o campo, pois os sapatos não seguravam absolutamente nada.

Finalmente, eles alcançaram o pátio e pegaram o caminho do prédio velho da escola. Caminharam ao longo da parede, testando as janelas para ver se alguma abria. Depois de cerca de três minutos, encontraram uma. Ela tremeu só de abrir e os jovens rapidamente subiram, um depois do outro, cada um manejando sua arma. Assim que entraram, esgueiraram-se silenciosamente por filas de carteiras antes de chegarem à porta. Charlie abriu-a em um segundo e eles seguiram em fila indiana.

– Sigam-me e fiquem perto da parede – cochichou Charlie para os irmãos.

– Tudo bem – responderam juntos.

O prédio estava em completo silêncio, exceto pelo som dos passos abafados dos jovens, que só podiam ser ouvidos se prestasse bastante

atenção.

Conforme se aproximaram da sala, eles começaram a ver uma pálida luz amarela tremulante. Quando alcançaram a porta, descobriram que a luz vinha de dentro e brilhava pelo painel de vidro na metade superior da porta. A luz escurecia de vez em quando, conforme uma pessoa dentro da sala passava pela fonte de luz.

Um fraco murmúrio podia ser ouvido de dentro da sala, bem como uma voz ligeiramente mais alta que o resto. Parecia que estavam cantando algo. Viam-se vários clarões brilhantes e um estranho estalido; um som de chocalho era ouvido, o qual lentamente enfraquecia, deixando só o murmúrio e o cântico novamente.

Charlie fez sinal para que os irmãos ficassem onde estavam e lentamente moveu-se para frente, para que pudesse sondar pelo vidro.

Lá dentro encontrou a cena do sonho, do jeito como se lembrava. Eram velas amarelas e grossas e um pentagrama no chão, com uma figura encapuzada e paramentada em cada canto, e lá estava a sexta figura, o diretor.

Dentro do pentagrama, de repente, algumas faíscas começaram a aparecer, faíscas brancas que lentamente multiplicaram-se até que surgiu uma ardente coluna de luz branca brilhante, faiscando. Uma luz azul brilhou subitamente no centro da coluna.

O diretor ergueu as mãos acima da cabeça e cantou algo em voz alta. Uma imagem lentamente começou a se formar dentro da coluna de luz e Charlie começou a reparar em três figuras. Duas rastejavam perto uma da outra e uma terceira inclinava-se para frente, sondando algo.

Eram eles, Charlie de repente percebeu, a imagem era dele, do irmão e da irmã rastejando no corredor.

Charlie disse para Neil:

– Certo, vamos entrar, eles nos descobriram!

– Fique aí, Kate – disse Neil.

– De jeito nenhum, vou entrar.

– Não, não, é muito perigoso.

– Não importa – ela respondeu.

– Agora – gritou Charlie.

Ele escancarou a porta e entrou, seguido pelo irmão e a irmã, que tinha decidido ir apesar do aviso de Neil. Charlie correu para uma das figuras e empurrou-a no meio do pentagrama. A figura virou de costas antes de desaparecer com um clarão de luz.

Neil, porém, bateu na cabeça de uma das figuras com seu bastão. A figura cambaleou para frente antes de desmaiar no chão, inconsciente. Kate também tinha batido em alguém com o bastão dela. A figura tropeçou um pouco e caiu, com o capuz caindo da cabeça. Essa figura era uma mulher. Kate reconheceu-a imediatamente. Era a senhora Briggs, chefe do departamento de Matemática.

– Torci o tornozelo – ela gritou.

– Meu Deus, o que vocês estão fazendo? – exclamou Kate – Por que estão fazendo isso?

A senhora Briggs levantou os olhos para Kate com raiva no rosto.

– Kate, o que vocês estão fazendo aqui, o que estão fazendo é contra as normas da escola!

– E o que vocês fazem não é? – perguntou Kate com nojo, antes de virar e atingir na cintura alguém que queria agarrá-la. A pessoa desabou no chão, debatendo-se em agonia.

Por sua vez, Charlie tinha batido em alguém com uma cadeira, pois havia perdido seu bastão na coluna de luz. A pessoa em quem bateu apenas cambaleou para trás, até a parede, e escorregou.

Durante todo esse tempo, o diretor tinha permanecido calmo. Agora, ele ergueu sua mão direita no ar e murmurou algo. Fogo sulfuroso irrompeu das pontas de seus dedos e subiu em espiral na direção de Neil. Ele levantou seu bastão de beisebol e se protegeu. O bastão queimou instantaneamente e virou cinzas.

– Ai! – gritou Neil, pulando atrás da mesa do professor na frente da sala de aula.

Kate correu em direção ao diretor com o bastão erguido. O diretor levantou uma sobrancelha. Ela foi levantada na ponta dos pés e dependurada à meia altura na parede oposta. O diretor gargalhou e olhou em volta à procura de Charlie, que tinha acabado de escapar pela porta fora. Um rastro de fogo amarelo o seguiu e explodiu contra a parede do corredor, deixando um círculo vermelho quente que brilhava e rolava na pintura da parede.

– Eu vou pegar você depois, garoto toonntooo – sibilou o diretor em um tom de voz ameaçador, diferente de qualquer ser humano.

Furtivamente, Neil abriu as gavetas, atrás da mesa do professor, em busca de qualquer coisa. Ele arrancou fora uma gaveta e a arremessou sobre a mesa com a triste esperança de atingir o alucinado diretor. E conseguiu, com um pesado baque que deixou o diretor atordoado, mas, infelizmente, não o parou, nem o feriu. O diretor levantou a mão para lançar outra bola de fogo, desta vez na mesa do professor. A bola de fogo rasgou o ar, com o terrível barulho de um chiado crepitante. Desta vez, a bola de fogo era uma bola redonda, de cor azul. Ela bateu na mesa e banhou-a em uma leve e

azulada bolha de luz, que se encolheu até envolvê-la. Neil saiu bem a tempo. Todas as beiradas e os cantos da mesa se tornaram realçadas com linhas finas de uma cor laranja deslumbrante, antes de toda ela explodir com uma força poderosíssima, que arremessou Neil contra a parede, abatendo-o inconsciente. O diretor deixou Neil desfalecido e saiu da sala em busca de Charlie.

Charlie, porém, estava a caminho da seção de Ciências da escola. Ele atirou-se na primeira sala de Ciências que viu e foi até a fileira de armários no canto. Abriu-os um por um, mas eles continham apenas suportes, frascos cônicos e outras coisas como essas.

– Droga – exclamou Charlie. – Eles estão na sala de preparação.

Então, saiu imediatamente e seguiu o caminho da sala de preparação no final do corredor.

A sala ficou quieta por um momento, com os armários de portas abertas. Uma delas continuou balançando levemente onde Charlie tinha aberto na pressa. Na parede em frente, uma forma começou a surgir no reboco. Tinha o formato de um rosto. Um rosto gigante. O rosto começou a tomar a forma do diretor, mas era totalmente branco. De repente, os olhos se tornaram reais e olharam em volta da sala. A cabeça alongava-se na parede conforme examinava à direita e à esquerda antes de sumir de volta dentro do reboco, até nada mais aparecer, exceto a parede branca, clara, lisa.

O diretor seguiu de tocaia ao longo do corredor e a escuridão não representou nenhum empecilho para que ele perseguisse Charlie. O homem fechou os olhos por um momento, murmurou, e em seguida abriu-os novamente. Os olhos pareciam ver outras coisas que não as que estavam diante dele. Ele virou a cabeça para a esquerda e em seguida para a direita, como se estivesse sondando ao redor de si mesmo, antes de fechar os olhos

e murmurar mais algumas palavras. Abriu os olhos novamente e dessa vez eles estavam normais.

– Então é só disso que ele é capaz? – murmurou o diretor com sua voz desumana. – Mas que innteressante.

E os olhos do diretor brilharam no escuro. Brilharam amarelos.

Charlie atirou-se para dentro da sala de preparação quase em pânico. Tinha perdido tempo demais e sabia disso. Vasculhou as gavetas em volta, procurando produtos químicos. Em uma gaveta encontrou um pote com um pó azul, cobre ou algo parecido. Não tinha tempo para olhar. Rapidamente abriu outras gavetas, até achar o que procurava, potássio.

Pelo que ele se lembrava das aulas de Ciências, o potássio era muito reativo com a água e o ar, e por essa razão geralmente era guardado em querosene. Se Charlie usasse o que estava naquela gaveta, poderia derrotar o diretor.

Ele percebeu, fora da gaveta, dez jarros cheios de querosene com torrões de potássio no fundo de cada um. Apressado, o menino destampou os jarros e pegou algumas pinças. Em seguida, ele pegou cada torrão e transferiu para um único jarro. Chegou à conclusão de que devia ter juntado cerca de meio quilo ao todo. Seria suficiente? Achou que sim. Ele encheu uma cuba de água e colocou-a no chão do corredor bem no vão da porta. Em seguida, Charlie encheu um balde com água e cobriu o chão por cautela, apenas no caso das coisas darem errado e de ele precisar de toda água possível para reagir com o potássio.

Ele sabia que estava trabalhando em uma tentativa com pouca possibilidade de sucesso, mas precisava, de qualquer modo, tentar algo que fizesse o louco diretor parar de persegui-lo. Gostaria de saber se os irmãos

estavam se saindo bem e desejou que o diretor tivesse seguido somente ele e os deixado em paz.

De repente, Charlie ouviu o som de pés arrastando-se no corredor. Ele segurava o jarro aberto na mão e rezava silenciosamente para si mesmo. Desejou que alguém escutasse suas preces.

Houve um esguicho e um palavrão, e o arrastar dos pés parou. Charlie pulou fora da sala de preparação e despejou o potássio dentro da cuba de água em que o diretor enfiara o pé, com ameaçadores olhos amarelos ardentes.

– Adeus, senhor! – caçoou Charlie e correu para longe, pelo corredor, quando o potássio ferozmente queimou na água. O manto do diretor se incendiou e logo ele tinha se tornado uma bola de fogo humana. Só que o diretor não era humano. Ele poderia um dia ter sido, mas não agora. Não, agora ele era o próprio diabo em pessoa. “Muito bem” – disse Charlie para si mesmo perturbadoramente. “Espero que aproveite o fogo de que tanto gosta”. Escutou um grito ensurdecido por trás dele. Charlie virou e exclamou sem fôlego. O diretor crescia, crescia, ficava cada vez maior. O manto dele rasgou, revelando um tronco vermelho brilhante. O diretor mostrava garras e sua cabeça se tornou distorcida e feia. Seu corpo inteiro era uma chama vermelha.

– Eu vouuu pegaaar vocêêê, Charrrieee! – berrou o diretor furioso, caminhando pelos destroços chamuscados do corredor.

As chamas lambeiram o teto e logo o calor ficou insuportável. Charlie correu e correu, enquanto bolas de fogo passavam zunindo por ele, arremessadas pelo demônio enfurecido que o diretor tinha se tornado. O diretor gargalhou loucamente, bêbado de ira. Suas costas, que agora eram

muito largas, arranharam ao longo das paredes do corredor, deixando longas marcas pelo caminho.

Charlie alcançou a porta e tinha acabado de passar por ela quando um raio de fogo verde escuro explodiu violentamente contra ele, derretendo o painel de vidro e pulverizando a madeira.

Ele berrou e correu para outra porta, para o lado de fora. Correu como o vento pelo pátio do recreio da escola, sentindo-se muito desprotegido. Ele só queria descobrir algo, alguma coisa para combater aquele louco. De repente, Charlie cambaleou, tropeçou e, em seguida, cambaleou novamente. Quando caiu, rodopiou e viu o demônio com ar dominador em cima dele e sua ira ardendo nos olhos. Longas lâminas negras se estendiam das mãos chamuscadas do demônio.

– Voocêêê nãoooo vaaiii moorrreerrr deepreeesssaaaa! – o demônio uivou. – Vaaiii moorrreerrr leentaaameentee!

Charlie fechou os olhos achando que seria pela última vez e tentou pensar em uma última coisa para dizer antes de morrer, algo heroico, mas não conseguiu.

– AAARRRRGGGHH! – o demônio berrou de repente.

Charlie abriu os olhos e viu quando o demônio olhou para baixo, para ele, e em seguida virou totalmente para enfrentar Neil. Charlie podia ver Neil através do demônio. O demônio lentamente desapareceu. O antigo diretor tentou atacar Neil, mas sua mão apontou inofensiva para ele. O diretor tentou um feitiço, mas tudo que aconteceu foi um sopro de fumaça saindo das pontas de seus dedos. Ele olhou para eles incrédulo e em seguida olhou para Neil.

– Ccooooo voocêêê ssaabbbiiiaaa? – perguntou.

– Encontrei o contrato em sua mesa – respondeu Neil.

O demônio suspirou e em seguida, lentamente, recolheu-se de volta à forma de diretor uma vez mais. O diretor estava quase completamente transparente, mas ainda fez uma ameaça final:

– Aguarde a minha volta, eu vou voltar! – bradou antes de desaparecer. Charlie olhou para Neil, que devolveu o olhar para o irmão mais velho.

– Vamos – disse Neil, levantando Charlie. – Vamos encontrar a Kate e voltar para casa.

Capítulo 15

O Sonho Final

Charlie despertou ao sentir o sol morno do outono explodindo em sua janela, vindo do lado de fora. Charlie sorriu e se virou, com os olhos ainda fechados. Ficou deitado por uns minutos, meio acordado, meio sonolento. De repente, abriu os olhos e toda a noite anterior manifestou-se para ele em retrospecto.

Eles encontraram Kate na sala de aula onde a deixaram. Exceto por alguns machucados, estava tudo bem com ela, que estava saindo para procurar os irmãos quando Charlie e Neil chegaram. As figuras encapuzadas remanescentes, que Charlie só conseguiu supor que seriam antigos professores, tinham sumido todas, assim como o pilar de luz faiscante. Conforme os jovens olharam para o pentagrama, o mesmo também enfraqueceu. Eles se entreolharam.

– Está tudo bem com você? – perguntou Charlie, fingindo não ter notado.

– Está tudo bem, só estou um pouco chocada e confusa, só isso.

– Fico feliz!

– Charlie? – disse Kate.

– Sim?

– Nós vencemos?

– Sim.

– Como?

– Pergunte ao Neil.

– Neil?

Ambos olharam para Neil.

– Eu também estava esperando para fazer a mesma pergunta – Charlie disse a ela. – Mas ele ainda não me contou nada.

– Prossiga, Neil! – Kate disse. – Por favor.

– Tudo bem, tudo bem, eu ia fazer isso, mas queria contar para os dois.

– Bem, estou escutando – disse Charlie.

– Sou toda ouvidos – disse Kate.

Neil contou a eles que o diretor achou que ele estava morto. E que ele se recuperou momentos depois. Procurou a sala do gabinete do diretor, onde entrou em busca de algo que pudesse detê-lo, vasculhando as gavetas da mesa e o armário. Então, descobriu uma antiga caixa de madeira, olhou dentro e encontrou um documento: o *contrato*. Assinado em sangue. O sangue do diretor.

– E o que o contrato dizia? – perguntou Kate ansiosa, sentada na beirada da cadeira.

– Dizia... – começou Neil, pegando uma folha de papel do bolso. – Bem, vocês vão ler e descobrir.

Os dois irmãos apanharam o papel e leram as palavras, juntos:

Eu, Edward Peter Oates, por este meio, juro que, no dia de hoje, vou partir com o meu espírito etéreo, para me entregar ao príncipe das trevas, senhor dos infernos. Em troca disso, ele vai garantir que eu seja agraciado com a vida eterna, a menos que uma das situações a seguir ocorra. Se qualquer uma dessas situações ocorrer, o príncipe das trevas, senhor dos infernos, será agraciado com o direito de se apropriar da alma de Edward Peter Oates, a minha alma, sem jamais me agraciar com a vida eterna. Além disso, se uma das seguintes situações ocorrer, a minha existência nas terras dos vivos estará terminada, e eu, Edward Peter Oates, não mais existirei e nenhum mortal jamais se lembrará de mim. São estas as situações pelas quais o contrato será quebrado: se eu, Edward Peter Oates, tentar a anulação do contrato depois do ato de assinatura por qualquer meio; se eu, Edward Peter Oates, tentar impedir que a transação ocorra no tempo estabelecido; se eu, Edward Peter

Oates, entrar em contato com o feitiço contido no frasco de vidro, depositado na mesma caixa deste contrato. Se eu jamais entrar em contato com isso, se as condições anteriores forem obedecidas, conforme exigido pelo príncipe das trevas, senhor dos infernos, então esse contrato é tão justo para ele, como é para mim.

Assinado: Edward P. Oates.

Assinado: P. das T., S. dos I.

– Uau! – exclamou Charlie. – Parabéns Neil.

– Você fez a coisa certa – disse Kate.

– Bem – concordou Neil modestamente –, eu não teria feito nada se o Charlie não tivesse afastado o cara do caminho enquanto eu fazia a pesquisa. Não foi nada, mesmo.

Os jovens foram para casa jubilosos e subiram a escada para o andar de cima em silêncio. Eles estavam exaustos depois daquela aventura e tudo o que desejavam fazer era ir para a cama.

Naquela noite, Charlie não sonhou seu sonho normal, mas um outro, relacionado.

Ele estava sentado na sala de jantar, no banco embutido sob a janela, quando alguém veio pela porta. Charlie olhou em volta e viu um homem com uma boina e jaqueta de lã caminhar em direção a ele. O homem tinha o cabelo ensebado, espetado em ângulos malucos debaixo do chapéu. Charlie sabia quem ele era.

– Olá – disse Charlie.

– Olá – respondeu o homem em um tom de voz bem-educado, que não parecia combinar com sua roupa. O homem prosseguiu:

– Eu queria apenas agradecer a você pelo que você, seu irmão e sua irmã fizeram. Sem vocês, eu teria que existir para sempre neste local assombrado, mas agora eu estou livre. Não sei bem o que vai acontecer em

seguida, mas não pode ser pior que a solidão que sofri desde que fui morto por ele.

– O contrato disse que o diretor nunca teria existido – disse Charlie. – O que isso quer dizer?

– Não sei – respondeu, com sinceridade, o homem. – Mas talvez signifique que eu jamais fui assassinado e que agora vou viver a minha vida plenamente.

– É o que espero – disse Charlie.

– Mas, se isso acontecer – disse o homem –, vocês não podem viver aqui.

– Venda a casa, então – disse Charlie.

– Você tem toda razão – disse o homem. – Nesse caso, vocês podem ter um novo cômodo na cozinha. Amanhã, se eu fosse vocês, eu daria uma olhada atrás dessas prateleiras novamente.

– Você acha? – perguntou Charlie.

– Com certeza! – respondeu o homem, antes de dizer, de repente: – Meu Deus! O que está acontecendo?

Ele estava começando a ficar transparente, como o diretor, e em seguida foi sumindo, mas não antes de dizer em um tom de voz cada vez mais enfraquecido:

– Obrigado, Charlie, muito obrigado. Vou tentar não esquecer vocês três.

– Qual é o seu nome? – perguntou Charlie, de repente. – Jamais soubemos qual era o seu nome!

– Robert, Robert Eves.

E em seguida sumiu.

* * *

Oitenta e cinco anos antes:

Robert despertou sobressaltado. Mas que sonho horrível, embora com um final feliz. Ele queria anotá-lo, pois daria uma boa história. Sentou em seu lugar no banco embutido sob a janela e olhou para o lado de fora. Pela trilha do caminho o carteiro caminhava, carregando apenas uma carta. Robert foi até a porta, cumprimentou o carteiro e pegou a carta. Então, foi para a cozinha, sentou-se na mesa e abriu a carta com uma faca. Dentro dela havia alguns papéis com o emblema da escola no cabeçalho. Ele leu:

Parabéns pela sua promoção ao cargo de diretor, senhor Eves, uma tarefa para a qual eu tenho certeza de que está bem preparado para executar. Você terá um aumento de salário de...

Robert sentou de volta em sua cadeira com um sorriso triunfal no rosto. Então ele tinha conseguido o cargo em vez do senhor Oates... “Esperem!” – ele pensou. “Senhor Oates? Quem era o senhor Oates?”

* * *

Oitenta e cinco anos no futuro:

Charlie levantou sentindo-se ótimo. De fato, pensou que nunca tinha se sentido melhor. Entrou no quarto de Neil para acordá-lo para irem à escola, em seguida foi ao quarto de Kate para despertá-la. Eles desceram para a cozinha, no andar de baixo, uniformizados como estudantes e sentaram-se na mesa da cozinha.

– Não posso acreditar que a última noite tenha mesmo acontecido – disse Charlie.

– Nem eu – disse Neil.

– Ainda tive mais um sonho – continuou Charlie.

Neil respirou fundo:

– Então a coisa não teve um fim? – perguntou.

– Ora, está tudo bem! E o professor, Robert Eves era o nome dele, até nos agradeceu pelo que fizemos.

Kate suspirou e perguntou:

– Então o que aconteceu?

– Vou contar tudo a vocês... – disse Charlie.

E contou!

HORA DO ESPANTO

O ESPANTALHO



EDGAR J. HYDE

O ESPANTALHO

Edgar J. Hyde



Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hyde, Edgar J.

O espantelho [recurso eletrônico] / Edgar J. Hyde ; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2021.

ePUB; 1.3 MB.-(Hora do espanto)

ISBN: 978-65-5500-709-1 (Ebook)

1. Literatura juvenil. 2. Ficção. 3. Terror.I. Antunha,Silvio. II. Título.III. Série.

2021-858

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 82-93

© 2009 Robin K. Smith

Esta edição de *Hora do Espanto* foi publicada em acordo com Books Noir Ltd.

Título original: *The Scarecrow*

© 2009 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução: Silvio Antunha

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Livro digital: Lucas Camargo e Gabriela Fazoli

Sumário

O espantalho

Na Fazenda

O Desconhecido

A Visita da Polícia

Notícias Perturbadoras

O Velho Jonesy

Mais Acontecimentos Estranhos

O Silêncio do Galo

O Campo Vazio

Problemas com Dinheiro

A Visita de Kerr

O Transbordamento do Rio

Um Ruído no Celeiro

O Envolvimento do Pai

A Lamparina

O Confronto Final

Epílogo

Capítulo 1

Na Fazenda

– David, depressa! O seu café está quase pronto.

David rolou na cama e respirou fundo. Escola novamente. Ele gostava dessa zona de penumbra, entre o sono profundo e a hora de sair da cama. Ficou pensando sobre o último fim de semana.

O pai o levou ao jogo dos Bulls pela primeira vez. Foi contra os Pistons, e os Bulls ganharam de 10 a 2. Mas que jogo! Uma multidão enorme, as jogadas espetaculares, e...

– David, anda logo! – gritou a sua mãe o mais alto que podia.

– Já vou, já vou – David gemeu, a voz aguda da mãe perturbava sua paz.

David pulou da cama, fez uma rápida visita ao banheiro e vestiu-se apressado. Procurou os sapatos descartados na noite anterior pelo quarto inteiro, que ficava coberto da habitual bagunça adolescente de roupas, material esportivo e revistas velhas.

Depois de alguns minutos, ele apareceu no corredor do andar de baixo, vestido do que podia vagamente ser descrito como uniforme escolar. Bem, pelo menos não faltava a gravata da escola. O resto parecia ter vindo de um grupo de rap. Camisa larga, suéter e calças folgadas. Graças a Deus a roupa folgada ainda estava na moda.

As duas irmãs de David já estavam na metade de suas tigelas com flocos de milho ou granola ou qualquer mistura saudável que tivessem nesses dias. Na opinião de David, ter duas irmãs mais velhas era o pior

castigo que Deus podia mandar para um garoto. David tinha apenas 13 anos, Sarah tinha 14 (e meio, como gostava de lembrar para todo mundo), e Emma tinha quase 16.

Entre o fascínio delas por roupas, maquiagem e bandas de rapazes, David sentia, às vezes, que a vida era quase insuportável.

– David, o ônibus da escola vai passar em 15 minutos e olha o seu estado! – disse a mãe com um suspiro.

– Tudo bem mãe, sem pânico. Onde está o pai? – David zombou, sondando fora da janela da cozinha.

– Foi ao campo verificar a criação de ovelhas. Ele acha que tem raposa rondando por aí novamente. As galinhas estavam fazendo uma algazarra horrível ontem à noite. Ele estará de volta em um minuto – respondeu, colocando umas torradas no prato de David.

O pai de David era fazendeiro, e a família havia mudado recentemente para a área. A nova fazenda era absolutamente grande e tinha pelo menos três vezes o tamanho da fazenda em que viviam antes. Eles possuíam não apenas mais rebanhos de ovelhas e gado, mas tinham duas vezes mais terra.

O único problema era que o pai de David tinha tanto trabalho para fazer que sobrava muito pouco tempo para passar com o filho. Com apenas duas irmãs como companhia, em uma fazenda isolada, David às vezes podia ser uma pessoa difícil. Ficava facilmente entediado e sempre se metia em confusão por causa de suas palhaçadas. Sua imaginação e seu mau gosto por piadas sem graça eram quase sempre causa de atrito entre ele e as irmãs. Sarah, ele mal conseguia suportar, mas, Emma, ele não tinha tempo para ela. Achava que ela era de outro planeta.

– Bem, Emma, vai encontrar o Steve na hora do almoço hoje novamente? – David perguntou, sorrindo maliciosamente para a irmã mais

velha.

– Mãe, fale para ele cuidar da própria vida. Eu me recuso a conversar com ele depois do que ele fez na sexta-feira. Foi uma trapalhada total.

Emma fez um bico, e se virou.

Estava se referindo à provocação, ou melhor, ao abuso, que David e seus amigos haviam submetido Emma e seu *mais recente namorado*, quando eles os encontraram andando de mãos dadas a caminho da classe. Um ótimo alvo na mente de David, embora fosse obrigado a fazer uma rápida saída estratégica, quando o Steve, de quase 1,80 metro de altura, decidiu dar um basta e partiu para cima do irmão mais jovem do seu novo amor.

– Emma, não me aborreça – David cochichou –, ou vou contar para todo mundo como eu vi você na quarta-feira se oferecendo toda para alguém que para mim não parecia nada com o Steve!

– Você é um sujo! – Emma bradou, retirando-se para seu quarto. Sarah seguiu-a, zangada com o irmão como apenas as irmãs sabem ficar.

– David, dá uma folga, por favor. Estou cansada dessas brigas! – reclamou a mãe. – Tome o seu café.

David olhou pela janela novamente. O pai havia pulado a sebe perto do grande celeiro, onde ficava armazenada a maior parte do feno do inverno, e que também era o galinheiro da família. Ele carregava uma espingarda de cano duplo, que normalmente pegava para assustar visitantes inesperados. Raposas e corvos eram os alvos habituais.

David abriu a porta da cozinha e correu para fora para encontrar o pai.

– Ei, pai, tudo certo? – perguntou David. – Algum problema com as ovelhas?

– Nada, parece tudo bem – respondeu ele.

– Essa raposa deve ter dado o fora. As galinhas me acordaram novamente ontem à noite. Mas que barulho! Espere só até pegarmos o novo cachorro na semana que vem. Ele vai colocar para correr esses espantadores – continuou o pai.

O velho cachorro da família de David desaparecera duas semanas antes. Ninguém sabia o que poderia ter acontecido. O pai de David achava que ele teria caído em alguma antiga toca de raposa, de onde não conseguiu sair. Tinha sido um bom cachorro, pois mantinha as raposas locais afastadas com seus latidos. Mas agora não estava mais lá. Isso perturbou David especialmente na ocasião. O cachorro era quase sempre o seu único companheiro na fazenda, e juntos haviam passado um bocado de tempo.

– Dave, meu filho, será que você pode me fazer um favor? – gritou seu pai enquanto tirava as botas na porta da cozinha. – Vá pegar meia dúzia de ovos no celeiro. Vou preparar uns ovos cozidos, estou morrendo de fome.

– Claro, pai – respondeu David, correndo até o celeiro, satisfeito por ajudá-lo, e sumiu lá dentro.

– Bom-dia, meninas, onde está o meu café? – pediu John brincando ao abrir a porta da cozinha.

– Onde fica normalmente, no bule, sirva-se à vontade! – respondeu sua mulher enxaguando os pratos das meninas. – Espero que tenha tirado essas botas sujas.

Estavam todos concentrados em suas rotinas quando, de repente, um grito arrepiante veio do celeiro.

– Pai, pai, papai! Socorro! Socorro!

– Ah! meu Deus, John, é o David! O que aconteceu? O que foi que aconteceu?

Capítulo 2

O Desconhecido

John irrompeu para fora da porta da cozinha e atravessou o quintal como um raio. Correu para o celeiro, os olhos atentos a tudo, procurando pelo filho. Passando o portão, o celeiro estava em trevas, pois o sol do início da manhã ainda não penetrava sua ampla entrada.

– David, onde você está? Tudo bem? – gaguejou John, tentando observar na escuridão, assim que seus olhos se ajustaram a ela.

– Pai, pai, papai!

O grande fazendeiro conseguiu avistar o filho ao longe, apoiado em pé no canto direito do celeiro. Correu para o lado dele.

– David, está tudo bem com você? O que aconteceu? – perguntou, preocupado.

David não parecia estar machucado.

Continuava perfeitamente em pé, a boca aberta, o queixo caído quase no peito. De olhos arregalados, olhava fixo para a frente. O pai de David examinou o filho da cabeça aos pés, percorrendo com as mãos o corpo do menino para cima e para baixo.

– O que aconteceu com você? Você caiu? Você se machucou? – perguntou, com a voz se tornando menos frenética ao não notar nenhum ferimento óbvio.

Mas David ainda olhava fixo para a frente, com os olhos arregalados, em estado de choque profundo. Por fim, David virou o olhar em direção ao rosto do pai. O pai olhou nos olhos do filho e então seguiu os olhos dele

quando David mais uma vez virou a cabeça para olhar diretamente à frente. Ao mesmo tempo, David levantou o braço, apontando com o dedo para uma figura a cerca de 3 metros de onde estavam parados. Agora David não precisava apontar, o pai já podia ver o que estava prendendo a atenção do filho tão fortemente.

Três metros adiante, havia uma forma escura deitada sobre um monte de feno. À primeira vista, a forma era difícil de entender. Porém, rapidamente isso se tornava inconfundível. Era um corpo.

O corpo de um homem. John temeu o pior. Mas esse corpo ainda não estava inerte e seus olhos ainda não estavam fechados. O homem estava vivo. O pai de David podia ver claramente que o corpo se agitava completamente, como se estivesse conectado a uma descarga elétrica constante, e o branco dos olhos bruscamente perfurava a obscuridade do celeiro.

– Vá para casa, David, e diga à sua mãe que está tudo bem com você – cochichou o pai, empurrando o garoto para fora com sua grande mão e olhando fixamente a misteriosa e indesejável figura.

Mas não era preciso. A mãe de David seguira o esposo pelo quintal e o som da chegada dela no portão do celeiro pareceu injetar mais descarga elétrica à agitada figura, fazendo os olhos brancos já arregalados se abrirem ainda mais.

– Volte para casa, Karen. David, você também. Cuide de sua mãe, filho.

Mas David ainda estava muito chocado para se mover. Ele assistiu ao pai chegar mais perto da figura tremulante. John avançou sua mão e agarrou com firmeza nos ombros do homem.

– Quem é você, homem? O que aconteceu com você? O que está fazendo aqui? – a voz de John estremeceu, traindo o nervosismo que ele

sentia.

A abordagem e o contato do pai apenas pareceram enviar outros 200 volts para o corpo já dominado pelo choque. Para surpresa de todos, o homem saltou, com um só golpe arremessou o grande fazendeiro ao chão, e começou a procurar o portão do celeiro. O pai de David era um homem forte e não parecia muito provável que pudesse ser derrubado tão facilmente por um homem com cerca de metade de seu tamanho. O súbito golpe pareceu arrancar David do transe. Ao ver o pai abatido no chão, David lançou-se aos pés do homem, atirando-o violentamente contra as inúmeras gaiolas de frangos que abrigavam o exército de galinhas criadas pela família. No meio do bater de asas e do emaranhado de cercas de galinhas, o homem lutava para soltar os pés. Não havia dúvidas. Agora o pai de David estava de novo em pé, sem nenhuma vontade de voltar a segurar o indesejável visitante.

Qualquer simpatia ou interesse que tivesse anteriormente sentido, agora havia sumido. Os pés de tamanho 44 de John foram enterrados profundamente no estômago do homem. O homem caiu no chão, semiconsciente.

– David, vá com sua mãe. Telefone para a polícia. Eles virão logo. Vou tomar conta dele até a chegada dos policiais – orientou John, agora com a voz plena, como de costume.

David correu até a sua mãe e os dois rapidamente foram para casa, ansiosos para pedirem ajuda.

– Bem, então, desconhecido. O que tem a dizer em seu favor? – indagou John, levantando o homem e sentando-o no topo de umas gaiolas de galinhas reviradas.

O corpo do homem parou de se agitar, mas seus olhos estavam mais esbugalhados que nunca, exibindo agora à luz mais clara, o que se parecia mais com puro terror.

– Vamos, fale agora... – insistiu o fazendeiro.

Com dificuldade, o homem olhou nos olhos de John, seus próprios olhos parecendo implorar pela ajuda do grande fazendeiro.

– Bem? O que está fazendo aqui? Diga, homem! Quer apanhar mais? – berrou John, perdendo a paciência. Segurou e chacoalhou o homem pelos ombros, frustrado com a falta de resposta.

O homem abriu a boca, com um pingo de sangue escorrendo no canto dos lábios. Ele tentava dizer algo, mas o que lhe saía da boca era apenas um murmúrio, quase inaudível.

– O que houve? O que está tentando dizer? Fale! Fale homem... – insistiu.

Novamente o desconhecido começou a abrir a boca, e mais uma vez não tinham sentido os ruídos que ele fazia. Levou ambas as mãos à boca, como se tentasse arrancar para fora as palavras que parecia incapaz de pronunciar. Os ruídos que fazia não passavam de gemidos e grunhidos. Então ele desabou espalhafatosamente no chão com ruídos que, dessa vez, eram inconfundíveis. O homem soluçava, incontrolável. John olhou para baixo, estupefato com a patética figura diante dele.

– Bem, logo vai falar o suficiente para ficar atrás das grades. Acho melhor ter algo para dizer a seu favor, então – advertiu John, sem oferecer nenhuma piedade ao desconhecido.

Capítulo 3

A Visita da Polícia

Três dias haviam passado depois do episódio no celeiro, em que a polícia pareceu ter demorado uma eternidade para chegar. John não havia conseguido descobrir nenhuma razão para a estranha visita.

Quando finalmente os policiais apareceram, o desconhecido deixou de ser desconhecido. Aliás, era bastante conhecido deles. Aparentemente seu nome era John Morrison, um ladrão local muito *manjado*, alguém bastante familiarizado com o interior das celas da delegacia, que possuía uma ficha policial do comprimento do próprio braço.

De acordo com a polícia, ele tinha sido mesmo *barra pesada* em sua época e a visão dele, alquebrado e soluçando, do jeito que ficou naquele dia, realmente confundiu a todos. Morrison não se intimidava, nem ficava amedrontado facilmente com ninguém.

Ele não disse palavra alguma inteligível até o momento em que foi jogado, lamentando-se, na viatura.

David estava em seu quarto, ainda um pouco agitado pela experiência recente, pensando a respeito de tudo isso, quando ouviu o toque da campainha da porta. Não tinha visto nem ouvido o carro da polícia se aproximar. Estava perdido em seu próprio mundo, a imaginar possíveis causas que poderiam levar o desconhecido ao celeiro naquele estado.

– David! Você pode atender, filho? Estou com as mãos ocupadas no momento! – berrou sua mãe da porta da cozinha.

Karen tinha feito a limpeza de toda a bagunça no galinheiro dentro do celeiro. Então, só Deus sabia do que as mãos dela estavam cobertas...

David desceu a escada correndo. A forma no vidro da porta da frente era inconfundível. Alguém da polícia local estava chamando. Ou então, seu pai estaria vestido com umas roupas muito estranhas.

David abriu a porta.

– Bom-dia, filho. Seu pai está? – indagou o detetive Collins, olhando o corredor atrás de David.

David demorou cerca de 15 minutos para encontrar o pai no trator em um campo nas imediações. Ele ainda estava zangado com o intruso que havia perturbado sua família, e não queria mais saber daquilo. A visita do detetive só perturbaria seu dia atarefado.

Enquanto isso, com as mãos devidamente limpas, a mãe de David havia dado de comer e beber ao paciente detetive. Nos 15 minutos de espera, ele havia permanecido impassível, cheio de sérias intenções, e disposto a prestar qualquer esclarecimento do propósito de sua visita.

Por fim, todos se reuniram na sala de estar. Emma e Sarah desceram de seus quartos. Não havia jeito de elas perderem aquela agitação. Não era todo dia que a casa deles era o centro da atividade policial. Emma parecia mais interessada em admirar os olhos azuis do polido detetive que combinavam com o tom azul do uniforme. David olhou para as irmãs e balançou a cabeça em sinal de desprezo.

Capítulo 4

Notícias Perturbadoras

O detetive Collins levantou-se e caminhou para a janela. Ele parecia um pouco relutante em falar. Depois de alguns segundos, olhou ao redor e começou o relato.

– Estou com receio de ter algumas notícias perturbadoras – e fez uma pausa. – Não prefere que os adolescentes saiam da sala, senhor Davies? – sugeriu o detetive, olhando primeiro para David e depois para as meninas.

– Não, está tudo bem, policial, vá em frente. Eles já estão bem crescidos e já são suficientemente críticos – respondeu.

– Muito bem, senhor. Sinto muito ter que contar a vocês que o homem que apreendemos aqui no outro dia, John Morrison, agora está morto – o detetive hesitou. Olhou nos rostos ao redor na sala. Não era como se um parente próximo tivesse morrido, mas as palavras do detetive espantaram a todos.

Foi um misto de choque e perplexidade. A imagem do homem tremendo no celeiro e depois sendo escoltado pela polícia ainda estava fresca na mente de todo mundo. E agora ele estava morto.

– O que aconteceu? – perguntou John timidamente.

O detetive continuou: – Depois que fomos embora daqui, Morrison foi levado para a delegacia de polícia da James Street. Durante todo o caminho, era impossível entender o que ele tentava dizer. Eu havia encontrado Morrison antes, duas ou três vezes, e ele era um cara inteligente. Desonesto, sim, mas esperto e sarcástico. Estava sempre cheio de piadas. Eu não podia

acreditar que era o mesmo homem no carro conosco naquela noite. Estava claro que algo muito significativo havia acontecido com ele. Sua incapacidade de falar sensatamente, junto com o misto de medo e dor que podíamos sentir em seu rosto e em seus movimentos, perturbou-nos muito.

David olhou em volta na sala. O sorriso bobo das irmãs havia desaparecido, e o rosto da mãe parecia pálido. O rosto do pai estava sem expressão.

– Assim que o fichamos na delegacia, chamamos o médico da polícia para examiná-lo. Ele ficou na cela do homem um minuto ou dois quando berrou conosco para perguntar quem era o homem e se algum de nós havia falado com ele recentemente. Confirmei que o conhecia e que havia falado com ele várias vezes no passado.

– Conteí a ele que há cerca de um mês ele fora detido pela última vez sob a suspeita de assaltar um lugar e que era muito falante então, não conseguíamos mantê-lo calado. Ele se queixava constantemente de estar sendo humilhado. Então o médico disse: “Bem, ele seguramente não pode falar agora, e nunca mais vai falar novamente. Este homem não tem língua. Ele teve a língua arrancada da boca”.

Nesse momento o policial parou seu relato. Era óbvio que os detalhes da história ainda o afetavam. Mas havia mais pela frente.

Agora o silêncio na sala era mortal, e as expressões e nos rostos se mostravam ainda mais intrigadas.

– Bom Deus, o que aconteceu? A língua? Mas como ele morreu? – perguntou John, em um tom de voz que era um misto de choque e estupefação.

– Por favor espere, senhor, deixe-me continuar – interrompeu o detetive.

– Todos nós na delegacia também estávamos surpresos. Mas a preocupação com o Morrison não terminou ali. O homem se mostrava enlouquecido e alucinado como um lunático, incapaz de falar, mas fazendo muito barulho. Ele ficava saltando por toda parte, olhava fixamente como um cachorro louco, e corria o perigo real de se machucar. O médico rapidamente insistiu que ele devia ser levado para a clínica psiquiátrica St. Gerard onde poderia ser avaliado de maneira adequada. Foi transferido imediatamente. Eu mesmo o acompanhei na transferência para o hospital e estava lá quando deu entrada. Eles apenas lhe deram um forte sedativo e felizmente enfim ele começou a se acalmar. Eu estava me sentindo muito aliviado por poder voltar para casa. Os ferimentos e o comportamento do Morrison estavam realmente me perturbando. Eu nunca havia visto nada parecido.

– Na manhã seguinte, cheguei na delegacia no horário habitual. Mas logo que entrei no escritório, notei que algo estava errado. Havia uma estranha atmosfera no lugar. Eu havia apenas alcançado a minha mesa de trabalho quando o chefe Grant chamou por mim em sua sala. “Collins” – ele disse, com o rosto mais consternado que nunca – “Morrison morreu. Ele se enforcou na própria cela, em algum momento durante a noite. O médico acabou de sair daqui. Ele veio do hospital e viu o corpo. Que negócio estranho! O que aconteceu com o homem?”

– Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. O episódio inteiro ficava cada vez mais absurdo. Eu não podia entender como Morrison poderia ter se machucado e o que o teria levado a um ato tão drástico. Meu chefe não havia terminado, porém. Um recorte de jornal amassado estava jogado no meio da mesa de trabalho dele. Ele empurrou aquilo em minha

direção, dizendo: “Dê uma olhada nisso. Foi encontrado na cela do Morrison. Parece a letra dele”.

Com isso, o detetive parou, colocou a mão no bolso da jaqueta, e puxou o recorte de jornal amassado.

– Este é o bilhete. É totalmente ridículo, mas o chefe me pediu para lhe mostrar isso e ver se significa alguma coisa para você, já que foi encontrado em sua propriedade.

O detetive se inclinou e passou o jornal para John. David e as duas meninas correram para trás das cadeiras. Somente Karen permaneceu onde estava. John alisou o jornal e o segurou diante de si. A letra era confusa, mas as palavras eram bastante claras. Ele leu:

Deus me ajude. Deus nos acuda. Eu imploro que acreditem em mim. Estou com medo, mas não sou louco. Jamais senti tanto medo em minha vida. Eu não posso aguentar isso. Minha língua sumiu, arrancada por um monstro de madeira. Um monstro que veio à vida diante dos meus próprios olhos. Ele vai me descobrir aqui. Ele virá atrás de mim. Eu implorei para que ele me poupasse, eu só fui pegar umas coisas – um rádio, um pouco de dinheiro, nada de mais. Mas esse monstro, esse espantalho, não vai me deixar escapar. Vocês precisam detê-lo. Detenham-no, eu imploro. Deus salve a minha alma.

John se levantou, entregando o bilhete de volta na mão do policial.

– O que é esse absurdo? É óbvio que o homem estava louco. Monstro? Espantalho? Tudo isso é muito ridículo.

O detetive mudou de direção rumo à porta da sala de estar.

– Então posso considerar que isso também não significa nada para você? – perguntou. – Eu precisava perguntar se de algum modo fazia algum sentido para você.

– É claro que isso não faz o menor sentido – John retrucou zangado. – Esse louco veio até as nossas terras, perturbou a minha família e agora se matou. É a última coisa que eu quero ouvir de tudo isso.

– Bem agradeço, afinal... – disse o detetive Collins. E começou a sair pelo corredor. – Sinto muito ter incomodado vocês. Esse episódio inteiro aborreceu todo mundo. Esse tipo de coisa não costuma acontecer por aqui.

O detetive Collins entrou no carro e partiu. John caminhou para longe, com a cabeça agitada, dirigindo-se para onde deixara o trator. Karen foi para a cozinha e encheu a chaleira. Ela precisava de uma xícara de café. As meninas correram para cima, perturbadas com a história que tinham escutado. Apenas David permaneceu na sala. Ele sentou imóvel, olhando fixamente para fora da janela da sala de estar. Seus olhos pareciam fixados em algo. Se alguém seguisse aquele olhar, teria visto a figura distante no campo ao longe: o velho espantalho da fazenda.

Capítulo 5

O Velho Jonesy

David arregalou os olhos pela janela. Não conseguia despregar o olhar do espantalho que estava perto da casa, num campo não cultivado da fazenda. Era um campo no qual seu pai ainda não tivera tempo de trabalhar. David sempre achou estranho que o único espantalho da fazenda ficasse em um campo que não precisava de nenhum. O pai toda vez dizia que mudaria aquilo. Mas, com muitos outros serviços da fazenda, isso ainda não tinha sido feito.

David estava confuso e começava a ficar um pouco assustado. Quando arregalou os olhos para a figura ereta no campo, passou a pensar no velho cachorro. Ele tinha ficado satisfeito com a versão do pai para o desaparecimento do cão. Afinal de contas, o velho cachorro bobo andava constantemente correndo atrás de raposas e cair em tocas era uma causa normal de falecimento de cães de caça superzelosos. Porém, ele nunca havia mencionado para ninguém, especialmente para o pai, a outra explicação sugerida para a ausência do cachorro.

Dois dias depois do sumiço do cachorro, David esperava o ônibus escolar na beira da estrada. Estava preocupado. Seu cão nunca havia desaparecido antes. O pai dissera que provavelmente nunca mais veria seu velho amigo novamente. As irmãs, como de costume, estavam atrasadas e ainda não tinham saído. Um velhote apareceu de repente ao lado dele. O cheiro de álcool denunciou a chegada dele do nada. Ele dormira sob algum galpão nas proximidades. Era o famigerado *Velho Jonesy*, uma celebridade

local, um bêbado incorrigível, raramente sóbrio o bastante para saber se era dia ou noite. Porém, muitas vezes, ele podia estampar um sorriso no rosto com seu humor rápido e suas muitas histórias.

– E então, agora, jovem Dave, como vai você? Algo errado? Por que a tristeza? – Jonesy perguntou, notando o rosto aflito do garoto.

– Não vemos Sandy, o nosso cachorro, desde ontem à tarde. Ele desapareceu – respondeu David.

O riso de Jonesy deixou seu rosto, substituído por uma terrível careta.

– Ah. Bem, filho, você não o verá novamente. Com certeza ele sumiu. Sumiu para sempre – resmungou o velhote.

– Sumiu? O que quer dizer com isso? – David pressionou, um pouco agitado.

O velhote abraçou David. O cheiro de álcool era insuportável.

Ele continuou: – Foi embora, correndo. Eu vi, com meus próprios olhos. Caçado por aquela coisa de madeira e palha. Aquele espantalho ali.

O velhote sacudiu a cabeça na direção da fazenda. – Ele o caçou por todos os caminhos nos campos. O animal bobo uivava como um demônio. Não, você não o verá novamente.

David riu nessa hora. Ele imaginou o espantalho correndo nos campos do pai atrás do velho cachorro. Era o tipo das histórias malucas pelas quais o Velho Jonesy era famoso.

Mas, ao recordar o encontro com o velhote, David não sorriu. Na verdade, estava começando a se sentir cada vez mais assustado. O bilhete de Morrison falava a respeito de um monstro de madeira, um espantalho. Seria coincidência? Apenas uma bobagem falada por dois malucos?

Não contou a história do Velho Jonesy ao pai. Apenas riu para si. Mas agora, depois da leitura do bilhete do Morrison, tudo se tornava um pouco

estranho.

David decidiu que tinha de encontrar o Velho Jonesy novamente. Precisava falar com ele a respeito do que o velhote teria visto naquela noite. David arregalou os olhos pela janela uma última vez e observou a forma de madeira no campo agitando a cabeça.

David correu para o galpão ao lado da casa, pegou sua bicicleta e pedalou o mais rápido que podia em direção à cidade. Normalmente, David demorava cerca de 20 minutos para chegar lá, mas dessa vez levou menos da metade disso no percurso. Jonesy frequentava alguns lugares habituais na cidade durante o dia.

Normalmente, ele tentava conseguir algum dinheiro pedindo esmolas, ou ao contrário, gastando dinheiro em sua dieta básica de vinho barato.

Não demorou muito para David avistar a velha triste figura. Ele se apoiava no canto de um dos dois bares da cidade, mantendo-se em pé pela combinação da lateral do prédio, e uma grande lata de lixo transbordante. David pedalou rapidamente até lá e berrou, chamando pelo velhote. O velho não respondeu.

David desceu da bicicleta e caminhou lentamente para o canto do bar. O velhote estava em silêncio, cabisbaixo, o queixo quase tocando o peito.

– Jonesy, sou eu, David, preciso falar com você – disse abordando o velhote. – Jonesy, tudo bem com você? – ele acrescentou, um pouco agitado pela falta de resposta do velhote.

Por fim, o velhote levantou a cabeça e olhou no rosto dele. David ficou imediatamente chocado. Na hora reconheceu aquele olhar nos olhos do velhote. O mesmo olhar fixo apavorado que ele viu no rosto do Morrison no celeiro. David hesitou, quase assustado demais para falar.

– Jonesy, o que aconteceu? Tudo bem com você? – perguntou David, pegando no braço do velhote.

O velhote começou a sacudir a cabeça. David percebeu lágrimas brotando dos olhos dele quando tentava abrir a boca. David percebeu pela primeira vez o sangue seco grudado na barba do velhote. Quando Jonesy abriu a boca totalmente, David respirou fundo e cambaleou para trás, pois a força de suas pernas desapareceu rapidamente.

A língua de Jonesy tinha sumido.

Capítulo 6

Mais Acontecimentos Estranhos

Se o percurso para a cidade tinha sido bem rápido, o percurso de volta foi ainda mais rápido. David largou a bicicleta no galpão e correu para a casa, subiu a escada e bateu a porta do quarto com força.

Sua mente estava totalmente confusa, um misto de perplexidade e medo. Mas, o que fazer?

Com quem poderia falar?

Agora ele estava bem convencido de que havia perigo real por perto. Dois homens ligados à sua casa tiveram as línguas arrancadas, e o desaparecimento do cachorro parecia ter ligação com esses fatos. Mesmo que isso não tivesse nada a ver com o espantalho ganhando vida, ali existia algo que havia amedrontado muitíssimo os dois homens, deixando um atônito e o outro morto.

David jantou em silêncio, mal tocando na comida, com a mente preocupada com o espantalho. Ainda não tinha dito nada a ninguém.

– Bem, pelo menos podemos dormir até um pouco mais tarde – disse Karen, colocando a chaleira para ferver pela enésima vez naquele dia.

– Graças a Deus por isso. Esse galo estava começando a me deixar louco – acrescentou John.

David levantou os olhos, sem nada entender do significado da conversa.

– Bom, acho melhor alguém ir até lá para se livrar daquilo antes que comece a cheirar mal por toda parte – insistiu Karen.

– Amor, isto aqui é uma fazenda. Um cheiro ruim a mais quase não faz diferença – respondeu seu marido com um amplo sorriso no rosto. – Depois eu vou jogar aquilo fora – ele acrescentou rapidamente, ao ver a cara zangada surgir no rosto da esposa.

David começou a prestar atenção.

– A respeito do que vocês estão falando? – perguntou.

– O que está acontecendo aqui? – Sarah disparou. – David, onde você esteve com a cabeça o dia todo? Às vezes você não sabe de nada!

– Seu pai encontrou o galo morto nesta manhã, filho, ao lado do celeiro. Aquela coisa velha deve ter ficado velha demais. Provavelmente caiu do topo do celeiro. Ou foi isso ou seu pai atirou a bota nele às 5 e meia da manhã – explicou Karen.

– Onde ele está agora? – David perguntou, levantando-se.

– No mesmo lugar. Não se preocupe, vou cuidar disso depois de uma xícara de café – disse John, notando alguma preocupação no rosto do filho.

Mas era mais que preocupação.

David precisava ver a ave. Precisava verificar uma coisa. Imediatamente correu para fora da cozinha, rumo ao celeiro.

– O que foi que deu nele de repente? – zombou John. – Ele também detestava o barulho que a droga do galo fazia todas as manhãs!

Capítulo 7

O Silêncio do Galo

David contornou o celeiro e imediatamente viu a ave morta deitada sobre uma antiga sebe da fazenda. Levantou os olhos para o topo do celeiro. A ave jazia diretamente embaixo do ponto no telhado onde podia ser encontrada toda manhã ao nascer do sol. Bem onde *costumava* ser encontrada.

– Acho que a mãe estava certa – David pensou. – Esse galo provavelmente caiu do telhado.

Mas, quanto mais pensava naquilo, mais David sabia que nem tudo estava certo. Aves não caem de telhados. Olhou à esquerda. Menos de 1,50 metro adiante viu a figura que se tornava cada vez mais sinistra: o espantalho.

Ficava ali, parado, ereto, em silêncio. Totalmente inofensivo, mas ao mesmo tempo intimidador. David olhou novamente o galo morto deitado na frente dele.

David deu um passo a frente e se abaixou. Pegou um graveto e cutucou a ave. Estava mesmo morta. A cabeça do galo estava escondida debaixo do corpo.

David usou o graveto para levantar a cabeça. Sacudiu o graveto e girou a ave inteira. Agora a cabeça estava visível. A cabeça e o pescoço estavam moles, do jeito que David sempre via quando o pai preparava galinha para o jantar de domingo.

O pai havia mostrado a David como matar uma galinha torcendo o pescoço, chegou até a sugerir que ele tentasse fazer isso. David sempre recusou. Achava aquilo muito cruel. Aquele galo parecia ter morrido desse mesmo jeito.

A cabeça e o pescoço estavam torcidos e retorcidos. Só havia uma coisa a mais a fazer. David precisava olhar dentro da boca da ave. Precisava saber se aquele incidente podia ser acrescentado aos outros eventos.

David soltou o graveto e se ajoelhou no chão. Com a mão ele segurou a ave pelo pescoço e a levantou. Com a outra mão, procurou abrir o bico.

Dessa vez, David sabia o que esperar. Não houve choque, mas sentiu medo. A minúscula língua do galo tinha sumido.

– David, que diabos está fazendo? Largue essa coisa! – berrou John, quando rodeou o celeiro e viu o que estava acontecendo.

David ainda estava ajoelhado, segurando a ave pelo pescoço. Ele atirou-a no chão.

– O que deu em você, David? Essa coisa já está fedendo – acrescentou seu pai.

David levantou-se, amedrontado e confuso. John podia notar que ali havia algo errado.

– O que foi, David? Parece que viu um fantasma... Isso é apenas um galo velho. A coisa fazia uma barulheira danada. Estou contente de jogar isso fora – disse John, pegando a ave e jogando-a em um saco de lixo que havia trazido da cozinha.

David não disse uma palavra. Queria contar ao pai que era a terceira vez, só naquele dia, que tinha visto ou ouvido a respeito de alguém ou alguma coisa que teve a língua arrancada fora.

Mas John já havia considerado o bilhete do Morrison como coisa de louco. Com certeza não levaria a sério o Velho Jonesy. E um galo morto também não convencia. David ainda não podia dizer nada.

Mas estava muito assustado. Precisava fazer algo. Sentia que existia um perigo real na fazenda.

Seu pai desapareceu atrás do celeiro, onde grande parte do lixo da fazenda era despejada, carregando o galo morto.

David olhou novamente a figura de madeira no campo. Agora estava realmente amedrontado, mas algo lhe dizia que ele devia fazer isso. Precisava dar uma olhada *de perto* no espantalho.

David esperou no celeiro até que ouviu o barulho do pai voltando para a cozinha. Escutou a porta fechar. Começava a anoitecer e agora as luzes da cozinha se espalhavam na escuridão do pátio.

David se aproximou da sebe de madeira que separava o pátio do campo coberto de mato. Olhou de volta em direção à casa. Podia ver claramente sua mãe limpando a cozinha. O pai estava sentado à mesa.

De certo modo, David sentia-se um pouco menos amedrontado, mais seguro, sabendo que eles estavam por perto. Pulou a sebe.

O capim e as ervas daninhas no campo alcançavam os joelhos de David. Enquanto lutava para colocar um pé na frente do outro, novamente pensou que gostaria de saber porque o pai ainda não tinha trabalhado naquele campo. A mãe com certeza já havia reclamado bastante a respeito disso. Ela repetia sempre que estava farta de olhar pela janela da cozinha para o terreno coberto de mato diante dela.

David levantou os olhos. A figura escurecida estava agora apenas alguns metros à frente. David respirou fundo, como se tentasse prender a respiração conforme se aproximava. Finalmente chegou lá.

David deixou escapar um longo suspiro de alívio, tentando acalmar os nervos. Não sabia o que esperava ver, mas quando examinou o homem de madeira e palha diante dele, não notou, naquele momento, nada fora do comum.

David não era especialista em espantalhos, mas aquele parecia como todos os outros que havia visto por toda parte em qualquer fazenda. Parecia um espantalho normal de fazenda. Cabeça de madeira, braços de cabo de vassoura, terno velho, chapéu e muita palha. Palha em abundância.

Na verdade, para um espantalho velho, do qual ninguém cuidava, nem prestava qualquer atenção, ele estava em notável bom estado. Não aparentava tantos anos de idade, como deveria acontecer. A velha senhora que vendeu a fazenda havia mencionado brevemente o espantalho, dizendo que ele estava lá desde a época em que ela comprara a fazenda, 20 anos antes.

David começava a se sentir melhor. Os incidentes dos últimos dias estavam começando a desaparecer de sua mente, quando olhou para a figura irrelevante na frente dele. David se aproximou para endireitar o chapéu do espantalho.

Ainda devia estar um pouco nervoso, pois seus dedos se contraíram e o chapéu caiu no chão. David se abaixou e pegou o chapéu. Estava quase o recolocando no topo da cabeça careca de madeira, quando notou que havia algo escrito, gravado no topo da cabeça do espantalho.

David se espichou na ponta dos pés para reparar no escrito. Esforçava-se para ficar suficientemente alto para ler as palavras claramente.

Olhou ao redor. Agora estava ficando muito escuro. Conseguiu notar apenas o contorno de um pequeno monte de tijolos alguns metros adiante.

David apressou-se para empilhar dois ou três tijolos ao lado do espantalho. Subiu nos tijolos. Mesmo balançando um pouco, e segurando no braço espichado do espantalho, David agora podia ver as palavras gravadas na cabeça dele.

David leu lenta e silenciosamente para si mesmo:

Esta terra é sua, para você assustar todos os seres que porventura ousem perturbar ou ameaçar sem piedade esta casa de paz e prosperidade.

Os pés de David escorregaram de cima dos tijolos e ele se estatelou no chão. Ficou na sebe alguns instantes e depois saltou sobre ela, com um só movimento. Correu o mais rápido que seus pés suportaram em direção à segurança da luz da cozinha.

Capítulo 8

O Campo Vazio

Sarah, a irmã de David, sentou sozinha na cozinha. O resto da família foi para a sala de estar. David sentia que agora realmente tinha algo a dizer para alguém.

Não podia mais manter tudo o que sabia e que tinha visto só para si mesmo. Mas, ainda estava com receio de falar com o pai.

Quando David surgiu na porta da cozinha, Sarah nem desgrudou os olhos da revista. Estava acostumada com o irmão fuçando tudo pela casa, trombando nisso e naquilo, sempre apressado. David era uma máquina de fazer barulho.

– Sarah – começou David, em um tom de voz baixo, na tentativa de garantir que ninguém na sala ao lado ouvisse o que pretendia dizer.

Sarah não levantou os olhos da revista, mas respondeu: – O que foi?

– Sarah, quero que me ouça. Tenho algo realmente importante para lhe contar – continuou David, em um tom de voz sério.

Sarah olhou para o irmão. Havia sentido algo diferente na voz dele. Quando olhou para ele, pôde ver a preocupação gravada em seu rosto.

– O que foi, David? Você está horrível. Por onde andou? Espero que não tenha se metido em nenhuma confusão por causa desse galo morto – disse Sarah, imaginando o que tirava o irmão do sério.

– Sarah, ouça-me. Vou contar a você algo espantoso. Você tem que acreditar no que vou contar. Eu preciso contar para alguém antes que enlouqueça.

David relatou os acontecimentos recentes. Sarah obviamente sabia dos detalhes a respeito do Morrison, mas ele explicou a ela sobre os dois encontros com Jonesy. Quando David chegou na parte da história em que descobriu que Jonesy também havia perdido a língua, Sarah levantou-se.

– David, pare com isso. Você realmente me assusta – reclamou.

– Calma, Sarah, eu sei – David prosseguiu. – Também estou assustado, mas preciso contar para você. Por favor, apenas ouça.

Sarah sentou-se. David contou a respeito do galo e as palavras escritas na cabeça do espantalho. Ele não lembrava exatamente as palavras, mas lembrava da mensagem. Supostamente, o espantalho existia para assustar qualquer pessoa que ameaçasse a fazenda.

– David, por que está fazendo isso? Não acho nada engraçado. Se você acha, dessa vez vou contar ao pai – Sarah ameaçou, sem saber se acreditava ou não no irmão.

Certamente Sarah podia ver que o irmão parecia estar seriamente perturbado. Apesar de ele já ter provado antes que podia ser um ator convincente: – Sarah, tudo isso é verdade, sinceramente. Você tem que acreditar em mim – suplicou David.

– David, você tem ideia do que está sugerindo? Você percebe o que tudo isso pode significar se for verdade? – perguntou Sarah, nervosa.

– Se for verdade, significa que o nosso espantalho está circulando por toda parte a zona rural da região, para assustar e mutilar quem quer que chegue perto da nossa fazenda. Somente aqueles que ameaçam – acrescentou David, adiantando as palavras que tinha em mente.

– Mas porque as línguas? Qual o problema para arrancar as línguas? – perguntou Sarah.

– Não tenho certeza – respondeu David. – Talvez, com as pessoas, seja uma tentativa de impedi-las de explicar o que viram.

– Talvez – continuou Sarah –, mas, e com relação aos animais, o cachorro, o galo? Por que feri-los?

David pensou um momento. Tentou lembrar as palavras na cabeça do espantalho.

– Acho que as palavras diziam algo a respeito de ameaçar a paz da fazenda. Sandy estava sempre latindo, especialmente à noite, e o galo fazia um barulho infernal. Talvez o espantalho os tenha considerado como ameaças à paz da fazenda. Nós os trouxemos da fazenda velha. Então, é possível que ele tenha pensado que também devia assustá-los – sugeriu David.

Agora ele realmente estava confuso. Porém, mais do que nunca tinha certeza de que o espantalho da fazenda teria algo a ver com Morrison, o Velho Jonesy, o cachorro e o galo morto. As palavras na cabeça do espantalho eram a confirmação final.

Sarah foi até a janela da cozinha. A imagem do espantalho estava crescendo em sua mente.

Ela forçou os olhos, tentando reparar a figura no campo na escuridão da noite.

Sarah falou, nervosa: – David – ela começou, com a voz trêmula –, venha cá olhar.

David juntou-se à irmã na janela. Olhou lá fora.

– Ah! Meu Deus... – ele disse sem fôlego.

– Essa não!

David correu rumo à porta da cozinha e acelerou no quintal até a sebe. A irmã ficou uns passos para trás. Os dois arregalaram os olhos para o

campo, um campo vazio! O espantalho tinha sumido...

O ponto onde David estivera apenas 10 minutos antes estava limpo, exceto pelo pequeno monte de tijolos.

– O que vamos fazer agora, David? Estou realmente assustada! – perguntou Sarah, quase em lágrimas.

David arregalou os olhos para o campo vazio. Agora precisava contar para o pai. Com certeza, quando visse o campo vazio, ele também acreditaria que o espantalho estava na raiz de todos os acontecimentos estranhos dos últimos dias.

David pegou no braço da irmã e a levou de volta para a cozinha. Quando iam entrar na cozinha, ouviram alguém vindo da sala de estar.

– Oi, crianças, o que estão fazendo? – perguntou John, amassando os jornais e atirando-os no lixo. – O jogo na TV começa em um minuto, David.

David não sabia por onde começar.

Olhou para Sarah de rosto preocupado. Precisava falar com ele.

– Pai – gaguejou –, o espantalho...

Ele hesitou quando viu a expressão de mudança no rosto do pai. Sabia que ele exigiria alguma prova convincente.

Mas agora o espantalho desaparecido seria a evidência que David precisava para o pai reunir todas as peças, como ele havia feito.

– Pai, olha o espantalho – continuou David, nervoso.

John já estava perto da pia da cozinha. Ele havia apenas começado a limpar uns pratos.

– Ora, David, não quero ouvir mais nada desse negócio de espantalho. Esse cara da outra noite era apenas um desequilibrado – retrucou.

– Pai, por favor, apenas olhe – gritou David, suplicante.

– Tudo bem, tudo bem, estou olhando. Então o que foi? – respondeu John, intrigado.

– Pai, não enxerga? Onde está o espantalho? – acrescentou David, quase implorando para o pai reconhecer o que ele e a irmã tinham acabado de presenciar.

– David, o que você quer dizer? Está logo ali, como de costume. O que deu em você hoje? – respondeu John, colocando o pano de prato que estava na mão sobre a cadeira e retornando para a sala de estar.

David foi até a janela e olhou para fora. Sarah juntou-se a ele. Ambos olharam novamente lá fora, na escuridão, para o campo onde tinham ido apenas alguns minutos antes.

O espantalho estava lá, de pé, e continuava em sua posição habitual!

Capítulo 9

Problemas com Dinheiro

Na manhã seguinte, David acordou sentindo-se muito cansado. Ele quase não havia dormido durante a noite. Depois que viu o espantalho de volta à posição habitual, David foi incapaz de contar ao pai qualquer coisa mais sobre a teoria daquilo que o espantalho da fazenda andava fazendo.

Sarah e ele haviam sumido no quarto, onde conversaram durante horas, tentando encontrar algum sentido para tudo aquilo. Mesmo depois que a mãe mandou-os para a cama, Sarah voltou para lá.

Quando pulou da cama, David indagou por um segundo se tudo não passava de um sonho. Queria que tudo fosse um sonho. Ele puxou a cortina de volta e olhou para a figura no campo.

“Quem é você? O que é você?” – pensou David, o medo começou a invadi-lo novamente. O sono breve que ele tinha conseguido foi um descanso bem-vindo para o constante sentimento de medo na cabeça e no estômago dele, que o acompanharam durante todo o dia anterior.

Quando se dirigiu ao banheiro, Sarah estava subindo a escada. O rosto preocupado da irmã confirmava que não tinha sido um sonho. Eles realmente estavam vivendo um pesadelo.

David sabia que precisava contar ao pai. Decidiu que tentaria de novo ao anoitecer. Ele escreveria tudo aquilo durante o dia, enquanto estivesse na escola, para que tudo ficasse claro na própria mente, e tentaria convencer o pai de que eles haviam presenciado o espantalho ali num minuto, sumido no minuto seguinte, para depois reaparecer novamente.

Espantalhos supostamente não fazem isso, não é? Pelo menos Sarah estivera lá, e também presenciou o ato do desaparecimento sobrenatural do espantalho.

Eles haviam concordado que não mencionariam nada até chegarem em casa depois da escola. Só então encontrariam o pai na sala de estar e explicariam tudo a ele.

David tomou uma ducha e se vestiu lentamente. Quando desceu a escada, pôde ouvir claramente as vozes dos pais na cozinha. Sarah e Emma ainda estavam nos quartos delas, então a mãe e o pai estavam sozinhos na cozinha.

David hesitou, mas as vozes deles foram ficando mais fortes. Estavam discutindo! Eles discutiam muito raramente... Ambos os pais em geral eram pessoas calmas e tranquilas, e John normalmente fazia de tudo para garantir que nada perturbasse a esposa.

David queria saber qual era o problema. Ele continuou a descer a escada silenciosamente. Parou no último degrau e ouviu.

– Mas dessa vez é sério, John – disse Karen ansiosa. – O que vamos fazer?

– Ouça Karen, não se preocupe. Já tivemos problemas de dinheiro antes, e sempre resolvemos. Também vamos sair bem dessa – respondeu John, tentando acalmar a esposa.

– Sim, mas como? Como vamos conseguir o dinheiro desta vez? Você disse que foi a todos os bancos e nada deu certo. Eles não ajudaram. O que resta a fazer? Vamos perder tudo isso! – continuou Karen.

David podia sentir que agora a mãe estava chorando.

– Não se aborreça, Karen. Vamos resolver isso – respondeu John. – O senhor Kerr, do banco, virá esta noite. Tenho certeza de que vai tentar nos

ajudar. Foi ele quem concordou com a hipoteca da fazenda da primeira vez, então tem interesse em ajudar.

– Mas foi ele quem escreveu essa carta: é a pessoa que está levando todo esse assunto adiante. John, ele não vem para ajudar! Você vai ter que apresentar algo mais – insistiu Karen, com a voz trêmula.

– Vamos ver hoje à noite. Saberemos o que fazer depois que eu tiver falado com o senhor Kerr. Não esquenta, amor. Vamos, as crianças vão descer em um instante. Não deixe que elas notem que você está preocupada. Não queremos que elas se preocupem – disse John.

Lentamente David voltou ao andar de cima. Ele não queria ver a mãe chorando. As irmãs estavam ainda nos quartos delas. Ele podia ouvir Emma cantando junto com alguns CDs que havia comprado no dia anterior, e Sarah, é óbvio, estava secando o cabelo, já que o barulho do secador competia com a música.

David arrumou a mochila da escola, verificando se tinha tudo. Por enquanto, ele havia esquecido do espantalho. A conversa no andar de baixo agora o estava tirando do sério.

Ele sabia que o pai havia pegado emprestado muito dinheiro para comprar a fazenda. Ele explicou tudo para a família, e avisou que eles ficariam sem sair de férias por um ano ou dois, não antes que ele pudesse colher as primeiras duas safras e acumular algum dinheiro. Alguma coisa devia ter acontecido. David olhou para fora da janela pensativo. Ele avistou o espantalho novamente.

“Agora temos dois grandes problemas” – pensou.

Capítulo 10

A Visita de Kerr

O dia na escola se arrastou. David achava impossível se concentrar. O professor berrou com ele várias vezes, mandando que parasse de olhar o espaço fixamente. David pensou em conversar com o professor, mas ainda não o conhecia muito bem. Gostaria de estar de volta à antiga escola. O senhor Cairns, o antigo professor, teria ouvido a história do espantalho. Ele saberia o que fazer.

David viu Sarah na hora do almoço. O professor quase a mandou para casa. O rosto dela estava muito branco, e ela ficou fisicamente adoentada no recreio. Mas Sarah estava ansiosa e queria ficar o máximo de tempo possível longe da fazenda. Longe do espantalho.

David ficou aliviado quando o último sinal tocou. Tinha passado o dia inteiro preparando a si mesmo. Tentou encontrar a melhor maneira de contar ao pai a respeito do espantalho. Mas agora havia esse negócio do dinheiro. Estava ficando difícil fazer o pai prestar atenção.

David sentou ao lado de Sarah no ônibus para casa, mas não disseram uma só palavra. Emma foi direto para a casa de uma amiga. Os dois desceram do ônibus e percorreram lentamente o caminho até a casa da fazenda. David não conseguiu resistir a dar uma olhada para o campo. Sarah cravou os olhos no chão. Não levantou os olhos até entrarem na casa.

– Olá, crianças, vamos jantar cedo hoje à noite. O pai de vocês está esperando um visitante – anunciou Karen assim que eles entraram na cozinha.

– Subam e façam já a lição de casa. Estarei pronta em 45 minutos – acrescentou.

David e Sarah foram para seus quartos. David decidiu que provavelmente seria melhor falar com o pai depois que ele conversasse com o homem do banco. Se ele entendera bem do que se tratava a conversa entre seus pais naquela manhã, com certeza o pai não estaria disposto a ouvir sua história maluca.

Tinha certeza de que o pai resolveria tudo e estaria de melhor humor mais tarde.

John estava na sala que usava como uma espécie de escritório, perto da sala de estar. Era onde ele guardava todos os documentos.

Havia muita papelada na administração de uma fazenda. Ele sentou-se na mesa de trabalho, revendo as contas várias vezes. Sabia que estava mesmo em dificuldades naquele momento. Havia emprestado muito dinheiro para comprar a fazenda e concordou com termos específicos de pagamento.

Concordou em devolver grandes parcelas do empréstimo depois de cada safra. A primeira grande parcela supostamente seria no final daquele ano.

Estavam ainda no começo da primavera, e a época da colheita demoraria meses. Mas por alguma razão inexplicável, o banco insistia que o primeiro pagamento fosse feito agora. Não havia jeito de John efetuar o primeiro pagamento nesse momento. Ele havia colocado todas as suas economias na fazenda.

Tentou outros bancos, mas não estavam dispostos a emprestar qualquer dinheiro. Tentou explicar que seria apenas por uns meses, mas foi tudo em vão.

John tinha escutado um boato de que imobiliárias incorporadoras estariam interessadas em construir naquelas terras. Ouviu inclusive alguém dizer que queriam construir um campo de golfe e um clube de campo. A senhora Tomms, a velha mulher que vendera a fazenda, havia mencionado algo a respeito disso. Aparentemente, ela recebeu várias ofertas de muito dinheiro para realizar a venda. Mas queria que a propriedade permanecesse como fazenda. O marido dela tinha sido fazendeiro a vida inteira, pois gostava de trabalhar na terra.

John não podia entender a atitude do banco. Por que estavam mudando a negociação do empréstimo?

Com certeza o senhor Kerr teria bom senso e seria razoável. Ele contava com isso.

Mal haviam terminado de jantar quando o senhor Kerr chegou. David lembrou de tê-lo visto antes, quando o pai comprou a fazenda. Ele pareceu bastante agradável então. David até lembrou de conversarem a respeito de basquetebol.

John e o senhor Kerr desapareceram na sala de estar. Karen se apressou em preparar café e bolo para servir. Estava obviamente ansiosa. David não disse nada para a irmã a respeito da conversa que escutou entre seus pais. Não achou necessário. Sarah se encontrava no mesmo estado que ele.

Os dois homens pareciam estar trancados na sala há séculos. Eventualmente, David podia ouvir o pai levantar a voz, mas não conseguia entender o que estava sendo dito. Não parecia que as coisas iam bem. David olhou o relógio da sala. O senhor Kerr estava lá há quase duas horas. Por fim, David ouviu abrir a porta da sala de estar. Ele correu para o topo da escada.

– Sinto muito, senhor Davies, é desse jeito que tem que ser – David escutou a voz grave que reconheceu como sendo a do senhor Kerr. – Temos sido muito compreensivos. Sinto muito, preciso ir. Já perdi tempo demais com isso. Ou leva o dinheiro no banco no horário comercial na segunda-feira ou perde a fazenda. Essa é a nossa decisão – acrescentou o senhor Kerr duramente.

– Mas eu ainda não entendo. O que o levou a mudar o nosso acordo? Se tiver alguma coisa a ver com a incorporação desse campo de golfe, vou levá-lo aos tribunais – afirmou John, zangado.

– Sinto muito, preciso ir. Faça o que quiser, mas se você não aparecer na segunda-feira, os papéis da retomada de posse estarão prontos na primeira hora na manhã da terça-feira – disse o senhor Kerr ao sair pela porta da frente.

David escutou o pai bater a porta com força.

Capítulo 11

O Transbordamento do Rio

O senhor Kerr correu para se afastar da casa, protegendo-se da chuva pesada com a pasta de documentos. Pulou dentro do carro, uma BMW branca, modelo novo. David assistiu à saída de Kerr da janela da sala. Agora David relutava em se aproximar do pai.

No carro, o senhor Kerr esforçou-se para manter a seriedade no rosto. Assim que cruzou os portões da fazenda rumo à estrada principal, um largo sorriso surgiu em seu rosto. Rapidamente, discou um número no telefone celular.

Depois de alguns toques alguém respondeu.

– Está feito. Mais uns dias e será a nossa reta final. Esta é a grande jogada, Jim. Vamos levar um milhão nesse negócio... – falou o senhor Kerr ruidosamente, abafando o barulho do carro.

– Como é que foi? Algum problema? – perguntou Jim Cullen, sócio de Kerr nessa transação.

– Problema nenhum – respondeu Kerr. – É apenas um fazendeiro novato. Tive que apertar um pouco, é claro. Fingi que tentamos ajudá-lo.

– Ele não suspeitou de nada? – Cullen perguntou, parecendo um pouco menos tranquilo que o parceiro.

– Bem, ele ouviu falarem a respeito da incorporação. Ameaçou nos levar aos tribunais. Mas jamais será capaz de provar nada. Não vou deixar pistas – respondeu Kerr.

– Espero que não deixe mesmo! É o que realmente espero de você... – Cullen determinou, nervoso.

– Não esquentá, Jim. Estou cuidando de tudo. Podemos comemorar assim que entregarmos a papelada na terça-feira. Depois disso, o negócio é normal. A gente se vê amanhã. Adeus.

Kerr pressionou a tecla de encerrar chamadas no telefone.

Olhou no espelho retrovisor e se permitiu outro sorriso.

“Você venceu, filho. Está em plena forma” – pensou quando olhou para si mesmo.

Kerr estava no banco local há cinco anos. Saiu de um cargo no escritório para a gerência do banco. Sempre foi ambicioso. Para a maioria, a carreira dele seria considerada um sucesso. Não para o Kerr. Achava que merecia mais. Ficou realmente aborrecido quando pela segunda vez foi preterido para ocupar posições melhores na sede do banco. Detestava ficar empacado em uma pequena cidade rural, fofocando, como via acontecer com um banco de agricultores.

Agora estava usando a posição no banco para trapacear uma família, retirando-lhes a casa e os meios de subsistência, para conseguir o que queria: dinheiro. Já havia assinado acordos preliminares com uma importante empresa incorporadora. Seu sonho se tornava realidade.

Sorriu novamente.

A estrada à frente era muito escura, mas o carro novo possuía faróis potentes, que lançavam fochos de luz fortes, largos e brilhantes. Kerr morava do outro lado da cidade, mas as estradas rurais eram tranquilas, e ele não demoraria a percorrer alguns quilômetros. Quando o carro se aproximou de uma curva fechada, Kerr diminuiu a velocidade. Conhecia bem a estrada. Logo depois da virada havia a velha ponte de pedra que

atravessava o rio. Quando a BMW passou pela curva, os faróis do carro captaram uma obstrução que bloqueava a estrada na ponte.

– E agora? – exclamou Kerr impaciente, em voz baixa. Naquela hora chovia muito forte e a última coisa que ele queria era ter que sair na chuva para enfrentar algum obstáculo caído. Constatou que uma árvore bloqueava a estrada. Kerr não percebeu que era muito estranho que uma árvore acabasse atravessada sobre a ponte, com água de ambos os lados.

Kerr parou o carro alguns metros antes da árvore e desligou o motor. Arregalou os olhos para além do para-brisa por alguns instantes, balançou a cabeça e então puxou a maçaneta da porta.

Quando pisou fora do carro, imediatamente sentiu a chuva caindo forte sobre ele.

Amaldiçoou o clima. Caminhou até a árvore e parou diante dela. Parecia não haver jeito de removê-la. Colocou o pé no topo da árvore, testando para ver se rolava para a frente. Nem se mexeu...

De repente, um barulho alto veio de trás dele.

Kerr imediatamente reconheceu o som agudo da rotação de seu próprio carro. Alguém entrou no carro, ligou o motor, e estava acelerando ao máximo, pressionando o acelerador para cima e para baixo repetidas vezes.

– Mas que diabos! O que pensa que está fazendo? – berrou Kerr zangado, sondando entre os facho de luz dos faróis.

Levou as mãos aos olhos, tentando bloquear o brilho e reparar quem estava sentado atrás do volante de seu carro. O brilho era forte e ele não conseguia ver nada, exceto algo parecido com um chapéu.

Começou a se mover em direção ao carro. Mas, ao fazer isso, o carro começou a se mover em sua direção.

– Parado aí! – berrou Kerr, e sua ira aumentava.

Agora, o carro estava apenas uns metros à frente, e começou a andar mais rapidamente. Kerr recuou alguns passos. Tentou novamente reparar quem estava do outro lado do para-brisa. Ainda não podia ver claramente, pois os faróis o cegavam. O carro continuou vindo. A ira dele rapidamente virou medo, quando sentiu que corria perigo. O medo quase o paralisava até a medula.

Kerr fez um movimento para a esquerda, tentando se desviar do caminho do carro. Mas ao fazer isso, o carro imediatamente virou e continuou direto para cima dele, lentamente ainda, mas de fato, de forma deliberada. Kerr olhou ao redor. A árvore estava atrás, à direita dele agora. Longos galhos bloqueavam o caminho e impediam a fuga. À esquerda ficava a mureta da ponte. Ele recuou um pouco mais. O carro continuou vindo. Só havia uma saída.

Ele teria de saltar a mureta. A mureta da ponte era muito estreita, com apenas um palmo de largura. Kerr colocou a mão no topo da parede e saltou. Ele balançou ligeiramente, batendo os braços. Inclinou o tronco, com os olhos fixos na água embaixo. A chuva pesada havia tornado o sonolento rio normal em uma torrente raivosa.

Kerr recuperou o equilíbrio e girou.

– Certo, isso não tem graça nenhuma! – ele berrou, tentando injetar alguma forma de autoridade em sua voz vacilante. – Fora de meu carro! – gritou.

Como em resposta ao pedido de Kerr, o carro parou, a poucos centímetros da mureta, e a porta do carro começou a se abrir. Lentamente uma figura escura começou a sair. Kerr espremeu os olhos, seguindo os movimentos do desconhecido que surgia atrás da porta.

Kerr arregalou os olhos completamente, o efeito do brilho da luz desapareceu, a figura se tornou mais nítida.

– Oh! Meu Deus! O que é?... – o horror em sua voz era de arrepiar.

Kerr recuou um passo atrás, esquecendo onde estava. Quando ele balançou, seus pés lutaram para recuperar aderência. Mas era tarde demais.

Ele não conseguia se segurar, estava indo embora. Quando caiu de costas, segurou-se na mureta com a mão. A pele dos dedos foi arrancada na medida que ele tentava sustentar todo seu peso.

A mão escorregava. Ele se esticou para tentar, com a outra mão, se agarrar na mureta.

Não conseguiu fazer isso.

Olhou a correnteza do rio lá embaixo.

– Socorro! Ajude, por favor! – suplicou Kerr.

A dor nos dedos era muito forte, o peso também muito grande. Estava escorregando. Quando a mão soltou da mureta, e ele começou a queda fatal, viu de relance uma cabeça inclinando-se sobre a mureta. Uma cabeça de madeira.

O barulho do vento e da chuva abafaram a gritaria quando ele mergulhou no turbilhão de águas.

O espantalho virou-se e foi embora.

Capítulo 12

Um Ruído no Celeiro

O dia seguinte era um sábado e a casa dos Davies amanheceu sombria. Qualquer um podia notar o péssimo humor de John. David havia escutado a mãe chorar a noite inteira. Mesmo agora os olhos dela ainda estavam vermelhos e pareciam magoados. Os de David também estavam assim. Tinha dormido muito pouco nas duas noites anteriores, e ainda não havia conseguido falar com o pai. John saiu furioso minutos depois que o senhor Kerr foi embora, e só voltou depois que todo mundo já havia ido para a cama.

Sarah e Emma não tinham ideia do que se passava, mas David sabia que a família estava com sérios problemas. Ele ouviu claramente o ultimato do senhor Kerr. O pai devia pagar o banco na segunda- -feira ou eles perderiam a fazenda.

David sentia-se feliz porque era sábado. Não precisava enfrentar a escola de novo. Em sua cabeça estava o caos. Ele estava cansado, confuso, preocupado e assustado.

O pai mexia em tudo no celeiro, para consertar o trator que quebrou de repente no primeiro momento daquela manhã, quando ele finalmente começou a limpar o campo em frente, o campo do espantalho.

David esperava o pai entrar. Havia colocado na mente que nada o impediria de contar ao pai a respeito do espantalho. Mesmo que seu pai se negasse a aceitar o que ele dizia, pelo menos retiraria aquela coisa do peito.

Sentia-se muito solitário e isolado. Havia a Sarah, é claro, mas o pai precisava saber.

Quando David sentou para esperar, o telefone tocou. Sarah correu para atender, esperando ouvir a voz da amiga. Esperava uma ligação, mas ficou desapontada.

– Mãe, é o detetive Collins de novo – ela berrou, tentando chamar a mãe no andar de cima.

Karen desceu. O episódio do Morrison há muito fora substituído pelas preocupações com os problemas financeiros da família.

Ela atendeu ao telefone.

– Olá, detetive. Como posso ajudá-lo? – perguntou.

David foi para o corredor onde a mãe atendia a chamada. Observou o choque que surgiu no rosto dela, que colocou a mão sobre o bocal do telefone.

– David, vá chamar o seu pai, depressa – ela ordenou.

David viu a ansiedade estampada nos olhos dela e imediatamente desatou a correr por toda parte, atrás do pai.

Os dois voltaram logo. Karen esperava no telefone, parecia enraizada naquele local desde que o detetive Collins havia desligado.

John correu para o lado da esposa, prevendo que as pernas cambaleavam. Ele a conduziu para a sala de estar.

Karen falou primeiro: – Ele estava sentado nessa cadeira poucas horas atrás.

– O que foi, amor? O que aconteceu agora? – perguntou John, intrigado e preocupado.

Karen repetiu a breve conversa com o detetive Collins. Ela explicou que haviam encontrado o carro do senhor Kerr no rio naquela manhã. Ele estava

desaparecido, mas eles temiam o pior. O rio estivera muito cheio à noite, e ninguém sobreviveria à correnteza. Procuravam o corpo na vazante.

– Mas, que diabos!... Onde isso aconteceu? – interrompeu John.

– Perto da ponte velha, no caminho da cidade. Acham que ele cometeu suicídio. Não descobriram nenhuma evidência de que o carro perdeu o controle na estrada. Pensam apenas que ele dirigiu calmamente até se afogar – respondeu Karen, os olhos inundados de lágrimas.

– Oh! John! O que está acontecendo? Primeiro foi aquele louco na outra noite e agora isso. O que está acontecendo aqui? – suplicou Karen, começando a desmoronar.

John segurou a esposa nos braços, tentando reconfortá-la. A mente dele derivou para a reunião que tivera com Kerr na noite anterior.

David ouvira a mãe relatar a notícia a respeito de Kerr. Não demorou muito para ele somar o incidente do Kerr aos demais. Kerr ameaçava a fazenda. David também escutara boatos a respeito da incorporação do campo de golfe. Todo mundo na cidade parecia saber que Kerr queria tomar a fazenda deles há algum tempo. Na última noite, pareceu que ele só estava interessado no prazo da segunda-feira. David não embarcou na história de suicídio. Alguma coisa ou alguém era o culpado. David sabia que o espantalho tinha trabalhado novamente.

David esperou o pai sair da sala de estar.

– Pai, preciso conversar com você – David começou.

– É importante, filho? Preciso dar atenção à sua mãe. Esse negócio realmente a perturbou – respondeu John.

– Pai, antes de lhe contar uma coisa, preciso que você venha para fora comigo. Você precisa ver o espantalho comigo – continuou David.

– Olha, basta desse absurdo – reagiu John.

– Pai, só isso, tudo bem? – David insistiu, elevando o tom de voz.

John ficou perplexo com a maneira do filho se expressar. Normalmente, ele pensaria mil vezes antes de retrucar. Mas reconheceu que ali havia algo perturbando David. Ele o abraçou e concordou.

– Vamos! Então, vamos... – disse seu pai, seguindo para a porta da cozinha.

Capítulo 13

O Envolvimento do Pai

Os dois atravessaram o pátio em silêncio, pularam a sebe e seguiram caminho pelo campo até onde ficava o espantalho. David se aproximou nervoso da figura de madeira. John podia ver que o filho realmente saía do sério por causa do espantalho. David levantou o chapéu da cabeça do espantalho e apontou para as palavras gravadas no topo. John era bem mais alto que o filho, e conseguia ver à vontade os versos escritos na cabeça careca.

Esta terra é sua, para você assustar todos os seres que porventura ousem perturbar ou ameaçar sem piedade esta casa de paz e prosperidade.

O grande fazendeiro olhou para o filho e então releu as palavras várias vezes, como se quisesse ter certeza de que entendera o significado delas.

– Isso é coisa de louco! Certamente não pode acontecer... – disse, sacudindo a cabeça. – Vamos voltar.

Eles caminharam lentamente de volta para a casa. No caminho, David recordou rapidamente todos os eventos dos dias anteriores, conectados com as palavras escritas na cabeça do espantalho: cada caso de pessoa ou animal afetado, relacionado com a fazenda, e que de algum jeito a ameaçavam ou perturbavam.

... perturbar ou ameaçar sem piedade esta casa de paz e prosperidade.

David contou ao pai que Sarah e ele presenciaram o desaparecimento e depois o reaparecimento do espantalho.

Quando alcançaram a porta da cozinha, John olhou para trás. O espantalho parecia bem normal, como todos os espantalhos que ele tinha visto durante todos aqueles anos em que vinha trabalhando como fazendeiro.

Quando entraram na cozinha, John pegou o filho pelo braço.

– Ouça, filho. Não diga uma só palavra disso para ninguém, especialmente para a sua mãe. No momento, ela está a ponto de perder o juízo. Vou ter que pensar a respeito disso, por algum tempo. Não quero que nos tornemos motivo de chacota da cidade inteira – e fez uma pausa, pois sua mente se esforçava para aceitar o que parecia inconcebível.

Mas começou a compartilhar a ansiedade do filho.

– Preciso ir até a cidade agora, ao banco... – continuou. – Vou ver como ficam as coisas para a segunda-feira. Não sei como esse negócio que aconteceu com o senhor Kerr vai afetar as coisas. Quando eu voltar, vamos acender uma fogueira e queimar essa droga de coisa, e então vamos ver o que acontece!

Dez minutos depois, John saiu. Normalmente o banco fechava no sábado, mas ele havia falado com alguém pelo telefone. Quando as notícias a respeito do senhor Kerr estouraram, alguns funcionários foram para lá para descobrir algo mais.

David estava preocupado. Sentia-se melhor por ter contado ao pai, ficou feliz ao ver que ele parecia compartilhar suas preocupações. Porém, queria que tivessem cuidado do espantalho antes do pai sair para a cidade.

As horas passaram lentamente. David permaneceu no quarto até o final da tarde. O pai ainda não havia voltado. Ele ainda tentou deixar a mente livre daquelas coisas tocando violão e depois jogando no computador. Mas,

sua mente mantinha-se envolvida com o espantalho. Por fim, puxou as cortinas de volta para dar outra olhada no homem de madeira.

David recuou, o medo voltou em um clarão. O espantalho tinha sumido. Ele correu para o andar de baixo e examinou o pátio pela porta da cozinha.

“Será que o pai voltou e pegou a coisa horrível para queimá-la?” – pensou, mais por esperança do que por outro motivo. Correu lá fora para ver se via o carro do pai ou o próprio pai. Nem sinal. Ouviu barulho no celeiro. Hesitou e então caminhou em direção ao portão. De repente, lá de dentro, escutou uma voz.

– Procurando por mim, David?...

David congelou. Não era a voz do pai. Não era qualquer voz conhecida... Podia sentir uma presença no celeiro antes de ver o que era. Entrou no celeiro, as pernas feito geleia, o medo dominando seu corpo inteiro.

– Olá, David! – o espantalho de madeira deu um passo de trás de alguns fardos de feno, que se moviam de maneira lenta e deliberada.

David parou inerte, incapaz de falar. Todos os seus temores agora se tornavam realidade. Era o monstro de madeira. Morrison não estava louco.

O mínimo que ele podia perceber é que aquela *coisa* na frente dele era realmente perigosa. A voz arrastada, levemente aguda, do espantalho continuou: – David, não fique no meu caminho. Fui feito para isso. Estou fazendo o que devo fazer...

David esforçou-se para falar, mas sua garganta e seus lábios estavam totalmente secos. Por fim ele deixou escapar: – Mas por quê? Por quê?

– Eu sirvo à fazenda, David. Eles me fizeram para protegê-la. As pessoas não importam. As pessoas vêm e vão, mas a terra permanece para sempre. Eu sirvo à terra, sirvo à fazenda, e à terra – respondeu o espantalho.

O significado das palavras do espantalho abateu David. O espantalho não existia para protegê-los... Interessava-se apenas pela fazenda, pela terra. Qualquer coisa que ameaçasse a terra corria perigo!

– Não fique no meu caminho, David. Não tente me deter. Preste atenção nas minhas palavras – sussurrou o espantalho.

Ele rumou para David que fechou os olhos, paralisado de medo. Sentiu os pelos da estopa que recheava o espantalho roçarem nele ao passar. As pernas cambalearam. Sentiu a presença do espantalho desaparecer. David abriu os olhos. Estava sozinho. Caiu no chão, as pernas finalmente se entregaram...

Capítulo 14

A Lamparina

– David! David! – David abriu os olhos. Sarah estava em pé ao lado dele.

– O que aconteceu com você, David? Tudo certo? – perguntou Sarah, um pouco chocada pela visão do irmão desmaiado no chão do celeiro.

David procurou se recuperar, as pernas ainda instáveis e a cabeça ferida ao bater no chão do celeiro. Tinha ficado inconsciente por uma hora ou mais. Imediatamente olhou além da irmã. Atrás, no campo, ele podia ver a figura imóvel, escura, de volta ao ponto habitual.

– Vamos, Sarah, vamos dar o fora daqui – disse David, agarrando o braço da irmã.

– Agora! – ele insistiu quando a irmã hesitou, olhando fixamente lá fora no campo, percebendo que o espantinho era a razão do estado do irmão.

Eles correram de volta para a cozinha. Karen estava ocupada na pia. David e Sarah passaram pela cozinha e subiram para o andar superior.

– O que houve, David? O que está acontecendo? – Sarah perguntou, ansiosa.

– Estamos em perigo, Sarah, perigo de verdade – respondeu David.

David contou a ela a respeito do encontro no celeiro. Sarah enfiou a cabeça no travesseiro. As palavras do irmão lhe causaram calafrios.

– Sarah, quero que você pegue a mãe e a leve para a sala de estar. Fique lá com ela. Conte algumas histórias da escola, converse com ela. Não saia até eu avisar – David orientou a irmã.

– David, aonde você vai? O que vai fazer? – Sarah suplicou, insegura sobre o que o irmão tinha em mente.

David sabia o que precisava fazer. Não podia se dar ao luxo de esperar o pai voltar para casa. Faria sozinho o que era preciso fazer. A família corria perigo e ele não tinha ideia de quando o espantalho atacaria novamente, ou contra quem agiria. Já estava ficando preocupado com a demora do pai. Talvez o espantalho visse a família como ameaça. Talvez os culpasse pela fazenda estar sendo desmembrada para virar um campo de golfe.

– Vai Sarah, pegue a mãe! – disse David, andando apressado para todos os lados na sala, imaginando qual seria seu próximo movimento.

David ouviu a mãe e Sarah irem para a sala de estar. Ele correu para o andar de baixo, saiu pela porta da cozinha rumo ao galpão. Sabia o que procurava. Ele havia visto aquilo no outro dia, mas continuaria lá agora?

David pegou a bicicleta. Era isso. David apanhou a velha lamparina. Levantou a tampa.

Bom, tinha bastante óleo no fundo. David correu de volta para a cozinha. Agora estava escurecendo. Ele procurou na gaveta embaixo da pia. Encontrou uma caixa de fósforos e enfiou-a no bolso.

David correu para o celeiro e apanhou todo o feno que conseguiu carregar. Parou quando saiu do celeiro e olhou para o campo. O espantalho continuava imóvel. David respirou fundo e caminhou em frente. Subiu a sebe, atento para não derramar o óleo da lamparina. Quando se aproximou do monstro de madeira, não fazia ideia do que o esperava. Ele mantinha os olhos fixos naquilo. Alguma coisa podia ter mudado em algum ponto. Precisava aproveitar a oportunidade. Precisava proteger a família.

Ele não tinha ideia do que controlava o espantalho, quando e como ele podia ter vida.

David foi até o espantalho e começou a embrulhar o feno ao redor das pernas do monstro. David não tirava os olhos do rosto do espantalho – nenhum movimento, graças a Deus. Ele procurou no bolso. Os fósforos não estavam ali e o sangue dele subiu.

“No outro bolso, idiota!” – ele disse para si mesmo.

Por fim, ele os encontrou. Precisou colocar a lamparina embaixo para acender o fósforo. O fósforo acendeu da primeira vez e ele o ateou ao pavio: – Vamos, vamos – suplicou, incitando o pavio a acender. O pavio faiscou, virou uma labareda e pegou fogo. Ele levantou a lamparina acima da cabeça, preparando-se para atirá-la com toda força na base do espantalho. Hesitou. Podia ouvir o som de um carro se aproximando.

David espiou ao redor. Esperava ver o carro do pai, e um sentimento de alívio o encheu por dentro. Quando virou para o lado, seus olhos momentaneamente se afastaram do rosto do monstro. Foi quando sentiu algo pegar a lamparina. Tornou a olhar... O rosto do espantalho exibia um sorriso diabólico! O espantalho o agarrou, e com o braço passou a apertar David pelo pescoço. David se safou e correu. Podia ouvir o espantalho seguindo atrás dele, apressando as pernas no mato crescido. Sentia que estava perto. David trepou na sebe, como havia feito no dia anterior quando leu as palavras na cabeça do espantalho.

Quando aterrissou do outro lado, o espantalho também aterrissou. O monstro ainda segurava a lamparina.

O brilho incandescente da lamparina atiçava uma luz sinistra no rosto do espantalho. O espantalho correu por toda parte, bloqueando o caminho para a casa de David.

Capítulo 15

O Confronto Final

David olhou ao redor. Seu desejo de sobreviver controlou o medo. Ameaçou ir para a direita, parou e lançou-se à esquerda, seguindo para o celeiro. Correu e se enterrou atrás de alguns fardos de feno, as galinhas debatendo-se nervosas com o barulho da correria. O espantalho seguiu lentamente, sabendo que a presa havia caído na armadilha...

David percebeu a luz do brilho da lamparina iluminando o portão quando o espantalho caminhou para dentro. Ele se agachou, tentando acalmar a respiração, tentando pensar no que fazer em seguida. Ao levantar a cabeça ligeiramente, seus olhos encontraram uma brecha entre dois fardos. Observando entre os fardos, ele podia seguir os movimentos do espantalho pelo tremulante movimento da luz.

Ele estava se aproximando.

A voz arrepiante do espantalho quebrou o silêncio.

– David, avisei você. Agora você vai pagar o preço.

David levantou os olhos. Os fardos de feno estavam empilhados em três camadas de altura. O espantalho agora estava diretamente na frente dele, do outro lado dos fardos. David recuou alguns passos e parou. O espantalho girou ao redor, sentindo os movimentos de David que correu, saltou e lançou-se nos fardos de feno. A pilha balançou. O espantalho só levantou os olhos quando o primeiro fardo o atingiu. A lamparina estatelou no chão, e explodiu em chamas. As pernas e os braços do espantalho, recheados com feno, imediatamente pegaram fogo. Em segundos, os fardos secos viraram

iscas inflamáveis e todo o celeiro estava em chamas. As galinhas corriam freneticamente, tentando encontrar saída, num alarido que contribuía para tornar a cena totalmente caótica.

David tentou se levantar do chão, mas agora o celeiro todo parecia uma grande bola de fogo. Só conseguia reparar no ponto onde o espantalho tinha ficado. Avistou algo. Reconheceu o velho chapéu do espantalho. Não viu mais nada, exceto chamas. Começou a engatinhar para a frente, com a fumaça entrando em seus pulmões. Sua cabeça começou a balançar. Ele começou a tossir, esforçando-se para respirar. O calor era insuportável.

De repente, sentiu algo agarrá-lo, puxá-lo pelas pernas. Tentou se soltar com pontapés, e rastejar para longe, mas a fumaça cobrava seu preço e ele estava sem forças. Não conseguia mais correr. Sentiu-se sendo levantado no ar. Seu coração disparou. Ele estava desamparado.

– Vamos, filho. Vamos dar o fora daqui.

John jogou o filho sobre os ombros e correu para fora do celeiro. Deitou o garoto na porta da cozinha. David lutou para recuperar o fôlego, os pulmões ainda cheios de fumaça. Sentiu a mãe abraçá-lo, a cabeça ainda atordoada, a visão obscurecida. Karen apertou-o com firmeza, chocada com o estado dele.

John ajoelhou-se diante do filho.

– Está tudo acabado, Dave? Ele foi embora? – perguntou John, as duas mãos nos ombros do filho.

David olhou para o celeiro, com as chamas saltando alto no céu. Olhou de volta o pai e acenou com a cabeça, confirmando.

– Ele foi embora, pai.

David levantou-se e deu alguns passos em direção ao celeiro. John se aproximou e parou ao lado dele. Arregalaram os olhos diante da parede em

chamas na frente deles.

– A fazenda está salva, filho. Kerr era o problema. Ele foi desonesto – disse John, seu grande braço sobre os ombros do filho.

– O espantalho viu o Kerr, pai. Tenho certeza disso – David disse, olhando para o pai. – Ele não estava interessado em pessoas, apenas na terra e na fazenda.

– Bem, ele as protegeu até o último instante. Agora é conosco – determinou John, tranquilizador, voltando para a casa. – Vamos, filho. Vamos entrar.

David observou o campo vazio, mais uma vez. Finalmente sentiu-se seguro.

Epílogo

– David, você não vai parar de ler esse jornal e me dar uma mão? – reagiu Anne, a esposa de David, impaciente. – A ideia desse piquenique foi sua, então vamos lá!

David largou o jornal e ajudou a mulher a esticar a toalha na grama. Era domingo à tarde, num dia quente de verão. Assim que David acordou de manhã e viu o céu azul, decidiu que era um ótimo dia para embarcar a família no carro e viajar para um dos pontos favoritos deles, nas montanhas perto de casa. As crianças adoravam passear e buscar coisas novas ao ar livre.

A viagem durou cerca de uma hora e os dois meninos, Alan e Paul, tinham sido boas almas, apesar do calor no carro. Alan tinha completado 5 anos e Paul tinha quase 3 anos. Eram muito unidos e gostavam de brincar juntos.

Em alguns minutos, Anne havia coberto a toalha com todo tipo de delícias: suco de frutas e bolo para os meninos, e sanduíches e uma garrafa de vinho gelado para ela própria e David.

– Vá chamar os meninos, querido, está tudo pronto – disse Anne, afastando novamente o marido do jornal.

Os meninos nunca se afastavam muito. Gostavam realmente de explorar, como diziam, mas ainda não eram muito valentes.

David mantinha o olho nos filhos, e viu quando eles desceram uma trilha um pouco adiante. David seguiu o caminho alguns metros pelas árvores. Logo escutou o barulho dos meninos brincando. Notou que eles

estavam no meio de uma sebe com grade de madeira, que apontava para o campo em frente.

O espantalho ficava a alguns metros da cerca.

Os meninos ouviram o pai se aproximar. Eles viraram, com sorrisos largos iluminando seus rostos.

– É verdade que os espantalhos servem para assustar, pai? – perguntou Alan, olhando para trás, para o espantalho.

– Ora, eles tomam conta das lavouras. Só assustam quem tenta comer as colheitas.

– Então, ele não vai nos assustar? – perguntou o pequeno Paul, inocentemente.

David sorriu, as memórias profundamente enterradas dentro dele.

– Não, filho, ele não serve para nos assustar. Vamos, vamos. A mamãe preparou uma festa para vocês – respondeu, retirando os meninos da cerca, um em cada braço. Colocou-os no chão e começou a correr atrás deles no caminho que levava à tarde festiva.

Enquanto os meninos corriam, David parou. Não podia deixar de olhar para trás. Seu corpo congelou...

O campo estava vazio!

HORA DO
ESPANTO

HORA DO ESPANTO

O PIANO



O PIANO
Edgar J. Hyde



Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hyde, Edgar J.

O Piano [recurso eletrônico] / Edgar J. Hyde; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.

ePUB; 1.3 MB.-(Hora do espanto)

ISBN: 978-65-5500-708-4 (Ebook)

1. Literatura juvenil. 2. Ficção. 3. Terror. I. Antunha, Silvio. II. Título. III. Série.

2021-859

CDD-028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva -CRB-8/9410

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

2. Literatura juvenil 82-93

© 2009 Robin K. Smith

Esta edição de *Hora do Espanto* foi publicada
em acordo com Books Noir Ltd.

Título original: *The Piano*

© 2009 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução: Silvio Antunha

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Livro digital: [Lucas Camargo](#) e [Gabriela Fazoli](#)

Sumário

O Piano

Cramlington

Bela Música

A Tia Maud

A Aula de Piano

O Funeral

Leite e Biscoitos

O Corpo

Mistério Resolvido?

A Casa das Árvores

Notícias da Enfermeira Jessica

A Visita à Casa das Árvores

A Música Chega

Uma Tempestade se Forma

A Tempestade

A Mensagem

Uma Tragédia Anunciada

Capítulo 1

Cramlington

Roger Houston olhou o espelho, sinalizou à esquerda e guiou o carro para uma vaga na lateral da rua. Sua esposa, ao seu lado, bocejou e se espreguiçou.

– Onde estamos? – ela perguntou sonolenta.

– Num lugar conhecido como Cramlington. Não é mesmo bonito? – ele falou. – Acho que vou acabar dormindo no volante se não parar um pouco para esticar as pernas. É melhor acordar as crianças.

A família Houston voltava do feriado de Páscoa e estava na estrada desde o início da manhã. O senhor Houston sentia os olhos doerem por causa do esforço de dirigir por tanto tempo e precisava descansar um pouco.

“Cramlington” – pensou o senhor Houston – “parece o lugar perfeito para parar e almoçar”.

As crianças, acordadas pela mãe, esfregaram os olhos, esticaram-se preguiçosamente e estavam prontas para sair do carro.

– Não esqueça a malha, Victoria. Provavelmente está mais frio do que você imagina – disse a mãe.

– Você também, Darryn. Onde está o seu casaco?

Enquanto a senhora Houston estava ocupada arrumando as crianças, o marido se debruçou para fora do carro, para sentir o frescor do ar marítimo.

– Belo lugar este, realmente pitoresco – ele disse, sem se dirigir a ninguém em particular. – Estranho nunca termos passado por aqui antes.

Seus pensamentos foram interrompidos pela família, que ruidosamente se espalhava pela calçada. Como de costume, o cabelo de Roger esvoaçou em todas as direções, enquanto ele via a filha quase adolescente se olhar no espelho lateral do carro para ajeitar a franja, antes de conferir se as unhas pintadas de azul metálico não estavam lascadas.

– Pai, mãe, podemos ir a uma loja de brinquedos? Podemos? Por favor, por favor! – Darryn dava pulos a olhava ansiosamente para seus pais, esperando deles alguma resposta. O pai balançou a cabeça com a cara feia.

– Ouça, filho – ele disse ao filho de 6 anos de idade –, já temos brinquedos novos em excesso guardados no porta-malas do carro. Não vamos comprar mais nenhum. Estou surpreso que o carro consiga se mover com todo esse peso na traseira.

Darryn ficou momentaneamente cabisbaixo. Em seguida, animado, pegou na mão do pai e perguntou: – Posso comprar umas balas, então, pai, posso? Por favor, tenho dinheiro sobrando no bolso, por favor...

Segurando a mãozinha grudenta do filho (“o que será que essa criança andou comendo?” – pensou consigo mesmo), o pai virou à esquerda em uma pequena rua antes de murmurar distraidamente: – Vai depender de você comer ou não o almoço, meu garoto.

A mãe e Victoria caminhavam atrás, em um ritmo mais lento. A mãe admirava os belos canteiros nas janelas, que enfeitavam as fachadas das pequenas casas caiadas de branco. Victoria esperava encontrar alguma loja de esportes ou de beleza. Quando viraram na pequena rua, elas acharam o pai e Darryn, com o nariz colado na vitrine de uma loja.

Olhando para cima, a mãe viu o cartaz “Larkspur Music” na entrada da loja. Ela e a filha se juntaram aos outros, e também grudaram o nariz na vitrine quando viram os instrumentos guardados lá dentro. Embora tudo

estivesse muito empoeirado, a família ficou empolgada ao ver uma série de instrumentos musicais: um violoncelo, alguns violinos, violões, uma imensa bateria que ocupava quase todo o lado esquerdo da vitrine e muitos outros.

– Ora, vamos entrar – disse a mãe, reparando no aviso de “aberto” colocado na frente da porta. Embora nem ela e nem o marido tivessem qualquer habilidade musical, Emily Houston sempre quis ser capaz de tocar *alguma coisa*. A família empurrou a porta e entrou, e ali estava, bem no centro da loja, o mais belo piano que eles já tinham visto.

Quase todo branco, ficava orgulhosamente com a tampa aberta, exibindo as teclas polidas que simplesmente pareciam gritar quando eram tocadas. Victoria, com três anos de aulas de piano, foi a primeira a correr seus dedos ao longo das teclas.

– Ora, mãe, é perfeito! Podemos comprá-lo, por favor?

O pai ficou chocado.

– Comprar, Victoria? Você não pode estar falando sério. Sabe quanto custa uma coisa dessas? Feche a tampa, depressa. Você sabe que não deve tocá-lo.

– Não seja tão duro com ela, querido – a mãe interveio. – Entendo perfeitamente como ela se sente. Esse piano é realmente muito bonito.

E ela também se aproximou do piano e correu seus próprios dedos ao longo das teclas.

Quando criança, Emily Houston quisera que seus pais a tivessem mandado para aulas de piano, mas infelizmente o dinheiro era sempre necessário para outras coisas, e ela nunca realizou esse desejo.

– Posso ajudar vocês? – perguntou uma voz do outro lado da loja. Um homem idoso caminhou em direção a eles. – Ah! Você simpatizou com o piano, não é, minha querida? – ele sorriu para Victoria.

– Bem, sim, é muito bonito – ela disse. – Não quis dizer que quero tocá-lo. Na verdade, eu nem sei direito.

– Ora, não se preocupe com isso – ele retrucou. – A maioria das pessoas que vêm aqui são atraídas pelo piano. Sente-se. E quanto a você, rapazinho? Não gostaria de sentar-se na banqueta junto com a sua irmã?

Darryn estava sentado na banqueta antes que as palavras tivessem deixado a boca do dono da loja. A irmã, sentada metade dentro e metade fora, fez uma careta para o irmão, antes de tocar delicadamente nas teclas, enquanto Darryn, mais impetuoso do que Victoria, começasse a tocar acordes de maneira tosca.

– Senhor, senhora, não estariam interessados em comprar? – o homem sorriu para ambos. – Tenho certeza absoluta de que ficarão surpresos com o preço.

O pai não tinha a menor dúvida quanto a isso!

– É um quarto do preço da etiqueta – o vendedor continuou. – E fazemos a entrega, sem despesas.

O pai sorriu. O velho senhor devia ter ficado com a impressão de que eles queriam comprar a banqueta!

– Mas que diabos vamos fazer com uma banqueta sem o pia...?

A esposa interrompeu.

– Por esse preço? – ela virou ironicamente para o homem. – Mas isso inclui a banqueta, não é? – Embora sem acreditar no preço, ela não era mulher de desperdiçar uma bela oportunidade!

– Sim, é claro, senhora. O piano, a banqueta e a entrega. Podemos levar, vamos dizer, na segunda-feira de manhã.

Verificando o calendário na parede rapidamente, ele acenou para fazer a confirmação.

– Sim, segunda-feira pode ser ótimo. Então, basta me darem os detalhes do endereço para deixarmos o pedido feito. É um aborrecimento ter que preencher tanto formulário hoje em dia.

E foi assim que o piano acabou pertencendo à família Houston. O pai deixou a loja completamente atônito. Preencheu e assinou um cheque. Deu o nome, o endereço e o número de telefone para o dono da loja, e guardou o recibo na carteira.

– Ora, não fique assim, Roger – disse a mãe. – Foi uma sorte grande encontrar um instrumento assim, nessas condições, por esse preço.

Puxando os dois filhos pelas mãos, ela atravessou na frente do marido, que balançou a cabeça sem acreditar nos eventos que tinham acabado de acontecer.

Capítulo 2

Bela Música

– O caminhão chegou! – gritou Darryn do andar de cima.

Ele estava vigiando desde às oito horas da manhã, desesperado pela entrega do piano, e agora quase não conseguia se conter. Desceu correndo pela escada, e foi o primeiro a alcançar a porta da frente, quase tropeçando em uns patins, de tanta pressa.

O caminhão estacionou no número 21, dois homens pularam para fora da cabine, foram para trás do caminhão e destrancaram as portas. O pai agora tinha aparecido, e ele mandou os homens colocarem o piano no quarto maior, que era usado em parte como despensa e em parte para guardar os brinquedos das crianças. Naquela manhã, tudo no quarto tinha sido empurrado freneticamente para um lado, de modo a abrir espaço para o novo bem da família.

O pai deu uma gorjeta aos homens, agradeceu e fechou a porta educadamente, balançando a cabeça incrédulo, pois jamais tinha acreditado que a família realmente veria o piano novamente.

– Eu quero sentar, saia daí! – gritou Darryn, enquanto disputava com sua irmã a banqueta do piano.

– Não é grande o bastante para nós dois – a irmã mais velha replicou. – Saia daqui, eu vou primeiro, você ainda nem sabe tocar direito.

– Calma, calma – a mãe interveio –, nada de brigas. O que vamos fazer é: uma hora para a Victoria e depois uma hora para o Darryn. A Victoria primeiro, Darryn, venha ficar aqui ao meu lado e deixe sua irmã tocar.

Virando para a filha, ela continuou: – E como você sabe muito mais coisas de piano do que o Darryn, por que não tenta ajudá-lo? Vamos ser construtivos, em vez de ficar brigando.

Victoria deu de ombros sem comentar e dedicou toda sua atenção às brilhantes teclas, enquanto Darryn não tirava os olhos do relógio, desejando que aquela hora passasse rapidamente. E, assim, o dia passou, com os pais atentos aos acordes que estavam sendo tocados, surpreendidos com a melodia *Chopsticks* mal tocada, misturada com ocasionais brigas entre as crianças. No fim da noite, exaustas, cada criança foi para sua cama e logo pegaram no sono. Na manhã seguinte, o pai foi o primeiro a acordar. Olhou para o despertador: 7h30min! Ele cutucou a esposa.

– Emily? Você está ouvindo isso?

Relutantemente, ela olhou para ele.

– O que foi, querido? Estou com sono.

Então, ao perceber que o marido estava sentado na cama, ela esfregou os olhos e também sentou-se. Foi só então que ela reparou na estranha e bela música que flutuava até o andar de cima.

– Estou ouvindo! – ela disse ao marido. – Você continua ouvindo agora? Venha, vamos descer. Não sabia que a Victoria já estava tão adiantada.

A mãe e o pai seguiram para as escadas e começaram a descer. A música continuava tocando. Era uma triste melodia que nenhum deles parecia ter ouvido antes. Os pais desceram calmamente, para não incomodar Victoria, e de maneira nenhuma queriam interromper a perfeição da música. Quando pisaram no último degrau e contornaram o corredor que levava ao quarto que abrigava o piano, o pai parou e engasgou. Foi então que ele viu, no outro lado do quarto, sem tocar o piano, Victoria, tremendo encolhida no canto!

– Victoria, o que está acontecendo? Não é possível que o Darryn esteja tocando, não é?

Quando os pais entraram no quarto, perceberam que o filho pequeno chegava atrás deles.

– Por que todo mundo acordou tão cedo? – ele resmungou. – O que está acontecendo?

Os pais e a irmã não responderam e, quando ele acompanhou o olhar pasmo de todos, entendeu o porquê. O piano estava tocando sozinho! Victoria parecia muito assustada. Ela tinha sido a primeira a ouvir a música, e a primeira a chegar lá embaixo. A mãe se aproximou e a puxou para perto. A própria mãe ficou totalmente abalada com o que viu e, enquanto toda a família olhava, o piano continuou a tocar, mudando de movimento, ficando cada vez mais rápido, cada vez mais alto, fazendo um som tão fantástico que ameaçava acordar toda a vizinhança. Os belos toques de música que eles tinham escutado no andar de cima agora pareciam raivosos e frenéticos, e a família não conseguiu fazer nada a não ser esperar até que o piano finalmente ficasse em silêncio.

A família também ficou em silêncio, chocada e atordoada com o que tinha acabado de testemunhar. Victoria estava visivelmente abalada, e a mãe tinha virado uma medonha sombra branca. O pai foi o primeiro a falar.

– Bem, que diabos foi tudo isso? – ele disse, sentando-se na cadeira mais próxima e colocando Darryn sobre os joelhos.

– Essa não, não quero que pare! – disse Darryn. – Isso foi muito divertido!

– Muito divertido? – repetiu Victoria. – Não seja bobo. Foi apavorante! Como será que as teclas podem tocar sozinhas, sem ninguém? Será que é um desses

automáticos, mãe? Sabe, daquele tipo que você dá corda e o piano toca algumas músicas? – ela olhou para a mãe, esperançosa.

– Acho que não – replicou a mãe, e embora tivesse total certeza de que não se tratava disso, resolveu dar mais uma olhada. Ela e Victoria examinaram de todas as maneiras possíveis: por baixo, por cima, atrás, e olharam até os pedais em busca de qualquer pista do que poderia estar acontecendo.

– Estou com medo! Não tem nada aí... – disse a mãe, finalmente desistindo.

A família sentou-se ao redor em silêncio, cada um com seus próprios pensamentos.

“Não admira que tenha sido uma pechincha. Deve ser mal-assombrado ou coisa parecida” – o pai pensou consigo mesmo. Quando esse pensamento entrou em sua cabeça, ele o descartou o quanto antes, lembrando que ele mesmo não acreditava em fantasmas!

O toque da campainha da porta da frente abalou-os novamente. Darryn pulou de cima dos joelhos do pai e correu para a porta da frente para ver quem estava lá. Era o Simon, que morava duas casas depois.

– Ei, Darryn, não sabia se vocês tinham chegado ou não. Não vai para a escola hoje?

O pai olhou o relógio. Faltavam dez minutos para as oito da manhã. Crianças! Mas que diabos o Simon estava fazendo na porta da frente mais de uma hora antes do horário da escola?

Relutantemente, Victoria também levantou.

– Acho melhor me aprontar para ir à escola. Que jeito mais estranho de começar o dia... – ela bocejou, enquanto começava a subir a escada.

A mãe e o pai olharam um para o outro.

– Bem, você tem alguma explicação? – a mãe perguntou. O pai olhou intrigado para o piano.

–Efeitos especiais? Imaginamos a coisa toda? Quem sabe? Vamos tomar café da manhã, é melhor a gente forrar o estômago.

Capítulo 3

A Tia Maud

A mãe colocou o telefone no lugar e sentou-se com um suspiro.

– Algo errado, querida? – perguntou o pai, olhando por cima do jornal.

– A tia Maud morreu. Acabaram de ligar da clínica de repouso.

– Não sabia que a tia Maud estava doente – disse Darryn, com a boca cheia de cereal matinal.

– Ela não estava doente de fato, querido, apenas velha, e também cansada, acredito. Estava com 93 anos de idade, como você sabe.

Ela se voltou para o pai.

– O funeral é amanhã. A diretora não conseguia me ligar, obviamente, pois estávamos viajando. Sei que você não vai se importar, então, eu vou. Terão poucas pessoas lá, eu nem sei, e de qualquer forma tenho que manifestar os meus sentimentos. Não éramos muito próximas, mas ainda assim, ela era da família – ela sorriu para as crianças.

– Vamos, vocês dois, terminem logo esse café da manhã, ou vão se atrasar para a escola. E lembre-se, Victoria, você tem aula de piano depois da escola. O seu primeiro exame deve acontecer logo, não é mesmo?

– Sim – replicou a filha. – Na verdade, é na próxima semana. Mas eu não estou preocupada. A senhora Stewart disse que se eu conseguir tocar *Pour Elise* no exame tão bem como toco na aula prática, vou passar sem problemas.

– Não seja tão pretensiosa, mocinha – disse o pai, dobrando o jornal e tomando seu café. – Você nunca pratica muito.

Ao virar para se despedir da esposa, ele não viu a filha levantar os olhos para o céu e depois mostrar a língua para o irmão mais jovem. Victoria saiu da mesa, agarrou a mochila escolar e foi para a porta.

– Pego você depois... – ela gritou por sobre o ombro, e assoprou um beijo para Darryn. – Tchau, querido – ela imitou a mãe e correu para a porta antes que o Darryn pudesse atingi-la com sua colher.

– Hum! Irmãs! – ele exclamou. “Vou dar o troco hoje à noite” – ele pensou e tomou o resto do café da manhã enquanto decidia que substância poderia usar para jogar nela quando voltasse para casa.

Depois que o pai saiu, a mãe recolheu a louça do café da manhã enquanto Darryn espionava o que ela tinha colocado em sua mochila para a hora do recreio e pensou na história que iria contar para o Simon.

– Dez para as nove – a mãe disse, olhando para o relógio. – Melhor irmos.

Darryn ainda era considerado muito pequeno para ir a pé para a escola, então, a própria mãe o levava de manhã e o buscava à tarde.

“Ano que vem, talvez” – ele pensava, olhando com inveja para os garotos mais velhos que andavam sozinhos.

A mãe teria um dia cheio, lavando e passando toda a roupa do feriado e colocando a casa em ordem. Ela arrumava os quartos com carinho.

Ela não tinha certeza se queria mudar para uma casa nova, mas o pai parecia estar com o coração firmemente decidido a comprar a velha casa no alto da colina. Eles a tinham visto um pouco antes de viajarem no feriado, e a mãe admitiu que sentia um certo charme no velho lugar. Só não sabia se estava pronta para deixar a casa atual. As crianças tinham sempre morado ali, os amigos delas moravam ali, e as escolas de ambos eram de bom padrão e ficavam bem perto.

– Eles vão fazer novos amigos quando mudarmos, e talvez continuem nas mesmas escolas, pois, afinal de contas, existem linhas de ônibus até lá – o pai disse.

A mãe suspirou. A casa nova era bonita, ela admitia, e o jardim era muito maior do que o da casa atual.

O senhor idoso que morava lá havia montado uma estufa na casa alguns anos antes. Preso à cadeira de rodas, ele passava os dias olhando seu amado jardim do lado de fora. Tanto a mãe como o pai tinham concordado que esse quarto, cheio de luz do sol, seria perfeito para as crianças usarem como quarto de brinquedos. Só recentemente a filha do senhor idoso o tinha convencido a morar com ela e, então, a casa foi colocada à venda. O pai tinha ficado muito animado.

– Está dentro da nossa faixa de preço, querida – ele disse quando a mãe manifestou preocupação, e ela ainda sentia a mesma dúvida cruel.

Ela parecia incapaz de afastar esse sentimento enquanto ia de quarto em quarto, juntando as peças de roupa usadas no quarto da Victoria e resgatando as bonecas suspensas no *bungee-jump* na janela de Darryn. Alisando a roupa das bonequinhas, ela as colocava de volta no quarto de Victoria, fazendo uma anotação mental para dizer ao Darryn que, apesar de o *bungee-jumping* ser uma brincadeira bacana para os seus soldadinhos de brinquedo, não era muito aconselhável para as elegantes bonecas da irmã.

Ao entrar no quarto de brinquedos das crianças, a mãe passou o espanador de pó nas teclas do piano.

As notas soavam quando ela as tocava, mas a performance musical que ocorreu antes não se repetiu.

“Talvez a gente tenha imaginado tudo” – a mãe pensou consigo mesma, enquanto lustrava a parte de cima do piano.

“Afinal de contas, como um piano poderia tocar sozinho? Provavelmente estávamos todos exaustos por causa da longa viagem de volta do feriado.”

Ela fechou a tampa, empurrou a banquetta do piano e deixou o quarto.

“Agora, será que meu terninho preto está bom para usar no funeral?” – ela pensou.

Chacoalhando o espanador de pó, ela subiu as escadas rumo a seu quarto para ver o que tinha em seu guarda-roupa.

Capítulo 4

A Aula de Piano

– Ótimo, Victoria. Isso foi muito bom – exclamou a senhora Stewart quando a jovem aluna terminou de tocar. – Agora, não acha que seria uma boa ideia ter mais uma aula prática antes do seu exame na próxima terça-feira?

– Boa pergunta, senhora Stewart – a garota sorriu enquanto se levantava –, mas a minha mãe e o meu pai acabaram de comprar um piano novo, então, agora vou poder praticar sempre que eu quiser.

– Verdade, querida? Bem, isso é maravilhoso. Só espero que você realmente faça bom uso dele, Victoria. Você tem muito talento, como eu já disse tantas vezes, mas precisa sempre, sempre, lembrar da palavra-chave...

“Disciplina” – pensou Victoria.

– ... disciplina – disse a senhora Stewart no momento exato. – Você precisa se disciplinar se realmente quiser ser uma boa pianista.

Victoria, de costas para a professora, balbuciou as mesmas palavras em perfeita sintonia com a senhora Stewart.

Embora ela fosse uma boa professora, e Victoria gostasse dela, a insistência no uso da palavra disciplina podia ser um pouco desgastante às vezes.

Dobrando suas partituras musicais e guardando-as na pasta, Victoria concordava com a ladainha da senhora Stewart.

– Certa vez eu tive uma aluna, bem antes da sua época, que poderia ter se tornado alguma coisa. Ela era extremamente talentosa, muito musical.

Ensiná-la era um verdadeiro prazer. Mas, infelizmente, ela perdeu o interesse, logo quando começou a progredir. Ela achava que, mais do que prazer, o estudo estava se tornando cada vez mais um trabalho cansativo. Foi uma pena, pois ela simplesmente não teve a disciplina para enxergar adiante.

Victoria arregalou os olhos para seus tênis.

“Sinceramente, se eu tiver que escutar essa história mais uma vez, eu acho que vou sair berrando por aí. Agora ela vai falar sobre ficar pensando em garotos e não se preparar direito para as aulas” – ela pensou.

– É claro que, como você sabe, o próximo passo foi ela parar de praticar e, então, ela parou de se preparar para as aulas, e escolheu em vez disso passar o tempo na lanchonete, para dar uma olhada nos rapazes que frequentavam o local.

Pontualmente levantando a manga para olhar o relógio, Victoria agarrou sua mochila e se voltou para a porta.

– Senhora Stewart, sinto muito, eu realmente não queria interrompê-la, mas preciso ir. Prometi para a minha mãe que a ajudaria a limpar o quarto de brinquedos hoje à noite. Desculpe, mas vejo a senhora na semana que vem.

– Ora, certo. Até lá então, querida.

Agora sentada no sofá, a senhora Stewart retirou os óculos para limpar as lentes, suspirou e esfregou os olhos.

– Meia hora até o próximo aluno – ela observou, olhando para o relógio sobre a lareira.

– Acho que vou tirar só um pequeno cochilo enquanto espero. – Colocando os pés na pequena banqueta diante dela, ela puxou a manta em volta do ombro e logo pegou no sono.

Mais tarde naquela noite, quando o jantar terminou e o último brinquedo das crianças tinha sido encaixotado no quarto de brinquedos, o pai sugeriu que Victoria tocasse *Pour Elise* para eles.

Ajeitando-se na banquetta do piano, Victoria começou a tocar. A princípio ela hesitou um pouco, depois, conforme ganhou confiança, as notas fluíram perfeitamente sob seus dedos.

O pai recostou-se em sua cadeira e fechou os olhos.

“É tão lindo” – ele pensava consigo mesmo, contente, enfim, com a compra do piano.

Então, de repente, a assombrosa melodia alterou o compasso. As notas que emanavam do piano se tornaram mais altas, mais rápidas e mais iradas. Para seu desespero, quando abriu os olhos e endireitou-se na cadeira, o pai viu que sua filha já não tocava mais o instrumento, mas estava retraída de susto, seus dedos suspensos no ar, embora a música continuasse a sair do instrumento.

Darryn pulava agitado.

– Está acontecendo de novo, está acontecendo de novo! – ele gritou.

A mãe ficou em pé e se dirigiu até a filha. Abraçou-a para reconfortá-la. Extasiadas, ambas contemplaram as teclas.

O piano parecia ter uma mente totalmente própria, e a família percebeu depois de algum tempo que tocava sempre a mesma melodia, só que algumas vezes mais rapidamente e, ao que parece, mais zangada outras vezes. Por fim, a apresentação parou, e os pais se viraram para olhar um para o outro.

– Será que é imaginação? Ou ilusão de óptica? – questionou a mãe.

– Eu acho que não. Há alguma coisa estranha acontecendo aqui, e nós precisamos descobrir o que é.

Capítulo 5

O Funeral

A mãe apertou as mãos da mulher de bochechas rosadas que estava diante dela.

– Ela era uma mulher realmente adorável. Dava alegria a muitas pessoas. Ela gostava de cantar e sempre tinha seu lugar marcado nos concertos mensais que realizávamos em casa.

A mãe sorriu para a diretora.

– Sim – ela concordou –, lembro-me dela cantando. Quando eu era menina, meu pai costumava me levar para visitar a tia Maud e às vezes ela cantava, só porque nós pedíamos, é claro, pois como a senhora sabe, ela não era de se gabar de nada.

As duas falavam carinhosamente da velha senhora. Quando ouviram a organista começar a tocar no interior da pequena capela anexa ao crematório, elas entraram.

“Eu estava certa sobre a quantidade de pessoas que viria” – pensou a mãe enquanto tirava as luvas e sentava.

Além dela, da diretora e do capelão, só mais três pessoas estavam na capela.

“Não é que Maud não fosse querida” – ela pensou consigo mesma. “Só que todos os amigos dela ou já faleceram, ou estão fracos ou doentes demais para virem ao funeral.”

Primeiro foi tocado um hino, depois o capelão disse algumas palavras sobre Maud e a pessoa que ela tinha sido. Quando terminou de falar, a

organista começou a tocar enquanto o caixão era colocado em outro local, atrás das cortinas de veludo pretas.

“Mas é a mesma melodia!” – pensou a mãe incrédula. “É exatamente a mesma melodia que o piano vem tocando em casa!”

Ela olhou para a organista, mas o rosto dela se mantinha impassível enquanto tocava cada nota.

Ela olhou o folheto com a orientação do culto que tinha sido entregue quando entrou na capela e leu rapidamente:

Hino: *O Senhor é o Meu Pastor*

Oração: Padre Christopher Blount

Solo de Órgão: *O Velho Carvalho*, por Jessica Perry

Ela interrompeu a leitura. Jessica Perry, ela conhecia esse nome. Imediatamente lhe pareceu familiar, mas de onde mesmo ela o conhecia?

As pessoas se levantaram e ela percebeu que o hino final estava sendo cantado. Ela guardou o folheto do culto na bolsa e acompanhou os outros na cantoria.

Mas foi só quando ela parou no farol de trânsito a caminho de casa que se lembrou.

“É claro, Jessica Perry, *enfermeira* Jessica Perry. Ela foi a parteira que ajudou no nascimento da Victoria cerca de 12 anos atrás, e ela também era professora de piano.”

Emily Houston lembrava-se bem dela, pois eram quase da mesma idade, e a enfermeira Perry a acompanhou num parto particularmente difícil. Ela parecia sentir quase o mesmo orgulho da criança recém-nascida, de rostinho vermelho e que não parava de gritar, que os próprios pais. Ela visitou a mãe e a filha todos os dias, durante os oito dias em que elas ficaram no hospital,

pois a mãe teve uma infecção de garganta e Victoria teve uma grave icterícia.

Despertada do devaneio pela buzina de um carro tocando atrás dela, a mãe percebeu que o farol já estava verde, então, ela engatou a primeira marcha e partiu. Ela não sabia que Jessica tinha músicas publicadas. Mas, e daí? Elas tinham perdido contato cerca de oito anos antes, quando Jessica foi transferida para outro hospital e se mudou do bairro. A mãe se perguntava se ela teria se casado algum dia. Ela sabia que Jessica estava muito ansiosa para ter seus próprios filhos, e que ela tinha sido muito carinhosa com a Victoria, visitando-a sempre que podia e nunca esquecendo um aniversário. Na verdade, tinha sido Jessica quem dera à garotinha seu primeiro piano, com apenas 3 anos de idade. Era um pianinho cor-de-rosa, com adesivos de animais em cada lado, e sobre cada tecla havia uma letra do alfabeto correspondente pintada. Usando o livreto que acompanhava o piano, a mãe ajudava Victoria a tocar as melodias que eram “soletradas” no livro, até que, gradualmente, Victoria conseguisse tocar por conta própria.

Ao chegar em casa, a mãe estacionou o carro na garagem e entrou.

O pai e as duas crianças estavam sentados à mesa da cozinha, e a mãe notou que havia alguma coisa errada, porque quase se ouvia o som do silêncio.

– Como foi, amor? – perguntou o pai enquanto a mãe tirava o casaco e deixava as chaves do carro.

– Tudo bem – ela respondeu, puxando uma cadeira. – Mas o que há de errado com vocês? Parece que estão em estado de choque...

– É o piano, mãe – Darryn disse num impulso, mal conseguindo se conter. – Desta vez ele tocou no meu lugar. Eu só estava praticando minhas escalas...

O pai franziu a testa na direção de Darryn.

– O que você estava fazendo? – ele questionou.

– Bem, eu estava prestes a praticar minhas escalas – ele corrigiu. – Eu queria tocar todas as notas pretas que conseguia com as mãos, e ao mesmo tempo alcançar os pedais. Foi quando aquilo começou novamente.

– O quê? – perguntou a mãe.

O pai limpou a garganta.

– O piano começou a tocar sozinho de novo, Emily, como fez antes, repetindo as notas sem parar.

– A mesma melodia? – perguntou a mãe.

– Não, dessa vez não – replicou o pai. Tentando sorrir, ele disse: – Acho que ele está tentando nos mostrar que tem mais de uma melodia em seu repertório.

A mãe olhou para Victoria.

– Você está bem? – ela perguntou, segurando a mão da filha.

– Sim, mãe, está tudo bem, obrigada. Fiquei assustada, pois estava achando que era só eu quem fazia o piano tocar. Porém, hoje era o Darryn quem tocava quando o piano assumiu o controle totalmente. Mas agora estou curiosa de verdade. Gostaria realmente de saber o que está acontecendo.

A mãe pegou o folheto do culto de sua bolsa e colocou-o sobre a mesa da cozinha.

– Tudo bem – ela disse. – Por enquanto, a história é a seguinte...

E ela contou a todos o que sabia a respeito da enfermeira Jessica Perry.

– É claro que eu me lembro dela – disse o pai. – Mas o que será que isso tudo quer dizer? Você acha que compramos um piano que pertenceu a ela? Um piano mal-assombrado que só toca melodias dela?

Olhando para o rosto jovem do filho, arregalando os olhos a cada palavra que o pai dizia, a mãe sacudiu a cabeça em direção ao pai.

– Mas é claro que não – ela disse. – Quer dizer, a pessoa precisa estar morta para poder assombrar coisas ou pessoas, não é mesmo? E pelo que eu sei, Jessica está viva, bem de saúde, e mora a algumas centenas de quilômetros daqui.

Quase para si mesma, ela acrescentou calmamente: – Mas isso não explica por que não recebo uma carta ou um cartão dela há anos.

Então, reparando que todos os olhares estavam vidrados nela, ela se recompôs e deu um pequeno sorriso.

– Ora, parem com isso, não é tão grave assim. Não quero assustar ninguém. Com certeza a enfermeira Perry não tem nada a ver com isso.

– Não estamos assustados, mãe – disse Darryn corajosamente. Mas, para falar a verdade, palavras como “morta” e “assombrar” não eram as favoritas dele. Ele pensava se não seria melhor dormir no quarto da Victoria naquela noite sem ela saber disso!

– Certo – disse o pai, levantando-se para abrir a porta do forno. – O jantar deve estar quase... Essa não!

– O que foi? – perguntou a mãe, virando-se para o marido.

– Acho que a carne assada que você me pediu para fazer passou só um pouquinho do ponto... – A carne assada retirada do forno estava preta e praticamente irreconhecível.

– Mas eu deixei por escrito para você “assar por uma hora a 180°C” – disse a mãe.

– Ah, então era 180°C? – Ele jogou no lixo a comida queimada antes de acrescentar: – Achei que era 280°C.

A mãe abriu a gaveta da cozinha e pegou um folheto de menu.

– Tudo bem, gente, quem quer pizza?

Capítulo 6

Leite e Biscoitos

Victoria bateu seu despertador, viu que era uma hora da manhã e imaginou o que a teria acordado. Então, ela percebeu que não estava sozinha na cama.

“Darryn!” – ela pensou, olhando para o rosto adormecido dele. “Quando será que ele veio?” – E ele não parecia um anjo dormindo!

Ela voltou a se deitar e fechou os olhos, mas o sono tinha sumido. Ela se virou, revirou e se enfiou embaixo do travesseiro, mas nada adiantou. Por fim, decidiu que estava com sede e levantou-se da cama. Calçou os chinelos, colocou o roupão e se arrastou em silêncio pelo corredor até a escada.

– Victoria – escutou quando pisou no segundo degrau. Ela gelou.

“Com certeza o piano não pode falar assim!” – ela pensou. Seu coração saltava dentro do peito. Então, levantou lentamente seu pé para continuar a descida, quando ouviu a voz novamente.

– Victoria!

Dessa vez, porém, reconheceu que a voz pertencia ao irmão. Virou-se e viu que ele a procurava no escuro.

– Sssh – ela colocou os dedos nos lábios, depois de estender a mão para cima e acenar para ele acompanhá-la.

De mãos dadas, as duas crianças se arrastaram silenciosamente escada abaixo e seguiram para a cozinha. Sentadas na mesa com copos de leite e

pratos de biscoitos, as crianças mantinham a voz baixa enquanto conversavam.

– Não podemos acender a luz? – Darryn perguntou à irmã.

– Não – ela replicou. – Não queremos acordar a mamãe e o papai. A lua está bem clara hoje à noite, assim, não vamos precisar da luz acesa.

– Quando e por que motivo você foi para a minha cama? – perguntou Victoria. – E pare de fazer isso!

Darryn parou de tirar o recheio de chocolate do biscoito e tomou um grande gole de leite.

– Nenhum motivo – ele mentiu. – Senti apenas um pouco de frio, só isso.

– Frio? – disse Victoria, desconfiada. – No meio de uma das primaveras mais quentes de todos os tempos, você estava com frio? Fale a verdade, Darryn, você estava com medo, não é mesmo?

– Medo? Medo do quê? – ele gaguejou. – Não estava com medo, Victoria. Como eu disse, estava apenas com frio.

– Tudo bem, Darryn – a irmã ficou com pena, lembrando-se que ele tinha apenas 6 anos de idade e que ela própria tinha ficado assustada quando o piano tocou pela primeira vez. – Veja, se eu admito que estou só um pouquinho assustada, você também pode admitir. Prometo não contar nada ao Simon. De qualquer forma, aposto que se isso tivesse acontecido na casa dele, ele estaria se esgoelando feito um bebê, de tanto medo!

Imaginar o Simon, seu melhor amigo, que sempre fazia a parte do herói seja qual fosse a brincadeira, se esgoelando como um bebê, animou bastante o Darryn.

Tão rapidamente quanto ele sorrisse, porém, uma face preocupada tomou conta de seu rosto.

– Victoria – ele começou.

– Sim.

– Você me acharia um bobo se eu dissesse uma coisa sobre o piano?

– Não, é claro que não – Victoria comentou, olhando para seu prato vazio. – O que é?

– Bem – Darryn começou a falar lentamente –, sabe essa tal de enfermeira Jessica que a mamãe falou, e como o piano fica tocando suas melodias...

– Sabemos que uma das melodias é dela – disse Victoria.

– Bem, você não acha possível que, talvez...

– Darryn, desembucha! – a irmã começou a perder a paciência. – Vamos, quero voltar para a cama, então, diga logo o que está pensando.

– Promete que não vai rir?

Suspirando, Victoria levantou o copo e o prato da mesa e foi até a pia.

– Vou para a cama – ela disse.

– Certo, tudo bem, eu vou falar – disse Darryn. A irmã voltou a sentar-se.

– Eu acho que a enfermeira Perry foi assassinada e o corpo dela foi colocado dentro do piano. Agora, ela fica tocando as melodias para nos avisar que o corpo está lá – ele disse.

Victoria ficou chocada.

– Assassinada? Colocaram o corpo lá dentro? Não admira que você não consiga dormir, Darryn, com toda essa imaginação fértil, com todos esses pensamentos horrorosos...

– Eu sabia que você não acreditaria em mim – o irmão suspirou.

– Bem, vamos pensar nisso, Darryn – ela disse, um pouco mais delicada desta vez. – Isso é um pouco forçado. Mas, então, se você contar para

alguém que um piano toca sozinho, todo mundo vai achar isso uma coisa forçada, não é mesmo?

As duas crianças sentaram-se calmamente por um tempo.

– Você quer ir lá e ver? – arriscou Victoria.

Darryn ficou calado por um instante, então, ele disse: – Acho que sim. Não sei como alguém pode dormir nesta casa, quando o corpo de uma pessoa morta pode estar dentro do nosso piano!

Capítulo 7

O Corpo

A casa estava em completo silêncio enquanto as duas crianças moviam-se cuidadosamente pelo salão. Um pouco antes de alcançarem o quarto de brinquedos, Victoria pisou em alguma coisa pontuda e teve que segurar um grito.

– Algo errado? – perguntou Darryn.

A irmã se curvou e pegou um dinossauro de plástico.

– Isto aqui está errado – ela reclamou com ele. – Quando é que você vai aprender a guardar os seus brinquedos?

Cambaleando, ela colocou o dinossauro embaixo do braço, pretendendo atirá-lo em uma caixa no quarto de brinquedos.

As duas crianças entraram no quarto.

– Você trouxe a lanterna do papai? – perguntou Darryn.

Victoria confirmou e mostrou a lanterna na mão esquerda. As duas crianças caminharam para o outro lado do quarto, onde o piano ficava.

– Tudo bem. Não vamos conseguir ver nada a menos que fiquemos de pé em cima da banquetta – disse Victoria. Puxando a banquetta para perto, tentando fazer o menor barulho possível, ela acenou para Darryn subir. – Vamos subir nela, nós dois. Depois um de nós levanta a tampa e o outro acende a lanterna, para enxergarmos lá dentro.

Darryn andou até a banquetta para fazer o que a irmã dissera. Como ele queria ter ficado de bico calado! Agora, estava morrendo de medo. O quarto de brinquedos ficava muito diferente ao luar. Cada caixa de brinquedos

parecia esconder alguma coisa terrível atrás de si, e ele deu um pulo ao avistar um ser imenso refletido na parede. Olhando melhor, percebeu que era um de seus bonecos. Era um com crânio verde e amarelo no lugar do rosto, e pedaços de carvão incandescentes, vermelhos e brilhantes como brasas, onde deveriam ficar os olhos. Engraçado como aquilo parecia tão ameaçador quando ampliado em seis vezes o tamanho normal!

Com o coração saindo pela boca, ele subiu na banqueta. De repente, ouviram o barulho de uma batida na janela.

– O que foi isso? – ele se agarrou na irmã, quase deslocando os dois para fora do instável banquinho.

– Foi só o vento – ela cochichou, virando para a janela.

Ele viu que a janela estava aberta e que a cortina esvoaçava, fazendo com que as lâminas da persiana estralasse contra a vidraça da janela. Ele se reequilibrou e pegou a lanterna que a irmã segurava na direção dele.

– Pronto? – ela perguntou.

Ele concordou sem muita convicção. “E se tiver algum corpo aí?” – ele pensou consigo mesmo. “E então?”

Victoria se inclinou para a frente e começou a levantar a tampa. Desta vez, o som da batida foi mais alto. Só que agora o barulho mais parecia algo se debatendo. Ela olhou de volta para o irmão.

– Ouviu isso? – ela cochichou.

Se ele tinha ouvido?! Ele estava petrificado! Não tinha sido o vento coisa nenhuma! Era o corpo dentro do piano, ele sabia que sim, debatendo-se desesperadamente em seu túmulo de madeira, tentando sair! Ele sabia disso o tempo todo!

Capítulo 8

Mistério Resolvido?

Na pressa para descer da banqueta, ele deixou a lanterna cair. Ao tentar pegá-la antes que batesse no chão, perdeu completamente o equilíbrio. Então, ele se agarrou na perna da irmã, tentando se salvar. Victoria tentou se segurar no piano para evitar que ela mesma caísse, mas a tampa parcialmente levantada fechou em cima de seus dedos, fazendo com que ela soltasse um grito horripilante, de gelar o sangue.

Minutos mais tarde, o pai escancarou a porta do quarto de brinquedos e acendeu a luz. Ele não acreditou no que via. Victoria, com lágrimas escorrendo pelo rosto, estava ajoelhada no chão, cuidando dos dedos que incharam rapidamente. O irmão, nesse meio-tempo, caiu deitado não longe dela, com a perna retorcida desconfortavelmente embaixo dele.

– Mas o que está acontecendo aqui? – ele perguntou, ciente de que parecia estar repetindo demais essa mesma pergunta ultimamente.

Victoria tentou falar, tomando ar entre os soluços que a sufocavam.

– Oh, papai, desculpe. Estávamos apenas tentando olhar dentro do piano, não queríamos acordar você, mas acabamos criando essa confusão toda aqui. Ai, meus pobres dedos, acho que estão quebrados! – ela berrava.

Agora, a mãe tinha se juntado a eles no quarto de brinquedos e ajudava o Darryn a se sentar.

– Está tudo bem? Acha que consegue se levantar? – ela perguntou ao filho, também em lágrimas.

– Eu provavelmente me quebrei em uns cinco lugares! – ele se lamentava.

– Fique calmo agora – a mãe falou. – Segure minhas mãos e tente se levantar, meu bom garoto.

Com cuidado e apoiando-se fortemente na mãe, o menino conseguiu ficar em pé.

– Ai, como dói, mamãe, dói mesmo, de verdade!

– Tudo bem, querido, eu sei disso, mas apenas segure firme em mim e tente subir alguns degraus. – A senhora Houston podia dizer que, embora Darryn estivesse machucado, não estava com a perna quebrada. “Graças a Deus por isso” – ela disse para si mesma.

Nesse meio-tempo, o pai ficou balançando a cabeça enquanto examinava os dedos da filha.

– Victoria, Victoria, o que vamos fazer com você? – ele segurava as mãos dela delicadamente. – Venha cá, vamos secar as suas lágrimas, e você vai me contar o que aconteceu.

Em meio a soluços abafados, Victoria relatou a história para o pai incrédulo.

– E, então, ouvimos o barulho de algo se debatendo, e Darryn deixou a lanterna cair e... – Ela parou e virou para o piano. – Ouçam, aí está, de novo.

Toda a família escutou. E, com toda certeza, um estranho barulho parecia vir do canto onde o piano ficava. Darryn se aproximou ainda mais da mãe, apertando involuntariamente com mais força os dedos dela.

– Vejam – ele quase acusou a irmã. – Eu falei que não era o vento. Tem alguma coisa dentro do piano!

Quando o pai se levantou e foi olhar mais de perto, o som veio novamente. Mas desta vez, de trás do piano, e não de dentro.

– Dê uma ajuda, amor – ele disse para a esposa e, então, ambos empurraram uma ponta do piano para longe da parede.

– Aqui está o cadáver – ele sorriu. Um pequeno pássaro estava ali no canto do quarto.

– É só um filhote – disse a mãe. – Há um ninho deles do lado de fora da janela do nosso quarto. O pobrezinho deve ter voado por essa janela aberta e não conseguiu mais encontrar o caminho de volta.

Com a perna machucada quase completamente esquecida, Darryn se juntou aos pais, que observavam o pobre passarinho.

– Está ferido? – ele perguntou.

– Acho que não, filho – replicou o pai.

– Está apenas um pouco tonto e provavelmente muito assustado. Vou tentar pegá-lo e, então, ele poderá voltar para o ninho.

A pequena ave, ainda sem ter a noção de que podia simplesmente bater as asas e sair voando, saltitou em voltas no chão com medo quando viu o imenso gigante se aproximar.

Por fim, o pai ergueu o passarinho e, depois de verificar se não havia nada de errado com ele, escancarou a janela e deixou que ele partisse.

– Agora ele vai ficar ótimo. Poderá voltar para sua família, sem nenhum mal a lamentar, eu acho.

Ele se virou e viu a mãe esfregando delicadamente os dedos de Victoria.

– Cadáveres, realmente... – a mãe delicadamente debochou dela. – E você vai fazer o exame na próxima semana. Ainda bem que não quebrou os dedos. Vamos esperar que o inchaço baixe logo.

Victoria suspirou e acenou com a cabeça concordando.

– Foi uma bela bobagem, eu acho. Quer dizer, a gente *podia* esperar até de manhã, não é mesmo?

Ela olhou para o irmão que examinava a perna atrás de contusões, cortes e outras coisas mais que pudesse exibir para o Simon.

– Não sei se vou conseguir ir à escola amanhã – ele anunciou.

– Tudo bem, veremos isso de manhã – sorriu a mãe bastante aliviada, pois ninguém parecia ter sofrido nada de mais, a não ser escoriações leves e orgulho ferido. Abraçando as duas crianças, ela virou-as em direção à porta e as guiou para a cama, no andar de cima.

– Agora já para a cama, ou amanhã todos vamos perder a hora.

– Está bem. Mãe, pai, boa-noite! – eles se despediram em coro e voltaram cansados para o andar de cima.

– Mas que noite! – ela virou-se para o marido. – Corpos mortos em pianos... Eu quero dizer que é ridículo até de se dizer em palavras – ela bocejou sonolenta. – Venha cá, vamos deitar. Estou exausta.

– Sim, já estou indo, querida – o pai concordou.

A mãe saiu do quarto, mas quando colocou o pé no terceiro degrau, notou que o pai não a seguia. Ela voltou e empurrou a porta do quarto de brinquedos.

– Roger... – ela começou, mas parou quando percebeu o marido acendendo a lanterna dentro do piano.

Olhando para ela, ele sorriu timidamente. – Estava só checando – ele disse.

Capítulo 9

A Casa das Árvores

Na manhã seguinte, todos sentaram-se sonolentos à mesa para o café da manhã.

– Estou tão cansada – disse Victoria. – Acho que só dormi umas quatro horas.

– Eu sei, querida – a mãe sorriu. – Nós todos nos sentimos do mesmo jeito. Podemos dormir cedo hoje à noite, depois que voltarmos da Casa das Árvores.

– O que é a Casa das Árvores? – perguntou Darryn, olhando curioso para a mãe.

– É uma casa que o seu pai e eu fomos ver, e que gostaríamos que vocês também vissem antes de decidirmos alguma coisa.

– Decidir o quê? – perguntou Victoria, olhando para um e para outro.

– Se vamos comprar ou não – disse o pai.

– É uma bela casa, eu sei que os dois vão gostar. É muita sorte termos a oportunidade de comprá-la.

Victoria parou de comer.

– Comprar outra casa? Quer dizer: sair da nossa casa?

Por quê? Quando? Eu não quero sair daqui – ela se voltou para a mãe. – Você também quer fazer isso? – ela perguntou. – Pensei que você gostasse daqui!

A mãe olhou ansiosa para o pai e depois voltou a falar com Victoria.

– É uma casa adorável, querida, com um jardim imenso. Espere só até você ver – ela disse de maneira tranquilizadora.

Victoria empurrou o prato diante dela.

– Não quero mudar para uma casa nova – ela disse aborrecida. – Eu quero ficar aqui.

Darryn se aproximou do prato da irmã.

– Não vai comer o bacon? – ele perguntou, já levando a comida à boca.

Victoria olhou para ele entediada.

– Às vezes você é muito grosso – ela disse. – Nem presta atenção no que está sendo conversado.

– Claro que sim – ele disse. – Só que eu... Ei, por que está fazendo isso? – ele disse zangado à Victoria, que tinha tapado com a mão a boca dele e olhava de olhos arregalados para a porta da cozinha.

– Silêncio – ela disse a ele. – Acalme-se. Escute.

Todos se calaram, e puderam ouvir, claramente, o som do piano sendo tocado alto e furiosamente.

– Essa não, de novo! – o pai balançou a cabeça e se levantou.

A mãe e as duas crianças o seguiram e foram

para o quarto de brinquedos. O pai abriu a porta, e mais uma vez a família assistiu ao piano e escutou a melodia agora familiar.

O piano se debatia e martelava. As vibrações faziam o instrumento se mover ligeiramente pelo chão. As crianças ficaram perto dos pais, com medo dos sons enraivecidos e da tensão que dominava o quarto. Por fim, o piano pareceu dar sinais de cansaço, mas continuou a tocar, mais tranquilo agora, e as crianças ficaram com menos medo.

– Será que você vai ficar bem estando sozinha em casa? – perguntou o pai.

– É claro que vou – replicou a mãe. – Não se preocupe comigo. Você precisa trabalhar e eu vou levar as crianças para a escola. Vai ficar tudo bem. Que mal um piano pode me fazer?

– Que bom que você está segura. É que tudo isso é muito estranho... – ele olhou o relógio. – Eu realmente tenho que ir, mas venho buscar todos hoje às seis da tarde para irmos até a Casa das Árvores.

Mas, como se reagisse a algum tipo de sinal, o piano mais uma vez explodiu se debatendo e martelando furioso, quase no mesmo instante da menção ao nome da casa nova.

– Uau! – disse Darryn. – Está ficando maluco novamente!

O pai fechou a porta e levou a família para longe do barulho. Quando voltaram para a cozinha, a mãe estava pensativa.

– Vou ligar para a Jessica hoje – ela disse. – Não sei se ela vai conseguir ajudar ou não, mas acho que vale a pena tentar, não é mesmo?

– Mas você não faz ideia de onde ela mora – disse o marido.

– Não, mas sei onde ela trabalha. Vou ligar para o hospital – ela replicou.

Capítulo 10

Notícias da Enfermeira Jessica

Quando o pai chegou em casa naquela tarde, logo depois das seis horas, a mãe e as duas crianças estavam aguardando. Victoria parecia desesperadamente infeliz, mas todos embarcaram no carro, e eles partiram em direção à grande casa.

– Como foi o seu dia? – a mãe perguntou ao pai, distraída.

– Tudo bem – ele replicou. – E o seu? Deu sorte no contato com a Jessica?

A esposa suspirou e relutou, pois não queria aborrecer as crianças, mas elas já sabiam tanta coisa que pouco importava esconder algo.

– Liguei para o hospital de manhã e perguntei se podia falar com a enfermeira Jessica Perry. A moça perguntou quem eu era, e depois me colocou para falar com a enfermeira-chefe – ela disse. – Ela está morta, Roger, *Jessica está morta!* – a mãe mordeu os lábios e olhou para as mãos. – Faz oito anos, e parece que foi pouco depois que ela se mudou. Foi horrível, como você sabe, não imaginava ouvir isso a respeito dela, pobre Jessica.

Ao chegar no sopé da colina que levaria a família até a Casa das Árvores, o pai estacionou o carro e desligou o motor.

– O que aconteceu? – ele perguntou à esposa calmamente.

– Um acidente de carro – ela disse lentamente.

– Um estranho acidente de carro. Um caminhão fora de controle foi direto para cima dela. Ela morreu na hora, aparentemente sem sofrimento.

Então, acho até que foi uma bênção.

O marido sacudiu a cabeça.

– Isso é terrível, Emily. Lamento muito.

– Eu sei, que perda trágica – a mãe concordou. – Ela estava a caminho da editora, pelo que a enfermeira disse. Ela havia revelado sua ambição musical apenas um dia antes. Ao que parece, havia terminado uma nova peça de música e foi à editora no dia de folga para mostrá-la e ver o que achavam. Então, liguei também para a editora. A enfermeira só lembrava parte do nome da empresa, mas consegui encontrá-lo na lista telefônica. Disse que recentemente ouvi *O Velho Carvalho* e queria saber se Jessica Perry tinha composto mais alguma coisa. O rapazinho que atendeu foi muito gentil, e me contou que ela possuía outra obra publicada, *La Niña Hermosa*. Esse título aparentemente está em espanhol e quer dizer *A Menina Bonita*. A mãe dela era de origem espanhola – ela acrescentou explicando.

Ela fez uma pausa por um momento, para observar os filhos no espelho. Os dois escutavam atentamente, aguardando para ouvir o que ela diria em seguida. Ela limpou a garganta.

– Então, assim mesmo, perguntei se ele poderia me enviar cópias das duas peças de música. Tenho quase certeza de que o piano toca quase sempre, e com mais fúria, *O Velho Carvalho*, e posso apostar que *La Niña Hermosa* deve ser a outra. De qualquer forma, vamos esperar para ver, não é?

Ela forçou um sorriso.

– Tudo bem com todos? Agora, vamos lá, vocês dois, não fiquem assim tão mal-humorados. Logo nós vamos resolver esse mistério de vez, e a vida vai voltar a ser chata e tediosa novamente!

Inconscientemente, Darryn se moveu para mais perto da irmã no banco traseiro, e segurou a mão dela.

– Ai, Darryn, não aperte tanto – ela reclamou. – Os meus dedos ainda estão doendo por causa do acidente com a tampa do piano, que por acaso foi culpa sua!

Darryn soltou a mão zangado.

– Desculpe – ele resmungou. – Eu esqueci.

O pai girou a chave na ignição, deu a partida e retomou o caminho.

– Vamos esperar a chegada das partituras musicais para ver se são as mesmas melodias e, então, decidimos o que fazer.

Capítulo 11

A Visita à Casa das Árvores

Alguns minutos depois, eles chegaram à casa. O velho senhor, sentado na estufa como de costume, levantou a mão em sinal de cumprimento. Darryn bateu a porta do carro e olhou espantado.

– Mas o jardim é enorme, pai. Podemos jogar futebol. O Simon jamais vai me encontrar aqui no jogo de esconde-esconde. Uau! Quando mudamos?

Victoria olhou para ele.

– Traidor – ela disse. – Você não tem nenhum sentimento de lealdade pela sua casa? Você é tão leviano que acha que pode ficar mudando pra lá e pra cá só para brincar de esconde-esconde?

Ela se zangou e colocou as mãos na cintura, furiosa.

A senhora Houston colocou a mão delicadamente sobre o ombro da filha.

– Venham todos, vamos ver lá dentro. E não seja tão dura com o seu irmão, Victoria, ele *só tem* 6 anos de idade, lembra?

A mãe e Victoria caminharam em direção à porta da frente, com o pai seguindo de perto.

– Papai, papai – gritou Darryn, correndo para acompanhá-los. – O que quer dizer leviano?

Mesmo Victoria, zangada e infeliz, teve que admitir que a casa era bonita. O velho senhor era adorável e instruiu a família a circular livremente para explorar os cômodos.

Embora, obviamente, ele fosse incapaz de acompanhá-los pela casa, disse a todos que guardassem as perguntas que ele as responderia depois. A irmã do velho homem servia café e bolo, enquanto ele falava carinhosamente sobre a casa da família e detalhava sua história.

Embora estivesse determinada ao oposto, Victoria sentiu-se atraída pelo velho senhor Lawrence e sua casa. Darryn estava prestes a devorar a quarta fatia de bolo quando um olhar de seu pai o fez retirar a mão e voltar para seu lugar.

– E então? – começou a senhora Williams, filha do senhor Lawrence. – O que acham?

– Ora, estamos muito impressionados – respondeu a mãe.

– É uma casa adorável, você deve ter gostado de morar aqui quando era criança.

– Sim, de fato – a senhora Williams sorriu. – Tenho muitas lembranças felizes, devo reconhecer, mas você não pode viver no passado para sempre. Chega um momento em que você simplesmente precisa mudar. Não é verdade, pai?

O senhor Lawrence virou-se da janela para olhar a filha. A esposa tinha morrido há quase dez anos e agora ele sabia que não conseguiria ter a expectativa de ficar nessa casa por muito mais tempo. Elizabeth, a filha, tinha sido muito boa para ele todos esses anos, e ele sabia que fazia sentido mudar-se para morar com ela e o marido em um condomínio moderno na cidade.

– Sim, querida, você está certa. Nós todos temos que mudar em algum momento na vida. – Ele apressadamente enxugou uma lágrima antes que alguém reparasse e esboçou um leve sorriso. Tinha gostado daquela família, e a ideia deles morarem em sua preciosa casa não o incomodava muito.

“Vão trazer a vida novamente para este lugar, com o som de crianças correndo pela casa” – ele pensou. Ajustando o cobertor franzido sobre as pernas, ele se inclinou para a frente na cadeira de rodas. – E então, rapazinho, que tal aquela quarta fatia de bolo? – ele ofereceu o prato para Darryn.

Darryn e Victoria sentaram-se no banco de madeira do lado de fora da casa enquanto a mãe e o pai se despediam.

– Ainda temos que colocar a nossa própria casa à venda, se é que você entende – o pai disse. – Mas estamos muito interessados nesta aqui.

O senhor Lawrence e sua filha concordaram.

– Eu ficaria muito feliz de ver você e sua família morando aqui – o velho homem disse.

– Sei ser um bom perdedor – ele sorriu para a filha, que o pegou pela mão.

– Foi muito bom conhecer vocês – ela disse para a família. – Esperamos nos reencontrar em breve.

– Vamos manter contato, e entenderemos se outro comprador aparecer e vocês tiverem que vender a eles. Afinal de contas, vocês não podem nos esperar para sempre! – disse o pai.

– Eu tenho a estranha sensação de que fecharemos negócio, meu rapaz – disse o senhor Lawrence enquanto girava sua cadeira de rodas e voltava para dentro.

Victoria e Darryn correram para se juntar aos pais na entrada da garagem. Eles acenaram despedindo-se do senhor Lawrence, que agora estava de volta à estufa, e Darryn parou e se agachou para pegar algumas

flores pelo caminho. Ele olhou para cima e teve que proteger os olhos do sol.

– Mas que árvore enorme – ele falou, quando viu o imenso carvalho à esquerda da estufa.

– Sim – a irmã concordou –, deve estar aí há séculos! Venha, vamos para o carro, a mamãe e o papai estão esperando.

Capítulo 12

A Música Chega

O inchaço dos dedos de Victoria desapareceu depois de alguns dias, e ela reassumiu sua posição na banquetta para praticar o piano. A música que a mãe havia pedido para ser enviada pela editora só chegou três dias depois, tempo durante o qual o piano ganhou vida em várias ocasiões. Às vezes, ele tocava delicadamente, quase suavemente, mas em outras vezes, todo o quarto de brinquedos parecia trepidar com sua fúria. Estranhamente, a manhã em que o corretor da imobiliária passou para tirar fotografias da casa foi uma das vezes em que o piano tocou de maneira mais alta e mais violenta. Quando ele começou a martelar a placa de “Vende-se” no jardim, o barulho do piano era quase ensurdecedor.

– A minha filha está praticando para o exame – o pai resmungou desculpando-se com ele. – Temo que ela esteja com a mão um pouco pesada.

O homem olhou para ele de um jeito estranho, ou talvez fosse imaginação do pai, e logo depois foi embora.

É claro que, assim que o carro dele sumiu de vista, a furiosa tocata parou.

Embora desolados, os membros da família acabaram se acostumando com a música que enchia a casa. Cada um tentava não deixar que aquilo interferisse muito em sua vida. A mãe era a primeira a descer toda manhã. Verificava o correio, pois sentia que de alguma maneira a chave de todo esse mistério estava contida naquelas partituras musicais. Quando o último

grande envelope marrom foi tirado da caixa do correio, a mãe estava com um pouco de medo de abri-lo. Victoria avistou-o encostado na torradeira quando desceu para o café da manhã.

– A música chegou, mãe? – ela perguntou.

– Acho que sim, meu amor. Sinto-me um pouco incomodada em abrir isto.

– Então, deixe comigo – disse a filha. Victoria rasgou o envelope e olhou os papéis enviados. – É isso mesmo, tudo certo, mãe. *O Velho Carvalho* e *La Niña Hermosa*. – Victoria arregalou seus imensos olhos para *O Velho Carvalho*. – É definitivamente a mesma melodia – ela disse à mãe enquanto lia as notas. – Eu já ouvi tantas vezes que acho até que poderia escrever as notas por conta própria.

– Venha cá, mãe, vamos para o quarto de brinquedos. Eu mesma quero tentar tocá-las.

As duas foram para o quarto de brinquedos e Victoria ocupou seu lugar na banquetta. Com um pouco de medo, sem saber direito por que, a mãe ficou ao lado da filha e a assistiu tocar. Victoria tocava como se ela própria tivesse feito a composição de ambas as melodias, sem nenhuma hesitação, apenas uma confortável familiaridade que emprestou um delicioso fluxo para a música. Quando terminou, ela se voltou para a mãe e deu um sorriso triste. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Ela deve ter sido uma bela pessoa, mãe, para ser capaz de escrever esta bela música. – A mãe sorriu concordando, bem na hora em que a porta rangeu e foi escancarada. O pai e Darryn entraram.

– Não tínhamos certeza se era o piano ou vocês – disse o pai ironicamente. – Então, como nenhuma de vocês estava na cozinha, achamos que deviam ser vocês.

Ele viu os olhos da filha cheios de lágrimas e olhou interrogativamente para a esposa.

– Então, a música de Jessica chegou? – ele perguntou.

– Sim, agora pela manhã. É muito bonita, basta ser tocada no tempo musical certo! Vamos, Victoria, chega de música por enquanto – ela delicadamente puxou a filha para perto de si. – Vá tomar banho, querida, e fique pronta para a escola. Podemos ver a música novamente depois.

Victoria saiu do quarto, seguida dos pais.

– Venha, Darryn, você também – disse o pai.

– Já vou indo. Acabei de encontrar um brinquedo que perdi há meses – respondeu Darryn. Quando passava pelo piano para alcançar a caixa de brinquedos, ele reparou que as teclas do instrumento brilhavam e reluziam mais do que o normal. Curioso, ele pegou seu brinquedo e foi olhar o piano mais de perto. Ele tocou nas teclas aleatoriamente e ficou admirado ao descobrir que seus dedos estavam umedecidos! Pulou para trás, e decidiu dar o fora do quarto o quanto antes. Quando fechou a porta atrás de si, ele deu de ombros.

“Se eu não fosse esperto, podia jurar que o piano estava chorando!” – ele pensou.

Capítulo 13

Uma Tempestade se Forma

– Victoria, onde está você? – gritou a mãe, do corredor.

– Aqui em cima, mãe, no meu quarto – a filha falou. Victoria apareceu no topo da escada e inclinou a cabeça sobre o corrimão.

– Pode descer um minuto, querida? Estou de saída, mas preciso falar com você antes.

Victoria desceu e foi com a mãe até a varanda da frente.

– Eu vou ao supermercado agora. Tem certeza de que não quer ir? – A filha negou com a cabeça.

– E nem o Darryn – disse a mãe. – Tudo bem, então. Que horas são agora? – ela olhou no relógio. – Seis horas, certo. Vou sair agora e devo estar de volta lá pelas sete e meia. O papai vai demorar por causa de uma reunião, mas deve chegar em casa quase no mesmo horário que eu. Tudo bem? Darryn está brincando com o Simon lá fora. Vou dizer a ele para não ir muito longe e para fazer o que você mandar.

Ela levantou as sobrancelhas intrigada e fez esta observação. – Agora, onde estão as chaves do meu carro?

Assim que o carro da mãe deixou a entrada da garagem, o telefone tocou. Victoria atendeu. Era o pai.

– Alô. Victoria? Posso falar com a sua mãe, por favor?

– Ela acabou de sair, pai. Foi ao supermercado.

– É mesmo? – houve silêncio por um momento. – Olha, Victoria, parece que a reunião pode demorar um pouco mais do que eu pensei, então, não

vou chegar em casa antes das oito e meia.

– Tudo bem, pai, aviso a mamãe quando ela voltar.

– Obrigado, querida, desculpe por isso. Vocês ficarão bem?

– É claro que sim – ela tomou outro gole do refrigerante que tinha pego da geladeira. – Mamãe só vai chegar em uma hora, e você às oito e meia. Não se preocupe pai, estaremos bem.

Depois de se despedir do pai, Victoria colocou o telefone no gancho e foi para a sala de estar. Ela olhou para fora da janela para ver se Darryn ainda brincava no jardim, depois olhou para ver se a janela estava aberta. O calor tanto dentro como fora de casa era insuportável para aquela época do ano. A janela estava aberta, assim como todas as outras janelas da casa, mas ainda não parecia circular nenhum ar. Victoria tomou o que sobrou do refrigerante e voltou ao andar de cima para terminar a lição de casa.

– E agora, será que precisamos de cereal matinal, ou não? – a senhora Houston murmurou para si mesma no supermercado. De qualquer maneira, ela pegou uma caixa e foi para o caixa.

– Está escurecendo demais lá fora – disse uma mulher na fila. – Parece até um eclipse – ela comentou com a garota do caixa.

A moça continuou a registrar as mercadorias colocadas na esteira do caixa e concordou com a cabeça distraidamente. A senhora Houston olhou para o céu e ficou chocada ao ver como tinha escurecido desde que entrara na loja. Olhou o relógio. Eram sete e quinze da noite. Ela esperava que Darryn tivesse ido para dentro de casa, pois agora ela temia que talvez uma tempestade estivesse se formando. Havia certamente alguma coisa no ar. Ela precisava chegar logo em casa, de qualquer maneira. E seria a próxima na fila.

A mulher da frente pegou seu talão de cheques, quase na mesma hora em que a fita de papel da impressora da entediada garota do caixa acabou. A senhora Houston suspirou.

“Por que eu sempre entro na fila errada, e por que isso sempre acontece quando estou com pressa?” – ela pensou.

Capítulo 14

A Tempestade

Darryn *tinha* entrado em casa, não por causa da ameaça de tempestade lá fora, mas porque Simon tinha sido chamado pela mãe e Darryn tinha se cansado de ficar no jardim sozinho. Ele foi para o quarto da irmã no andar de cima e entrou sem bater.

– Quantas vezes eu já disse para você bater? – ela falou, sem mudar de posição na cama. Estava deitada de bruços, lendo um livro da biblioteca e ouvindo um CD.

– Desculpe – resmungou Darryn automaticamente, mas não deu a mínima. Ele não se importava com quem entrasse em seu quarto e certamente jamais pensaria em pedir para alguém bater antes de entrar.

– Estou com fome – ele disse à irmã.

– Hum, novidade! – ela falou, ainda sem levantar a cabeça. – Por que não pega um pacote de batatinha frita?

– Não tem nenhum – ele replicou. – Espero que a mamãe traga um monte do supermercado.

– Na verdade – disse Victoria, encostando o livro –, também estou morrendo de fome. Vamos ver o que podemos fazer no micro-ondas!

Lá embaixo, na cozinha, Victoria teve que acender a luz.

– Não acredito que escureceu assim tão cedo – ela disse. – São só sete horas. – Ela olhou para fora da janela para ver o céu. – Eu realmente espero que não venha nenhuma tempestade.

Darryn voltou das profundezas do *freezer* com um pacote em cada mão.

– O que você quer? – ele perguntou. – Panquecas ou pedaços de frango?

– Não importa, você escolhe – a irmã deu de ombros, pois estava mais interessada em pegar refrigerante na geladeira. “Estava fazendo muito calor. Isso com certeza *vai* provocar uma tempestade” – ela pensou.

– Então, vamos comer os dois – disse Darryn feliz da vida. – Tome, e entregou os pacotes a ela.

Victoria leu as instruções de preparo na embalagem rapidamente, colocou as panquecas na grelha e os pedaços congelados de frango no micro-ondas.

A primeira trovoadas pegou ambos completamente de surpresa.

Victoria estava sentada em um banquinho alto da cozinha, inclinada sobre o balcão, enquanto Darryn estava ao lado do micro-ondas, contando os minutos, pois não confiava que o forno fizesse isso sozinho. Darryn virou rapidamente para ver a irmã.

– Essa não – ela sussurrou. – Por favor, uma tempestade com raios não!

O próximo trovão a fez fugir do banco e de perto da janela para ficar ao lado do irmão.

– Tudo certo, Vic, é só uma pequena tempestade, ficaremos bem.

Victoria estava, como sempre, apavorada com raios e trovões. Ela tinha passado muitas noites na cama dos pais enquanto essas tempestades desabavam lá fora.

Darryn, por outro lado, não sentia medo nenhum e gostava de ficar na janela assistindo aos relâmpagos dos raios iluminarem o céu. Ele voltou sua atenção para o micro-ondas para ver quanto tempo ainda faltava para terminar, quando houve um imenso estrondo de trovão e a casa mergulhou na escuridão.

– Victoria – ele agarrou o braço da irmã, completamente perdido, e acabou esbarrando a mão na lata de refrigerante, derrubando-a e esparramando tudo no chão.

O rosto da irmã foi iluminado pelo relâmpago que riscou o céu e, de fato, toda a cozinha se iluminou, mas só por um instante. Victoria segurou na mão do menino.

– Tudo bem, Darryn – ela tentou se mostrar tranquila, embora sua voz estivesse longe de ser firme quando ela continuou.

– A mamãe e o papai vão chegar logo. Só precisamos manter a calma, pois num piscar de olhos a energia vai estar de volta.

– Falta de energia? Isso quer dizer que não posso comer os meus pedaços de frango? – ele perguntou. – Estou com fome.

Sem soltar a mão dele, Victoria foi até a geladeira e pegou uma imensa barra de chocolate.

– Pegue – ela ofereceu ao irmão. – Com isso você vai aguentar mais um pouco.

Os olhos deles foram se acostumando à escuridão, e agora os dois olhavam um para o outro.

– Será que devemos ficar aqui, ou é melhor ir para cima? – perguntou Darryn.

Victoria ia responder quando ouviu uma forte batida na frente da casa.

– O que foi isso? – ela olhou para o Darryn.

– Deve ser a mamãe! – ele disse agitado. – Mãe... – ele tentou gritar.

Victoria colocou a mão na boca dele.

– Silêncio – ela cochichou imediatamente. – Como podemos saber se é a mamãe? Eu não ouvi nenhum carro chegar, você ouviu?

Puxando a mão dela de sua boca, Darryn virou para ela zangado.

– Como posso ouvir alguma coisa com esse barulho de trovão? – ele perguntou.

– É claro que é a mamãe. Quem mais poderia ser? – Vamos seguir por aqui, Darryn – ela orientou. – Venha comigo. Vamos pegar a lanterna do papai, e depois investigamos o que aconteceu.

Depois de fazer uma considerável bagunça na gaveta, Victoria finalmente achou a lanterna, e as duas crianças saíram da cozinha de mãos dadas. Não era preciso tentar fazer silêncio a caminho do salão, pois o som da tempestade rugia furiosamente ao redor deles.

Nesse momento, as crianças já sabiam que não tinha sido a mãe deles quem entrara pela porta da frente, pois a teriam encontrado na entrada. Victoria queria desesperadamente parar e mudar de direção retornando à relativa segurança da cozinha, mas sabia que primeiro teria que verificar se a porta da frente estava bem trancada.

Apertando a mão de Darryn, Victoria continuou a direcionar o fecho da lanterna na frente deles, colocando determinadamente um pé na frente do outro, até que por fim eles alcançaram a porta de entrada que dava para a varanda.

– Estou com medo, Victoria – disse Darryn, com a voz quase inaudível devido ao som da tempestade furiosa. – Quero que a mamãe e o papai venham para casa.

Victoria se curvou mais perto do irmão.

– Também estou assustada – ela disse –, mas precisamos trancar a porta da frente, depois vamos telefonar para o escritório do papai e contar exatamente o que está acontecendo. Ele vai chegar em casa em 15 minutos, no máximo, eu prometo. Na verdade, provavelmente ele vai encontrar a mamãe lá fora na garagem!

Victoria se mostrava muito mais corajosa do que era e o que ela mais desejava no mundo era que os pais estivessem com eles naquela hora.

Quando ela foi falar com Darryn, a porta bateu de novo, só que desta vez houve também o barulho de alguma coisa sendo esmagada no chão. Victoria engoliu em seco e seguiu em frente.

Foi nesse exato momento que as pilhas da lanterna pifaram.

Capítulo 15

A Mensagem

Mergulhadas na mais completa escuridão, as crianças se abraçaram e ficaram juntas. Victoria desabou no chão, levando o irmão com ela. Darryn agora gritava, e Victoria tentava não gritar.

Então, eles ficaram sentados ali. A porta bateu várias vezes, abria e fechava, abria e fechava, enquanto trovões e relâmpagos enlouquecidos cruzavam os céus rapidamente. E agora, havia também o som de alguma coisa sendo quebrada e esmagada no chão.

– Não quero mais ir adiante, Victoria, por favor. Deve ter alguém na varanda, não tem? – ele olhou para a irmã.

– Não sei se tem alguém lá, Darryn, mas eu também não quero continuar, principalmente sem a lanterna.

Os trovões pararam por um momento, e as crianças perceberam outro barulho. Elas escutaram atentamente.

– O piano! – disse Victoria. – Está nos chamando... – ela disse, levantando-se.

– Venha – ela chamou Darryn. – Vamos para o quarto de brinquedos, o som do piano vai nos guiar no meio da escuridão, e poderemos usar o telefone que fica perto para chamar o papai.

O apavorado garotinho se levantou, permanecendo agarrado na irmã o tempo todo. Ele não ousou discutir as instruções dela. Só queria que aquele pesadelo terminasse.

Apoiados na parede, e um no outro, os dois voltaram pelo caminho que tinham feito, o tempo todo ouvindo as batidas na porta da frente, intercaladas com os estrondos dos trovões. Ao mesmo tempo, porém, o piano podia ser ouvido tocando, como se quisesse indicar a eles como podiam chegar ao quarto de brinquedos.

Uma trovoada extremamente ruidosa seguida por um relâmpago muito forte iluminou por um momento a casa.

– Uaaa! – exclamou Darryn escandalosamente, quase fazendo a irmã desgrudar a pele fora do corpo.

– O que foi agora? – ela perguntou, virando-se para ele.

– Ali – ele apontou para um quadro na parede. Victoria olhou atentamente pela escuridão.

– É o nosso retrato, de que a mamãe tanto gosta – ela disse. – Por que está tão assustado?

– Ufa! – ele respirou aliviado. – No escuro parecem criaturas alienígenas.

Se não estivesse tão assustada, Victoria riria. Ela inclusive achava que eles pareciam alienígenas naquele retrato em plena luz do dia!

Eles estavam quase chegando na porta do quarto de brinquedos, onde o telefone ficava fixado na parede. Victoria pegou o telefone.

– Como vai fazer para discar o número? – perguntou Darryn.

Colocando o fone no gancho de volta, ela replicou: – Não vamos ter que nos preocupar com isso, porque o aparelho está mudo. As linhas telefônicas também não estão funcionando.

Eles entraram no quarto de brinquedos, onde o piano ainda tocava.

– Você é forte? – Victoria perguntou ao irmão.

– Depende, por quê? – ele olhou para ela curioso.

– Acho que devíamos empurrar o piano atrás da porta, assim ninguém vai poder entrar.

Então, ao ver o rosto pálido do menino, ela acrescentou: – Até a mamãe e o papai chegarem em casa, claro. Assim que tivermos certeza de que são eles, nós os deixamos entrar, o que acha?

O irmão olhou indeciso para o instrumento no canto.

– Acha que conseguimos? – ele perguntou.

– É claro que sim – disse Victoria com valentia. – Vamos fazer isso!

E fizeram. Enquanto a tempestade lá fora ainda não dava sinais de amainar, as duas crianças empurraram e puxaram o piano com determinação até posicioná-lo contra a porta do quarto de brinquedos.

– Agora eu me sinto mais segura – disse Victoria, sorrindo para o irmão. Ele também sorriu, e pegou no bolso a barra de chocolate meio derretida.

– Vamos sentar na almofada do saco de feijão e comer isto – ele disse. – Podemos contar histórias um para o outro enquanto esperamos.

O piano estava quieto e quase parecia proteger os dois. Agora, uma vez ou outra a claridade de um raio jogava luz no quarto, e as crianças aproveitavam a oportunidade para encontrar alguma coisa na caixa de brinquedos.

Foi assim que Darryn recuperou uma ponte de madeira que fazia parte do conjunto do trenzinho, um (incrível) serrote em formato de dinossauro intacto, uma caneta colorida e uma lanterna *laser* multicolorida.

– Uma lanterna! – exclamou Victoria, que havia encontrado seu pequeno piano cor-de-rosa desaparecido há anos e que estava delicadamente percorrendo as teclas com os dedos. – Será que funciona? – ela perguntou agitada. Darryn moveu o botão de “Desliga” para “Liga”, e os dois ficaram encantados quando viram uma luz verde dançar na parede.

– Ótimo – disse Victoria, batendo palmas. – Posicione-a entre nós para que ambos possamos aproveitar, certo?

Ao fazer o que ela pedia, Darryn colocou o foco da lanterna entre a pequena ponte de madeira e um velho livro de canções de ninar e foi vasculhar dentro do que parecia agora uma “assustadora e arrepiante” caixa de brinquedos.

Victoria continuou cantarolando *O Velho Carvalho* desde o momento em que o piano tinha tocado antes, e se distraiu tocando as notas dessa melodia em seu pianinho cor-de-rosa. Ela observou que, nas teclas em que tocava, a letra “N” correspondia à primeira nota tocada. A segunda nota era “Ã”, e a terceira era “O”, depois, vinha o “C”.

Quando tocou a quinta tecla, Victoria começou a perceber que aquilo não era apenas uma mistura de letras, mas, em vez disso, parecia até que o piano estava tentando passar um recado para ela.

– Darryn – ela o chamou agitada. – Darryn, venha ver isto. A melodia significa alguma coisa, depressa. – Darryn se apoiou na irmã e viu.

– Pegue a caneta, depressa, escreva cada letra enquanto eu toco as notas. – Ela foi ditando lentamente em voz alta cada nota soletrada no pianinho:

NÃO CO

Darryn olhava as letras que tinha escrito e depois chegava mais perto para ver qual poderia ser o resto da mensagem. Victoria tocou a nota seguinte, depois mais uma, até que o recado ficou claro para ambos:

NÃO COMPREM A CASA DAS ÁRVORES

– Não comprem a Casa das Árvores! – Darryn repetiu. – Mas por que não? Isso não faz sentido.

Victoria olhou para o grande piano que estava no outro lado da sala e raciocinou.

– Será que é isso que ele tenta nos contar desde que o compramos? Um recado de além-túmulo transmitido por um piano? – ela perguntou-se.

O que meses antes Victoria teria rejeitado como a mais completa bobagem, ela agora não desconsiderava tão rápido.

– Victoria – Darryn insistiu. – Por que o piano nos diria para não comprar a casa? Não entendo.

A irmã se recostou de novo na almofada.

– Eu também não entendo, Darryn, e nem tenho certeza se algum dia entenderei. De qualquer forma, não ouço nenhuma trovoadá há pelo menos dez minutos. Talvez a tempestade tenha passado – ela apontou para fora.

As crianças se abraçaram e se enrolaram em um xale como se fossem bebês, e ao som da chuva forte que caía do lado de fora, ambos pegaram no sono.

Capítulo 16

Uma Tragédia Anunciada

– O telefone voltou a funcionar – disse o pai depois de colocar o fone no gancho pela centésima vez naquela manhã.

– Isso é ótimo, querido – disse a esposa.

– Agora, só falta a eletricidade voltar e estamos feitos.

Na noite anterior, o senhor e a senhora Houston tinham, de fato, se encontrado do lado de fora da casa. O carro da mãe simplesmente se recusou a dar partida quando ela estava pronta para sair do supermercado. Ela teve que se proteger da tempestade por algum tempo antes que alguém pudesse ajudá-la.

Por fim, um rapazinho gentilmente abriu o capô, e fez uma conexão temporária para o carro funcionar. Ela partiu, vagarosamente, dirigindo com todo cuidado de volta para seus filhos.

Enquanto isso, o pai, que voltava tarde por causa da reunião, ficou chocado ao descobrir que quanto mais próximo de casa chegava, maior a quantidade de casas que pareciam ter sido afetadas pela tempestade.

Muitos lugares estavam em completa escuridão.

Ao entrarem na rua de casa quase ao mesmo tempo, ambos saíram de seus carros e correram para a casa às escuras. Por fim, depois de deduzirem onde as crianças deviam estar, tiveram que bater e forçar a porta do quarto de brinquedos, antes de conseguirem acordá-las.

Depois de muitos abraços, Victoria mostrou aos pais, com a lanterna, o recado secreto que tinha descoberto antes. Atônitos, o senhor e a senhora

Houston fizeram-na repetir a melodia lentamente.

– Ela está certa – disse o pai. – Quer dizer exatamente isso.

A mãe concordou.

– Mas por que a Jessica não quer que compremos outra casa? – ela pensou em voz alta.

Os quatro passaram a noite juntos no quarto da mãe e do pai, espremidos, mas seguros e felizes. Na manhã seguinte, o pai consertou a porta da frente, pois a dobradiça estava quebrada desde a noite anterior. E dois vasos de flores da mãe tinham se espatifado no chão da varanda.

Darryn foi ajudar o pai na arrumação e quase não acreditou no que tinha feito ele e Victoria sentirem tanto medo na noite anterior: uma porta que batia e uma varanda cheia de narcisos e gerânios!

Só isso? Ele contaria ao Simon uma versão totalmente diferente dos fatos, isso com certeza!

Victoria e sua mãe estavam no andar de cima.

– Tenho certeza de que Jessica escreveu *La Niña Hermosa* para você – a mãe disse. – Ela adorava você, Victoria, especialmente porque ela nunca teve filhos.

– Emily! – o pai gritou. – Desçam imediatamente, tem uma coisa que eu preciso mostrar a vocês.

A mãe e a filha desceram a escada rapidamente, apreensivas para saberem a razão daquele chamado.

O pai mostrou o jornal para a esposa. Ela olhou a primeira página. A maioria dos artigos falavam sobre a nova administração que tinha acabado de assumir o poder. Porém, o marido apontou para uma pequena matéria no canto esquerdo inferior da página.

“TRAGÉDIA NA TEMPESTADE FENOMENAL”, dizia a pequena manchete.

“Uma tempestade fenomenal se abateu sobre a pequena cidade de Plessington na noite passada. Uma grande parte da região ficou sem o fornecimento de eletricidade, e as linhas telefônicas também foram afetadas.

Tragicamente, o senhor Jeremy Lawrence, dono da Casa das Árvores, na Rua do Moinho, morreu quando o imenso carvalho que existia ao lado de sua casa foi atingido por raios. A árvore desabou em cima da estufa e provocou uma pancada fatal no senhor. O senhor Lawrence, cuja família morava na Casa das Árvores há várias gerações...”

A mãe colocou o jornal na mesa e apoiou-se no marido.

Victoria agarrou o papel da mesa e começou a ler em voz alta.

– Oh, não! – ela engasgou. – Pobre senhor Lawrence. Mas vocês não acham que devia ser isso que a Jessica estava tentando nos avisar, que não devíamos ir? Ela sabia que o acidente iria acontecer naquela noite. Nós poderíamos ter morrido!

Darryn puxou a blusa da mãe, tentando chamar a atenção dela.

– O que foi, querido? – ela perguntou distraída.

– Isto acaba de chegar para vocês – ele disse, entregando a ela um grande envelope marrom.

– O quê? Está bem, obrigada.

Despreocupadamente, ela rasgou a correspondência para abri-la, ainda pensando no senhor Lawrence. Ao puxar a carta do envelope, ela viu que era da mesma editora que tinha enviado as duas partituras de música que Jessica tinha escrito.

Senhora Jessica Perry.

A sua recente pesquisa a respeito do assunto acima nos levou a fazer uma busca em nossos arquivos. A pasta da senhora Perry continha um documento dirigido à senhorita Victoria Houston, mas não fornecia o endereço.

Na esperança de que ela possa pertencer à sua família, nós o encaminhamos a vocês. Se, no entanto, isso não for relevante para vocês, por favor devolva-nos no envelope anexo.

Gratos

A mãe olhou novamente dentro do envelope grande e puxou um menor, com o nome de Victoria. Ela o entregou à filha.

– É da Jessica – ela disse.

Cuidadosamente, Victoria abriu o envelope e retirou uma partitura musical, intitulada *El Ángel Guardián (O Anjo da Guarda)*.

HORA DO
ESPANTO

HORA DO ESPANTO

O POÇO DOS
DESEJOS



EDGAR J. HYDE

O POÇO DOS DESEJOS

Edgar J. Hyde



Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

H993g

Hyde, Edgar J.

O poço dos desejos [recurso eletrônico] / Edgar J. Hyde; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.

ePUB; 1.3 MB.-(Hora do espanto)

ISBN 978-65-5500-712-1 (Ebook)

1. Literatura juvenil. 2. Ficção. 3. Terror. I. Antunha, Silvio. II. Título. III. Série.

2021-878

CDD 028.5

CDU82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5 2. Literatura juvenil 82-93

© 2009 Robin K. Smith

Esta edição de *Hora do Espanto* foi publicada em acordo com Books Noir Ltd.

Título original: *The wishing well*

© 2009 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução: Silvio Antunha

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Livro digital: [Lucas Camargo](#) e [Gabriela Fazoli](#)

Sumário

O poço dos desejos

A Fazenda da Roda d'Água

O Segredo de Tom

A Nova Escola

O Poço Responde

O Segundo Dia na Escola

Tom Escapa

Um Acontecimento Estranho

A Guerra de Farinha

Um Incidente Desagradável

Uma História Antiga

Tom Faz um Desejo

A Lição de George

O Espírito do Poço

A Rainha das Águas

Arrogância Busca Vingança

Fora de Controle

Um Sacerdote Útil

O Mistério do Celeiro

O Feitiço Dá Errado

A Revelação Final

Capítulo 1

A Fazenda da Roda d'Água

Tom fitou o horizonte além da janela do quarto de trás da casa. No andar de baixo, ele podia ouvir o falatório da mãe com o pai. Ela parecia feliz e animada. Deixou escapar um grande suspiro. Sua mãe sempre fazia tudo do jeito que queria. Às vezes, era de fato difícil conviver com ela. Aquela era uma dessas vezes. Ele podia ouvir a voz dela, realmente irritante, repercutindo em sua cabeça.

– Agora, Tom – ela disse –, não tente ser difícil, todo mundo tem de mudar às vezes, e se acostumar com regras...

Tom não retrucou. Não era exatamente uma discussão. Além disso, raramente sua mãe deixava espaço para as outras pessoas dizerem o que sentiam.

– ... haverá muitas coisas interessantes para você fazer. Quando eu era garotinha, não tive metade dos brinquedos que você tem. A tia Margaret e eu tínhamos que nos contentar com uma velha caixa de papelão. Sim, eu sei que não acredita em mim, você provavelmente nem pode imaginar isso...

Neste ponto, Tom apagou sua mãe da cabeça. Tinha ouvido esse discurso pelo menos umas mil vezes. Se fosse na época em que ele realmente gostava dela, talvez admirasse o jeito como repetia toda vez aquilo, palavra por palavra, ou a maneira como ela não parecia ter que respirar como o resto da raça humana. Só que a mãe não conseguia entender que Tom não era mais criança. Agora ele estava com 14 anos de idade, e não precisava ser mimado.

O problema era que recentemente eles haviam mudado para uma casa nova. Enquanto o carro chacoalhava ao longo da estrada, Tom se animou com a perspectiva de descobrir lugares para se esconder da mãe. Mas ela acabou com a alegria dele ao anunciar a lista dos lugares que era proibido ir por serem perigosos. Tom achou que a mãe estava sendo boba e superprotetora.

A casa nova era uma grande construção desajeitada, com estranhas coberturas de lona esticadas que seu pai chamava de toldos. Ela ficava no meio de um pátio, onde existia uma placa velha que dizia: *Fazenda da Roda d'Água*. Tom nunca havia morado em uma casa com um nome assim antes. O lugar tinha sido uma fazenda produtiva, mas o antigo proprietário vendeu a maior parte das terras para fazendeiros vizinhos e emigrou para a Austrália. O sonho da mãe era morar lá. Ela cresceu perto dali, de onde sempre gostou, então quando viu o local à venda, bem... Sua mãe sempre dava um jeito.

Ele podia ouvi-la tagarelando na cozinha. Escorregou da cadeira e desceu a escada de dois em dois degraus. Abriu a porta da frente e olhou lá fora. Na frente da casa, do lado oposto, havia um grande celeiro, de onde vinha a chiadeira de um velho cata-vento enferrujado que ficava no topo, girando ao sabor do vento. Tom fechou a porta cuidadosamente atrás de si, e escapuliu.

Capítulo 2

O Segredo de Tom

O que sobrou do velho pátio rodeava a casa e levava a uma alameda. A maior parte do caminho havia desaparecido há muito tempo, mas se realmente a pessoa prestasse bastante atenção, ainda conseguia rastreá-lo algum tempo, antes que desaparecesse totalmente. Tom investigava esse caminho há tempos, para descobrir exatamente onde ele terminava.

Havia conseguido segui-lo até uma linha de árvores, mas depois o perdera. Naquele dia, encontrou mais um trecho. Uma grande pedra obstruía o caminho. Ele puxou com força, mas não conseguiu removê-la. Procurou ao redor e viu um grande galho caído de uma árvore. Arrastou-o até o pedregulho e com o salto da bota escavou um pequeno sulco para encaixar o galho. À primeira vista, não achou que a pedra se moveria, mas com um forte empurrão, ele a rolou para a frente, revelando uma grande placa do caminho.

Tom afastou para longe o capim que cobria o caminho e retomou a trilha. O caminho serpenteava pela pequena floresta. As árvores pairavam acima dele, fazendo-o sentir-se pequeno. O sol raiava no meio das grandes árvores.

Tom achou que era exatamente igual a quando ficava em seu quarto à noite lendo com uma lanterna debaixo dos cobertores. Os grandes galhos protegiam o brilho do sol mais forte, permitindo que ele entrasse apenas pelos espaços.

De repente, a distância, ele viu uma forma estranha. Era perfeitamente redonda e possuía um pequeno teto brilhante. À primeira vista, pensou que fosse uma casinha de brinquedo. Conforme se aproximou, percebeu que era um poço. Ele se destacava no terreno do jeito mais peculiar. Era um lugar estranho para existir um poço, tão longe da casa. Mesmo estranho, não parecia tão antigo quanto o resto das construções. Parecia até que havia sido construído na véspera. Uma brilhante manivela nova em forma de L se destacava na lateral. Tom seguiu a forma da manivela conforme esta se prolongava através do grande buraco escancarado. No meio da barra havia uma corda grossa, firmemente amarrada a um grande balde. Ele se inclinou na lateral para olhar lá dentro. O buraco se avultava debaixo dele e parecia seguir vários metros adiante. Ele berrou.

– Ei!

A voz dele voltou e parecia fraca e boba. Ele deu umas risadinhas para o espaço: – Rá, rá, rá!

De novo, o eco retornou como uma voz frágil. Ele decidiu baixar o balde no poço. Colocou ambas as mãos na manivela e usou toda a força para virá-la. Mas nem precisava ter se esforçado, pois a manivela se moveu facilmente, e a força que Tom fez para empurrá-la, enviou o balde guinchando pela haste, batendo com estardalhaço nas laterais de pedra. Por fim, veio um forte esguicho quando o balde bateu na água. A manivela sacudiu com a parada. Ele precisou de toda força para puxar o balde para cima, pois estava cheio de água e ficou muito pesado. Quando chegou, bebeu alguns goles dela, que estava gelada e refrescante.

Tom olhou em volta e viu outra pedra. Arrastou-a para o poço. Usando toda força, ergueu a pedra na lateral do poço e a jogou para dentro. Começou a perambular ao redor procurando pedras para jogar no poço.

Cada vez que arremessava algo, escutava com cuidado para ver quanto demorava antes de cair na água. Começou a calcular o tempo, contando os segundos para saber se conseguia adivinhar a profundidade. Depois de algum tempo, tudo o que podia encontrar ia para o poço: a parte de metal de uma velha enxada enferrujada, um sapato velho, uma lata de suco de frutas...

– TOMMM!!!

Tom esqueceu de tudo, de sua mãe, de seu pai, de tudo mesmo. Ele virou-se rapidamente e começou a voltar correndo pelo caminho. Aquele seria o lugar especial dele e não queria que ninguém soubesse onde ficava. Alcançou a beira das árvores exatamente na hora que a mãe soltou outro “TOM!” agudo. Correu ao longo do caminho a tempo de encontrá-la andando por toda parte em volta da casa.

– Onde você foi, Tom? Estava começando a me preocupar! Olha o seu estado, meu Deus, o seu jantar está esfriando, agora entre depressa e tire essas roupas, elas estão cheias de...

Tom resmungou em direção à mãe e rapidamente correu para casa sorrindo. Seu segredo estava salvo.

Capítulo 3

A Nova Escola

Era segunda-feira. Não uma segunda-feira qualquer, mas a mais horrorosa segunda-feira do mundo. Seria o primeiro dia de Tom na nova escola. Ele se sentia desconfortável dentro das roupas novas que a mãe insistia que vestisse. Arregalou os olhos para fora da janela e o mundo arregalou os olhos de volta. Mas, afinal, qual o problema com a escola? Sabia que não seria como a escola antiga, e sabia que jamais encontraria ninguém como seus velhos amigos.

O pai o chamou no andar de cima para dizer que era tempo de ir, e Tom arrastou a mochila pelo chão em direção à porta do quarto. Ele fez o possível para que a mochila pipocasse em cada degrau ao descer a escada, e deu um enorme suspiro quando chegou embaixo.

– Vamos, Tom, ânimo! – disse o pai. – Não é o fim do mundo...

O pai não entendia, ninguém entendia.

O percurso até a escola secundária local não era suficientemente longo, pensou Tom. Ficava em uma cidade próxima chamada Rosehill. Escola Rosehill soava como o nome de um lugar bacana, mas o local não parecia muito agradável. Em pouco tempo, ele estava em um corredor da grande escola barulhenta. Por toda parte, crianças apressadas gritavam nomes e empurravam-se umas às outras. O sinal tocou alto e o caos na frente dele se multiplicou. Houve uma correria de alunos rumo às classes, todos gritando que haviam visto uns aos outros no recreio. Tom sentia-se sozinho.

O pai o apresentou ao diretor, deu um sorriso e depois foi embora. O diretor pediu a Tom que o acompanhasse escada acima até uma grande sala de aula. A classe ficou em silêncio quando o diretor entrou. Tom sentiu seu rosto corar quando todo mundo olhou para ele. O diretor apresentou-o à professora e foi embora.

– Atenção todo mundo, este é Tom Walker, ele é novo na escola e eu quero que vocês lhe deem as boas-vindas. Sente-se aqui Tom. Vou pegar um horário para você.

Tom permaneceu com o rosto vermelho. Ele não se atrevia a olhar em volta, pois sabia que todo mundo estava de olho nele. Sentia-se como um alienígena.

– Harry, eu quero que você acompanhe o Tom por toda parte na primeira semana até ele se acostumar.

Um garoto alto, com cabelo escuro encaracolado, vestido com o uniforme da escola, levantou-se.

– Bem, professora, por que eu?

A professora olhou significativamente para ele e Harry sentou-se.

A manhã parecia interminável quando Harry, relutante, arrastou Tom com ele por toda parte. Quase não conversaram e Tom sentia-se infeliz. Na hora do recreio foi pior, já que Harry abandonou Tom em um grande saguão repleto de adolescentes alvoroçados, com rostos ansiosos, que tentavam se encontrar com os amigos, falando, rindo e gritando o mais alto que podiam. Tom decidiu não lancher e saiu para o pátio do recreio.

Alguns garotos jogavam futebol em um canto. Nem repararam nele. Tom perambulou por ali, procurando alguma coisa, qualquer coisa para se sentir melhor. Caminhou ao redor e viu um grupo de rapazes rindo, debruçados sobre algo.

Tom foi ver o que eles estavam fazendo. Um dos rapazes tinha um pedaço de pau e cutucava algo. Os outros pareciam incentivá-lo. Tudo o que Tom podia ver era o topo de um balde. Em seguida ele ouviu o ruído mais horrível: o grito estridente vindo de um animal. Alguma coisa nele fez com que começasse a correr em direção ao bando. Sentia-se assustado, mas sabia que precisava continuar correndo. O instinto de Tom estava certo, pois no meio do grupo havia um esquilo, preso no balde enquanto que os rapazes zombavam cruelmente dele.

Tom pulou em cima do garoto com o pedaço de pau e deu-lhe um soco no olho. O garoto cambaleou para trás derrubando o balde e o esquilo correu para cima da árvore mais próxima. Todos pararam atônitos e olharam direto para Tom. O garoto em quem ele bateu levantou-se e disse:

– Vai se arrepender disso.

Tom manteve firme sua posição, mas sentiu-se estranhamente sozinho: ninguém se mexeu. Os rapazes começaram a se aproximar dele, até que finalmente o rodearam. O garoto que falou começou a empurrá-lo. Os outros logo se juntaram a ele e Tom foi empurrado ao chão, colidindo com o balde virado. Ouviu a jaqueta rasgar. A voz de um homem ecoou no pátio do recreio:

– O que está acontecendo?

Os rapazes se afastaram enquanto Tom arrastava-se a seus pés.

– Não fiz uma pergunta, Steve?

Steve era o garoto que tinha torturado o esquilo.

– Não foi nada senhor. Estávamos disputando um jogo e ele tropeçou no balde.

O professor olhou em volta nos rostos do grupo. Não reconheceu o rosto de Tom e disse:

– Você deve ser novo aqui, não é verdade?

Tom olhou para o chão e acenou com a cabeça, confirmando.

Nesse momento o sinal tocou. O professor olhou desconfiado para todo mundo.

– Bem – ele disse –, vão para as suas classes.

Observou a caminhada de volta de todos em direção ao prédio. Quando eles entraram, Steve olhou para Tom e rosou a palavra *depois*.

Capítulo 4

O Poço Responde

Quando o sinal marcou o fim do primeiro dia na escola, Tom teve uma incrível sensação de alívio. Todos os alunos correram para fora das salas de aula e se dirigiram para os portões da escola. Tom foi um dos últimos a sair do prédio. Não havia feito amigos e o incidente com o esquilo o convencera de que ele definitivamente não gostaria daquela escola. Achou que poderia colocar a jaqueta na mochila para que a mãe não percebesse o rasgo. Viu a multidão de rapazes nos portões da escola e começou a se sentir nervoso. Esperava que não fossem os mesmos meninos da hora do recreio, mas quando ele se aproximou, eles disseram:

– Aí vem ele!

Todos os rapazes se viraram para enfrentá-lo, e barraram o caminho para os portões. Nesse momento, um carro encostou e Tom viu o pai chegar. O pai acenou e Tom acenou de volta. A turma olhou surpresa, pensaram que Tom acenava para eles. O pai falou:

– Oi, Tom, como foi o seu primeiro dia?

Os rapazes se intimidaram e abriram passagem para Tom. O pai voltou para o carro e quando Tom deu a volta para entrar no banco do passageiro, ouviu os rapazes rindo. Sabia que estavam rindo dele, mas ignorou-os e entrou no carro.

O pai repetiu a pergunta, e Tom disse que estava *tudo bem*.

– Apenas *tudo bem*? Não fez novos amigos?

Tom respondeu que *não*, e o pai achou que era o nervosismo do primeiro dia e que provavelmente ele conseguiria conhecer novos amigos no dia seguinte. Tom arregalou os olhos para fora da janela quando o carro se dirigiu para casa. A última observação do pai o fez sentir-se mal e ele temeu pensar em outro dia na escola.

Quando chegaram em casa, Tom perguntou se poderia sair. A mãe avisou que o jantar não demoraria, mas que ele podia dar uma volta. Tom trocou a roupa da escola, desceu a escadaria, saiu pela porta da frente, e foi direto para o poço. Quando lá chegou, inclinou-se na beirada e começou a gritar. O berro ecoou de volta e quase o assustou. Tom pensou: “Odeio esses moleques, odeio esses moleques”. Ele então disse em voz alta para o poço:

– Odeio esses moleques!

O poço berrou direto de volta para ele. Tom riu. Era como se o poço também odiasse aqueles moleques.

– Molecada tonta, moleques toscos! – ele berrou.

O poço concordou com ele.

– Torturando um pequeno esquilo, os valentões.

O poço concordou com ele novamente.

Tom se esgotou, gritando exatamente tudo o que pensava dos rapazes para o poço. Sentou-se e se inclinou contra o muro de pedra, e pensou no dia seguinte, quando teria que voltar à escola. Ele imediatamente levantou-se e berrou mais uma vez para o poço.

– Tosca, escola tosca...

O poço ecoou a observação de volta, como um amigo íntimo que concorda com tudo o que você pensa. Tom pensou na mãe e no pai levando-o àquele lugar e berrou para o poço:

– Pais toscos!

A palavra pais pareceu ressoar por longo tempo antes de sumir.

– TOMMMM!

A voz da mãe retiniu em alto e bom som, como se respondesse ao eco do poço. Tom se levantou e correu para casa.

Abriu a porta da cozinha a tempo de ver a mãe colocando a refeição na mesa.

A cozinha estava quente e os pais ocupados com as rotinas habituais quando Tom fechou a porta atrás de si e sentou-se com eles.

Capítulo 5

O Segundo Dia na Escola

Quando a mãe foi dizer a Tom que era hora de levantar na manhã seguinte, Tom gemeu e com voz fraca disse:

– Mãe, eu não me sinto bem, acho que estou com dor de garganta.

Ela olhou para Tom como quem sabia das coisas, como quem havia estado lá, visto e feito aquilo. Ela ergueu a sobrancelha, como sempre fazia quando estava desconfiada de que algo errado estava acontecendo. Tom insistiu.

– É verdade, mãe. Acho que estou com febre, eu sinto um suor frio.

A mãe caminhou pelo quarto e colocou a mão na testa dele.

– Para mim você não parece muito quente – ela disse. Tom olhou para ela suplicante. Às vezes, aquilo funcionava. A mãe sentou-se na beira da cama e olhou no rosto de Tom: – Tom, você tem algo para me dizer? É essa sua nova escola?

Tom não esperava que a mãe perguntasse isso, e hesitou antes de responder. Devia contar sobre o esquilo? Mas não seria pior? Ela talvez quisesse ir até a escola, e se achasse que ele estava sendo ameaçado, poderia ainda começar a buscá-lo todos os dias, o que seria realmente embaraçoso. Tom decidiu ter uma recuperação surpreendente...

– Na verdade, mãe, eu não me sinto tão mal assim. Acho que vai ficar tudo bem.

A mãe levantou a sobrancelha novamente. Tom sorriu para ela, nervoso, pulou fora da cama, e se dirigiu ao banheiro.

– Tom – disse a mãe –, se existe alguma coisa incomodando você, sabe que pode falar para mim, não é?

Tom pensou: “Eu e minha boca grande, agora tenho que tirá-la da jogada”.

– Mãe, pare com isso! – suspirou, quando bateu a porta do banheiro.

Ouviu-a descendo a escada, e respirou fundo, aliviado: – Ufa, passou raspando...

Durante o café, a mãe continuou olhando esquisito para ele, do jeito que as mães fazem quando estão preocupadas e acham que o filho não pode ficar sem a proteção delas. Tom estava aborrecido consigo mesmo.

Ele tentou se tornar quase invisível para não atrair mais qualquer atenção para si mesmo além do necessário e quase atropelou o pai quando ele sugeriu que era tempo deles irem.

– Mas que diabos está errado com esse garoto? – ouviu o pai comentar com a mãe.

– Adolescência, querido – ela respondeu, com uma certa voz cansada. Eles se entreolharam, e o pai entrou no carro. Tom detestava aquele olhar mútuo. Era algo que os adultos sempre faziam para excluir os adolescentes. Tom decidiu não mencionar mais nada para a mãe ou o pai, para evitar novos olhares expressivos.

O sinal tocou assim que o carro parou nos portões. Tom sentiu seu coração afundar, e começou a sair do carro lentamente. O pai pediu para ele se apressar, pois estava se atrasando para o trabalho, e então lembrou a Tom que ele deveria começar a voltar de ônibus para casa, se Tom lembrava onde ficava o ponto do ônibus, qual era o número do ônibus, e se Tom tinha dinheiro suficiente! Tom ficou muito irritado e respondeu a todas as questões do pai antes de cair fora do carro mal-humorado.

As aulas da manhã eram realmente chatas. Tom teve duas de Química de manhã, e passou a maior parte do tempo olhando para fora da janela. Quando estava achando que as coisas não poderiam piorar, o horário mostrou que ele teria aula de Educação Física. Tom não havia levado o material esportivo. Houve um intervalo de 10 minutos antes de a aula começar e Tom sentou-se em um banquinho do lado de fora. Onde ele olhava havia adolescentes falando e rindo. Tom tentou escutar a conversa de duas meninas que pararam perto. Falavam a respeito da mais recente música nas paradas e do quanto elas gostavam dela. Tom resmungou dentro de si, pois detestava aquele tipo de música. Uma voz atrás dele o fez virar-se.

– Você é o novo garoto, não é mesmo?

Um garoto alto, que parecia ter a mesma idade de Tom parou diante dele. Tom o havia visto na aula no dia anterior.

– Meu nome é David.

Tom cumprimentou e disse seu nome. David perguntou de onde Tom era e onde morava agora.

– Na Fazenda da Roda d'Água.

Quando Tom disse o nome da fazenda, David olhou para ele com olhos arregalados.

– Tom, essa fazenda é realmente interessante! Dizem que existe uma floresta mal-assombrada por lá.

Nesse momento o sinal tocou e David disse que veria Tom mais tarde. Tom ficou animado com as novidades, algo para pesquisar quando fosse embora. A animação o fez esquecer que agora ele seguia para a aula de Educação Física. Rapidamente, ele correu para o saguão e empurrou a grande porta giratória que levava à quadra. Muitos jovens corriam para o

final do corredor, onde Tom podia ver professores vestindo abrigos com apitos em volta do pescoço, acenando para eles entrarem.

– Meninos à direita, meninas à esquerda – berrava um professor bigodudo. Eles iam para os vestiários. Uma mulher, pequena e gorducha, com apito no pescoço acenou para Tom. Apresentou-se como a senhorita Emslie, e Tom explicou que estava sem o material.

– Fácil de resolver – ela respondeu com uma voz rude e levou Tom até uma pequena sala que ficava por perto.

Debruçou-se sobre uma grande caixa e começou a remexer lá dentro. Quando se levantou, ela trouxe um shorts antigo, uma camiseta lavada, e um velho par de tênis. Entregou-os ao garoto e o encaminhou ao vestiário.

A sala estava cheia de rapazes de todas as formas e tamanhos, contorcendo-se nas roupas e subindo em equipamentos esportivos. Tom sentiu o rubor do rosto quando encontrou um canto sossegado para se trocar. Apareceu um professor de bigode avisando para os rapazes se apressarem e voltarem ao saguão para que ele pudesse fazer a chamada.

Quando Tom saiu, todos os rapazes estavam parados em uma longa fila indiana enquanto o professor chamava seus nomes.

– Steve Simpson.

– Aqui, professor.

Tom levantou os olhos para ver o garoto que havia torturado o esquilo.

– George Foster.

Tom reconheceu o outro garoto do incidente.

– Billy Watson.

Tom sentia-se desconfortável. Os rapazes não tinham reparado nele até que Emslie apontou-o para o professor de bigode que anotou o nome dele.

Uma gargalhada percorreu o grupo assim que viram as roupas que ele vestia. O professor rapidamente explicou que naquele dia eles jogariam basquete e dividiu os rapazes em dois grupos antes de posicioná-los na quadra.

Tom devia ficar perto de George Foster, grudado nele feito sombra, no garrafão. O professor de bigode soprou o apito e o jogo começou. Os rapazes entusiasmados chamavam-se uns aos outros conforme a bola era passada de uma ponta à outra da quadra. Um garoto saía correndo com a bola, depois outro tentava pegá-la, e eles corriam em outra direção.

– Steve, para mim, para mim!

Um garoto baixinho, mas rápido, acenava freneticamente para Steve, que arremessou a bola em sua direção.

Outro garoto da equipe de Tom conseguiu alcançar a bola antes do garoto baixo e rapidamente começou a *costurar* o caminho em direção a Tom.

George Foster arremeteu na frente de Tom e bloqueou a visão dele. Tom virou bruscamente a tempo de ver a bola voando rumo a ele. Achou que podia alcançá-la e pulou no ar para pegá-la. De repente, sentiu os pés perderem apoio embaixo dele e se estatelou no chão. O apito soou e o professor de bigode berrou:

– Steve, o que está fazendo nessa ponta da quadra? Vá imediatamente para o outro lado.

Tom levantou os olhos para ver Steve rindo dele conforme caminhava para a ponta da quadra. O apito soou e o jogo recomeçou.

A bola saltou e voou em todas as direções na medida em que os rapazes tentavam driblar uns aos outros. Um garoto bateu o rosto em cheio quando tentou pegar a bola. Em seguida, veio novamente a oportunidade de Tom. A

bola foi lançada acima da quadra em sua direção. Ele conseguiu se esquivar de George Foster e pegou a bola com firmeza nos braços. Tom começou a correr pela quadra em direção à cesta. Mirou o alvo com firmeza e com um salto arremessou a bola no ar em direção à cesta. Um dos rapazes mais altos da outra equipe tentou interromper a trajetória, mas a bola bateu forte na tabela antes de cair escancarada na cesta. Os rapazes da equipe de Tom comemoraram ruidosamente. Tom sorriu olhando seus companheiros de equipe em volta, e observando a careta de Steve. O professor soprou o apito e disse aos rapazes que era tempo de ir para o chuveiro e trocar de roupa.

A conversa no vestiário corria solta e os rapazes falavam alto, felizes uns com os outros. Agora todos estavam interessados em Tom e queriam saber de onde ele era e onde morava. Tom respondeu às perguntas e descobriu algumas coisas a respeito deles. O sinal tocou e todos começaram a deixar a sala rumo à próxima aula. Tom virou para trás na porta da sala do vestiário para verificar se não tinha esquecido nada. Steve e seus camaradas estavam reunidos, olhando de cara amarrada para ele. Tom girou e caminhou rumo à algazarra de jovens diante dele.

Capítulo 6

Tom Escapa

O resto do dia correu bem e, quando o sinal tocou no fim do dia, Tom sentia-se muito mais feliz. Ele havia conseguido evitar Steve e seus amigos, e assim esquecera tudo a respeito deles. Ficou por um momento nos portões da escola para verificar em qual direção deveria seguir e depois começou a andar para o ponto de ônibus. O caminho para o ponto de ônibus seguia o traçado de um velho canal, em cujo final ele devia atravessar uma ponte que o levaria aos limites da cidade.

Tom caminhou distraído, assobiando. Logo à frente podia ver que algumas árvores haviam caído no caminho e um grande tronco bloqueava a passagem. O tronco parecia bastante fácil de escalar e Tom prendeu a mochila nas costas quando começou a subir. Na metade do caminho, seu colete enganchou em um galho quebrado que saía do tronco. Tom tentou puxar o colete mas a lã rapidamente enroscou. Só então Tom sentiu algo bater nele forte atrás da orelha.

O golpe doeu e Tom levantou a mão atrás da cabeça para sentir o corte. Quando a mão voltou, estava coberta de sangue. Tom olhou em volta, mas não viu ninguém. Puxou com força o colete para tentar soltá-lo, mas ele estava enroscado na árvore. Outro projétil bateu com força no meio da testa dele. Tom ouviu risadas. Em seguida, uma voz zombeteira caçoou:

– Você não passa de um caipira idiota.

Tom reconheceu imediatamente a voz de Steve e começou a puxar freneticamente o colete, que rasgou. Tom pulou para o outro lado do tronco,

bem na hora que outra pedra passou zunindo pelo seu ouvido.

Tom começou a correr quando os rapazes foram atrás dele. Bem à frente, podia ver a ponte que precisava atravessar. Os rapazes o perseguiram pelo caminho do canal, gritando nomes horríveis e atirando pedras nele. Tom correu pela ponte, assustado com corte atrás da orelha. Assim que atravessou a ponte, ele pôde ver o ponto de ônibus no topo da estrada.

Havia uma fila de cerca de cinco adultos no ponto de ônibus, e a distância ele viu o ônibus virando a esquina e se dirigindo para o ponto. Os rapazes ainda estavam correndo atrás dele. A face de Tom começou a doer conforme ele corria para a estrada. O ferimento o estava retardando. O ônibus havia parado no ponto, e as pessoas estavam subindo. Tom correu o mais rápido possível. O último passageiro estava subindo no ônibus e Tom sentiu seu coração fraquejar quando percebeu que iria perdê-lo.

A sacola de compras da última passageira estourou e ela precisou apanhar as mercadorias.

– Sim! – pensou Tom. – Eu vou conseguir.

Outra mulher e uma garotinha em um carrinho de bebê de repente apareceram na frente dele e Tom perdeu o equilíbrio. Ele conseguiu evitar o tropeção, mas chegou ao ponto quando o ônibus já acelerava o motor e começava a se afastar.

– Pare! Espere por mim... – Tom berrou.

O motorista viu Tom pelo espelho na lateral do ônibus e reduziu a velocidade com o guincho de uma freada brusca. As velhas portas se abriram rangendo e Tom pulou para dentro. Cambaleou dentro do ônibus, a tempo de ver os perseguidores alcançarem o ponto e olharem com raiva, esbaforidos, para a vítima que escapulia. Tom caiu no assento e tentou recuperar a respiração.

Quando chegou em casa, correu escada acima direto para o banheiro, de modo a evitar a mãe. Tom olhou-se no espelho e viu o que suspeitava. Um galo do tamanho de um ovo estava se formando no meio de sua testa. Encheu a pia com água e colocou uma compressa na cabeça. Depois, tentou limpar o corte na orelha do melhor jeito possível. Tom secou o rosto com a toalha pendurada do suporte ao lado da pia e olhou para o espelho novamente. O galo estava ficando roxo.

Desceu ao andar de baixo para enfrentar a mãe. Quando empurrou a porta da cozinha para entrar, reparou que o local estava vazio. No meio da mesa da cozinha, encostado em uma embalagem vazia de leite, havia um bilhete. A mãe tinha saído para ir ao supermercado, mas voltaria logo. Tom decidiu caminhar até o poço para passar a dor de cabeça.

Quando chegou ao poço, Tom se inclinou na borda e arregalou os olhos para o buraco. Muito lenta e deliberadamente, ele falou assim:

– Odeio Steve Simpson, gostaria que ele aprendesse uma lição.

A voz dele tinha saído tão baixa que o poço apenas ressoou de volta o que ele havia dito. Tom descansou a cabeça nas mãos e suspirou.

Capítulo 7

Um Acontecimento Estranho

Steve Simpson morava em uma pequena casa em Rosewell. Ele tinha dois irmãos muito mais velhos com os quais não se dava bem. A mãe era uma mulher brava. O pai era um homem grande de aparência sinistra, que passava a maior parte do tempo longe de casa para evitar discutir com a esposa. Sempre que Steve ia para casa, arrumava encrenca. Ou com os irmãos que o acusavam de mexer nas coisas deles ou com a mãe que estava sempre reclamando a respeito do estado do quarto dele, ou com o pai que achava que os adolescentes eram para ser vistos e não ouvidos.

Depois de perseguir Tom até a estrada, Steve e seus amigos foram embora. A correria deixara Steve suado, então ele foi para casa se lavar. Ele trancou a porta do banheiro atrás de si, e colocou a tampa na pia. Ligou as torneiras de água quente e fria, e começou a lavar o rosto e as mãos. O sabão entrou nos olhos, que começaram a arder. Steve girou o rosto para cima e espichou os braços para pegar a toalha que estava pendurada por perto. Mas não havia toalha ali. Piscou os olhos e viu uma toalha suja jogada no chão do banheiro.

Ajoelhou-se no chão e esfregou a toalha no rosto. Exatamente nesse instante uma gota de água pingou na sua nuca. A água ainda estava correndo na pia. Steve levantou-se a tempo de ver a água transbordando para o chão. Virou a torneira, mas ela não se moveu. Tentou enrolar a toalha suja em volta para ter mais força, mas nem assim ela se mexia. Steve puxou a tampa, mas só veio a corrente. A tampa ficou emperrada no ralo.

Procurou por toda parte algo para ajudá-lo. Não encontrou nada. Em seguida, teve uma ideia. Se ligasse a banheira, retiraria algum fluxo da pia. Inclinou-se sobre a banheira e ligou a água quente e fria. A água jorrou na banheira vazia, mas a pia continuava na mesma. Steve olhou para a banheira que agora começava a encher. O ralo parecia estar bloqueado.

Tentou desligar a água da banheira, mas o fluxo continuou. Ele estava começando a entrar em pânico. Seus tênis começaram a atolar no tapete conforme o chão ficava encharcado. A banheira começou a derramar água pelas bordas. Steve se abaixou e tentou absorver a água com uma toalha e espremê-la no vaso sanitário. A toalha rapidamente ficou ensopada e aquilo fazia pouca diferença. Foi então que Steve ouviu uma gritaria no andar de baixo.

– ESTÁ CAINDO ÁGUA DO TETO!

O coração de Steve começou a bater rápido quando escutou a mãe correndo escada acima.

– STEVE, ABRA JÁ ESSA PORTA, MOCINHO!

A mãe não parecia estar preparada para ser razoável. Steve abriu a porta e arregalou os olhos diante do rosto de sua mãe, vermelho de tanto gritar, e que revelava duas grandes narinas que bufavam. A mãe queria socá-lo, e ele se esquivou.

– Mãe, é a água, não consigo desligar! – lamentou Steve, em prantos. Os chinelos fofos da mãe agora chapinhavam no chão encharcado do banheiro. Ela se inclinou sobre a pia e fechou a água com facilidade. Steve se esgueirou mais para perto da porta aberta do banheiro. A mãe se inclinou sobre a banheira e repetiu o que havia feito na pia. Ela virou-se e olhou zangada para Steve. Rangendo os dentes ela disse:

– Você vai limpar toda essa bagunça. Agora!

Com essa ordem, ela se retirou do banheiro, levando junto uma pequena onda de água com ela. Steve ficou parado, contemplando boquiaberto e de olhos arregalados a incrível bagunça.

Capítulo 8

A Guerra de Farinha

A mãe não parava de falar a respeito do galo na testa de Tom. Ele contou que havia tropeçado e caído, e agora ela fazia um longo discurso a respeito da falta de bom senso de Tom e de como ele nunca prestava atenção suficiente onde colocava seus enormes pés. Eles estavam sentados para tomar o café da manhã e Tom não dizia nada. Apenas imaginava maneiras de fazê-la parar de falar. Só isso tornava a palestra suportável. Pensou em suas meias fedorentas enfiadas na boca dela e seu rosto estampou um sorriso.

– Não tem graça nenhuma, Tom – ela ralhou. – Algum dia você terá um acidente grave, se não tomar cuidado.

Tom acenou com a cabeça concordando. Sabia que era melhor fazer isso do que interrompê-la quando ela estava nesse estado de espírito. O pai anunciou que era hora de partirem e Tom pulou fora, derramando metade da tigela de cereais. A sobrancelha da mãe disparou no ar. Ela exibia no rosto aquele olhar vitorioso que dizia: “Vamos ver, o que foi mesmo que eu disse a você?” Tom fez uma tentativa de limpar a bagunça, mas a mãe enxotou-o para fora da cozinha e ela própria fez isso.

Ele pensou que seria um percurso agradável até a escola, mas o pai continuou de onde a mãe havia parado. Ficou aliviado ao ver a escola surgir à frente. O pai freou com força para Tom sair do carro e correr em direção aos portões da escola.

O primeiro horário era aula de Culinária. Os alunos formavam pares e cada par tinha seu próprio fogão. Tom tinha sido colocado junto com David, o garoto que ele havia encontrado no pátio do recreio. Billy Watson e George Foster estavam no fogão seguinte. Uma mulher grande e animada, com bochechas rosadas, chamada de senhora Johnston era a professora dessa aula. Ela parecia o tipo de pessoa que passava um bocado de tempo assando, e muito provavelmente comendo, bolos.

A professora disse que eles fariam um molho de queijo. Ela forneceu os ingredientes: manteiga, farinha, leite e queijo, e começou a mostrar para a classe o que eles deveriam fazer. Depois que ela misturou todos os ingredientes, pediu aos alunos que tentassem fazer o que tinham visto. A senhora Johnston perambulou pela sala para verificar se todo mundo estava fazendo isso adequadamente. Quando ficou de costas, Billy Watson pegou uma colher grande, encheu-a com farinha e arremessou-a em direção a Tom. Isso foi parar na mesa na frente dele. Tom virou-se para conferir se a professora não estava olhando e fez o mesmo de volta para Billy.

Não demorou muito e a professora virou-se e testemunhou a guerra de farinha que havia tomado conta do canto da sala.

– Meninos, parem com isso! – ela ordenou. O chão estava um lixo. Havia farinha no cabelo e nas roupas de todo mundo. Farinha sobre os fogões e sobre as mesas. A professora avançou zangada em direção aos quatro rapazes.

– Quem começou isso? – indagou a professora.

Ninguém respondeu. Os rapazes disfarçaram olhando para o chão.

– Vocês vão limpar tudo isso, e depois da aula venham me ver!

Tom olhou para David, que encolheu os ombros. Todos seriam punidos, a menos que alguém confessasse. Mas, de repente, Billy Watson disse:

– Foi o Tom, senhora Johnston, ele começou com isso.

Tom não disse nada e continuou a olhar para o chão.

– Certo! – disse a professora. – Tom, eu quero ver você no intervalo.

Os rapazes passaram o resto da aula limpando a confusão e se retiraram da maneira mais discreta possível quando o sinal tocou. No intervalo, Tom voltou para ver a senhora Johnston, que fez uma palestra sobre os padrões que ela esperava da aula, antes de lhe passar uma centena de linhas sobre a segurança na aula de Culinária.

Tom enfiou o castigo no fundo da mochila e fechou a cara. Quando caminhava para a aula seguinte, passou pelos banheiros e ficou surpreso de ver água vazando. A porta estava ligeiramente entreaberta e Tom viu Steve Simpson mexendo freneticamente nas torneiras.

Nesse momento, o inspetor chegou descendo pelo corredor. Empurrou Tom de lado e correu para o sanitário. Fechou a água e agarrou Steve. Tom encostou-se à parede e assistiu ao inspetor berrar para Steve Simpson que eles iriam falar com o diretor. Steve choramingou.

– Mas eu não conseguia fechar a torneira!

Tom riu. Os outros dois fizeram um espetáculo cômico ao seguirem para a diretoria. A centena de linhas não parecia tão ruim agora que ele havia presenciado aquilo.

Depois da escola, Tom evitou ir para casa e foi direto para o poço, para escrever sobre a segurança na aula de Culinária. Sabia que arranjaria encrenca se a mãe o pegasse fazendo aquilo. Sentou-se ao lado do poço e, obediente, escreveu o castigo. Depois de 50 linhas a mão começou a ficar dolorida.

Tom parou o que estava fazendo e se inclinou sobre o poço. Por um momento, pensou em Billy Watson e então colocou o queixo na beira do

poço e disse:

– Billy Watson é um grande porco, eu desejo acertar as contas com ele.

Olhou no fundo do poço escuro, pensou em Steve Simpson e riu.

Capítulo 9

Um Incidente Desagradável

O jardim do senhor Watson era seu orgulho e sua alegria. Ele havia apresentado suas rosas e seus legumes premiados na exposição da aldeia de Rosewell nos últimos sete anos, e os troféus que ganhou ocupavam o lugar de honra na sala de estar dele. Foi só quando Billy alcançou a importante idade de 12 anos que seu pai permitiu que ele ganhasse algum dinheiro extra, ajudando no jardim.

Billy era responsável por várias tarefas. Capinava cuidadosamente os canteiros de flores, regava a estufa (e quando era realmente cuidadoso também regava o jardim), e recolhia o entulho jogado por transeuntes descuidados. Se conseguisse fazer essas tarefas sem danificar nada apreciado pelo pai, então ganhava um dinheiro extra. Nos últimos dois anos, teve apenas um acidente realmente importante, quando arrancou uma das melhores rosas do pai um dia antes da exposição anual. A reação do pai fez Billy se tornar muito, mas muito cuidadoso mesmo no futuro.

Aquele dia não era exceção. Billy pulou da cama e escorregou na calça jeans. Não havia chovido nos últimos dois dias e o pai havia mencionado para ele na noite anterior que suas preciosas rosas precisavam ser regadas. Então Billy deixou as velhas botas de borracha de cano alto no armário do andar de baixo de prontidão para a fantástica irrigação.

A velha mangueira estava ligada na torneira que ficava na parede ao lado da cozinha e Billy verificou se estava firmemente apertada antes de entrar na estufa para procurar o esguicho. A estufa abrigava uma mistura de

vasos de plantas floridas de todas as formas e tamanhos. As variadas formas e os aromas sortidos muitas vezes faziam Billy se sentir aquecido por dentro.

Billy colocou o esguicho para fora da estufa, fechou a porta e caminhou de volta para a torneira. Quando retornou, teve a estranha sensação de que estava sendo observado ou seguido. Rapidamente, virou-se e olhou ao redor. Não havia ninguém ali. Não se importou e seguiu seu caminho.

Qualquer pessoa que observasse Billy teria tido uma visão muito estranha, já que toda vez que ele caminhava, a mangueira do jardim esguichava para cima no ar e dançava atrás dele no caminho, como uma cobra dançando para um encantador de serpentes, e toda vez que Billy virava de volta, a mangueira ficava largada no chão.

O cabelo de Billy começou a ficar eriçado no pescoço. Ele realmente não conseguia entender o que estava acontecendo, mas ainda tinha aquela sensação de que não estava sozinho. Por fim, alcançou a torneira e a ligou. Imediatamente, a mangueira dançou e saracoteou pelo caminho até a altura da cabeça dele. Quando virou, Billy teve o maior susto de sua vida ao receber um jato de água fria em cheio no rosto.

– Aaaiii! – ele gritou. – O que está acontecendo?

Empurrou com as mãos diante de si para tentar ver através da explosão de água que o estava inundando, mas aquilo era muito forte. Tentou correr para fora do caminho, mas a água o seguiu.

Billy avistou a ponta da mangueira que zanzava e saracoteava em torno dele.

– O que é isso?! Hein?! – gaguejou enquanto a água enchia sua boca. Começou a entrar em pânico e a empurrar freneticamente a mangueira, que passou a se enrolar em volta dele como uma jiboia constritora. Ele caiu e se

chocou contra os canteiros de flores. Ouvia o estalar dos frágeis botões de rosas de seu pai esmagadas ao redor dele. Sentiu uma forte dor de lado quando os espinhos das flores rasgaram a camiseta.

Billy ficou de pé o mais depressa possível. Foi quando percebeu onde havia caído, mas o estado das rosas logo deixou de preocupá-lo quando a mangueira dançou ameaçadora na frente dele. Ele começou a correr para casa, mas a mangueira barrou o caminho e rapidamente enrolou-se em seus tornozelos, para, em seguida, com um forte tranco, arremessá-lo no chão. Billy caiu no topo de outro canteiro de flores, arrebatando-se entre os espinhos. Começou a berrar.

A gritaria no jardim chamou a atenção do pai que fazia as palavras cruzadas no jornal da manhã. O pai de Billy caminhou até a janela da cozinha bem no exato momento que Billy ridiculamente decidiu correr para se abrigar na estufa. O que o pai então viu foi seu filho de 14 anos de idade correndo perdido entre suas flores premiadas, fazendo uma estranha dança, espatifando os vasos de plantas. Normalmente, o senhor Watson era um homem razoável, que se orgulhava de seu comportamento racional. Quando presenciou a exibição daquilo que seu cérebro lhe dizia tratar-se de vandalismo intencional, seu queixo caiu e seu rosto empalideceu. Ele correu para o jardim gritando:

– BILLY, BILLY, VOCÊ PERDEU O JUÍZO? – Billy gritava tão alto de medo que sequer ouvia o pai. O que seu cérebro registrou, porém, é que o pai o agarrou para impedir que ele continuasse saltitando. Houve um momento de silêncio. Pai e filho entreolharam-se de olhos esbugalhados. O único som a quebrar o silêncio era o gotejar da água que escapava da mangueira. Em torno deles havia vasos quebrados, flores despedaçadas e grandes montes de terra encharcada.

Billy começou a tremer e a chorar. Apontou para a terrível mangueira que estrebuchava e aos soluços tentou explicar para o pai o que havia acontecido. O rosto do pai de Billy virou uma tempestade.

– Jamais ouvi tamanho absurdo em toda a minha vida – ele sussurrou para o filho. Caminhou de volta para casa para desligar a torneira. Billy seguiu timidamente atrás dele repetindo:

– Estou falando a verdade, pai, acredite em mim...

O senhor Watson olhou ao redor e arregalou os olhos para ele. Balançou a cabeça desolado, e se dirigiu para a casa. Billy começou a segui-lo, ainda tentando explicar, quando o pai bateu a porta em sua cara. Billy ouviu a chave trancar a porta. Um alto grito pôde ser ouvido quando Billy lamentou:

– PAAIII!

Capítulo 10

Uma História Antiga

Quando Tom chegou à escola na segunda-feira seguinte depois do acidente de Billy, a notícia já havia se espalhado por toda parte. Alguns rapazes achavam aquilo hilariante. Aparentemente, Billy ficou em tal estado que precisou passar pelo médico. Enquanto isso, Steve Simpson ficou famoso por inundar prédios. Ele havia inundado os sanitários do cinema local no fim de semana.

Tom ficou de queixo caído quando David lhe explicou o que tinha ouvido. Por um momento, ele pensou no que dissera no poço dos desejos, então balançou a cabeça. Era apenas mais uma coincidência espetacular.

Nem Billy nem Steve podiam ser vistos em qualquer lugar. O dia na escola foi sem incidentes devido à ausência dos dois valentões, embora Tom tivesse visto George Foster chutando uma lata na quadra de jogos, parecendo um pouco perdido sem os dois amigos. Bem mais adaptado, Tom estava fazendo novos amigos. David contou um pouco mais sobre a floresta mal-assombrada.

– Bem – disse David animado –, parece que séculos atrás uma convenção de bruxas velhas costumava se reunir em uma parte da floresta para realizar encontros. Quando uma criança desapareceu, os aldeões resolveram se vingar e, uma noite, ficaram de tocaia na floresta. – David arregalou os olhos pois se preparava para contar uma história arrepiante. – Era lua cheia, as bruxas acenderam uma enorme fogueira, e dançavam embriagadas em volta dela. De repente, os aldeões apareceram e as

atacaram. Houve uma luta encarniçada e, aparentemente, eles afogaram algumas bruxas velhas em um poço de água que ficava perto.

Com estas últimas palavras, Tom respirou fundo:

– É mesmo?

– Sim – disse David, fazendo uma pausa para recuperar o fôlego e tornar o clima mais dramático. – Tem gente que diz que logo depois disso, misteriosos eventos passaram a ocorrer nessa parte da floresta. Pessoas começaram a desaparecer e havia gente dizendo que ainda era possível ver as bruxas dançando ao redor do fogo nas noites de lua cheia. Por isso, os aldeões fecharam o local com tábuas. – David então imitou uma ridícula voz de bruxa e soltou uma gargalhada sinistra: – E depois disso o poço jamais foi encontrado, queridinho, rá, rá, rá!

Tom despejou estas palavras: – Mas eu já vi esse poço, e não está mais fechado. Na verdade, ele ainda funciona.

– Sim, com certeza! – disse David. – Essa é apenas uma história boba.

– Não, David, sinceramente. Eu posso mostrá-lo a você...

David parecia confuso, e quando o sinal tocou concordou de se encontrarem para que Tom lhe mostrasse onde o poço ficava. Tom decidiu não dizer para David a respeito do que havia dito para o poço. Aquilo tudo era muito estranho.

Depois da escola, David foi para a casa de Tom. Era a primeira vez que Tom levava alguém em casa e sua mãe ficou contente. Muito contente.

– Bem, Tom, quem é ele?

Tom murmurou: – David.

– Olá, David. – a mãe exibiu o sorriso mais bobo no rosto. – E onde você mora?

Acanhado, David deu seu endereço quase como se ela fosse da polícia.

– E os seu pais sabem que você está aqui? – indagou a mãe. – É um caminho bastante longo até a sua casa. Não queremos que eles se preocupem...

Como David havia seguido para a casa de Tom na empolgação, ele não tinha feito aquela coisa aborrecida de avisar os pais onde estava. A mãe de Tom insistiu que telefonasse para eles imediatamente. Tom estava muito envergonhado.

Como Tom suspeitava, a mãe não se contentaria só com o telefonema de David para os pais. Com certeza, queria falar com eles. Ela pegou o telefone de David, e seu tom de voz mudou, como se ela quisesse parecer educada para os pais dele.

– Ah! Estou muito satisfeita de falar com os pais de um amigo do Tom. Somos novos na região, e então eu gostaria de conhecer as famílias que moram no nosso entorno.

Atrás da mãe, Tom olhava para David e fingia passar mal.

– Talvez David possa ficar para o jantar – a mãe balbuciou.

Tom sorriu com a imagem dele e seus pais comendo David no jantar...

Depois do que pareceu uma eternidade, a mãe desligou o telefone. Ela virou-se triunfante, como se tivesse acabado de resolver um importante caso para a polícia. Tom suspirou.

– Podemos sair agora, mãe?

– Sim, querido, mas não se afastem muito, quero poder encontrar vocês facilmente. Não quero que os pais de David pensem que não tomei conta dele adequadamente.

Tom e David escaparam das garras da mãe e correram para fora.

– Sinto muito por isso – disse Tom.

– Tudo bem – respondeu David. – A minha mãe também é assim. – Ambos riram e começaram a andar ao longo do caminho.

Quando alcançaram a borda da floresta, Tom ficou surpreso ao descobrir que o portão pelo qual ele normalmente passava parecia mais coberto de mato. Os rapazes afastaram a folhagem para facilitar a subida. O grande campo que ficava protegido pelas árvores parecia mais escuro que o habitual.

Tom olhou para a outra ponta onde o poço ficava. – Isso é estranho – ele disse.

– O que houve? – David parecia se divertir. – Eu sabia que você estava mentindo – e empurrou Tom de brincadeira.

Os rapazes caminharam pelo campo coberto de mato e chegaram a um velho poço tampado. A manivela brilhante em forma de L que Tom tinha visto antes fora substituída por uma peça velha de arame enferrujado, com a sobra de uma corda velha dependurada. O enorme poço estava coberto com madeira muito velha que parecia podre e insegura.

Ao lado do poço havia um balde velho com um enorme buraco. Tom ficou surpreso. O muro de pedra do poço estava coberto de limo e hera, e é óbvio que estava assim há muito tempo.

– Mas, eu não entendo – gaguejou Tom. – Normalmente não é assim, alguém deve ter vindo aqui... – percebeu a bobagem que significava dizer isso. David riu ruidosamente. Tom estava confuso.

– Sim! – concordou David ironizando. – Alguém veio até aqui e fez tudo ficar enferrujado e enroscado na trepadeira de hera ao lado. Não seja ridículo, Tom, esse poço não é usado há anos. David tentou virar a manivela, que não se mexia.

– Talvez as histórias sejam verdadeiras. Mas e a respeito das bruxas? – Tom olhou suplicante nos olhos do amigo.

– Ah, Tom, faça-me um favor! – David riu. – Estou com dor de barriga de tanto rir... – a risada dele ecoou em torno do grande campo. – Sem essa, vamos voltar, estou com frio e com fome.

Eles caminharam de volta para a casa da fazenda, com David caçoando de Tom durante todo o caminho. Tom estava surpreso demais para se defender.

Quando David foi embora ao anoitecer, ainda ria de Tom, e agradeceu pela melhor piada dos últimos tempos. Tom estava levando na brincadeira, mas assim que fechou a porta da frente, pensou:

“Amanhã, logo depois da escola, vou voltar ao poço!”

Capítulo 11

Tom Faz um Desejo

O dia parecia se arrastar, à medida que Tom esperava impaciente pelo último sinal. Steve e Billy estavam de volta e haviam se unido a George para assustar um garoto do primeiro ano. Tom evitou-os e esperava que eles tivessem esquecido tudo sobre ele. Além disso, tinha coisas mais importantes em que pensar. Começou a ter problema em várias aulas por sonhar acordado, mas não podia parar de pensar no que tinha acontecido.

Por fim, o dia terminou e ele foi pegar o ônibus. Conseguiu chegar ao caminho que levava ao ponto sem qualquer incidente, pois Steve e George não estavam por perto, e cruzou os dedos para que eles não aparecessem.

Ele se apressou pelo caminho do canal, com o poço na mente, sem notar que os três rapazes o seguiam na paralela, ao longo dos arbustos.

Assim que chegou à ponte, os rapazes o agarraram. Tom lutou para fugir, mas George Foster apanhou sua mochila e começou a correr na direção contrária à ponte.

– Dá isso de volta! – Tom berrou para ele.

Foster riu e imitou a voz do outro: – Dá isso de volta!

Tom tentou se aproximar, mas Simpson e Watson derrubaram-no no chão. George começou a girar a mochila de Tom segurando pela correia. Alguns livros caíram no caminho lamacento. Com um último arremesso, George atirou a mochila no canal. Ela caiu com um esguicho e ficou no meio da água. Tom podia ver seu livro de Química estragando conforme

ficava encharcado. Os outros dois rapazes o soltaram, mas o xingaram e fizeram gestos obscenos quando se foram.

Tom entrou na água para pegar suas coisas. Recolheu os livros que caíram no caminho. Tudo estava coberto de lama e água. Dos joelhos para baixo sentia as calças frias, úmidas e pesadas. Levantou os olhos para o caminho onde os rapazes tinham sumido e viu-os rindo conforme se afastavam.

Caminhou pela ponte, deixando um rastro empapado. Suas calças começavam a cheirar mal. Havia perdido o ônibus e tomou um lugar na fila. As pessoas torciam o nariz e olhavam em volta para saber de onde vinha o cheiro. O rosto de Tom corou. Por fim o ônibus chegou, ele subiu rapidamente, e foi para a parte traseira, tentando esconder as pernas sob o banco da frente, na esperança de diminuir o cheiro.

Infelizmente, Tom sentou ao lado do motor do ônibus, e o calor começou a esquentar as calças dele. O vapor começou a subir e o cheiro logo tomou o veículo inteiro. Tom pressionou o rosto contra a janela para não ver o olhar dos outros passageiros.

Desceu do ônibus o mais rapidamente possível. A mudança da temperatura quente do ônibus o fez tremer de frio. Estava zangado.

Os fundilhos das calças haviam se tornado espessos e ele cambaleou em direção à sua casa.

A mãe estava fora lavando um tapete quando ele chegou.

– Tom! – ela gritou. – Mas que diabos?...

Encabulado, Tom olhou para ela.

– Você pensa que eu não tenho nada melhor para fazer do que lavar roupa todo dia? – ela perguntou bruscamente.

– Sinto muito mãe, eu caí no canal.

A mãe o enviou diretamente para tomar banho no andar de cima, adiando a visita dele ao poço. Tom irritou-se.

Depois do jantar, o telefone tocou. Era a tia Margaret.

Tom sabia que a mãe ficaria ocupada por um bom tempo e aproveitou a oportunidade para escapular de casa. Estava começando a escurecer, mas Tom quase não notou enquanto corria pelo agora familiar caminho para a borda da floresta.

Quando chegou lá, não viu os galhos quebrados que ele e David tinham deixado de lado na véspera. Parecia que tudo estava exatamente como sempre esteve antes. Tom procurou em volta para ver se algum trator não tinha levado os galhos para longe, mas não encontrou pistas. Apenas suas próprias pegadas na lama. Lentamente, ele contornou o campo, sentindo-se um pouco nervoso. Podia ver o brilho fraco do sol baixo resplandecendo ao anoitecer na outra ponta do campo, parecendo querer iluminar o poço, quase como se o poço estivesse no meio de um palco e o sol fosse um holofote. Tom correu para o poço e arregalou os olhos.

Foi o que ele suspeitou: o poço continuava exatamente como da primeira vez que o descobrira. A manivela brilhava reluzente quando os raios de sol batiam nela. A corda estava fortemente amarrada em um brilhante balde novo. Não havia nenhum sinal de qualquer tábua velha, arame enferrujado ou balde furado por perto. Ele se inclinou na beirada e berrou lá dentro:

– Onde você estava?!

O poço ecoou suas palavras. Tom coçou a cabeça estupefato: o poço era mal-assombrado e os espíritos das bruxas mortas jaziam ali. Pensou em Steve e Billy, mas não se sentia amedrontado pelo poço. Era seu amigo. Em

seguida lembrou de George atirando sua mochila no canal e um pensamento maldoso lhe atravessou a mente.

Se aquele era realmente um poço mal-assombrado, então talvez os espíritos fossem responsáveis pelos acidentes que os rapazes estavam sofrendo! Era chegada a hora de fazer uma experiência...

– Espírito do poço, eu odeio George Foster – ele disse animado. – Eu quero, eu desejo que ele passe pelo que eu passei hoje e que seja pior.

O poço gorgolejou de volta os últimos ecos dessas palavras. Tom parou muito tranquilo e arregalou os olhos lá dentro. Notou que agora o sol tinha desaparecido e a campina estava quase totalmente no escuro. Correu de volta para casa sorrindo, impaciente para ver se o seu desejo se realizaria.

Capítulo 12

A Lição de George

George Foster não era o garoto mais brilhante do mundo. Tinha o hábito de dizer a coisa errada na hora errada, e no geral era um pouco lento. Steve Simpson permitia que George andasse à sua volta porque ele era tonto demais para pensar no que fazia e executava qualquer coisa que o outro mandasse. Steve disse para George atirar a mochila de Tom no canal e George nem pensou nas consequências disso. Ele só fez o que Steve lhe disse para fazer.

Aquele dia não era diferente de qualquer outro dia para George. Havia passado em casa para o chá e agora estava de volta ao jardim para atirar pedras no gato. O gato tentou se esquivar dos projéteis, mas George encurralou o pobre animal num canto. Ele ria estupidamente para si mesmo quando o gato miou com medo.

A porta de trás da cozinha abriu e uma voz esganiçada berrou:

– George, pare com isso! – e a porta fechou ainda mais rapidamente do que abriu.

George levantou os olhos para a porta e por um segundo ficou confuso. A mãe dele sempre atrapalhava a diversão.

Pouco importava, o gato nem era deles! Relutante, deixou o gato ir e começou a chutar uma lata no jardim.

Percebeu alguma coisa no chão, no canto do jardim. Não tinha visto aquilo antes. O que seria? Era um grande ralo quadrado que se projetava da terra. Como nunca havia notado aquilo antes? Ele havia fuçado cada

centímetro daquele território. O ralo possuía uma grade que o cobria. George examinou a parte interna e pôde observar que era um buraco profundo e escuro. Ajoelhou-se ao lado daquilo e escutou. Parecia ter água corrente lá dentro.

Procurou em volta no jardim algo para levantar a grade de metal. Na lateral do galpão havia o cabo de um velho ancinho. George pegou o cabo e o forçou entre as barras. Largou o peso de seu corpo no topo do cabo e a grade começou a se deslocar. George riu para si mesmo. A grade soltou e ele conseguiu deslizar os dedos na terra em volta dela. Puxou com força e a grade virou como um portão.

George se inclinou e ouviu bem. Definitivamente, era água corrente. Pegou a lata que estava chutando antes e jogou-a no ralo. Ela desapareceu da vista e ele se inclinou para ouvi-la cair. De repente uma grande força sugou-o para o ralo. George tombou de cabeça direto no buraco, mas o cinto da calça prendeu na abertura e ele ficou pendurado no meio do caminho.

Ele se contorceu tentando afrouxar o cinto e se soltar, mas só conseguiu apertar ainda mais. Suas pernas estavam esticadas retas para cima no ar. George começou a chamar: – SOCORRO! –, mas seus gritos foram tragados para baixo no ralo. Estava escuro e úmido e o cheiro era muito desagradável. George teve a impressão de reconhecer o cheiro, mas não conseguia lembrar bem onde tinha sentido aquilo antes.

Naquele momento, um som familiar veio da casa de George. Era o som de alguém no banheiro dando a descarga no vaso sanitário. George abriu a boca para chamar novamente, quando ouviu o som da água corrente ficar cada vez mais alto e cada vez mais próximo. Ele começou a se contorcer

furiosamente, mas as coisas só pioravam. Ele estava realmente muito encrencado.

A água vinha correndo em direção a ele feito um vulcão em erupção e então ele lembrou de onde conhecia aquele cheiro.

Era do ralo ligado ao sanitário. George começou a berrar freneticamente quando a água jorrou por todos os lados sobre ele. Ele nem pensou em ficar de boca fechada e murmurou a palavra: – SOCORRO. – Engoliu uma enorme quantidade de água de esgoto ao fazer isso. Ela brotou em seu nariz e o cheiro era insuportável.

A mãe de George achou que ele estava muito sossegado no jardim há algum tempo e olhou para fora da janela da cozinha para ver se ele ainda estava lá. O que ela viu foi a terrível visão das pernas de George se contorcendo no chão. Ela arremeteu para abrir a porta de trás e gritou: – George! Oh! NÃO! – ela correu em direção a ele e tentou puxá-lo para fora do ralo pelas pernas. Havia água em toda parte e ela escorregou nas pedras da calçada e caiu em cima de George com um baque, mandando-o para dentro do esgoto.

– George! – ela gritou para o ralo. Os gritos de George podiam ser ouvidos, mas ficavam cada vez mais distantes.

– MÃÃEEE! SOCORROOO!

A senhora Foster correu de volta para casa e chamou o Corpo de Bombeiros.

Capítulo 13

O Espírito do Poço

No momento em que Tom chegou à escola na manhã seguinte, as novidades haviam se espalhado rapidamente. Demorou quatro horas para George ser retirado do esgoto. Quando foi resgatado, precisou ser levado ao hospital para fazer uma lavagem estomacal, pois havia engolido muita água do esgoto. Tom ficou muito contente. A coisa funcionou, então o poço *era* mal-assombrado.

Quando voltou para casa à noite, ele sequer entrou em casa. Correu direto para o poço, incapaz de conter a agitação. Parecia que aquilo sempre tomava conta dele, mas agora era realmente seu lugar especial. Ele havia decidido, depois da visita de David, não mencionar o local para mais ninguém.

Tom correu para o campo pulando e gritando. Ele girou e girou até cair em um monte na frente do poço. Começou a rir sem parar. Pendurou-se de lado e berrou:

– Obrigado, obrigado mesmo, espírito do poço!

Tom riu até a barriga doer. Deitou-se no chão ao lado do poço e levantou os olhos para o céu escondido pelas árvores acima dele. Só então notou como o lugar era sossegado. Não escutava nem um pássaro, nem o vento soprando nas folhas das árvores. O céu parecia escurecer quando ele se sentou para olhar o campo em volta.

Não havia nenhum som para ser ouvido. Tom olhou no poço, que parecia emitir um brilho estranho. Uma mistura de cores rodopiou para fora

e ao redor do poço. Tom arregalou os olhos, enraizado onde estava. Dourado, verde, azul e vermelho pareciam rodar em conjunto como um tornado, que girou em torno do poço até tomar a forma de um grande manto. Tom ficou de queixo caído. De repente, a forma virou uma grande capa que parecia envolver alguém ou alguma coisa.

Tom parou na frente da visão e arregalou os olhos, incrédulo. A capa se abriu para cima e revelou o que escondia: uma pequena criatura fantasma que flutuava acima do chão. A criatura tinha longos cabelos negros, que explodiam em volta dela, apesar do fato de não existir vento. Ela usava um vestido longo esvoaçante, feito de um material que ele nunca havia visto antes, que parecia mudar de cores diante dos olhos dele. Às vezes era azul-claro, depois parecia mesclar com roxo, em seguida, magicamente, escoava para um azul-escuro profundo.

Tom gaguejou – Que, quem é você? Você é o espírito do poço? – A criatura jogou a cabeça para trás e soltou uma risada longa e oca que pareceu durar uma eternidade. O som daquela voz era estranho. Parecia a mistura de um som agudo, como se ela estivesse se afogando quando falava. A risada ecoou ao redor no campo, até finalmente sumir ao longe.

– Tom, nós nos encontramos afinal – disse a criatura vagarosamente, faiscando os olhos verdes para ele. Cada vez que dizia uma palavra, seus olhos pareciam brilhar ainda mais. – Eu sou realmente o espírito do poço. Esperei um longo tempo para ser livrado, e por fim veio alguém para dizer as palavras que quebraram o feitiço que me mantinha prisioneiro à minha cela cheia d'água.

O som da voz do espírito fez Tom se sentir inebriado, enfeitiçado pela visão. Ele não conseguia falar.

– Não tenha medo, jovem Tom – borbulhou o espírito –, pois você provou que temos um objetivo comum. Eu também tenho inimigos contra quem busco vingança há muito tempo. Três vezes você me pediu para cumprir suas ordens e três vezes eu obedeci. Você quebrou o feitiço ao agradecer a maldade que eu estava fazendo.

Tom recuperou a força da voz.

– Quem lançou o feitiço em você?

O espírito contorceu o rosto. Em seguida, cuspiu as palavras.

– Os moradores de Rosewell. Eles me acusaram de ser bruxa – os olhos do espírito faiscaram e estreitaram de raiva. – Eles vieram atrás de mim como covardes na noite. Escondidos na mata, enquanto minhas irmãs e eu dançávamos ao luar. Eles nos atacaram, assassinaram minhas amadas irmãs. Eu tentei escapar, mas eles me capturaram e me atiraram para a morte dentro deste poço. – O espírito soltou um gemido sobrenatural.

– Então, porque você não está morta? – Tom perguntou.

– Ah! – gorgolejou o espírito. – Eu sou uma morta- -viva. Quando caí para morrer, fui apanhada por uma força mais poderosa. Enki, a deusa do mundo das águas me capturou e amorteceu a minha queda. Ela não ficou contente com o que fiz enquanto eu vivia, então passou para o lado dos aldeões e me puniu. Disse que eu devia me arrepender das minhas crenças e então ela me permitiria descansar em paz. Mas não fiz isso, pois meu nome é Arrogância, e eu não concordaria com os termos dela. Ela estava errada ao me julgar assim. – O espírito se debatia por toda parte, mudando de cor, babando e salivando.

– O meu castigo seria permanecer presa no poço até que outro ser humano seguisse o meu jeito de pensar. Que foi o que você, meu querido, queridíssimo Tom, fez. – Arrogância sorriu para ele exibindo bolhas que

jorravam entre os dentes. – Três vezes você devia me pedir ajuda, três vezes eu devia atendê-lo, depois você devia me agradecer, e foi o que fez. Agora eu posso reparar o mal que fizeram para mim e agora, e somente agora, posso me juntar às almas das minhas irmãs.

– Mas com certeza isso aconteceu há séculos, as pessoas que você quer encontrar devem estar mortas – disse Tom.

O espírito gritou forte:

– NÃO, NÃO, NÃO VOU ACREDITAR NISSO!

Tom olhou nervoso. Era óbvio que tinha dito a coisa errada.

O espírito cuspiu fora as palavras: – O MEU DIA VAI CHEGAR, EU VOU ME VINGAR! NINGUÉM VAI ME IMPEDIR! – Rodopiou desvairado por toda parte, até que seu tornado reapareceu. Em seguida, tão misteriosamente quanto apareceu, evaporou. Tom continuou parado, ainda hipnotizado pelo que tinha visto. Era realmente incrível.

A campina permanecia em silêncio, e ele se arrastou até o poço e olhou lá dentro. Não havia nada ali, nada para ver. Onde ela havia sumido? Ele pegou a mochila e correu de volta para a casa da fazenda.

Capítulo 14

A Rainha das Águas

Tom sentou em seu quarto. Deveria estar fazendo a lição de casa, mas não conseguia se concentrar. Talvez tivesse imaginado o que tinha visto, mas tudo parecia tão real. Se fosse real, então Arrogância era uma força a ser enfrentada. Ela parecia muito, muito zangada mesmo. Ele gostaria de saber quando a veria novamente. Precisava descobrir o que ela pretendia fazer. As pessoas contra as quais ela queria se vingar estavam mesmo, e muito bem, enterradas. O coração dele se encheu de pavor, só de pensar que ela havia sido livrada por ele.

Naquela noite, ele não conseguia pegar no sono. Virou e revirou na cama até dormir. Mas, Arrogância estava em seus sonhos, levando o caos aonde quer que fosse. Ele despertou e olhou para o relógio. Eram 4h30 da madrugada. O quarto estava frio e escuro, ele puxou os cobertores firmemente ao redor, e tentou manter o calor na cama. De repente, ouviu um barulho na janela. Alguma coisa batia no vidro. Tom correu até lá e puxou as cortinas. Arrogância flutuava diante dele.

– Deixe-me entrar, Tom – ela sussurrou –, deixe-me entrar!

Tom destravou a janela e o espírito entrou. O quarto escuro se tornou um arco-íris. Os olhos de Arrogância faiscavam para ele.

– Vista-se Tom, temos trabalho a fazer.

Tom olhou o relógio e tentou dizer: – Mas são apenas 4h30, tenho que ir para a escola... – Arrogância interrompeu-o bruscamente.

– Esperei muito tempo por isso – os olhos verdes dela faiscavam com impaciência. A boca dela parecia borbulhar furiosamente. – Existem pessoas com quem eu preciso acertar as contas e eu não gosto de ficar esperando.

Tom teve a nítida impressão de que não era hora de discutir. Rapidamente puxou suas roupas enquanto o espírito flutuava no canto do quarto. Ele caminhou em direção à porta.

O espírito falou: – Não temos tempo para viajar da maneira convencional. Venha comigo – e acenou para ele. Nervoso, Tom caminhou para os braços dela.

Arrogância envolveu-o em sua capa. Tom sentiu um aroma de umidade e ervas daninhas. O abraço não foi nem frio e nem quente. Ela ergueu-o no ar. Ele não podia ver o chão, mas sabia que já não estava mais pisando nele.

Arrogância impulsionou-os para fora da janela, e eles voaram alto no céu. A noite estava limpa e as estrelas reluziam acima deles. Eles pareciam descer e mergulhar com incrível velocidade, até que finalmente aterrissaram. Arrogância abriu os braços para mostrar a fachada do bar da aldeia, *Braços Abertos Para o Viajante*.

Tom não podia imaginar porque eles estavam ali. Arrogância olhou para ele e riu da expressão de curiosidade estampada em seu rosto.

– Este, Tom, é o lugar onde tudo começou – ela disse, com olhos cintilantes na escura noite. – Eu preciso que você me ajude, pois existem algumas coisas que eu não posso fazer.

O bar tinha uma antiga marca que mostrava que funcionava ali desde 1850. Arrogância apontou para isso.

– Você riu de mim quando conversamos antes, mas esta cervejaria ainda existe.

Tom tentou dizer a ela que agora o bar devia ter outro gerente, mas ela começou a seguir o caminho em volta do prédio.

Fora do prédio ficavam grandes barris de metal vazios, à espera de serem recolhidos de manhã. Arrogância flutuou acima deles e acenou para Tom.

– Suba em um desses e abra a janela ali em cima.

Ela apontou para uma pequena janela que parecia ser o sanitário.

Tom olhou para ela e disse:

– Não posso fazer isso! Vou arranjar confusão... Arrogância, isso está errado.

O espírito inflou as bochechas e soprou direto na direção de Tom. O que saiu daquela boca foi um misto de água e ervas daninhas. Tom ficou encharcado da cabeça aos pés.

– Não provoque a minha ira ou não me responsabilizo pelo resultado.

Tom subiu nos barris e puxou a janela, que não estava adequadamente trancada, e abriu com o impulso, mostrando o banheiro no escuro. Arrogância voou por cima da cabeça dele. Tom decidiu segui-la e subiu. O espírito voou para o bar propriamente dito e flutuou ameaçadoramente.

– Finalmente, eu voltei! – ela girou no meio do recinto e sua capa se encheu de luz. Ela começou a girar mais e mais rápido enquanto recitava as palavras:

– A ausência faz o coração mais extremado ficar,

O sono interrompido é bom tempo para meditar.

Tempo não desperdicei, quando estava afastada:

A minha verdadeira ira permaneceu intocada.

Aqui dentro desta taberna de beber,

Venha cá, ó mundo das águas, encher.

Que fiquem todos ensopados e encharcados, como eu fiquei...

Este é o legado da Rainha das Águas que eu deixarei!

Tom parou no canto da sala observando a cena. Arrogância girou em volta do lugar como um pião, recitando as palavras cada vez mais rápido. Então houve um estrondoso ruído e fendas começaram a aparecer no teto. Fortes estouros começaram a sair do banheiro que ficava logo atrás. Tom olhou no banheiro e viu água espirrando das torneiras. Os canos nas paredes começaram a vergar e entortar até que explodiram. A água cascateava no local. No bar, as garrafas começaram a quebrar e a água escorria do teto. Arrogância estava rindo e a voz dela ecoava por toda parte.

Uma voz veio do andar de cima. O dono morava em cima do bar e tinha sido acordado com a quebradeira e a pancadaria que estava acontecendo por toda parte.

– QUEM ESTÁ AÍ EMBAIXO?

Tom olhou para Arrogância que ainda girava e apontava para vários lugares, onde novas torrentes de líquido apareceriam. Ao perceber o som de pés na escada, Tom avisou:

– Arrogância, precisamos ir!

Ela girou na direção de Tom, e sem parar envolveu-o na capa, rodopiou no meio do banheiro e saiu pela janela. Eles dispararam no céu como um foguete, deixando para trás uma bagunça molhada. Tão rapidamente como chegou à aldeia, o espírito devolveu Tom para seu quarto, aterrissando-o no meio do cômodo. Tom foi deixado em pé, imundo, ainda molhado do banho que tinha levado por tê-la questionado. Arrogância passou o dedo ensopado sob o queixo e disse: – Agora me diga, não foi divertido?

Tom ainda estava pensando em toda aquela molhadeira, mas decidiu concordar com ela, e acenou com a cabeça confirmando.

– Agora estou cansada. Acho que preciso de um pouco de repouso. Todo esse trabalho pesado me deixou exausta. Preciso ir.

Com esse comentário final, ela desapareceu pela janela aberta, deixando Tom olhando fixamente para ela, frio, molhado, e muito, muito preocupado.

Capítulo 15

Arrogância Busca Vingança

Chegou o fim de semana e Tom tinha passado os últimos dias sem pensar em outra coisa que não fosse Arrogância. Tinha saído uma reportagem no jornal da cidade dizendo que vândalos haviam depredado o bar *Braços Abertos Para o Viajante*. Tom se sentia muito culpado e preocupado, já que achava que ele era o responsável. Arrogância não voltou a vê-lo desde aquela noite. Ele acreditava que aquela havia sido a vingança final dela, e que agora ela estava em paz com as irmãs. Ele não se atreveu a visitar o poço desde as inundações, mas seus pais estavam indo para a cidade, e Tom pensou que aquela seria a oportunidade que esperava para tentar invocar Arrogância. Precisava ter certeza de que ela havia retornado ao descanso.

Esperou um tempo depois que os pais saíram, para ter certeza de que eles haviam desaparecido definitivamente e não retornariam. Logo que sentiu que eles deviam estar bem longe, caminhou até o poço. Não tinha certeza do que esperar quando chegasse lá. Talvez tudo tivesse de volta ao estado de degradação, o que significaria que Arrogância havia sumido. Ele entrou no campo com cautela e ficou olhando fixamente para o poço. Estava em perfeitas condições. O sol reluzia na manivela cromada e o balde balançava firmemente seguro na corda.

“Hum” – pensou Tom –, “acho que vou tentar chamá-la...”

Ele se inclinou na lateral do poço e berrou:

– Arrogância, você está aí? Preciso falar com você – mas não houve resposta. Ele tentou novamente.

– Arrogância, é o Tom, eu preciso falar com você – ele pensou ter ouvido um riso fraco e se inclinou um pouco mais no poço, e ouviu com cuidado. – Arrogância, é você? – Tom sentiu um toque em seu ombro e pulou.

Era Arrogância, que flutuava atrás dele.

– Buuu! – ela fez, e depois riu. – Assustei você? Não sou um terror? – ela levantou os braços, dançou ao redor como um fantasma, e revirou os olhos em volta das órbitas. – Tenho praticado a minha assombração. O que você achou?

Tom ficou contente de ver aquele senso de humor e eles riram. Talvez ela se tornasse boa depois de tudo.

– Arrogância, nós precisamos conversar – pediu Tom, parecendo bastante sério. – Por favor, ouça o que tenho para dizer.

Arrogância olhou como se ele estivesse estragando a diversão dela.

– Ah! Tudo bem – ela espichou o beijo –, se você insiste. O que é? – Arrogância parecia estar parada, ondulando no ar, e assim permaneceu sem se mexer.

Tom começou a explicar que o que eles tinham feito no outro dia era errado, e que as pessoas responsáveis pela morte dela e das irmãs com certeza deviam estar mortas, pois o caso ocorrera há mais de um século. Arrogância não disse nada. Tom olhou no rosto dela para ver se ela estava ficando aborrecida. Ele não queria ficar encharcado novamente. Ela parecia calma, então ele continuou. Perguntou se agora ela estava satisfeita e se voltaria feliz para o poço. Arrogância fez o ar mais inocente do mundo e disse:

– Tom, você está absolutamente certo, eu entendo, mas tem mais uma coisa que eu preciso fazer antes de me juntar às minhas irmãs. Você vai me ajudar?

Tom não tinha certeza.

– Depende do que é! Nós não podemos mais provocar danos.

Arrogância acenou com a cabeça aceitando e disse:

– Nada disso! Eu vou apenas procurar um velho amigo...

Tom pensou naquilo por um segundo, e depois olhou no rosto de Arrogância.

Ela parecia realmente querer dizer aquilo e, assim, o problema de ser livrada poderia ser resolvido.

– Ok! – ele disse. – Eu vou fazer isso. Mas você promete que não haverá confusão? – obediente, Arrogância acenou com a cabeça confirmando e abriu a capa para envolvê-lo.

Em poucos segundos eles estavam voando pelos caminhos dos céus. Arrogância cantava uma canção para ela própria, e Tom almejava que ela lembrasse que ele estava com ela. Tampou o nariz para tentar reduzir o impacto do cheiro de umidade que vinha dela e rezou para que o percurso também não fosse longo. Logo, eles chegaram à parte de trás da loja de congelados da aldeia. Era hora do almoço e não se avistava ninguém por perto. Arrogância pareceu ligeiramente confusa quando olhou em volta.

– Era neste lugar que John, o ferreiro, costumava trabalhar. Mas não parece o mesmo.

Tom ficou irritado com ela.

– É isso que venho tentando lhe dizer! As pessoas que agrediram você já não vivem mais.

Os olhos de Arrogância faiscaram de frustração. Ela parecia estar pensando em algo de difícil compreensão.

– Bem, não importa. Isso vai servir do mesmo jeito. Venha, Tom, você precisa me ajudar.

Tom ficou nervoso quando ela falou assim com ele. Da última vez que ela pediu ajuda, eles tinham causado um prejuízo enorme. Arrogância estava olhando nas portas traseiras onde a comida era colocada nos congeladores. Eram de aço e de grandes dimensões e Tom não via como eles poderiam entrar. Ficou aliviado.

O espírito virou e olhou para ele.

– Tom, eu preciso que você abra essa porta.

Tom disse-lhe que não podia, pois a loja estava fechada. Arrogância começou a ficar zangada. Ela estufou as bochechas.

– Tudo bem! – disse Tom. Ele não tinha esquecido o cheiro horrível e úmido da última vez que ela estufou as bochechas para cima dele. Teve que tomar três banhos para o cheiro sair do cabelo. Andou em volta da parte de fora do prédio para ver se existia algum outro jeito de eles entrarem. Bem alto, no primeiro andar, havia uma janela aberta. Ele virou para Arrogância e mostrou a ela, que o ergueu e flutuou do lado de fora da janela. Tom já estava se acostumando a ser levado no ar por ela. Ele forçou a janela para abrir um pouco mais e Arrogância colocou-o para dentro.

Uma vez dentro, Arrogância se esgueirou por um corredor e desceu as escadas que levavam à área principal de compras. Logo, eles estavam em um grande saguão. Um mar de congeladores surgiu zunindo diante deles. Tom caminhou pelo corredor olhando cada vidro de cada compartimento. Havia sorvetes, hambúrgueres, batatas fritas, todo tipo de coisas. Normalmente, ele detestava acompanhar a mãe até lá, mas era diferente

estar ali com Arrogância e mais ninguém por perto. Arrogância corria para cima e para baixo dos corredores até encontrar um lugar confortável para ela. Então, ela começou a girar...

Tom virou rapidamente e berrou com ela:

– Arrogância, lembre-se do que você me prometeu!

Houve uma longa risada oca quando ela gritou em retorno:

– Eu menti!

Fora de controle, o espírito girou ferozmente por toda parte e Tom encolheu-se quando ouviu ela começar a recitar as palavras do feitiço perverso:

– Mundo de gelo que substitui aquele que eu conheci,

A mágoa congelada retorna para você.

Derreta tantos anos de dor,

Para que eu possa gostar de mim novamente.

Traga-me água, água limpa,

De cada cano e cada torneira aqui perto.

Mostre a esta cidade que eu voltei

Para nunca mais ser desprezada, decerto!

Tom sentiu o chão sob seus pés começar a sacudir descontrolado.

– Não, Arrogância! Não! – ele gritou.

O espírito ignorou-o e continuou a recitar as palavras conforme girava cada vez mais rápido, como um borrão. No meio daquilo, Tom só conseguia enxergar os olhos de arrogância faiscando com as palavras pronunciadas. O prédio balançou e telhas começaram a cair do teto. Houve grandes ruídos rangendo quando os canos do prédio que transportavam água começaram a explodir acima da cabeça de Tom. O zumbido dos congeladores parou e as tampas voaram para cima. E começou a jorrar água das máquinas.

Tom correu em direção a Arrogância para tentar agarrá-la, para que ela parasse de girar, mas não havia nada para segurar. As mãos dele desapareceram na forma dela, como se ela não existisse.

O espírito girou febrilmente ao redor, e logo o riso dela substituiu o feitiço usado para destruir a loja. Havia água por toda parte e os tênis de Tom estavam começando a ficar encharcados. Uma torrente constante de água jorrou do teto, ensopando o cabelo e as roupas dele.

– Pare com isso, Arrogância, pare! – Tom gritava em vão, conforme o espírito maligno conseguia exatamente o que queria.

Tom começou a correr para fora do salão de comidas, em direção à escada por onde havia descido. O espírito esbravejou com ele.

– Volte aqui!

Mas ele não ouviu e continuou correndo até alcançar o andar de cima. Arrogância foi atrás dele e apontou a mão de água para o teto acima da cabeça do rapaz. As telhas despencaram a seus pés, despejando toda água sobre ele. Tom continuou na correria. Quando chegou à janela do depósito pela qual eles haviam subido, ele percebeu que não conseguiria sair. Precisaria voltar atrás e escapar pela escada de incêndio. Virou rapidamente e olhou para a entrada. Nem sinal de Arrogância. Onde ela tinha ido? A água agora já havia inundado o prédio inteiro e Tom patinava no caminho de volta pelas escadas tentando fazer isso da maneira mais quieta possível para passar despercebido. O som da água corrente era ensurdecido quando ele atravessou o caminho para o corredor de volta. Uma voz parou suas pegadas.

– E onde você pensa que está indo? – mesmo sem ver, Tom sabia quem era. Ele virou lentamente para enfrentar o monstro que havia livrado do

poço. Arrogância flutuava acima dele com a mais estranha expressão no rosto: – Eu ainda não acabei com você...

Tom começou a correr em direção à porta e o espírito apontou e disparou jatos de água. Um deles atingiu Tom no meio das costas. Ele caiu no meio daquela confusão molhada.

– Não, Arrogância, não! – ele gritou. Sabia que precisava sair dali e atirou-se sobre a barra que abria a porta. O mar de água atrás dele o acompanhou lá fora no pátio de entregas.

Tom deslizou pela porta na onda de água e aterrissou no chão do lado de fora.

Sem parar para pensar, ele pulou e começou a correr o mais rápido possível para longe do desastre.

Capítulo 16

Fora de Controle

Tom correu todo o caminho de volta para a casa da fazenda olhando para trás constantemente para ver se Arrogância o seguia. Suas roupas estavam frias e úmidas e grudavam na pele. Quando chegou, ficou aliviado de ver que seus pais ainda não haviam retornado. Correu para o andar de cima e tirou as roupas molhadas. Rapidamente, as trocou por roupas secas, e se trancou no quarto. Tudo o que havia acontecido lhe passou pela memória num instante. Aquilo era terrível, Arrogância estava fora de controle. O que ele poderia dizer? Como ele poderia pará-la? Ele ouviu um baque no andar de baixo e seu coração disparou. Será que ela tinha vindo buscá-lo?

– Tom, você está aí?

Era a mãe. Ele soltou um suspiro de alívio. Tom destravou a porta e correu para o topo da escada, mas o que encontrou não era o rosto familiar da mãe – era Arrogância. Ela flutuava no final da escada rindo. Tom correu para o banheiro e trancou a porta. Sabia que ela só podia entrar em lugares com a porta aberta. Ele devia ter deixado a porta da frente aberta. Como ela conseguiu copiar a voz da mãe? Arrogância foi até o alto da escada e novamente imitou a voz da mãe.

– Tom – ela cantarolou –, venha para a mamãe!

Tom tampou os ouvidos com as mãos e berrou – Vá embora, vá embora!

A risada de Arrogância ecoou por toda a casa vazia e Tom tentou o impossível para não ouvi-la. Ela começou a cantar:

– Garotinho bondoso que vale ouro,
Sempre faz o que lhe pedem.
Livrou do poço o espírito imorredouro,
E gostou de ver seus inimigos se danarem.

Tom podia ver luzes faiscando sob a porta do banheiro quando Arrogância começou girar.

– Vamos ensiná-lo a com fogo não brincar
Com água que sempre a fogueira costuma esfriar
Ó água gentil, faça a bagunça até ele vir,
Alguma coisa para a mente dele fundir.

Com isso, ela deixou escapar uma risada sinistra. Tom olhou ao redor e percebeu pela primeira vez onde estava. Era o banheiro. Pulou de pé e apanhou todas as toalhas que encontrou. O rumor começou. Freneticamente ele procurou saber de onde aquilo vinha. O sanitário tinha começado a borbulhar e espumar. Rapidamente Tom entupiu a bacia com as toalhas. Virou para a pia e tentou apertar a torneira o máximo possível.

O registro soltou em suas mãos, jorrando uma fonte de água alta no ar. O sanitário começou a espirrar água por toda parte, as toalhas e o banheiro começaram a gorgolejar e arrotar como quem tivesse comido demais na refeição principal. A água escorria por toda parte.

Tom correu pelo banheiro, enxugando toda água que podia, mas rapidamente o cômodo ficou encharcado. De repente, ouviu uma pessoa bater na porta, furiosa.

– Tom – disse uma voz aguda. – Você está aí? Abra essa porta de uma vez!

Tom berrou: – Vá embora, odeio você!

Houve um breve silêncio do outro lado da porta, e então uma voz muito zangada falou:

– Tomas Walker, abra já essa porta! – dessa vez era o pai. Tom olhou a baderna em volta e sabia que estava metido em apuros. Abriu a porta e arregalou os olhos diante da cara zangada de seus pais. A mãe olhou lá dentro e deixou escapar um grito:

– VOCÊ PERDEU O JUÍZO?

Tom não disse nada. O que poderia dizer que não parecesse bobagem? Os pais passaram por ele e se encharcaram no chão do banheiro. A mãe levou as toalhas para fora do sanitário.

– Minhas melhores toalhas, eu não acredito nisso!

Tom não conseguia lembrar da última vez que tinha visto ambos tão zangados. O pai mandou-o para o quarto. Foi o que ele fez rapidamente, sem discutir. Não era uma boa hora para discutir nada com eles.

Ele fechou a porta do quarto cuidadosamente atrás de si e sentou-se de lado na cama. Ele precisava deter Arrogância.

Seus pais não falaram com ele nos dois dias seguintes. Fizeram-no ajudar na limpeza da bagunça, mas não disseram nada, apenas lançavam ocasionais olhares de desprezo. Tom sentia-se horrível, mas o que podia fazer?

Quando eles sentaram para tomar chá de noite, Tom já não podia mais suportar aquele tratamento silencioso. Decidiu contar para eles o que tinha acontecido. A mãe e o pai sentaram e ouviram calmamente o que Tom disse sem interromper. Tom olhou cara a cara para convencer e tentar avaliar o que eles estavam pensando, mas nenhum deles disse nada.

– Sinceramente, mãe, pai, estou contando a verdade. Vamos até o poço para ver – suplicou a eles. Os pais se entreolharam. A mãe ergueu a

sobrancelha.

– Tudo bem – disse o pai –, vamos fazer exatamente isso. – Tom sentiu-se aliviado.

Enquanto percorriam o caminho em direção à floresta, Tom conversou animado com os pais a respeito do espírito. A mãe e o pai continuaram sem dizer nada. Chegaram à borda da floresta e Tom notou que a cerca viva havia crescido novamente. Ele e o pai abriram caminho pelo matagal crescido e então pularam a sebe. O campo estava sossegado e novamente o sol espreitava pela copa das árvores e iluminava a campina. Tom correu até o poço e parou de repente diante dele. Os pais caminharam devagar atrás dele. E todos os três arregalaram os olhos.

Eles estavam olhando estarecidos para um velho poço desativado, fechado com tábuas. Ele possuía uma velha manivela enferrujada e um pedaço de corda quebrada pendurado nela. No chão jazia um velho balde furado. Tom virou para os pais em pânico.

– Eu sei o que parece, mas contei a vocês que estava assim quando eu trouxe o David até aqui! Vocês têm que acreditar em mim!

A mãe de Tom olhou para o marido e disse – É isso mesmo, Arthur, é melhor chamar o médico assim que voltarmos para casa.

Ele acenou com a cabeça, concordando. – Eu acho que dessa vez você tem razão Phyllis – ele respondeu calmamente.

– NÃO! Eu estou falando a verdade!

Tom berrou com eles, mas os pais apenas olharam com pena para ele.

– Tom, foi a mudança. Deve ter sido mais estressante para você do que a gente poderia imaginar.

Tom sabia que discutir seria em vão. Caminhou atrás deles até a borda do campo de cabeça baixa. Mas bastou que eles passassem pela brecha

entre as árvores para ele pensar ter escutado alguém rindo. Virou-se para olhar para trás, mas não viu ninguém por ali.

Capítulo 17

Um Sacerdote Útil

O médico chegou ao anoitecer e sentou na sala de estar com os pais de Tom. Tom sentou na escada, tentando ouvir o que eles diziam, afinal de contas, falavam a respeito dele. Por fim, depois do que pareceu uma eternidade, a porta abriu e a mãe de Tom chamou-o. O médico era um homem grande, bem-apeesoado, mas que parecia ter dificuldades para manter o rosto sério.

– Venha cá, Tom – ele riu. – Sente-se. Agora, que história é essa que estou ouvindo?

Tom decidiu não dizer para o médico o que havia contado para os pais, e, em vez disso, deu de ombros. O médico o examinou, tirou a temperatura e escutou o peito. “Mesmo se eu estivesse louco, escutar o meu peito não ajudaria em nada” – pensou Tom. Cerca de meia hora depois, anunciou o diagnóstico de Tom para a família.

– É o estresse. Tentem não deixá-lo muito agitado – e com isso, ele foi embora.

Tom levantou os olhos para os pais que se mostravam muito preocupados. Talvez eles estivessem certos, talvez ele tivesse imaginado tudo aquilo. A mãe disse para ele não voltar ao poço novamente e Tom concordou.

O dia seguinte era domingo e a família foi à igreja. Tom sentou perto do púlpito e olhou em volta entediado. Era a primeira vez dele na igreja local desde que eles haviam mudado. Depois do sermão, a mãe foi conversar com

o sacerdote e Tom viu que olhavam para ele com expressões preocupadas. A mãe voltou e perguntou se Tom não queria falar com o padre Stephen, que estava interessado na história dele. Tom olhou para o chão e trocou os pés.

Depois de todo mundo sair, Tom ficou sentado em um banco na parte de trás da igreja. O padre Stephen veio e sentou ao lado dele. Era um homem bastante corpulento, com uma voz macia. Começou a fazer perguntas a Tom a respeito do último lugar onde ele havia morado. Tom respondeu respeitosamente, mas sentia-se constrangido. Então, o padre Stephen disse algo muito estranho.

– Eu moro aqui há muito tempo Tom, e tenho visto muitas coisas estranhas.

Tom levantou os olhos para ele, inseguro do que ele estava tentando dizer. O padre Stephen continuou.

– Eu acho que tenho algo que talvez seja interessante para você. Venha comigo.

O velho padre levantou-se e indicou com a mão a direção que eles deveriam seguir. Tom o acompanhou até a pequena sacristia atrás da igreja. O sacerdote começou a tirar os paramentos e ofereceu uma cadeira para Tom.

– Eu tenho uma estranha história para lhe contar – o padre começou. – Quando eu era novo em Rosewell, as pessoas daqui estavam bastante ajustadas em seus modos. Esta é uma velha aldeia, com muitas histórias locais. Algumas pessoas diziam que eram contos da carochinha, mas outros diziam que eram histórias verdadeiras.

Tom estava interessado. Será que o padre conhecia a história do poço?

– Ah! – o padre sorriu cordialmente para ele. – Agora, tenho ouvido várias versões para a história do poço ao longo dos anos. Alguns dizem que a mulher que foi afogada era uma bruxa, e que ela mesma se atirou no poço para escapar dos perseguidores. Também já escutei que ela própria se jogou no poço por causa do coração partido, mas uma coisa é certa: a mulher que se afogou nesse poço existiu. Se essa mulher era uma bruxa ou não, jamais saberemos.

Tom olhou no rosto do padre e decidiu que podia confiar nele. Contou o que tinha visto. O velhote ficou em silêncio por um certo tempo, enquanto ponderava sobre a história que acabara de ouvir. Ele se levantou e caminhou através da sala rumo a uma estante que continha muitos livros, enormes e antigos.

– Quando vim para cá, Tom, esses livros estavam aqui há muito tempo. Alguns deles são diários que o sacerdote local daquela época escrevia. Eu acho que particularmente este pode ser interessante para você.

O padre colocou um livro enorme sobre uma mesa larga e acendeu uma lâmpada suspensa para iluminar as páginas amareladas embaixo. Tom e o padre Stephen se inclinaram sobre o livro. A escrita ali contida era muito antiga e rebuscada. Tom só conseguiu entender algumas palavras. Outras haviam desaparecido com o tempo. Atrapalhado, o padre Stephen procurou alguma coisa por toda parte dentro da jaqueta, até encontrar um par de óculos que pendurou na ponta do nariz.

– Está vendo isso, Tom? – ele apontou para um rabisco no final da página. – Esta assinatura aqui diz padre Pettigrew, e bem ao lado há uma data, você consegue ler?

Tom revirou os olhos e verificou que a data era do ano de 1887.

– Agora – cochichou o padre –, esta foi a última anotação do padre Pettigrew. Se nós voltarmos umas páginas, veremos que ele tem algo bastante interessante para nos contar.

O velhote e o garoto se debruçaram sobre o tomo e juntos conseguiram descobrir os detalhes do linchamento que teve lugar na floresta naquela terrível noite. O padre Pettigrew havia registrado as reuniões que os aldeões fizeram para planejar o ataque às bruxas. Ele havia anotado o nome de três mulheres: Arrogância, Malícia e Vingança. As três irmãs vinham de uma casa com história de magia e os aldeões facilmente chegaram à conclusão de que as mulheres eram responsáveis pelo desaparecimento de alguns adolescentes. O livro também contava onde as mulheres haviam morado: sob o celeiro que ficava defronte da casa de Tom. O padre olhou para o garoto e disse: – Eu acho que o velho celeiro merece receber uma visita.

Capítulo 18

O Mistério do Celeiro

O padre Stephen foi visitar a casa naquela tarde. Ele sentou-se por um tempo com os pais de Tom, tomando chá e comendo bolo. Tom ficou sentado na beirada da cadeira, desesperado para o padre sair para explorar com ele. Quando Tom se convenceu de que eles provavelmente não aguentariam nem comer e nem beber mais nada, os adultos prosseguiram com aquilo. Tom estava exasperado. Por fim, o padre se levantou.

– Ah! Nada como uma boa xícara de chá da senhora Walker...

A mãe exibiu seu melhor sorriso para visitantes, e acompanhou o padre até a porta. Tom pensou que o padre Stephen tinha esquecido o que fora fazer ali, quando então o padre virou para ele.

– Tom, você não quer caminhar comigo até o final da alameda?

Tom acenou com a cabeça confirmando, talvez um pouco ansioso demais, e a mãe olhou para ele de um jeito esquisito.

Eles caminharam até o pátio e atravessaram rumo ao celeiro. Na verdade, a família não usava o celeiro, a não ser para guardar alguns móveis velhos. Tom puxou a porta que corria o risco de desmoronar. O padre e o garoto entraram.

O celeiro tinha um cheiro estranho e vários ganchos e cordas suspensos nas vigas bem acima.

– Lembro da família que morou aqui antes – afirmou o padre Stephen enquanto olhava ao redor. – Eles costumavam guardar cavalos aqui. Veja,

ali adiante você ainda pode ver como eram os estábulos onde os cavalos ficavam amarrados.

Tom observou as marcas nas paredes de madeira. O chão do celeiro era calçado com lajes de pedra cobertas por feno esparramado. O padre Stephen começou a empurrar um pouco de feno para os lados e Tom percebeu que algumas eram mais escuras que outras.

O padre parou e olhou para o chão.

– É exatamente como eu suspeitava – ele disse com toda seriedade. Tom olhou para ele, confuso.

– Ajude-me a limpar o chão.

Eles empurraram toda palha possível. Foi ficando claro que ali havia algo desenhado no chão. À primeira vista, parecia que alguma criança havia desenhado alguma coisa no chão, mas em seguida ficou mais claro. Eles estavam diante de um grande círculo. Dentro do círculo existiam vários símbolos de animais com cabeças humanas.

– O que é isso? – Tom perguntou ao padre.

– Isso – respondeu o padre Stephen –, é o que está ligando o espírito do poço com a gente. É um círculo antigo de um druida, que serve para chamar as pessoas de volta do mundo dos mortos.

Tom estava assustado e sentiu que a nuca começava a formigar.

– Eu acho que podemos usar isto para nos livrarmos de uma vez por todas desse espírito – disse o padre. O padre Stephen não explicou mais nada, mas entrou em seu carro e voltou para a igreja. Avisou Tom que telefonaria e recomendou para que ele ficasse longe do poço.

Naquela noite, Tom quase não conseguiu pegar no sono por dois motivos. Um era que o espírito poderia vir visitá-lo novamente, e o outro é que ele gostaria de saber o que o padre Stephen resolveu fazer. Ele se sentia

um bocado melhor sabendo que o padre acreditava nele e queria ajudar. A noite passou sem incidentes e Tom acordou desapontado na manhã seguinte, tendo que ir para a escola.

Aquele foi um dia comprido. Ele não conseguia se concentrar nas aulas e sua mente estava em outras coisas o dia inteiro. Não disse nada para David, que tinha esquecido completamente a visita ao poço, o que deixou Tom satisfeito, pois não queria conversar com ele a respeito do assunto. Os três valentões estavam procurando evitar chamar atenção desde que o espírito do poço os havia visitado. Assim, Tom passou o dia sem trombar com eles. Quando o dia escolar finalmente terminou, Tom estava faminto e pronto para pegar o ônibus.

Quando saiu da escola, ficou surpreso de ver que o padre Stephen esperava por ele. O padre acenou para ele.

– Hoje à noite, Tom, vou me encontrar com você no celeiro, às 19h.

Tom tentou perguntar o que o padre tinha em mente, mas ele apenas repetiu *hoje à noite*. No percurso do ônibus de volta para casa, Tom teve tempo para imaginar que diabos estava para acontecer naquela noite.

Capítulo 19

O Feitiço Dá Errado

Depois de jantar, Tom ficou olhando fixamente para o celeiro da janela da sala de estar. Eram apenas 18h, e a hora seguinte demoraria uma eternidade para passar. Ele virou-se para observar o relógio sobre a lareira, pois achava que já deveriam ser 19h, mas apenas 15 minutos tinham passado.

– Vá para o seu quarto, Tom, que você está me deixando nervosa – a mãe ralhou com ele. Tom foi imediatamente, para que a mãe não tirasse nenhuma informação dele.

Por fim, Tom ouviu o som de um carro no acesso da entrada. Ele havia chegado. Correu para o andar de baixo e foi para a porta da frente, dando de cara com o padre Stephen que carregava uma grande mochila. O padre colocou o dedo sobre os lábios, e então apontou para o celeiro. Uma vez lá dentro, o padre puxou da mochila o grande livro que pertencera ao padre Pettigrew.

– Veja o que eu encontrei aqui – ele disse, e virou para a contracapa do livro.

Havia o desenho de um círculo exatamente igual ao que eles haviam encontrado no chão do celeiro. Do lado de fora, o círculo mostrava três itens: um balde, uma garrafa de água e um pedaço de corda grossa.

– O que significa tudo isso? – perguntou Tom.

O padre Stephen começou a ler o que estava escrito embaixo.

– Parece que o padre Pettigrew foi obrigado a invocar o espírito da água para tentar livrar a aldeia dela, e foi isso o que ele fez. Colocou o balde, com um pouco de água benta dentro, e um pedaço de corda grossa no meio deste círculo e recitou as palavras que estão escritas aqui.

Tom leu o curto feitiço que estava escrito ali. Parecia o tipo de coisa que a própria Arrogância diria.

Existiam quatro linhas curtas e depois a página estava rasgada.

– Onde está o resto disto? – Tom perguntou. O padre disse que não conseguiu descobrir. Eles, então, decidiram fazer o que o padre Pettigrew havia feito. Tom encontrou um balde velho. O padre Stephen pegou uma garrafa que continha água que ele afirmou ter colhido na pia de água benta da igreja, e a despejou no balde.

– Mas e a corda? – perguntou Tom. O padre vasculhou a mochila novamente e de lá retirou um pedaço de corda grossa.

– É um pedaço que eu cortei de um sino da torre. É por uma boa causa. Seus olhos brilharam em direção a Tom e ele colocou aquilo no círculo. Uma vez que o balde e a corda estavam em posição, ambos verificaram o feitiço com cuidado. O padre Stephen fez o sinal da cruz, e então começou a recitar em um tom de voz alto e nítido:

– Ó círculo da maldade, ouve o meu feitiço,

Recria o poço de água.

Mostra o rico refúgio,

Que esconde o segredo da bruxa da água.

Tom procurou ao redor no celeiro por algum sinal de que o feitiço teria funcionado. Absolutamente nada aconteceu. O padre repetiu o feitiço novamente. Mais uma vez nada aconteceu. Tom parou ao lado dele e olhou

no diário de novo. Alguma coisa devia estar faltando, algo que eles não estavam fazendo. Ambos leram a página novamente.

– E se alguma coisa importante estava no pedaço de papel que falta? – Tom indagou. O padre encolheu os ombros. Em seguida, Tom notou algo no topo da página que quase havia desaparecido.

– Olha, ali, parece que é um sinal para chuva. – O padre Stephen virou os olhos para cima na luz obscurecida.

– Ah! – ele comemorou vitorioso. – Eu sei o que é isso. – Ele andou sobre o círculo e se dirigiu diretamente para o balde. Da garrafa que tinha trazido, ele retirou um pouco da água. – Agora, Tom, eu vou ter que borrifar a água benta no círculo, enquanto você recita o feitiço.

O padre começou a fazer exatamente isso. Tom dizia as palavras com cuidado e mantinha os olhos no padre Stephen ao mesmo tempo. Continuou repetindo as palavras até o padre completar a caminhada em torno do círculo. Quando ele chegou perto de Tom, houve um forte clarão de luz. Tom e o padre Stephen arregalaram os olhos para o centro do círculo. Tom viu o que ele tinha visto da primeira vez que encontrou Arrogância. A massa de cores entrelaçadas que parecia ondular como um lençol gigante. O padre ficou boquiaberto de espanto. Cores verdes, douradas, azuis e vermelhas se entrelaçavam juntas em um redemoinho. Quando pararam de girar, Tom ficou surpreso de ver que não era Arrogância que estava na frente dele, mas sim o poço. Parecia novo e intocado. O balde era novo, a corda branca como na primeira vez em que foi suspensa, a manivela era brilhante e sem ferrugem. Tom começou a caminhar em direção ao poço.

– Não, Tom! – disse o padre. – Fique ao meu lado. – Tom virou-se para olhar no rosto do padre Stephen e decidiu ficar. Houve outro clarão de luz e o redemoinho começou novamente. Dessa vez, Tom sabia que Arrogância

estava vindo. Ele podia ouvi-la rosnar com raiva já que foi obrigada a aparecer a pedido de outra pessoa.

Um tornado girou violentamente ao redor até que uma enorme figura encapotada apareceu. O espírito flutuava na frente deles com a capa protegendo o rosto.

– O que é que vocês querem? – ela sussurrou.

Nem Tom nem o padre responderam.

– Bem? – ela berrou e espiou pelas dobras da capa. Ao ver o padre ela gritou. – Arre, odeio homens santos! – E enterrou o rosto um pouco mais na capa. O padre Stephen levantou sua cruz e apontou para ela.

– Volte ao lugar que pertence!

Arrogância girou um círculo completo e deu a entender que sairia calma e tranquila. Em seguida ela começou a rir: – Já encontrei seu tipo antes. Sinceramente, você acha que essa ordem boboca vai funcionar comigo?

O padre Stephen repetiu as palavras. Arrogância girou alto no ar, e então mergulhou de cabeça no poço e desapareceu. Tom e o padre arregalaram os olhos um para o outro. Será que aquilo funcionava mesmo? O silêncio era total.

De repente, o som de água corrente voltou e o poço começou a rugir e espumar.

Arrogância estourou para fora do poço como uma bola de canhão que tivesse sido disparada do barril. Ela estava rindo e seus olhos estavam faiscando.

– Agora vocês vão ver o que é arrumar confusão – ela gargalhou para eles e, lá alto no ar onde ela permanecia, abriu a boca e cuspiu um longo projétil de fluido neles.

Ambos se esquivaram, mas a força do projétil atingiu a parede do celeiro fazendo o prédio sacudir. O espírito começou a arremeter e mergulhar como um avião bombardeiro conforme mirava jatos de água neles. O padre estendeu a mão e agarrou Tom, e assim ambos correram para a porta.

– Vão a algum lugar? – cuspiu o espírito quando disparou outro torpedo de esgoto em cima deles.

– Corra, Tom, corra! – disse o padre Stephen, e ambos se dirigiram para o pátio e correram em busca de abrigo.

O padre Stephen começou a vasculhar a jaqueta atrás das chaves do carro. Arrogância cuspiu nele, só errando a cabeça, e espalhando água por todo o para-brisa. O padre conseguiu abrir a porta e entrar um segundo antes de outro projétil ser lançado contra ele e bater na porta do motorista. Ele acendeu os faróis para tentar ver Tom. Só conseguiu reparar na ponta da camisa quando o garoto se escondeu atrás de uma velha gamela de cavalo. Ligou o motor do carro e partiu em direção a ele. O espírito girava loucamente em cima do carro e gritava o mais alto que sua voz podia. O padre Stephen conseguiu manobrar o carro na frente de Tom e abrir a porta para ele entrar. Tom saltou e o padre pisou fundo no acelerador, saindo em disparada em direção à aldeia.

Arrogância começou a arremessar água na estrada. Uma vez em contato com o concreto, a água virou uma lâmina de gelo na frente do carro, fazendo-o derrapar para ambos os lados.

– Acho que fizemos o feitiço errado – Tom berrou para o padre. O padre não disse nada, pois tentava manter o carro firme no percurso. Os jatos d'água que erraram a estrada foram parar no carro, e lâminas de gelo

cobriram o vidro. O padre Stephen ligou o limpador de para-brisas, e tentou manter a grade limpa com o aquecedor.

Tom podia ver Arrogância flutuando acima deles pelo teto solar do carro. Ela cuspiu e se retorcia enquanto perseguia o carro em direção à igreja.

– Aqui estaremos seguros – afirmou o padre acenando com a cabeça quando parou na parte de trás do prédio. Eles pularam fora do carro e correram para a sacristia atrás da igreja. Foram para um pequeno estúdio, e bateram a porta quando entraram. O padre Stephen trancou a porta dizendo: – Só por precaução... Ambos sentaram-se e pensaram a respeito do que havia acontecido.

– Deve existir algo mais que possamos fazer – disse Tom. O padre Stephen começou a andar de um lado para o outro na sala, esfregando o queixo enquanto pensava.

– A única coisa que eu posso pensar é que nós devemos ter errado alguma coisa no feitiço.

Ele caminhou até a estante de livros e começou a colocar os livros no chão. Estava murmurando para si mesmo quando abriu o mais estranho deles e rapidamente o folheou.

– Não, não é este aqui – murmurou e foi pegar mais um. Tom perguntou se podia ajudar. O que eles estavam procurando?

– Alguma coisa, qualquer coisa, tudo o que possa ajudar.

Eles se debruçaram sobre os diários procurando freneticamente por qualquer informação. Em seguida, bem na hora que Tom estava devolvendo um dos livros de volta para o padre, algumas folhas do diário caíram no chão. Tom recolheu-as e leu o que havia nelas.

– Padre, é o resto do feitiço! – berrou. O padre voou de encontro a ele, e leu os pedaços do diário.

– Rá! Temos que voltar para o celeiro... – ele se levantou e ajudou Tom a se erguer. – Vamos rapaz, temos trabalho a fazer.

Capítulo 20

A Revelação Final

Eles se esgueiraram em volta da parte externa da igreja, olhando acima da cabeça o tempo todo para ter certeza que não estavam sendo seguidos. Quando chegaram ao carro, Tom estendeu a mão para abrir a porta. Quando puxou a maçaneta, uma força do outro lado empurrou a porta em direção a ele. Ele caiu de costas sobre o padre quando transbordou água para fora da carro. Arrogância havia inundado o veículo.

Eles entraram e afundaram nos assentos. Os bancos estavam totalmente alagados. O cheiro no carro lembrou a Tom da primeira vez que Arrogância o havia envolvido na capa dela. O mesmo cheiro úmido e mofado, quase o mesmo cheiro do canal do lugar. Ele apertou o rosto com as mãos, pois não queria sentir aquele cheiro.

Vagarosamente, eles saíram da entrada de acesso da igreja. Quando alcançaram os grandes pilares que abriam para a estrada, surgiu de repente um clarão de luz, que quase cegou a ambos. Era o espírito. Ela flutuava na frente deles barrando a passagem. Os olhos dela faiscavam um verde brilhante, as roupas mudavam do roxo para o azul-claro. Água e ervas daninhas borbulhavam e espumavam de sua boca enquanto ela gorgolejou com prazer. Ela os havia capturado. De repente, Tom lembrou do tempo que ele havia tentado agarrá-la.

– Dirija, padre Stephen, apenas dirija. Podemos ir direto para ela. – O padre pisou fundo no pedal até o chão e as rodas giraram enquanto o carro

ganhava velocidade e passava pelas arcadas. O espírito balançou no nevoeiro que se levantou, e ela se enroscou na própria capa.

– Continue! – berrou Tom. E o padre seguiu em frente, detonando o véu.

Eles saíram do acesso da entrada da igreja e as rodas guincharam quando o carro voltou para a rua mais larga. O padre Stephen começou a dirigir o mais rápido que podia em direção à fazenda. Arrogância correu atrás deles, atirando jatos de água pelo caminho. As lâminas de gelo se espalhavam pela estrada forçando o carro a patinar em círculos. O padre esforçava-se no volante para conseguir recuperar o controle do carro mais uma vez.

De novo, eles foram para a fazenda. Houve um baque no teto do carro e a forma de duas pegadas afundaram, batendo no lado da cabeça de Tom. O carro derrapava na estrada, os freios guinchavam conforme o padre Stephen tentava controlar o veículo. Havia uma grande lâmina de gelo à frente deles e o carro virou para o lado, escorregando para fora da estrada e colidindo com uma árvore.

Por um segundo, Tom ficou surpreso. Onde estava? O que tinha acontecido? Lembrou de repente e olhou para o padre Stephen. Inclinou-se sobre ele para ver se estava tudo bem. O velhote abriu os olhos.

– Está tudo certo, Tom, estou bem, mas acho que quebrei a perna. – Tom olhou para baixo e viu a frente do carro esmagando a perna do padre.

– Pegue isto – disse o padre e puxou as palavras do feitiço. – Vá até o celeiro, e siga as instruções – Vai! VAI!

Tom apanhou os pedaços do diário e enfiou-os no bolso da jaqueta. A batida havia amassado a porta do carro e ele precisou chutá-la para abrir.

Faltava ainda um quilômetro para ele chegar em casa. Ele teria que evitar Arrogância. Começou a correr pela estrada escura. Não existiam

luzes na rua, pois eles estavam fora da cidade. Tom continuou virando ao redor e olhando para cima para ver se Arrogância estava ali. Nenhum sinal dela. Ele alcançou um grupo de árvores e parou para recuperar o fôlego. Encostou-se em uma árvore, apoiado na mão, pois estava ofegante. Sentiu uma gota de suor escorrendo pela testa, e enxugou-a. Quando passou a mão perto do nariz, sentiu uma baforada do odor úmido que acompanhava Arrogância. Lentamente olhou para cima e lá estava ela, sorrindo. O suor não tinha sido dele, mas era dela. O espírito se colocou no meio da estrada. Ela inchou as bochechas e atirou. Um grande jato de água foi arremessado em direção a Tom, atingindo seus pés. Ele derrapou na estrada, rasgando a calça jeans.

Ele podia ouvir Arrogância cacarejar atrás dele. Levantou-se, com o joelho arranhado, e então continuou a correr. O espírito dançou ao redor dele soprando para lá e para cá como se ele fosse uma pena. Ele prosseguiu caindo e depois se levantando. Percebeu que estava perto da casa da fazenda e começou a correr em zigue-zague de modo que ficou difícil para ela atingi-lo. Ele chegou ao celeiro, correu para dentro, e fechou a porta.

O círculo mágico permanecia nítido como antes de eles terem invocado Arrogância. No centro estava o balde com a água benta e a corda. Tom pegou a garrafa vazia e encheu-a no balde, e então espirrou a água benta sobre o círculo. Pegou o diário do padre Pettigrew, juntou os pedaços que faltavam do diário e começou a recitar o feitiço:

– Ó círculo da maldade, ouve o meu feitiço,
Recria o poço de água.
Mostra o rico refúgio,
Que esconde o segredo da bruxa da água.
Arrogância, tão maldosa, precisa descansar,

No mundo real é uma peste sem amores
Os poderes da água dela venha retirar
Faça com que ela descanse entre as flores.

Houve um forte estrondo e uma névoa começou a dançar ao redor, na frente dos olhos de Tom. Aquilo parecia uma massa de luzes e o poço apareceu. Tom permaneceu calmo, prendeu a respiração, e repetiu o feitiço. O redemoinho começou. Tom continuou percebendo aparições de Arrogância no meio do tornado.

– Não! NÃO! Eu não estou acabada! – ela gritou, e a voz se tornou cada vez mais fraca conforme ela parecia desaparecer no fundo de um longo túnel. Houve um grande barulho de sucção, quase como se um enorme vácuo tivesse sido ligado e a visão por inteiro desapareceu diante dos olhos de Tom. Houve silêncio total.

Tom lembrou do padre Stephen e correu para casa. Seus pais estavam sentados na sala de estar na frente da televisão. Eles nem olharam em volta quando ele entrou. Eles não tinham visto e nem ouvido nada. Ele foi para o saguão, chamou uma ambulância, e contou onde o acidente tinha ocorrido. Tom foi para a cozinha e encontrou a lanterna. Saiu correndo pela porta de trás em direção à floresta. A lanterna iluminou pedaços de madeira quando ele corria pelo caminho. Quando chegou na entrada do bosque, os arbustos estavam crescidos novamente. Ele puxou para trás a sebe cheia de espinhos e subiu para a campina.

Caminhou lentamente até o poço. Seu coração batia forte. Quando lá chegou, ficou parado e arregalou os olhos. Na frente dele havia um velho poço coberto com tábuas. Tinha ripas de madeira aparafusadas através do grande buraco de água. Tinha uma velha manivela enferrujada que não era usada há anos. O pedaço de corda puída, suspenso no meio do suporte,

mostrava claramente que um dia, tempos atrás, segurou um balde. No chão havia um balde velho e enferrujado com um grande buraco. Tom se inclinou contra o velho poço e sorriu.